



Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação de Santarém

Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II
“Sentir e crescer” com o espaço exterior: contextos
de aprendizagens na Educação Pré-escolar e no 1.º CEB

Relatório de estágio para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Sara Filipa Pinheiro Libânio

Orientadora: Professora Doutora Elisabete Linhares Manzoni de Sequeira

janeiro, 2019

“If you are outside and see, hear, feel, taste and smell these things for you and the children then you are doing a good job, if not, it is time to improve children’s lives”.

Helen Bilton

Agradecimentos

Este relatório não teria sido possível sem o apoio e o incentivo de todos aqueles que me acompanharam direta e indiretamente ao longo desta caminhada. É com alegria que passo a expressar o meu agradecimento a todos.

Um grande obrigada à professora Elisabete Linhares, minha orientadora deste Relatório Final, pela sua paciência para todos os dramas, pela sua constante dedicação e rigor, por se mostrar sempre disponível e por ter sempre uma palavra de encorajamento e confiança nos momentos mais precisos. A sua partilha de experiências e conhecimentos ajudaram-me a tornar numa profissional crítica e reflexiva. Obrigada por tudo.

Aos professores da Escola Superior de Educação, pelos ensinamentos, pelos momentos partilhados, pelas aprendizagens que me proporcionaram e por me ajudarem a crescer a nível pessoal e enquanto profissional da educação.

Aos professores cooperantes, que me receberam sempre bem e com agrado nas suas salas, com os quais tive o prazer de trabalhar, aprender e vivenciar a realidade. Obrigada por me mostrarem o que é ser professor e por estarem presentes no desenvolvimento da minha pessoa e da presente investigação.

Agradeço à minha família, em especial ao meu pai e à minha mãe por possibilitarem a concretização desta caminhada de 5 anos. Por acreditarem mim e nunca me terem permitido desistir. Pelo incentivo, compreensão e motivação durante todo este percurso. Obrigada pela educação e pelos valores transmitidos, por todo o amor e carinho.

A todas as amigas que fiz ao longo do meu percurso académico e que levo para a vida e aos meus amigos de sempre. Um especial agradecimento à minha colega profissional e amiga Mariana Tavares por ter caminhado sempre a meu lado. A todos agradeço a constante presença na minha vida. Obrigada por toda a compreensão, companheirismo, amizade e confiança em mim.

A todos, o meu muito obrigada!

Resumo

“Sentir e crescer” com o espaço exterior: contextos de aprendizagens na Educação Pré-escolar e no 1.º CEB

O presente relatório de estágio, composto por duas partes, reflete o percurso realizado no Mestrado em Educação Pré-escolar e em Ensino do 1.º CEB na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém. A primeira parte abrange a análise e reflexão das atividades e aprendizagens desenvolvidas no âmbito dos estágios da Prática de Ensino Supervisionada. Na segunda parte, apresenta-se a componente investigativa. O estudo de caso qualitativo teve como principal objetivo compreender as potencialidades do espaço exterior no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. O estudo envolveu 49 crianças (do Pré-escolar e do 1º CEB) e 4 educadoras e 4 professores. Os dados obtidos através da observação participante (registo fotográfico, plantas dos espaços exteriores e notas de campo), do inquérito por entrevista, por *focus group* com as crianças/alunos e análise documental possibilitaram concluir que o espaço exterior apesar das suas potencialidades é ainda um espaço pouco valorizado pelos profissionais.

Palavras-chave: Espaço exterior; Desenvolvimento e aprendizagem; Pré-escolar; 1.º CEB.

Abstract

“Feel and grow” with the outdoor space: learning environments in Preschool and Primary education

This present internship report consists of two parts and shows the path taken in the Masters Degree of Preschool and Primary Education at the Higher School of Education of the Instituto Politécnico de Santarém. The first part covers the analysis and reflection on the activities and apprenticeships developed in the internships of Supervised Teaching Practice's. In the second part is presented the investigative component. The case study qualitative had as its main goal to understand the potentials of the outdoor space for the children development and learning. This study involved 49 children (from preschool and primary education), 4 nursery school teachers and 4 primary school teachers. The data collected through participant observation (photographic records, blueprints of the outdoor space and field notes), through interview survey, through focus group with the children/students and through document analysis made it possible to conclude that the outdoor space, despite its potentials, is still undervalued by the education professionals.

Keywords: Outdoor space; Development and learning; Preschool; Primary Education.

Índice geral

Agradecimentos.....	iii
Resumo	iv
Abstract.....	v
Índice de quadros	vii
Índice de figuras	viii
Índice de anexos.....	ix
Lista de acrónimos e abreviaturas	xi
Introdução.....	1
Parte I – Os Estágios	3
1.1. Caraterização do contexto sociogeográfico das Instituições	3
1.2. Contextos de estágio e prática de ensino no Jardim de Infância	4
1.2.1. Prática de ensino em Creche.....	4
1.2.2. Prática de ensino em Jardim de Infância	13
1.3. Contextos de estágio e prática de ensino no 1.º CEB.....	21
1.3.1. Prática de ensino em 1.º CEB em 1º e/ou 2º anos.....	21
1.3.2. Prática de ensino em 1.º CEB em 3º e/ou 4º anos.....	28
1.4. Percurso investigativo	35
Parte II – Investigação	36
2.1. Contextualização do estudo	36
2.2. Enquadramento Teórico	38
2.2.1. O espaço exterior e o currículo da Educação Pré-escolar e do 1.º CEB	38
2.2.2. Características do espaço exterior em contexto educativo.....	41
2.2.3. Papel do educador e do professor no espaço exterior	45
2.2.4. Potencialidades do espaço exterior nas crianças.....	47
2.3. Metodologia	51
2.3.1. Opções metodológicas.....	51
2.3.2. Contexto e participantes do estudo	52
2.3.3. Procedimentos investigativos e éticos.....	53
2.3.4. Recolha e análise de dados.....	53
2.4. Apresentação e discussão dos resultados	55
2.4.1. Apresentação e discussão de resultados na Educação Pré-escolar	55
2.4.2. Apresentação e discussão de resultados no 1.º CEB.....	65
2.5. Considerações finais	78
Reflexão final	80
Referências bibliográficas	83
Anexos.....	93

Índice de quadros

Quadro 1	Caracterização do grupo de crianças da sala do bibe amarelo.....	5
Quadro 2	Caracterização do grupo de crianças do Jardim de Infância.....	15
Quadro 3	Caracterização da turma de 2.º ano do 1.º CEB.....	23
Quadro 4	Caracterização da turma de 3.º e 4.º anos do 1.º CEB.....	31
Quadro 5	Opinião das educadoras em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos.....	62
Quadro 6	Opinião dos professores em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos.....	72

Índice de figuras

Figura 1	Tapete Sensorial.....	8
Figura 2	Arco com balões.....	9
Figura 3	Arco com guizos.....	9
Figura 4	Arco com garrafas.....	9
Figura 5	Espaço das estrelinhas.....	17
Figura 6	Adereços do espaço das estrelinhas.....	17
Figura 7	Adereços do espaço das estrelinhas.....	17
Figura 8	Representação da planta do recreio da escola A.....	56
Figura 9	Representação da planta do recreio da escola B.....	58
Figura 10	Representação da planta do recreio do Jardim de Infância C.....	59
Figura 11	Representação da planta do recreio do Jardim de Infância D.....	60
Figura 12	Representação da planta do recreio da escola E.....	66
Figura 13	Representação da planta do recreio da escola F.....	68
Figura 14	Representação da planta do recreio da escola G.....	69
Figura 15	Representação da planta do recreio da escola H.....	70

Índice de anexos

Anexo I	Atitudes do educador e objetivos centrados nas crianças.....	93
Anexo II	Atividade “Tapete Sensorial”.....	97
Anexo III	Grelha de observação da atividade “Tapete Sensorial”.....	101
Anexo IV	Registos fotográficos documentados da atividade “Tapete Sensorial”.....	103
Anexo V	Atividade “Estendal Musical”.....	104
Anexo VI	Grelha de observação da atividade “Estendal Musical”.....	107
Anexo VII	Registos fotográficos documentados da atividade “Estendal Musical”.....	108
Anexo VIII	Mapa de avaliação semanal.....	109
Anexo IX	Atividade “Momento de relaxamento – O Senhor Polegar”.....	110
Anexo X	Atividade “Pintura das almofadas, da placa e do tapete de pompons”.....	113
Anexo XI	Registos fotográficos documentados das atividades.....	115
Anexo XII	Grelha de observação do comportamento – Momento de relaxamento (O senhor Polegar).....	116
Anexo XIII	Atividades “Itinerário” e “Jogo das profissões”.....	117
Anexo XIV	Registos fotográficos documentados das atividades.....	122
Anexo XV	Atividade “Elaboração da carta ao Pai Natal e entrega da mesma no posto de correios”.....	125
Anexo XVI	Registos fotográficos documentados das atividades.....	130
Anexo XVII	Grelha de avaliação da escrita – Carta ao Pai Natal.....	132
Anexo XVIII	Atividades “Redação de um texto informativo sobre a experiência das chuvas ácidas” e “Medição da área e perímetro do parque e café El galego”.....	134
Anexo XIX	Registos fotográficos documentados das atividades.....	139
Anexo XX	Grelha de avaliação da produção escrita.....	140
Anexo XXI	Folha de registo.....	142
Anexo XXII	Pedido de autorização aos encarregados de educação.....	145
Anexo XXIII	Guião de entrevista realizado às educadoras.....	146
Anexo XXIV	Transcrição da entrevista à E1-EA.....	148
Anexo XXV	Transcrição da entrevista à E2-EB.....	153
Anexo XXVI	Transcrição da entrevista à E3-JIC.....	159
Anexo XXVII	Transcrição da entrevista à E4-JID.....	162
Anexo XXVIII	Guião de entrevista realizado às crianças do Jardim de Infância.....	166

Anexo XXXIX	Transcrição do focus group – EA.....	167
Anexo XL	Transcrição do focus group – EB.....	176
Anexo XLI	Guião de entrevista realizado aos professores.....	180
Anexo XLII	Transcrição da entrevista ao P1-EE.....	182
Anexo XLIII	Transcrição da entrevista ao P2-EF.....	185
Anexo XLIV	Transcrição da entrevista ao P3-EG.....	189
Anexo XLV	Transcrição da entrevista ao P4-EH.....	192
Anexo XLVI	Guião de entrevista realizado às crianças do 1.º CEB.....	195
Anexo XLVII	Transcrição do focus group – EE.....	196
Anexo XLVIII	Transcrição do focus group – EF.....	205
Anexo XLIX	Transcrição do focus group – EG.....	212
Anexo L	Transcrição do focus group – EH.....	222
Anexo LI	Categorização dos dados das entrevistas das educadoras (Creche e Pré-escolar).....	228
Anexo LII	Categorização dos dados das entrevistas das crianças de Pré-escolar.....	239
Anexo LIII	Categorização dos dados das entrevistas dos professores do 1.º CEB.....	244
Anexo LIV	Categorização dos dados das entrevistas dos alunos do 1. CEB.....	253
Anexo LV	Registos fotográficos da planta do recreio da escola A.....	271
Anexo LVI	Registos fotográficos da planta do recreio da escola B.....	273
Anexo LVII	Registos fotográficos da planta do recreio do Jardim de Infância C.....	274
Anexo LVIII	Registos fotográficos da planta do recreio do Jardim de Infância D.....	275
Anexo LIX	Registos fotográficos da planta do recreio da escola E.....	278
Anexo LX	Registos fotográficos da planta do recreio da escola F.....	281
Anexo LXI	Registos fotográficos da planta do recreio da escola G.....	282
Anexo LXII	Registos fotográficos da planta do recreio da escola H.....	284

Lista de acrónimos e abreviaturas

AEC	Atividades de Enriquecimento Curricular
AAAF	Atividades de Animação e Apoio à Família
CAT	Centro de Acolhimento Temporário
CEB	Ciclo do Ensino Básico
IPSS	Instituição Pública de Solidariedade Social
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PAA	Plano Anual de Atividades
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PT	Plano de turma
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução

O presente relatório reflete todo o trabalho desenvolvido ao longo de quatro semestres, no âmbito das Práticas de Ensino Supervisionadas do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB. Os estágios foram desenvolvidos em diferentes instituições de ensino, sendo que a prática pedagógica em Educação Pré-escolar decorreu em duas instituições, uma instituição particular de solidariedade social (IPSS) e outra da rede pública. A prática pedagógica em 1.º Ciclo decorreu em duas escolas de 1.º Ciclo da rede pública. Segundo Molinari e Scalabrin (2013), os estágios em educação fazem parte do processo de aprendizagem do profissional de educação, para que consiga enfrentar as dificuldades e desafios que a profissão trará. As experiências desses momentos contribuem para uma aprendizagem mais eficiente, pois obriga à confrontação da teoria e prática, assim como a análise e reflexão da ação (Molinari & Scalabrin 2013).

Ao longo de todo este percurso foram várias as dúvidas e questões que surgiram e levaram à definição de um projeto de investigação na prática. Desde o primeiro contexto de estágio (Creche) que foi possível começar a delinear os primeiros passos do projeto de investigação, tendo em conta o espaço exterior existente. Centrou-se, assim, num aprofundamento sobre a importância do espaço exterior no desenvolvimento das crianças, bem como dos recursos e oportunidades de aprendizagens significativas que o mesmo oferece. Para tal, propôs-se a utilização do inquérito por entrevista e da observação participante como principais técnicas de recolha de dados.

Este relatório encontra-se organizado em duas partes. Na primeira parte, que corresponde aos estágios realizados, procede-se à caracterização do contexto sociogeográfico das instituições em que se desenvolveu a prática pedagógica durante os quatro semestres, bem como à caracterização dessas mesmas instituições e dos seus alunos. Ainda na primeira parte, consta todo o percurso de desenvolvimento profissional nos contextos de Educação Pré-escolar e 1.º CEB, de forma refletida e fundamentada, no que respeita, ao planeamento e operacionalização da prática, à organização do ambiente educativo e gestão da sala de aula e, por fim, ao desenvolvimento da relação educativa e do desempenho profissional, assim como à avaliação.

A segunda parte foca o trabalho de investigação sobre o espaço exterior. Contém um enquadramento teórico sobre a temática, que fundamenta e justifica a pertinência das escolhas. Também se definem as opções metodológicas do estudo, relativamente

aos instrumentos utilizados, à caracterização dos participantes, aos dados obtidos e às conclusões do estudo.

Por último, apresenta-se uma reflexão final, que preconiza uma análise e reflexão de todo o percurso na prática pedagógica desenvolvida durante a frequência do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB e apresentam-se as referências bibliográficas.

Parte I – Os Estágios

1.1. Caracterização do contexto sociogeográfico das Instituições

As práticas educativas decorreram ao longo do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB, em instituições do concelho de Santarém, tendo a prática pedagógica em Creche, Jardim de Infância e em 1.º CEB decorrido nos anos letivos 2016-2017 e 2017-2018, respetivamente.

Santarém, situada na margem direita do rio Tejo, é a cidade portuguesa considerada rainha do ribatejo, devido à riqueza histórica deixada pelos povos romanos e árabes, da qual se destaca o património artístico e arquitetónico (Câmara Municipal de Santarém, s.d.). O concelho apresenta uma elevada prática de agricultura, detendo enormes zonas naturais, assim como, produção de gado bovino e cavalari e pecuária (Câmara Municipal de Santarém, s.d.).

O município de Santarém é limitado a norte pelos municípios de Porto de Mós, Alcanena e Torres Novas, a leste pela Golegã e pela Chamusca, a sudeste por Alpiarça e Almeirim, a sul pelo Cartaxo, a sudoeste pela Azambuja e a oeste por Rio Maior (Câmara Municipal de Santarém, s.d.). Santarém, subdividida em 18 freguesias (Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro), apresenta 552,54 km² de área e uma densidade populacional média de 111 habitantes por km² tendo, em 2011, uma população de 61 752 indivíduos, sendo 47% da população residente em Santarém do sexo masculino e 53% do sexo feminino (Câmara Municipal de Santarém, s.d.). No concelho de Santarém, verifica-se um envelhecimento progressivo, pois em 2001 o número de idosos (13 049) era inferior ao número de idosos em 2011 (14 162) (Base de Dados Portugal Contemporâneo, s.d.). A nível de ocupação, verifica-se o emprego pouco qualificado e a alta taxa de desemprego. A estrutura económica está mais centrada na área urbana da sede do concelho e o quadro industrial é limitado, com predomínio das pequenas e médias empresas (Agrupamento de escolas Alexandre Herculano, 2013 – 2017). Neste sentido, a ocupação dos habitantes distribui-se pelos três setores de atividade, destacando-se o setor dos serviços o que ocupa a maior parte da população (Agrupamento de escolas Alexandre Herculano, 2013 – 2017). A população do concelho apresenta uma taxa de analfabetismo bastante significativa e as populações dos meios rurais e urbanos apresentam qualificações e literacia muito discrepantes, embora maioritariamente baixas.

Santarém dispõe ainda de diversas estruturas a nível cultural global, como por exemplo, grupos de teatro, de música, grupos etnográficos e diversas coletividades recreativas abarcando uma grande diversidade socioeconómica, cultural e religiosa (Agrupamento de escolas Alexandre Herculano, 2013 – 2017).

1.2. Contextos de estágio e prática de ensino no Jardim de Infância

1.2.1. Prática de ensino em Creche

O estágio, em contexto Creche, decorreu entre 6 de dezembro de 2016 e 27 de janeiro de 2017, numa instituição fundada em 1500 reconhecida como uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), em Santarém. O principal objetivo desta instituição era dar resposta às situações de exclusão social, intervindo em diversas áreas: centro de acolhimento temporário (CAT) para crianças em risco - 1º passo; centro de acolhimento temporário para os “sem-abrigo”; infância: Creche e Pré-escolar; centro de atividades de tempos livres; lar dos rapazes (acolhimento permanente de crianças e jovens do sexo masculino); apoio à população idosa (lar de idosos, lar de acamados e centro de dia e convívio) e residência para idosos (idosos que estejam com carências sociais e económicas) (Santa Casa da Misericórdia de Santarém, 2017).

A Creche recebia crianças entre os 3 e os 36 meses de idade e tinha capacidade para 50 crianças. Tinha um horário de funcionamento das 7h45 às 19h. Relativamente aos recursos humanos era composto por três educadoras de infância, três auxiliares de ação educativa, três auxiliares de serviços gerais (comuns às duas respostas sociais), uma diretora coordenadora, uma técnica superior de serviço social e um psicólogo. Para além disso, também apresentava pessoal nos seguintes serviços: lavandaria, cozinha, transportes de bens e pessoas.

A instituição onde se realizou o estágio era constituída por duas valências - a de Creche e de Jardim de Infância. A Creche, que se situava no primeiro andar, era composta por quatro salas: berçário para bebés dos 3 aos 12 meses, sala de 1 ano para crianças entre os 12 e os 24 meses (bibe amarelo), sala de 2 anos para crianças entre os 24 e os 36 meses (bibe azul claro) e sala familiar para crianças entre os 12 e os 36 meses (bibe laranja). O Pré-escolar era composto por três salas: sala dos 3 anos, sala dos 4 anos e sala dos 5 anos. No geral, as salas revelaram-se espaços seguros, confortáveis e adequados às diferentes faixas etárias, pois permitiam que as crianças se movimentassem livremente e explorassem o seu ambiente imediato. Para além destas divisões, a Creche e o Pré-escolar tinham duas casas de banho para os adultos, uma copa, três casas de banho adequadas às crianças, dois fraldários, um gabinete de atendimento, uma zona de cabides, uma sala de vestuário para os funcionários, um elevador e um refeitório com dois espaços: um para a Creche e outro para o Pré-escolar.

O espaço exterior apresentou-se com duas áreas: o parque com as estruturas e o espaço verde. O primeiro espaço, com dimensões pequenas, tinha algumas estruturas fixas e o espaço verde tinha algumas árvores, arbustos e bancos e era utilizado para a exploração da natureza. As crianças da creche deslocavam-se muito pouco ao exterior,

prevalecendo a utilização do polivalente. No entanto, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016) afirmam que o ar livre é um espaço que favorece as atividades iniciadas pelas crianças.

A instituição apresentava vários objetivos, tais como, assegurar os cuidados essenciais à criança no que diz respeito à alimentação e higiene; acompanhar o pleno desenvolvimento da criança, em colaboração estreita com a família, promovendo um ambiente que permita o seu desenvolvimento pessoal e social, no respeito pelas suas características individuais; colaborar no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência, assegurando o encaminhamento adequado (Santa Casa da Misericórdia de Santarém, 2017).

A sala de 1 ano onde decorreu o estágio de Creche (Sala do Bibe Amarelo) apresentou-se com um tamanho pequeno. As produções das crianças expostas nas paredes valorizavam o conceito estético. A sala encontrava-se disposta em várias áreas (área do tapete, área da leitura e área da mesa de trabalho). As crianças apenas podiam brincar com um certo tipo de brinquedos (exemplo: ou só bolas, ou só carrinhos), visto que os brinquedos, organizados por caixas, eram disponibilizados à vez. No entanto, era permitido que as crianças se movimentassem livremente, prevalecendo a liberdade na exploração do espaço. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Silva et.al., 2016) mencionam que é essencial que as crianças aprendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado, participando nessa mesma organização, sendo que esta apropriação lhes permite fazer escolhas e utilizar os materiais de forma autónoma e criativa.

O grupo de crianças da sala do bibe amarelo, constituído por 12 crianças, apresentava as características enunciadas no seguinte quadro (Quadro 1):

Quadro 1

Caracterização do grupo de crianças da sala do bibe amarelo.

Número de crianças	12
Idades	1 ano
Género	5 raparigas e 6 rapazes

O grupo era bastante curioso e expressivo, as suas principais preferências consistiam em explorar os brinquedos, estar atento ao conto de histórias, ouvir música, dançar e interagir com os adultos e com as crianças. A maioria mostrou-se curiosa aquando o contacto com novas experiências e desafios. Para além desta característica, o grupo participava maioritariamente em atividades que envolvessem o movimento, como por exemplo, dançar individualmente ou em grupo, correr e percorrer livremente a sala com objetos na mão. Durante a hora do conto, o grupo estava atento ao ouvir a

história e empolgado ao manusear o livro. Nesses momentos, quando as crianças reconheciam algumas das personagens das histórias (exemplo: cão, gato, vaca, etc.) reproduziam o som das mesmas (exemplo: ão-ã, miau-miau, muuu, etc.). Segundo Monteiro (2016), a criança ao ouvir histórias pode desenvolver a sua imaginação, aumentar o vocabulário, aprender a refletir e aceitar outras situações diferentes. Para além destes aspetos, a criança pode também desenvolver o seu pensamento lógico e espírito crítico com manifestações e satisfações da curiosidade natural (Monteiro, 2016).

Ao longo do dia, o grupo era organizado, reconhecendo os momentos de brincadeira, de estar sentado, de descanso ou ainda de alimentação. Isto comprovava que as crianças conseguiam prever os vários momentos da rotina.

O projeto pedagógico intitulava-se “Nós e a Família”, pois a família e a creche são dois pilares fundamentais na formação do indivíduo. A interação entre estes dois elementos tem um impacto significativo no comportamento das crianças, em que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e de construir as suas relações sociais (Dessen & Polonia, 2007). Os principais objetivos do projeto pedagógico eram trabalhar em parceria com as famílias e envolver as famílias nas reuniões de pais e nas atividades.

Planeamento e operacionalização da atividade educativa

O projeto desenvolvido no estágio denominou-se *A Rotina, um mundo de descobertas*. Este projeto surgiu da importância dada à rotina no contexto e da necessidade de compreender as descobertas das crianças nos diferentes momentos do dia. Assentou, principalmente, nas experiências educacionais ricas e nas interações positivas da rotina. Segundo Portugal (1998), as atividades orientadas não são o mais importante, mas sim, as rotinas e os tempos de brincadeira livre. A rotina deve assentar nas necessidades individuais de cada criança, proporcionando um ambiente seguro, adequado ao seu desenvolvimento e que assegure a construção de uma relação de confiança.

Com este projeto, o par de estágio pretendeu fazer sempre a articulação com o projeto de sala, dando a conhecer às famílias as experiências desenvolvidas ao longo estágio e integrá-las em algumas das atividades, quando possível. A comunicação das atividades desenvolvidas foi realizada por escrito, num quadro semanal “O que fizemos esta semana...” afixado na entrada da sala. Esse comunicado também era documentado com pequenas fotografias das atividades realizadas com o grupo e de possíveis aprendizagens adquiridas ao longo da rotina.

O projeto teve como objetivos/competências a promover no grupo: desenvolver a autonomia em alguns momentos da rotina (higiene, alimentação e brincadeira livre);

interagir e cooperar com o outro; desenvolver diversas aprendizagens e desenvolver a curiosidade e ímpeto exploratório. Para isso, o par de estágio delineou alguns objetivos/estratégias do educador, como por exemplo, ser sensível e estar atento aos interesses e necessidades individuais de cada criança, procurando dar as respostas adequadas; criar momentos de interação em grande grupo, entre pares e criança-adulto; privilegiar atividades que envolvam o movimento, a exploração e a descoberta; favorecer e potencializar as interligações entre as várias áreas de conteúdo; promover o bem-estar e o envolvimento das crianças e utilizar recursos diversificados e apelativos que captem a atenção das crianças.

A prática pedagógica foi realizada tendo por base as planificações diárias, sendo que, em cada dia da semana, as atividades orientadas reportavam para as várias Expressões, tendo sido associadas outras Áreas de Conteúdo (Formação Pessoal e Social, Conhecimento do Mundo e Linguagem Oral). Alvarenga (2011) afirma que planificar é delimitar o que deve ser ensinado, como deve ser ensinado e o tempo que se deve dedicar a cada conteúdo. Planificar também permite ao profissional prever estratégias para a aquisição de aprendizagem eficazes por parte dos alunos (Alvarenga, 2011). Para além das atividades planificadas, outros momentos da rotina foram dinamizados, nomeadamente, os momentos do acolhimento, da bolacha (lanche matinal), da canção do “Bom Dia” e da higiene, concretizados no quadro intitulado “Atitudes do educador e o que se espera das crianças na rotina” (Anexo I). Para estes momentos, as estagiárias realizaram pequenas observações que explicam como decorreram esses momentos presentes nas planificações.

Assim, foram desenvolvidas diversas atividades num ambiente estimulante, que provocassem a curiosidade e o interesse nas crianças, tais como, “Massas coloridas”, “Estendal Musical”, “Passeio na cidade”, “Tapete Sensorial”, “Pintura na folha com tinta comestível”, “Jogos de Sinos”, “Teatro de Sombras” e “Garrafas Sensoriais - cheiro”.

Um exemplo foi a atividade denominada “Tapete Sensorial” (Figura 1). Após o tapete ter sido colocado no chão da sala, as crianças dirigiram-se para ele e começaram a explorá-lo com uma lista de música clássica a passar no rádio para que ficassem a conhecer um novo estilo de música diferente do habitual (música infantil). Durante a atividade, as estagiárias estiveram em constante interação com todo o grupo, explorando o tapete sensorial com as mesmas, mexendo nos diversos materiais que o tapete continha. Esta atividade, que abordava principalmente as áreas de conteúdo Expressão Físico - Motor, Expressão Musical, Formação Pessoal e Social e Linguagem Oral, tinha como principais objetivos: desenvolver a motricidade fina e grossa (saber abrir e fechar o fecho e utilizar o corpo para explorar o tapete); dominar diferentes movimentos locomotores – gatinhar, andar, rolar; desenvolver a perceção sensorial

(observar e explorar diferentes materiais: como a cortiça, o tecido e a lã, e associar a diferentes sensações como picar, macio, rugoso); desenvolver o sentido auditivo (conhecer o estilo de música clássica e explorar os sons existentes no tapete; desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo; desenvolver a autonomia (explorar o tapete com a menor ajuda possível) e desenvolver a linguagem (Anexo II).



Figura 1. Tapete Sensorial.

Para avaliar esta atividade foram utilizados os seguintes instrumentos: observação direta, grelha de observação (Anexo III), diário de bordo e registo fotográfico documentado (Anexo IV). A grelha de observação permitiu constatar que os objetivos definidos foram concretizados pelo grupo. Logo no início da atividade, o grupo preferiu descobrir os vários sons que o tapete reproduzia, ou seja, o som dos guizos, dos berlindes e do plástico. Após essa descoberta, o grupo observou e explorou os outros materiais que o tapete continha, andando, gatinhando e rebolando por cima dele. Alguns exploraram sentados e outros de cócoras. Os que se sentaram, preferiram sentar-se no centro do tapete para estarem mais próximos de tudo o que o tapete podia oferecer. Utilizaram principalmente as mãos e os pés para o explorarem, sendo que em alguns momentos foi visível a utilização da boca. No decorrer da exploração observou-se que as crianças souberam interagir umas com as outras, pois quase nenhuma fez birra e quando isso aconteceu era devido aos colegas sentados no meio do tapete que impossibilitavam a sua exploração.

Durante a atividade, algumas crianças interessaram-se pelas diferentes sensações e pelos quatro fechos que o tapete continha, sendo que dispensaram algum do seu tempo para os explorarem de diferentes formas. A maioria conseguiu abrir e fechar o fecho dos quatro. Dois dos quatro fechos eram mais difíceis de manusear, porém conseguiram-nos abrir e fechar. Ao sentirem as superfícies macias e o picar foi observável, nas suas faces, diversos sentimentos, tais como satisfação ou estranheza.

No geral, a atividade foi aceita com agrado pelo grupo, à exceção de uma criança. Assim que o tapete foi apresentado e colocado no chão, pouca foi a interação que existiu da parte dessa criança, sendo que desviou logo a sua atenção para os brinquedos da sala. Assentou-se com a sua vontade e não se insistiu para que interagisse com o tapete sensorial. Desde logo, a educadora avisou que era um comportamento típico daquela criança. No final da atividade, a educadora aconselhou: antes de colocar o tapete no chão, mostrar primeiramente o tapete ao grupo, quando ainda estavam sentadas. E, de seguida, mexer nos diversos materiais que o compõe, principalmente naqueles que fazem barulho, como forma de apresentar o material às crianças.

A atividade designada “Estendal Musical” (Anexo V) foi outra das atividades realizadas. Antes de iniciar a atividade, foi necessário preparar devidamente todo o material e a montagem do mesmo na sala (pendurar os arcos nos candeeiros). O material pedagógico consistia em três arcos pendurados nos candeeiros da sala com fio de coco (Figuras 2, 3 e 4). Cada arco tinha um material diferente: um arco com garrafas cheias, meio cheias e vazias; um arco com guizos; um arco com balões cheios com diversos materiais (arroz, massas e areia).



Figura 2. Arco com balões.



Figura 3. Arco com guizos.



Figura 4. Arco com garrafas.

Para dar início à atividade, como na atividade descrita anteriormente, foi colocada música de fundo no rádio (músicas infantis tradicionais) e as estagiárias distribuíram as crianças em grupos de 4 por cada arco (3 arcos). Durante a atividade, cada grupo teve a possibilidade de experimentar e tocar nos instrumentos que cada arco continha, pois iam rodando após a exploração. As estagiárias estimulavam as crianças ao tocarem nos instrumentos ao ritmo da música que tocava no rádio. Esta atividade, que abordava principalmente as áreas de conteúdo Expressão Musical, Expressão

Físico – Motor, Formação Pessoal e Social e Linguagem Oral, tinha como principais objetivos: desenvolver o sentido auditivo e tátil (garrafas, guizos e balões com diferentes materiais); desenvolver a motricidade fina e grossa (manusear os diferentes arcos); desenvolver a competência de trabalhar em equipa e desenvolver a linguagem oral (adquirir vocabulário: guizos, balões, garrafas e arcos).

Os instrumentos de avaliação utilizados como a grelha de observação (Anexo VI), o diário de bordo e o registo fotográfico documentado (Anexo VII) permitiram entender se os objetivos delineados tinham sido atingidos. Através da observação direta foi possível constatar que todas as crianças participaram na atividade, assim como o seu nível de envolvimento ao explorarem e manusearem os materiais dos diferentes arcos com as mãos e com a boca. No início da atividade estavam centrados no arco dos guizos, pois este fazia um barulho interessante do ponto de vista das crianças, no entanto com o desenrolar da mesma começaram a interessar-se pelos outros dois arcos – balões e garrafas. No arco das garrafas, as crianças utilizaram a boca para tentar ingerir o que estava nas garrafas, visto que é um material utilizado na sua vida diária.

Esta foi uma atividade que não ocorreu da forma esperada, pois aquando a chegada à instituição, o material não se encontrava em condições para ser explorado pelas crianças. Os fios (que eram fios de coco) estavam todos emaranhados e não era de todo possível usar o material na atividade. Na sequência desta situação, procurou-se encontrar uma solução, nomeadamente, voltar a montar todo o material desde o seu início. A educadora mostrou-se bastante compreensiva, deixando o par de estágio à vontade para o montar até estar pronto a ser utilizado. Esta atitude surpreendeu, visto que se tinha cometido um erro fulcral para que a prática educativa ocorra de forma positiva. Na montagem do material na sala, a educadora procurou auxiliar as estagiárias.

Aquando o momento de exploração do material, por parte das crianças, constatou-se que uns minutos após o usarem, o fio já estava novamente todo emaranhado, tal como havia acontecido no início da manhã. Concluiu-se que o fio de coco não era de todo o melhor material para a construção do estendal musical. A certa altura da atividade o desânimo já era enorme e exteriorizou-se o que se estava a sentir com a educadora, que foi novamente muito atenciosa. Aconselhou sobre o material e deu motivação para o futuro: “Não penses assim, tens aqui um belo material para trabalhares. O fio de coco é que não é indicado. Estas experiências só servem para o teu futuro. É para isto que os estágios servem!!”. As suas palavras de força e, mais tarde, também da Auxiliar de Ação Educativa deram motivação para continuar.

Uma criança que ainda não andava foi inteiramente integrada na atividade, sendo visível a sua satisfação e alegria ao ouvir o som dos balões e ao tocar nas garrafas e nos guizos, sentada. Almeida e Santos (2017) mencionam que é papel dos

profissionais da educação promover a inclusão de todas as crianças, procurando estratégias que facilitem o processo de aprendizagem, no sentido de promover uma educação de qualidade que respeite cada criança como ela é.

Como mencionado acima, para além da dinamização das atividades orientadas, as estagiárias dinamizaram pequenos momentos da rotina. A título de exemplo, houve um dia em que se dinamizaram os seguintes momentos da rotina: lanche matinal e canção do bom dia (utilização de 5 dedoches - pássaro, tubarão, elefante, leão, tartaruga - na hora de comer do lanche matinal para criar um momento de entretenimento e na hora da música do “Bom dia”, de modo a criar hábitos de saudação nas crianças); higiene - muda da fralda (utilização da flauta para tocar as músicas “Indo eu”, “Ó malhão”, “O Jardim da Celeste”, “As Pombinhas da Catrina”, de modo a criar um momento de entretenimento no tapete na hora da muda da fralda) e brincadeira livre (utilização de balões para facilitar as interações criança – adulto, através de brincadeira).

No momento do lanche matinal e do bom dia foram visíveis caras de espanto relativamente àquilo que viram nos dedos da educadora estagiária. As crianças mostraram-se curiosas e entusiasmadas, algumas pararam mesmo de comer a bolacha que tinham na mão. Ao cumprimentar todas as crianças presentes no tapete (dizer bom dia e perguntar como estavam; apresentar o dedoches com que estava a cumprimentar), algumas quiseram experimentar nos seus dedos. A maioria do grupo juntou-se a esta brincadeira dos dedoches, sendo que se observou nas suas caras entusiasmo, satisfação e prazer por descobrir coisas novas. Bailote (2011) indica que o fantoche representa para a criança um ser inanimado, ao qual ela dá vida, atribuindo-lhe uma personagem e que pode manipular, ou seja, essa personagem pode tornar-se naquilo que ela quiser e transmitir aquilo que desejar. Assim, a autora enuncia que o fantoche é um material que é rico em múltiplas possibilidades e se adapta a tudo (Bailote, 2011).

A utilização da flauta na hora da muda da fralda possibilitou a emergência de sensações auditivas. Observou-se que as crianças estavam atentas e interessadas em ouvir aquilo que se tocava. No final de cada canção batiam palmas. A música é um elemento fundamental para as crianças, visto que se integram dela nas brincadeiras e nos jogos, isto é, cantam enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos, dançam e dramatizam situações sonoras (Barroso, Cruz, Santos & Silva, s.d.). Os autores mencionam ainda que o contato com a música através de apreciação, ou seja, ao ouvir com atenção apenas um instrumento, os estímulos cerebrais são muito intensos. A música tem um carácter relaxante que pode estimular a absorção de conhecimento (Barroso, et al, s.d.).

Na parte da tarde, durante a brincadeira livre, a utilização dos balões permitiu trabalhar as cores dos balões com que estavam a brincar e o número de balões que

estavam a segurar. Realizaram-se também diversas brincadeiras, nomeadamente uma chuva de balões, ou seja, segurar em vários balões, contar até três e mandá-los para o ar, no interior da sala. Todas as crianças mostraram-se divertidas e interessadas na atividade, brincando com os balões até ao momento de partirem da Creche. Esta foi uma brincadeira que permitiu facilitar as interações sociais entre criança-criança e criança-adulto. Souza e Ortega (2016) consideram relevante privilegiar as trocas significativas entre adultos e crianças e dar oportunidade para que hajam trocas entre as próprias crianças, através das brincadeiras e jogos. Também consideram que o adulto deve permitir tempo e espaço para que as crianças desenvolvam atividades em pequenos grupos ou pares, incentivando-as a expressarem-se dando voz à curiosidade e criatividade por forma de negociarem ações e decisões (Souza & Ortega, 2016).

Avaliação do projeto

No geral, o projeto foi bem aceite pelo grupo de crianças, após a análise dos diversos instrumentos utilizados ao longo do estágio. A observação direta, os diários de bordo, os registos fotográficos documentados e as grelhas de observação das atividades orientadas permitiram ao par compreender se os objetivos delineados foram ou não atingidos. Com a construção de documentos orientadores que operacionalizaram o projeto e, após o *feedback* da educadora cooperante e da professora supervisora, a implementação do mesmo teve momentos positivos e menos positivos. Nem sempre foi possível concretizar as atividades exatamente como se tinha planificado, no entanto, o papel do educador também é este: ser flexível.

A avaliação revelou-se um elemento importante durante este processo, pois é uma componente que integra e regula a prática em qualquer nível de educação e de ensino (Decreto-Lei n.º 17/2016, 4 de abril). As orientações para a Educação Pré-escolar (Silva et al., 2016) mencionam que,

avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento. (p.27)

A partir dos momentos da rotina diária (por exemplo: lavar as mãos, alimentação e momento de dormir ou acordar da sesta) foi promovida a autonomia das crianças, sendo visível, já no final do estágio, algumas crianças a tentarem realizar tarefas, sem pedir auxílio às estagiárias, educadora ou auxiliar da ação educativa. Nas atividades

orientadas, o par teve especial atenção em desenvolver atividades diversificadas, de carácter exploratório e que despertassem a curiosidade do grupo. Também foi preocupação do par de estágio integrar todas as crianças nas atividades, nomeadamente a criança que ainda não tinha adquirido a marcha. Ao longo de todas essas atividades, as crianças interagiram e cooperaram umas com as outras, ou seja, as crianças brincavam lado a lado, observavam e imitavam o que os colegas faziam, tendo como por base o mesmo objetivo.

A possibilidade de desenvolver este projeto em estágio permitiu ao par concluir que a rotina é constituída por momentos de oportunidade, interação e de aprendizagem para as crianças. Atendendo à importância desses momentos revela-se fundamental que o educador esteja disponível para as crianças, ou seja, que esteja totalmente envolvido (Portugal, 2000). Além do mais, o adulto deverá também ser capaz de aceitar a criança e o seu ritmo, construindo confiança e respeito.

1.2.2. Prática de ensino em Jardim de Infância

O estágio em contexto Pré-escolar decorreu entre 18 de abril de 2017 e 2 de junho de 2017, numa instituição de ensino que funcionava simultaneamente como escola do 1.º CEB e Jardim de Infância, localizada numa área urbanizada, em Santarém. A escola pertencia a um agrupamento de escolas fundado no ano letivo 2001/2002. Este agrupamento, inserido no município de Santarém, é uma unidade organizacional composta por órgãos próprios de administração e gestão, que engloba 12 estabelecimentos de educação do Pré-escolar e escolas de 1.º, 2.º e 3.º CEB público (Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano, 2013-2017).

O projeto educativo do Agrupamento pretendia articular diferentes projetos existentes nos seus vários estabelecimentos de educação e ensino, promovendo a continuidade educativa, o aprofundamento e a consciencialização de conhecimentos, de procedimentos e de práticas, no contexto da interculturalidade, intergeracionalidade e da inclusividade. Todas as atividades realizadas pelo agrupamento encontram-se no Plano Anual de Atividades (PAA), sendo este o primeiro nível de operacionalização do projeto. Este plano visa diretamente a ação educativa, para a qual traça orientações precisas e modalidades em consonância, bem como tem como objetivo desenvolver o nível pedagógico, organizacional, social e relacional dos alunos (Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano, 2013-2017).

O Jardim de Infância tinha uma educadora titular e uma assistente operacional que apoiava as atividades na sala, assegurava as tarefas de limpeza e manutenção de espaços, apoiava o almoço e o prolongamento de horário. Este contexto, também, beneficiava de uma professora de educação especial que apoiava uma criança com

atraso global de desenvolvimento. O Jardim de Infância tinha um horário de funcionamento das 08:30h às 17:30h, cuja componente letiva do período da manhã decorria entre as 09:00h e as 12:30h e no período da tarde entre as 14:00h e as 15:30h. No período da manhã, prevaleciam as atividades e os projetos dinamizados pela educadora e no período da tarde imperavam as atividades lúdicas eleitas pelas crianças (áreas de atividade com apoio itinerante da educadora). Fora da componente letiva, existia a componente das Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF), com funcionamento das 16:30h às 17:30h e destinada a atividades de Expressão Dramática, Musical e Físico - Motora. Estas atividades eram orientadas por assistentes operacionais ou animadores.

O espaço educativo da sala de Jardim de Infância era composto por áreas de atividades, dispostas em volta de uma área central polivalente de trabalho coletivo ou de grande grupo. As áreas de atividades presentes na sala eram: biblioteca e documentação; escrita e reprodução; atividades plásticas/ expressões artísticas; jogos de mesa e do chão; faz de conta e área do computador. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Silva et al., 2016), a organização do ambiente educativo constitui o suporte do desenvolvimento curricular, visto que as interações que acontecem no grupo, os materiais disponíveis e a sua organização, a distribuição e utilização do tempo são fatores importantes para o que as crianças podem escolher, fazer e aprender. As áreas de atividades de maior interesse das crianças eram as áreas do faz de conta, do computador e dos jogos de mesa e do chão. O espaço interior da sala era bastante colorido, iluminado e amplo, contendo nas paredes alguns trabalhos desenvolvidos pelas crianças e mapas de aniversário, de presenças, de atividades e de tempo. Na área da biblioteca e documentação, os livros que eram manuseados pelas crianças apresentavam pouca qualidade. Junto à área da biblioteca existia a área da escrita e reprodução, que apresentava um quadro branco utilizado pelas crianças para a elaboração de desenhos e iniciação à escrita. Moniz (2009) indica que as crianças antes de entrarem na escola tentam imitar a escrita através de garatujas, formas parecidas com letras ou sequências de letras à qual atribuem sentidos. A autora considera que a leitura e a escrita são elementos que devem partir do interesse e vontade das crianças. Neste sentido, os adultos desempenham um papel importante na apropriação da funcionalidade da escrita e da leitura (Moniz, 2009).

Na área dos jogos de mesa e do chão, apesar da grande oferta de materiais didáticos, alguns estavam pouco estimados. Esta área que também era utilizada para a dinamização de momentos de leitura de histórias e de conversas em grande grupo revelou-se pouco acolhedora, pois as crianças mostravam-se muitas vezes desconfortáveis ao estarem sentadas no chão.

O espaço exterior, bastante apreciado pelas crianças, era amplo e agradável. Verificava-se a existência de várias zonas de sombra com a presença de mesas de piqueniques e bancos, para lanchar e para possíveis diálogos entre crianças do Jardim de Infância e do 1º CEB. O espaço exterior era também constituído por um parque infantil, no entanto não continha nenhum espaço relvado. Rodrigues (2017) indica que o contacto com o ar livre influencia a aprendizagem das crianças e como elas aprendem, pois em contexto natural, as crianças têm experiências significativas com o meio.

O grupo composto por 16 crianças, 8 do sexo feminino e 8 do sexo masculino, com idades compreendidas ente os 3 e os 6 anos de idade, encontra-se caracterizado no seguinte quadro (Quadro 2):

Quadro 2

Caracterização do grupo de crianças do jardim de infância.

Número de crianças	16
Idades	3 – 6 anos
Género	8 raparigas e 8 rapazes
Alunos com nacionalidade estrangeira	3 (Roménia) 2 (Moldávia)
Alunos com Necessidades Educativas Especiais	2

Duas crianças do grupo apresentavam Necessidades Educativas Especiais (NEE) e, por isso, eram acompanhadas na terapia da fala. Grande parte das crianças era proveniente de famílias com dificuldades socioeconómicas, devido à elevada taxa de desemprego dos pais ou encarregados de educação, beneficiando assim de apoio social.

O grupo caracterizava-se por ser alegre, bem-disposto e ativo. Foi visível a autonomia das crianças nas horas das refeições e higiene, sendo quase dispensável o auxílio dos adultos nesses momentos. O grupo manifestava um gosto na execução de atividades de Educação Física e de Artes Visuais. De um modo geral, apresentava muitas dificuldades no tempo de concentração e permanência em determinadas atividades, existindo pouca iniciativa para as sequenciar. Para além destes aspetos, o grupo também apresentava ainda algumas dificuldades no cumprimento das regras da sala, bem como na interação com os seus pares e na resolução de pequenos conflitos.

A sala de Jardim de Infância não apresentava nenhum tema de projeto aglutinador ao longo do ano. Todos os temas da sala iam surgindo ao longo do ano letivo por iniciativa das crianças; da educadora (que tinha em conta as necessidades do grupo) e de outros parceiros educativos. Todos os projetos desenvolvidos convergem a partir do Desenho Curricular para a Educação Pré-Escolar do Agrupamento Alexandre

Herculano, tendo por base as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. As planificações mensais da sala incluíam algumas situações de atividades definidas pela educadora, das principais áreas de Conteúdos onde se inseriam essas temáticas, incluíam as estratégias, assim como, os objetivos centrados nas crianças e os recursos necessários. Os projetos trabalhados durante o estágio pelo grupo foram: tradições (o Ribatejo); multiculturalidade (nacionalidades, povos, usos e costumes) e participação no projeto da Floresta autóctone (questões ambientais).

Planeamento e operacionalização da atividade educativa

O projeto de estágio foi criado com base no contacto diário com o grupo e nas necessidades enunciadas pela educadora. O principal objetivo do projeto foi criar uma área de relaxamento, que levasse as crianças a tomar consciência das suas emoções. Pretendia-se ser, essencialmente, um espaço de interioridade, de estimulação sensorial e de pensamento. Silva (1998) afirma que o relaxamento pode e deve ser utilizado dentro das salas do Jardim de Infância, pois reduz a tensão muscular das crianças e permite que as crianças conheçam múltiplas possibilidades para controlar a respiração, o stresse, a angústia e a emotividade. Inerente a este espaço de relaxamento era interesse deste projeto desenvolver atividades que permitissem às crianças explorar as suas emoções. Para compreender o sentimento da criança em relação às atividades orientadas desenvolvidas e de toda a vivência decorrente da semana no Jardim de Infância foi elaborado um mapa de avaliação semanal (Anexo VIII), preenchido pelas crianças (sob a forma de desenho), de modo a responder às seguintes questões: “O que mais gostei esta semana?”, “Como me senti esta semana?” e “O que quero fazer na próxima semana?”. Neste quadro foi possível trabalhar com as crianças, 5 das emoções básicas: tristeza, alegria, medo, raiva e surpresa. Segundo Damásio (2000), estes tipos de emoções são considerados universais nos aspetos da expressão facial e da possibilidade de reconhecimento da sua manifestação, sendo gerados por situações externas e tendo influência nas emoções dos membros do grupo. Refletindo sobre a atividade considera-se que a pergunta “O que menos gostei? Porquê?” ficou em falta no mapa.

A nova área implementada (Figura 5) requereu uma reestruturação do ambiente educativo, onde se pretendeu que cada criança a explorasse e pudesse frequentar sempre que quisesse e nos momentos adequados (para pensar ou procurar o sossego e a paz; estado de ira e de agitação). Na construção deste novo ambiente, o par de estágio privilegiou a participação ativa das crianças, desde a eleição do nome da área (Espaço das Estrelinhas), à construção de adereços, como almofadas, tapetes, estrelas e placa identificativa da área (Figuras 6 e 7). Gonçalves (2015) reflete sobre a

participação ativa das crianças nas atividades, visto que a aprendizagem ativa acontece pelas descobertas da rotina e, assim, os saberes são valorizados e respeitados, acompanhando os conhecimentos e as capacidades das crianças.



Figura 5. Espaço das estrelinhas.

Figuras 6 e 7. Adereços do espaço.

Como forma de dinamizar este novo espaço criado na sala foram desenvolvidas as seguintes atividades: pintura das almofadas, construção da placa e do tapete de pompons para o novo espaço, placar da família através da exploração do poema “A Família” (exploração de emoções relativas à família), história “Coração da mãe” como elemento introdutório para a construção da prenda do dia da mãe (exploração de emoções relativas ao elemento familiar), decoração da palavra mãe (expressão oral de diversos sentimentos relativamente a esta palavra), momento de relaxamento – O Senhor Polegar, momento de relaxamento – A casa do sono, momento de relaxamento – Yoga, conversas entre o adulto e pequenos grupos de crianças no novo espaço, visualização do filme “Divertidamente” e avaliações das semanas. Para além destas, foram ainda concretizadas outras atividades na sala, como por exemplo, o jogo “Faz de conta das profissões” inerente ao Dia do Trabalhador. Como preparação para a visita de estudo à Tapada de Mafra realizaram-se as seguintes atividades: pesquisa na internet da fauna e flora da Tapada de Mafra, bingo das aves de rapina da Tapada de Mafra, construção dos cartões identificadores, história “Ciclo do mel” como elemento introdutório para o jogo de apicultura (jogo de orientação espacial) e representação em massa de moldar – pós-visita de estudo.

A atividade denominada “Momento de relaxamento – O Senhor Polegar” (Anexo IX), iniciou-se com a organização do grupo em círculo (as crianças sentaram-se em cadeiras dispostas em círculo). Ao longo de toda a atividade, a estagiária que se

encontrava no centro do círculo, mostrava a sua mão, exemplificando como deveriam fazer os exercícios (como por exemplo, quando a estagiária disse: “O senhor polegar tem sono. Deito-o.”, dobrou o polegar sobre a palma da mão. Outro exemplo foi, quando disse: “Fecho a porta da cozinha.” e dobrou o indicador), e falava suavemente, fazendo momentos de silêncio entre cada frase. À medida que a estagiária ia fazendo os gestos, o grupo acompanhava-a, imitando-a. Esta atividade, que abordava principalmente as áreas de conteúdo Formação Pessoal e Social, Expressão e Comunicação (Domínio da Educação Física, Domínio das Artes Visuais - Subdomínio do Jogo Dramático; Subdomínio da Educação Musical, Domínio da Linguagem Oral) e Conhecimento do mundo, tinha como principais objetivos: saber trabalhar em equipa, respeitando o espaço do outro; cooperar em situação de jogo, seguindo as orientações e regras; desenvolver a consciência e o domínio do seu corpo; desenvolver a coordenação motora; recriar experiências do quotidiano (imitar a situação dormir) e explorar características dos sons (aprender a sussurrar) e desenvolver a linguagem.

Outra atividade inerente ao Espaço das Estrelinhas foi a elaboração da pintura das almofadas, da placa e do tapete de pompons ao longo das semanas (Anexo X). Estas produções realizadas no âmbito das áreas Formação Pessoal e Social e Expressão e Comunicação (Domínio da Educação Artística – Artes Visuais; Domínio da Linguagem Oral) tiveram como objetivos: saber trabalhar em equipa (respeitar o espaço do outro, não interferindo com o seu trabalho); desenvolver capacidades expressivas (utilizar diferentes materiais – tintas, lã, pinceis; conhecer a técnica do stencil); reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual (apreciar e expressar a opinião sobre a sua produção). As construções realizadas em pequenos grupos foram iniciadas após ter sido definido o nome do novo espaço, os materiais e o local por parte das crianças. Durante as tardes de algumas semanas de intervenção, as crianças realizaram pompons para a concretização do tapete que integrou o espaço, pintaram as letras da placa identificadora do novo espaço a gosto, assim como, pintaram, a gosto, as almofadas.

As atividades foram avaliadas através da observação direta, de registos fotográficos documentados (Anexo XI), de diário de bordo e de uma grelha de observação do comportamento – Momento de relaxamento (O senhor Polegar) (Anexo XII), tendo em conta os objetivos de aprendizagem anteriormente referidos. Ao denominar o círculo como “círculo das boas energias”, as crianças absorveram rapidamente as atitudes que se esperavam, ou seja, de calma e tranquilidade associadas a um bom comportamento. Respeitaram as palavras ditas e, por isso, foi possível observar a colaboração de todo o grupo na atividade. Durante toda a atividade, também foi observável momentos satisfatórios para todos, pois o nível de envolvimento

foi alto. Na parte final da mesma, decidi autonomamente improvisar, sendo que antes de soltar os dedos, mencionou-se às crianças que no punho fechado estavam todas as más energias, todo o mau comportamento, todas as zangas. Algumas crianças olharam com uma cara muito séria e sem necessitar de se pronunciar alguma palavra, soltaram as mãos, sacudindo e mencionando algumas palavras, tais como “vai tudo embora agora!”, “saiam más energias”, entre outras. As crianças mostraram gostar tanto da atividade que pediram para a realizar novamente, mas com a mão contrária, ou seja, aquela que ainda não tinham utilizado no exercício. Devido ao nível de satisfação das crianças, esta atividade foi realizada mais vezes longo das semanas de intervenção.

Na construção dos pompons, cada criança realizou dois pompons para integrar no tapete. Durante a atividade revelaram-se bastantes autónomas, sendo que foram poucas as que necessitaram de ajuda. Alguns mencionaram que anteriormente já tinham feito pompons. Esta foi uma tarefa que agradou às crianças, pois mostraram caras de satisfação. O facto de as estagiárias realizarem também pompons em conjunto com elas promoveu conversas entre criança-criança e criança-adulto, em que se efetuaram aprendizagens das diversas áreas de conteúdo. Assim, as aprendizagens não se verificam apenas nas atividades orientadas que são planificadas previamente. Existem outras aprendizagens na vida diária da criança que se revelam bastante significativas para elas, tais como, os momentos de brincadeira. Considerou-se importante que o educador participe em todos os momentos da rotina da criança, de forma a conhecê-la e a criar laços afetivos e de segurança com a mesma. Relativamente à pintura da placa identificadora no novo espaço, não foi possível todas as crianças participarem pois, as que se dispuseram para pintar realizaram grandes pinceladas, preenchendo logo o espaço disponível.

Avaliação do projeto

Este projeto de estágio surgiu principalmente das necessidades do grupo e também das informações dadas pela educadora cooperante. Nem sempre foi possível realizar todas as atividades que estavam planificadas, sendo que foi necessário recorrer à improvisação. Apesar disso, a educadora mostrou-se sempre recetiva a novas ideias e em todo o processo recebeu-se imensa ajuda e conselhos sobre a prática, por parte da mesma. Assim, considerou-se que nem sempre é possível seguir a planificação à risca, pois a vida diária num Jardim de Infância não é estanque. Através do diálogo com as crianças conclui-se que as mesmas gostaram das atividades realizadas, mostrando satisfação nos seus rostos e reações. No geral, o grupo manteve-se envolvido e motivado nas atividades.

Os instrumentos avaliativos como os diários de bordo, os registos fotográficos documentados, as grelhas de observação de comportamento dos momentos de relaxamento e de avaliação de desempenho das atividades, alguns apresentados em anexos, foram uma mais-valia para compreender se os objetivos delineados do projeto e de cada atividade foram ou não atingidos, com êxito, tal como mencionam Lacerda e Souza (2013). As autoras ainda referem que é mesmo essa a finalidade da avaliação, ou seja, apoiar o currículo para que as aprendizagens das crianças sejam ajustadas, assim como os processos sejam regulados (Lacerda & Souza, 2013). Neste sentido, a avaliação revela-se um elemento fundamental no desenvolvimento e sucesso da prática (Lacerda & Souza, 2013).

Em todas as atividades e conversas em grande e pequenos grupos, o par privilegiou as opiniões das crianças. Saber ouvir e compreender o que cada criança sentia e defendia em determinado momento foi primordial no decorrer de todo o estágio. Todas as atividades propostas tiveram uma forte participação das crianças. Silva (2010) afirma que a avaliação não é um processo individual do adulto, antes pelo contrário, considera que é um ato coletivo e que deverá abranger todos os intervenientes do sistema educativo. Com a realização dos momentos de relaxamento, as crianças foram progressivamente adquirindo uma maior capacidade de concentração e de execução dos vários exercícios. No entanto, estas capacidades apenas se verificaram no decorrer dos momentos de relaxamento, não sendo utilizadas pelas crianças fora destes ambientes. Foi essencial pensar em atividades motivadoras e desafiantes, para conseguir que as crianças se envolvessem em todas elas. Prova disso, foi a ansiedade e entusiasmo que o grupo transmitia ao par em todas essas atividades.

A construção do Espaço das Estrelinhas e toda a sua organização, pensado em conjunto com as crianças, permitiu que estas procurassem a nova área da sala para descansar, para conversar com os colegas ou apenas observar alguns livros presentes na área da biblioteca. Para que este espaço fosse especial para todas as crianças e fosse utilizado nos momentos oportunos, o par decidiu integrar o grupo na construção dos vários adereços que faziam parte do Espaço. Era fundamental que as crianças aprendessem a valorizar esta nova área da sala. Segundo Vieira (2009), é importante que a criança seja vista como sujeito, em que o espaço educacional seja significativo, feito para a criança e também pela criança; um espaço bonito, familiar, alegre, com objetos acessíveis para que todas possam desenvolver atividades do seu interesse, expressar o seu respeito às regras, desenvolvendo a ética, o respeito pelo outro, a sua identidade e sociabilidade.

O preenchimento do mapa de avaliação semanal foi também um contributo para este projeto, na medida em que as crianças conseguiram expressar as suas emoções

nas várias semanas de estágio. Neste mapa, a criança associava determinados acontecimentos a determinadas emoções. Considerou-se que este foi um aspeto positivo, pois segundo Brázio (2013), a criança ao aprender a exprimir e a comunicar os seus sentimentos aos outros diminui a possibilidade de manifestar comportamentos menos adequados, numa situação emocionalmente complicada.

Apesar de todo o empenho refletido neste projeto e da sua boa aceitação pelo grupo seria interessante para as crianças a sua manutenção ao longo do tempo para resultados mais efetivos. No entanto, segundo Silva (2011), um projeto não se classifica pelo tempo de duração, mas pela oportunidade que este oferece para desenvolver competências e saberes.

1.3. Contextos de estágio e prática de ensino no 1.º CEB

1.3.1. Prática de ensino em 1.º CEB em 1.º e/ou 2.º anos

O estágio em contexto 2º ano de escolaridade decorreu entre 21 de novembro de 2017 e 19 de janeiro de 2018, numa instituição da rede pública do 1.º CEB, que se situa numa das freguesias de Santarém e que pertence ao Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano.

A instituição encontrava-se numa zona habitacional de renda económica e os cidadãos tinham à sua disposição diversos cafés, restaurantes, lojas de roupa, cabeleireiros, uma farmácia, um centro de saúde, instituições bancárias, correios, entre outras. A instituição aceitava crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 14 anos e a equipa educativa era formada por: 4 professores titulares (1 para cada ano letivo de escolaridade), 1 educadora de infância, 1 professora de educação especial, 1 psicóloga, 2 professores de ninho de português e matemática, 1 professor de oferta Complementar, 5 assistentes operacionais e os professores referentes às respetivas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC). A escola tinha um horário de funcionamento das 09:15h às 15:30h. O período da manhã era dividido em dois blocos de tempo: das 09:15h às 10:30h e das 11h às 12h45. O período da tarde era constituído apenas por um bloco de tempo, das 14:00h às 15:30h. Fora da componente letiva existia ainda a componente das AEC, com funcionamento das 16:00h às 17:00h. Relativamente às AEC, os alunos podiam ou não frequentar as atividades, sendo elas - Pequenos Engenheiros (2ª e 4ª- feira), Crescer em Movimento (3ª e 6ª-feira) e Coro (5ª-feira).

Relativamente a aspetos físicos e materiais, a escola era constituída por dois pisos. O rés do chão era formado por um átrio de entrada, duas casas de banho (para o género masculino e feminino), uma arrecadação, uma sala de pré-escolar, uma sala do 1º ano, uma biblioteca, um refeitório (que contém um espaço lúdico), uma cozinha, uma dispensa, uma sala de convívio dos professores e uma sala da coordenação. O

piso superior da escola era composto por duas casas de banho (para o género masculino e feminino), uma sala do 2.º ano, uma sala do 3.º ano, uma sala do 4.º ano e um espaço destinado aos momentos dos Ninhos de Português e Matemática.

O espaço exterior, bastante apreciado pelos alunos, era amplo e agradável. Apresentava várias zonas verdes, com árvores de diferentes espécies (por exemplo, oliveiras e tangerineiras) e continha mesas de piqueniques e bancos. Também era constituído por duas grandes atrações utilizadas pelas crianças: o parque infantil e o campo de futebol. Para os dias mais chuvosos, a escola tinha vários espaços cobertos (telheiros) para as crianças utilizarem o exterior.

A sala de 2.º ano apresentou-se acolhedora e encontrava-se organizada de forma estratégica, consoante o nível de aprendizagem/comportamental dos alunos. As mesas encontravam-se dispostas em formato de U, estando no seu centro, duas mesas destinadas a duas alunas que não se encontravam no mesmo nível de aprendizagem, ou seja, apesar de frequentarem o 2.º ano de escolaridade, eram alunas que ainda estavam a adquirir competências do 1.º ano de escolaridade. Isoladas desta disposição em formato de U, existiam duas mesas (cada uma à frente dos quadros) que se destinavam a dois alunos com baixo nível de atenção e concentração. Apesar de a sala ter uma grande janela com vista para o exterior, apresentava pouca entrada de luz natural, devido aos estores que se encontravam habitualmente fechados. A sala tinha um ar condicionado, um quadro de giz, um quadro branco com projetor, pequenas estantes para a arrumação dos manuais dos alunos e dois armários (um do professor e outro dos alunos). As paredes da sala eram bastante coloridas, no entanto, estavam vazias, desprovidas de trabalhos dos alunos ou de informações relevantes para o processo de ensino e aprendizagem.

A turma não apresentava nenhum tema de projeto aglutinador ao longo do ano, no entanto a professora titular de turma definiu estratégias educativas globais. Estas estratégias tinham como principais opções metodológicas: estimular os alunos para o processo ensino/aprendizagem; proporcionar apoio direto e individualizado aos alunos; privilegiar atividades vocacionadas para o aprender a fazer e a pensar; responsabilizar/consciencializar os alunos para a importância de adquirirem métodos de estudo/hábitos de trabalho e utilizar o reforço positivo e afetivo. Durante as duas semanas de observação e a semana de intervenção pontual pude observar e participar na rotina da instituição e da sala do 2.º ano. Verifiquei que a turma já sabia que depois de chegar à sala, dois alunos devem distribuir os cadernos diários e realizar a data no mesmo, para posteriormente a professora iniciar a aula. Os autores do documento “O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” (Martins et al, 2017) mencionam que a autonomia permite aos alunos desenvolverem a confiança em si próprios,

motivarem-se para aprender, autorregulem-se e contruírem o espírito de iniciativa e tomada de decisões fundamentadas. No entanto, durante a resolução de exercícios, as crianças chamavam pela ajuda da professora mostrando assim, pouca confiança nelas próprias. A professora, apesar de proporcionar um apoio direto e individualizado, também promovia a autonomia no grupo, dando tempo para concluírem os exercícios.

O grupo era formado por 19 alunos, 12 do sexo feminino e 7 do sexo masculino, com idades compreendidas ente os 7 e os 9 anos de idade, encontrando-se a turma caracterizada no seguinte quadro (Quadro 3).

Quadro 3

Caracterização da turma de 2.º ano do 1.º CEB.

Número de alunos	19
Idades	7 – 9 anos
Género	12 raparigas e 7 rapazes
Alunos que frequentam outro ano de escolaridade na mesma turma	4
Alunos com Necessidades Educativas Especiais	2

No grupo, composto por dezanove alunos, dois apresentavam Necessidades Educativas Especiais (NEE): um aluno com hiperatividade e uma aluna com mutismo seletivo. Ambos os alunos eram acompanhados por uma psicóloga e por um docente de educação especial. Este era um grupo, em que alguns alunos apresentavam problemas de saúde, nomeadamente, alergias, asma, bronquite e baixa visão. Atualmente, a diversidade passou a ser uma característica marcante nas salas de aula, seja ela referente à presença de NEE, à idade, ao género e/ou à cor/raça. Esta diversidade passou a ser um desafio para os professores (Barbosa, Campos & Valentim, 2011).

A observação e intervenção realizada ao longo do período deste estágio permitiram caracterizar a turma e identificar alguns pontos fortes e pontos menos fortes. O grupo era alegre, bem-disposto e aderiu com entusiasmo a novas propostas de atividades/projetos. Por vezes, a falta de concentração impedia o grupo de realizar as atividades no tempo previsto. Alguns alunos apresentavam dificuldades na disciplina de Português, mais especificamente, na escrita e na sua gestão no caderno diário. A pouca clareza/ informação que os alunos tinham sobre os casos de leitura, fazia com que muitos cometessem erros ortográficos. Para colmatar algumas dessas dificuldades, nessa componente do currículo, mas também de Matemática, 9 alunos eram acompanhados em aulas de apoio ao estudo e de apoio individual. A componente de Estudo do Meio era a que apresentava melhores resultados por parte dos alunos.

Planeamento e operacionalização da atividade educativa

O projeto de estágio intitulado *Aprender fazendo* foi desenvolvido com base nas necessidades e características da turma e consistiu na implementação de atividades que proporcionassem aprendizagens significativas. Com este projeto, o par de estágio pretendeu proporcionar experiências significativas, partindo de aprendizagens concretas, alcançando progressivamente aprendizagens mais abstratas. Leite (2014) afirma que, para além da importância de experiências diversificadas, estas requerem ser significativas para as crianças, ou seja, que produzam aprendizagens ativas. Isto significa que o ensino centrado no professor e no trabalho individualizado do aluno não consegue responder à diversidade de alunos existentes nas salas de aula. As atividades/experiências propostas aos alunos têm grande influência no modo como as crianças aprendem ou não. Segundo Dewey (2010), a qualidade de uma determinada experiência baseia-se em dois grandes aspetos: o primeiro prende-se com o facto de ser uma experiência agradável ou desagradável e o segundo prende-se com a influência que pode ou não ter em experiências futuras. Assim, as aprendizagens adquiridas podem servir de mote para descodificar aprendizagens futuras.

Em articulação com as metodologias e também com os projetos de pesquisa do par de estágio, foi criado na sala de aula do 2º ano um ambiente de aprendizagem cooperativa entre aluno-professor e aluno-aluno. A ação do aluno deverá consistir no manuseamento de objetos, na experimentação, na observação crítica e na discussão de ideias, pois, segundo Hohmann e Weikart (1997), a ação das crianças sobre os objetos e a sua interação com pessoas, ideias e acontecimentos, constrói novos entendimentos.

Para dar sentido aos objetivos definidos no projeto de intervenção foram realizadas diversas atividades, tais como: realização de enfeites para a decoração de Natal (incluindo a decoração da porta) em pequenos grupos, leitura do livro “A oficina do Pai Natal” como mote para a realização de uma carta ao Pai Natal, deslocação aos correios para entregar a carta ao Pai Natal, *brainstorming* digital sobre o Natal, concretização do presente de Natal, jogo intitulado “Qual é o número mistério?” acerca dos números 400 a 499 em dois grandes grupos, utilização do material ábaco e o material base 10 para explorar os números 400 a 499 em grupos, jogo cubo de dramatização (a imagem que se observar é a que, em conjunto, o grupo deverá imitar), representação da reunião e interseção de conjuntos no chão da sala, itinerário, jogo das profissões inerente ao itinerário (dramatização das profissões), bingo dos sons e a coreografia de dança contemporânea.

A atividade denominada “Itinerário” (Anexo XIII) foi, principalmente, centrada na área do Estudo do Meio (Programa de estudo do meio: Bloco 2 – À descoberta dos

outros e das instituições; Bloco 4 – À Descoberta das Inter-Relações entre espaços), mas também com a abordagem da área Educação para a Cidadania (Relação Interpessoal). Esta atividade teve como principais objetivos: reconhecer o seu passado próximo familiar (localizar no mapa o local onde vive); conhecer as instituições e serviços existentes na comunidade; reconhecer a planta do itinerário; conhecer alguns modos de vida e funções de alguns membros da comunidade (profissões) e aplicar normas de prevenção rodoviária.

A atividade iniciou-se com a exploração de uma imagem do mapa de Portugal Continental através do computador, em que a estagiária informou os alunos onde se encontrava a localidade da escola no mapa. Recorrendo ao *Google Maps* no computador, os alunos construíram em conjunto com a estagiária o percurso a realizar. O conceito desta ferramenta também foi um aspeto explorado visto que os alunos a desconheciam. Magalhães e Costa, Ribeiro (2016) indicam que as crianças têm um olhar diferente sobre os recursos tecnológicos, ou seja, vêem-nos como uma espécie de brinquedo. Os autores mencionam que atualmente a sociedade tem-se tornado mais tecnológica, marcada pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC), por isso, verifica-se a presença das tecnologias em todo o lado, no quotidiano (Magalhães et al., 2016). A utilização dos recursos tecnológicos pelos profissionais da educação possibilita às crianças contactar com imagens, sons e movimentos próximos da realidade. Para além disso, por ser um material que as crianças costumam utilizar, se identificam e se interessam, as tecnologias permitem um maior interesse e um envolvimento dos alunos, pois é um meio do qual eles fazem parte (Magalhães et al., 2016).

O percurso foi ainda realizado por cada aluno na planta visível no quadro branco, ou seja, cada aluno traçou-o no quadro interativo. Esta atividade de pré-saída permitiu preparar os alunos para o itinerário que iam realizar. O percurso que se realizou na segunda parte da manhã foi Escola – Unidade de Saúde familiar - Junta de Freguesia – Correios – Papelaria - Farmácia - Escola. Antes da saída, a estagiária organizou a turma por ordem alfabética com os seus pares. Enquanto isso pôde lembrar os alunos o itinerário que planificaram. Também foi referido que durante o mesmo era importante garantir a segurança de todos e, para tal, deveriam respeitar as regras de segurança, assim como, os sinais de trânsito. Referiu-se ainda que ao saírem da escola, os alunos deveriam utilizar sempre os passeios para caminharem.

Durante o itinerário, as crianças realizaram diversas perguntas nos locais que visitaram, procurando saber as informações essenciais como, por exemplo, o que é uma junta de freguesia; o que se vende numa papelaria, qual a profissão das pessoas que trabalham numa farmácia. Estas perguntas foram pensadas previamente em grande grupo durante a atividade de pré-saída. Em conversa, os alunos foram sugerindo o que

pretendiam perguntar. As perguntas foram registadas no quadro. Pensou-se que teria sido relevante que as crianças tivessem concretizado um registo escrito numa folha das perguntas, pois alguns, durante o itinerário, já não se lembravam das perguntas que pretendiam fazer.

Depois da concretização do itinerário, na parte da tarde, foi realizado um jogo como forma de sistematizar um dos conteúdos abordados no itinerário (profissões). O jogo, que se intitulava Jogo das Profissões (Anexo XIII), abordava as seguintes áreas de conteúdo: Expressão e Educação Físico-motora, Expressão e Educação Dramática e Estudo do Meio (Programa de Estudo do meio: Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições). Esta atividade teve como principais objetivos conhecer as profissões através de dramatizações das mesmas (utilizar o corpo para dramatizar as profissões) e explorar as diferentes possibilidades expressivas (atitudes corporais, diferentes ritmos corporais, diferentes formas, diferentes fatores de movimento).

A estagiária iniciou o jogo ao colocar os cartões com as imagens representativas das profissões com que tomaram contato durante o itinerário em cima da mesa. Os alunos retiraram uma carta da mesa e observaram-na para, de seguida, dramatizarem a profissão que escolheram. O/a aluno/a que adivinhava a profissão era o próximo a jogar. Ganhava aquele que adivinhasse mais vezes. Ao longo do jogo e conforme as profissões que saíam, a estagiária abordou as questões de género ao interrogar a turma se existiam profissões masculinas e femininas. Para além da abordagem das profissões também poderia ter sido incluído outro conteúdo, como por exemplo, relacionar estas profissões com os respetivos serviços que visitaram.

Os alunos puderam realizar uma avaliação acerca desta e das restantes atividades do projeto através de uma pequena atividade. Colaram na cartolina um dedo para cima (verde) caso tivessem gostado das atividades, um dedo a meio (amarelo) caso tivessem gostado mais ou menos das atividades e um dedo para baixo (vermelho) caso não tivessem gostado das atividades.

Esta atividade avaliada através dos instrumentos observação direta, registos fotográficos documentados (Anexo XIV), registos audiovisuais e registos escritos (diário de bordo), ocorreu de forma positiva, pois os alunos mostraram-se bastante satisfeitos ao realizarem uma atividade fora da sala de aula. Rebelo (2014) refere que,

as visitas de estudo são consideradas uma das estratégias mais estimulantes, uma vez que a saída do espaço escolar assume um carácter motivador para os alunos, que se empenham na sua realização. Também pela componente lúdica, as visitas de estudo propiciam uma melhor relação aluno-professor, e devem ser entendidas como mais do que um simples passeio. São, sem dúvida, uma oportunidade de aprendizagem que proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade e favorece a aquisição de conhecimentos,

promovendo a interligação entre a teoria e a prática, a escola e a realidade. (p.17)

Ao longo de todo o itinerário, a turma praticou as regras de segurança, assim como estiveram atentos aos sinais de trânsito e aos meios de transporte. Em todos os locais, os alunos procuraram questionar os trabalhadores com questões interessantes e pertinentes. Na Junta de Freguesia/ Correios, os alunos tiveram a oportunidade de comunicar com o Presidente da Junta de Freguesia. Ao contatarem com o Presidente, os alunos mostraram-se envolvidos na conversa que o mesmo teve com eles. Esta atividade ganhou mais sentido e significado para as crianças, pois puderam planear e realizar o itinerário no exterior.

Uma outra atividade realizada foi elaboração da carta ao Pai Natal e entrega da mesma no posto de correios (Anexo XV). Esta atividade centrou-se principalmente na área de Português (Introdução à Educação Literária e Leitura e escrita), no entanto também se trabalharam objetivos da área de Expressão e Educação Plástica (Bloco 2 – Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies: Desenho e Pintura) e da área de Estudo do Meio (Bloco 2 – À Descoberta dos Outros e das Instituições). Os principais objetivos foram: escrever textos em termos pessoais e criativos (escrever um pequeno texto com um mínimo de 50 palavras, informando ou explicando os seus desejos ao Pai Natal); realizar um desenho numa folha de papel (ilustrar de forma pessoal o tema Natal; explorar diferentes materiais: Lápis de cor, lápis de cera e canetas de feltro); contatar com serviços existentes na comunidade (contatar e conhecer os correios); compreender o essencial dos textos escutados (antecipar conteúdos com base no título e nas ilustrações); desenvolver competências comunicativas (responder adequadamente a perguntas colocadas); ouvir e ler textos literários (ouvir e conhecer a história do livro “A oficina do Pai Natal”); apropriar-se de novos vocábulos (reconhecer o significado de novas palavras, como por exemplo: azáfama).

A atividade iniciou-se com a distribuição das folhas onde foram escritos os desejos de Natal das crianças. Para além dos desejos escritos em forma de texto e lista, também realizaram um desenho com a intenção do Pai Natal perceber claramente aquilo que desejavam para o Natal. Quando concluíram a carta, após a exemplificação, as crianças dobraram a carta de forma a caber no envelope. Todas as crianças fizeram a dobragem, assim como, colocaram a folha dentro do envelope. Algumas necessitaram de ajuda por parte das estagiárias.

Como forma de tornar a concretização da carta significativa para as crianças, o grupo deslocou-se aos correios (que se encontrava mesmo ao lado da escola) para entregarem as cartas. Na saída, a estagiária pediu ao grupo para se organizar por ordem alfabética com os seus pares, como era de costume.

Como forma de avaliar a atividade anteriormente descrita foram utilizados os instrumentos: observação direta, registos fotográficos documentados (Anexo XVI), registos audiovisuais, registos escritos (diário de bordo), grelha de avaliação da escrita (Anexo XVII) e o produto final (Cartas ao Pai Natal). Esta atividade foi bastante apreciada pelas crianças, principalmente por ser uma atividade centrada numa das dificuldades da turma – a escrita.

Avaliação do projeto

Este projeto partiu essencialmente das necessidades e dificuldades da turma de 2º ano. A utilização de instrumentos de avaliação permitiu ao par afirmar que os objetivos/competências foram alcançados e que teve uma boa aceitação por parte de toda a turma. Nesta fase de avaliação de todo o percurso, o par privilegiou as opiniões dos alunos, tendo, estes, apresentado um *feedback* positivo das atividades, através do pequeno exercício de avaliação realizado no final do estágio e evidenciado as aprendizagens realizadas.

A diversidade das atividades implementadas permitiu um maior envolvimento, empenho e motivação dos alunos. Foi essencial o exercício de reflexão prévia para reunir um conjunto de atividades desafiantes e que envolvessem todas as crianças. Prova disso, foi o entusiasmo que a turma transmitia ao par em atividades que permitissem o manuseamento de materiais didáticos, a realização de exercícios com o próprio corpo, a realização de jogos, de exploração de histórias e do espaço exterior. Jesus (1996) defende que utilizar metodologias de ensino diversificadas e que tornem a explicação das matérias mais claras, compreensíveis e interessantes para os alunos é uma das estratégias que o professor pode utilizar para os motivar para as tarefas escolares. Durante o período de estágio verificou-se a superação de algumas dificuldades da turma, principalmente ao nível da comunicação oral, escrita e de mecanismos relacionados com a Expressão Plástica (recorte e colagem).

1.3.2. Prática de ensino em 1.º CEB em 3º e/ou 4º anos

O estágio em contexto 3º e 4º anos de escolaridade decorreu entre 19 de abril de 2018 e 1 de junho de 2018, numa instituição da rede pública do 1.º CEB em Santarém, pertencente ao mesmo agrupamento das práticas de ensino supervisionadas descritas anteriormente.

A instituição, que se encontrava numa zona urbanizada, era apenas composta pela valência de 1.º Ciclo, englobando uma turma de 1º ano, uma de 2º ano e outra de 3º ano. Para além destas turmas, também existiam duas turmas de 4º ano e uma de 3º e 4º ano. A equipa educativa era formada por: 6 professores titulares (1 para cada turma), 3 professores de apoio educativo e de ninho de Matemática, 1 professora de

necessidades educativas especiais e 6 assistentes operacionais. No total, a escola era frequentada por 123 alunos. A escola tinha um horário de funcionamento das 09h00 às 15h30 ou 17h00. O período da manhã era dividido em dois blocos de tempo: das 09h00 às 10h30 e das 11h às 12h30. Dependendo dos dias da semana, o período da tarde era constituído por um bloco de tempo, das 14h00 às 15h30, ou por dois blocos de tempo, das 14h00 às 15h30 e das 16h às 17h. Fora da componente letiva existia a componente das AEC, com funcionamento das 16h00 às 17h00, cujas atividades se denominavam de Pequenos Engenheiros (4ª feira), Crescer em Movimento (2ª feira) e Coro (3ª feira).

No que respeita aos aspetos físicos e materiais, a escola era constituída por dois pisos. O rés do chão era constituído por uma entrada com 3 casas de banho para os alunos (para o género masculino e feminino), sendo uma delas para crianças com mobilidade reduzida, uma pequena arrecadação e uma escada de acesso para o 1º piso. O rés do chão também era constituído por uma sala de professores, uma casa de banho para o pessoal docente e não docente, por quatro salas de aula, uma sala das assistentes operacionais, arrecadação, sala de impressões, cozinha, refeitório e um átrio amplo. O piso superior da escola era composto por duas casas de banho para os alunos (para o género masculino e feminino), duas salas de aula, um gabinete de apoio ao estudo dos alunos com NEE e um espaço destinado aos momentos dos Ninhos de Matemática.

O espaço exterior, que se apresentou amplo e agradável, era um local bastante apreciado pelas crianças. Envolveva toda a instituição e apresentava diversas zonas: uma zona verde, uma zona de campo de futebol e basquetebol, uma zona de estruturas e uma zona com mesas de piqueniques e bancos. Na zona verde, existia uma escada de acesso às estruturas sem qualquer tipo de proteção. Uma pequena parte do espaço exterior era composta por árvores que permitiam criar várias zonas de sombra, assim como, aí se encontravam os vários telheiros da escola.

Relativamente à sala de 3º e 4º anos, apresentou-se espaçosa, acolhedora e com bastante iluminação natural. A sala estava organizada em função das duas turmas, ou seja, de um lado da sala encontravam-se os alunos de 3º ano e do lado oposto os alunos do 4º ano. Para ambas as turmas, as mesas estavam dispostas em várias filas. Para além destas características, a sala tinha três quadros de giz, dois computadores (um do professor e outro da sala), um quadro interativo e pequenos armários para a arrumação dos manuais, cadernos diários e materiais dos alunos e do professor. Na sala, era possível observar, vários trabalhos expostos e realizados pelos alunos relacionados com o tema do Sistema Solar e o Ciclo da Água.

Ao consultar o plano de turma (PT) verificou-se que o próprio era constituído pela caracterização da turma e fazia menção à distribuição dos tempos letivos por área, ao

atendimento aos encarregados de educação e aos dados dos alunos e respetiva família. O documento integrava ainda o horário da turma, os professores da mesma, a indicação dos alunos que frequentam as AEC e os alunos com planos de acompanhamento e dificuldades diagnosticadas.

A turma de 3.º e 4.º anos não apresentava nenhum tema de projeto aglutinador, no entanto através da consulta do Plano de Turma (PT), o professor titular de turma definiu algumas estratégias educativas globais: identificação, utilização e valorização dos conhecimentos/aprendizagens dos alunos; estimulação da partilha de ideias, de debates e da colaboração entre alunos; diversificação de metodologias, estratégias, atividades, materiais e formas de avaliação; atividades de desenvolvimento e de reforço da comunicação escrita; criação de momentos de escrita lúdica; criação de momentos de pesquisa de informação (com e sem orientação); resolução de situações problemáticas por fases (compreensão, construção de estratégias, execução da estratégia escolhida e revisão da solução); utilização de materiais centrados nas novas tecnologias (escola virtual, vídeos, jogos); elaboração de resumos e de registos estruturados; utilização de fichas autocorretivas, de fichas de trabalho, de revisão e de consolidação e trabalho individualizado a partir das dificuldades detetadas nos alunos.

A turma participava em vários projetos, tendo como principal destaque o projeto Erasmus denominado “*No place for hate*” que estava a ser desenvolvido durante o ano letivo. O projeto tinha como principais objetivos: conhecer diferentes culturas; sensibilizar para a diferença e prevenir a discriminação.

A turma era composta por alunos de dois níveis de escolaridade: 3.º e 4.º anos, com um total de 18 alunos. O seguinte quadro (Quadro 4) apresenta a caracterização da mesma:

Quadro 4

Caracterização da turma de 3.º e 4.º anos do 1.º CEB.

	3.º ano	4.º ano
Número de alunos	7	11
Idades	8 - 11 anos	9 – 11 anos
Género	2 raparigas e 5 rapazes	7 raparigas e 4 rapazes
Alunos com Necessidades Educativas Especiais	2	4
Alunos com nacionalidade estrangeira	1 (Brasil)	1 (India)

A turma apresentava uma diversidade cultural, expressa pela presença de alunos de nacionalidade estrangeira e de etnia cigana. Os alunos que apresentavam necessidades educativas especiais (NEE) tinham algumas dificuldades ao nível

cognitivo, comportamental, da motricidade e da linguagem. Para superar estas dificuldades, estes alunos eram acompanhados, durante a semana, por uma docente de Educação Especial.

A observação e intervenção realizada ao longo do período de estágio permitiram caracterizar a turma e identificar alguns pontos fortes e dificuldades. Na generalidade, o grupo de alunos era assíduo e pontual às aulas, estabelecia boas relações interpessoais (quer com os pares, quer com os adultos) e apresentava motivação e interesse pelas atividades e aprendizagens escolares. Para além disso, era um grupo educado e respeitador das boas regras e normas de convivência em sociedade, proporcionando um bom clima de aprendizagem. O grupo era também bastante curioso, lançando muitas vezes questões pertinentes. Ambas as turmas eram bastante autónomas na realização dos trabalhos. Devido à heterogeneidade da turma, o grupo de alunos apresentava diferentes níveis de ritmos de trabalho. As duas turmas apresentavam algumas dificuldades ao nível da escrita (na correção ortográfica, na produção e interpretação de textos e no encadeamento de ideias) e do raciocínio matemático (cálculo e raciocínio). Um aluno apenas falava inglês e, por isso, era acompanhado por uma professora de apoio que lhe apoiava na disciplina de Português e um outro aluno ainda se encontrava ao nível do Pré-escolar (iniciação à escrita – grafismos). Para colmatar algumas das dificuldades na disciplina de Matemática, 3 alunos do 3.º ano e 3 alunos do 4.º ano beneficiavam do apoio de docentes do Ninho da Matemática.

Planeamento e operacionalização da atividade educativa

O projeto de estágio desenvolvido na sala de 3.º e 4.º anos teve como principal objetivo criar momentos de produção escrita de diversas tipologias textuais, partindo de histórias infantis, imagens, vídeos, situações do dia a dia, entre outras, interligando atividades das diferentes áreas (Matemática, Português, Estudo do Meio e Expressões), com vista a responder aos objetivos de trabalho do professor cooperante e superar as dificuldades identificadas neste grupo de alunos. Através das observações diárias à turma, das suas principais características e dos desejos do professor cooperante, surgiu o projeto denominado *A promoção da escrita e a sua importância*. As necessidades apresentadas pelos alunos, nomeadamente, a falta de coerência e coesão de um texto e a produção de frases com erros ortográficos foram também razões que levaram o par de estágio a desenvolver o projeto em questão.

A atividade escrita é um processo desenvolvido durante uma grande parte do tempo nas salas de aula e através da qual a maioria dos alunos é avaliada. Com base no contexto educativo observado e dos diferentes ritmos de aprendizagem da turma, o

principal foco de desenvolvimento do projeto prendeu-se com este processo de aprendizagem (atividade escrita), principalmente com a superação de dificuldades do grupo ao nível da produção de textos escritos de diferentes tipologias, da correção ortográfica de palavras ou expressões e da utilização e aprendizagem de novo léxico. Segundo Azevedo e Teixeira (2011), o uso correto da linguagem escrita é importante para o sucesso escolar do aluno nas diversas disciplinas existentes no currículo.

Com este projeto, o par de estágio pretendeu avaliar não só o produto escrito do aluno, mas todos os processos envolvidos na escrita (planificação, redação e a revisão). Importa ir para além da redação de um texto sobre um determinado tema, ou seja, é fundamental mobilizar conhecimentos sobre a organização do texto, a construção frásica, sobre a dimensão pragmática e semântica (Pereira et al., 2013). O trabalho de produção escrita (acompanhado pelas estagiárias) deve ser uma atividade presente em todas as aulas como, por exemplo, na elaboração de textos, notas, listas, tópicos, entre outros. Desta forma, pressupõe-se que a atividade de escrita também dependa muito da forma como o professor ensina, do tempo gasto e das estratégias utilizadas (Azevedo & Teixeira, 2011).

Importa dizer que este projeto não se centrou apenas na aquisição de conhecimentos referentes à disciplina de Língua Portuguesa. Na maioria das disciplinas do currículo houve a necessidade de produção escrita e todas elas podem convergir de atividades de Língua Portuguesa. A escrita não serve exclusivamente para escrever diferentes textos, mas também para acedermos ao saber, para nos exprimirmos, transmitirmos informações e nos aproximarmos dos autores da literatura (Pereira et al., 2013).

Neste sentido, as atividades realizadas durante o estágio exclusivamente para o 3º ano foram: jogo dos pares sobre as frações decimais; utilização do jarro para trabalhar as medidas de capacidade, com acompanhamento de registos escritos; visualização de vídeos para introduzir temas novos e jogo da Área e Perímetro. As atividades realizadas durante o estágio exclusivamente para o 4º ano foram: pesagem na balança e registo escrito; conversões do peso e concretização de um diagrama de caule e folhas conforme as pesagens. Em conjunto, foram realizadas as seguintes atividades: bingo da gramática; prenda do dia da mãe (postal com poema escrito e coração bordado e jarro com registos escritos dos alunos sobre a figura materna), produção de um texto narrativo através de um cubo de imagens; experiência das chuvas ácidas; produção de um texto informativo sobre a experiência das chuvas ácidas; medição do perímetro e da área do café e do parque infantil; construção de um relógio para a resolução de problemas sobre o tema Tempo; jogo da batata quente (Educação Física); jogo do mata (Educação Física) e produção escrita no tablet.

Uma das atividades implementadas denominou-se “Redação de um texto informativo sobre a experiência das chuvas ácidas” (Anexo XVIII). A atividade, principalmente centrada na área do Português, mas articulada com conteúdos aprendidos em Estudo do Meio, pretendeu trabalhar aspetos relacionados com a escrita e oralidade. Iniciou-se com um diálogo entre a estagiária e os alunos sobre a experiência realizada no dia anterior, com base nas fotografias tiradas. Ao longo desse diálogo, a estagiária realizou algumas perguntas orientadoras para a concretização do texto sobre a experiência e o tipo de texto (por exemplo: “O que fizemos ontem à tarde?”, “Que materiais utilizamos?”, “Como é que utilizamos esses materiais?”, “O que é a chuva ácida?”, “Que tipo de texto vão escrever?”, “O que é que um texto informativo deve conter?”, “Porque se chama informativo?”). Os alunos iniciaram a atividade ao colocarem na primeira parte da folha as principais ideias para posteriormente construírem o texto. No final da elaboração dos textos, alguns alunos leram em voz alta o texto produzido. Esta atividade teve como principais objetivos: planificar a escrita de textos (registar ideias relacionadas com o tema, organizando-as e hierarquizando-as); redigir corretamente (utilizando uma caligrafia legível e respeitando as regras de ortografia e de pontuação); escrever textos expositivos/informativos (com uma introdução ao tópico, o desenvolvimento deste, com a informação agrupada em parágrafos e uma conclusão); rever textos escritos e produzir um discurso oral com correção e verificar o que os alunos entenderam por chuvas ácidas e como se produzem.

Os alunos mostraram um trabalho autónomo durante a realização da produção textual. Manifestaram, muitas vezes, a sua vontade de realizar o texto em grupo, pois a atividade de produção textual anterior tinha sido feita em grupos. No entanto, para averiguar os conhecimentos de cada um, a produção individual revelou-se mais vantajosa. Poucos foram os alunos que sentiram dificuldades nesta atividade, pois estavam a escrever sobre algo que tinham feito (experiência das chuvas ácidas). Para avaliar esta atividade, para além das produções textuais, foi construída uma grelha de avaliação da produção escrita (Anexo XX). No final das produções textuais, alguns alunos apresentaram os seus textos. Este momento foi bastante importante pois permitiu aos alunos treinar a dicção e a falar para um público, para além de permitir corrigir eventuais incorreções científicas sobre o fenómeno das chuvas ácidas. Este exercício era pouco realizado na sala de aula e, por isso, alguns alunos sentiram-se menos à-vontade. Segundo Sousa (2012), a linguagem permite ao ser humano transmitir diversas mensagens, assim como receber e transformar as mensagens e ações. Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) mencionam que as crianças se tornam

comunicadores fluentes e competentes através da interação verbal, ou seja, é com a comunicação verbal que as crianças adquirem e desenvolvem a linguagem.

A atividade denominada “Medição da área e perímetro do parque e café El Galego” (Anexo XVIII), esteve principalmente centrada na área da Matemática (Medida) mas também foi articulada com conteúdos aprendidos do Estudo do Meio (Regras de segurança). Iniciou-se com um questionamento sobre os materiais necessários para se fazer a atividade (fita métrica, metro articulado, cordel e folhas de registo). Antes da saída, a estagiária procedeu à explicação do preenchimento da folha de registo (Anexo XXI) e o que é que cada grupo deveria medir (perímetro e área do parque e do café El Galego). No parque, os alunos deveriam medir a zona onde se encontravam os equipamentos (escorrega, etc..) com o piso de borracha e outra zona onde se encontrava o piso com pedras (onde se encontra a aranha). No café deveriam medir a zona do café, sem a esplanada. Após essa explicação, a estagiária também explicou que os grupos iriam todos medir as diferentes áreas pela mesma ordem (para que a estagiária conseguisse acompanhar todos os grupos) e que deveriam definir o papel de cada um no grupo. Para além destes aspetos, foi referido que durante a deslocação até ao parque era importante assegurar a segurança de todos e, para tal, deveriam respeitar as regras de segurança, assim como, os sinais de trânsito. Ao chegarem ao local, os grupos completaram a folha de registo conforme as suas observações e medições. Esta atividade teve como principal objetivo: medir comprimentos e áreas (medir distâncias e comprimentos utilizando as unidades do sistema métrico; reconhecer que figuras com a mesma área podem ter perímetros diferentes; reconhecer o metro quadrado como a área de um quadrado com um metro de lado).

Para se avaliar esta atividade foram utilizados os seguintes instrumentos de avaliação: observação direta, registos fotográficos documentados (Anexo XIX), registos escritos (diário de bordo) e a folha dos registos escritos. Esta atividade foi uma atividade bastante apreciada pelos alunos, pois foi realizada no exterior. As crianças manifestaram o seu agrado relativamente a atividades realizadas fora da sala de aula ao longo de toda a duração da atividade. No final da mesma, concluiu-se que os materiais utilizados não foram os mais indicados, pois os alunos sentiram dificuldade em manusear os mesmos. De todos os materiais usados (fitas métricas, metro articulado e cordel), apenas a fita métrica revelou-se o material mais apropriado, visto que os alunos conseguiam esticar a fita e visualizar os números. Apesar das dificuldades, os alunos conseguiram cumprir o que foi pedido (as medidas do retângulo e quadrado para calcular a área e o perímetro). Para os alunos, esta foi uma atividade que ganhou mais significado, pois para além de alguns terem pronunciado que foi realizada num

espaço bastante apreciado: o exterior, puderam medir algo real: o parque e o café, sítios frequentados por esses mesmos alunos.

Avaliação do projeto

Reunidos todos os documentos orientadores e a partir do *feedback* dos professores cooperante e supervisora foi concretizado o projeto de estágio *A promoção da escrita e a sua importância* que teve como ponto de partida as principais dificuldades e necessidades da turma de 3º e 4º anos.

A avaliação formativa realizada ao longo do estágio permitiu obter informações sobre o desenvolvimento das aprendizagens das crianças, para que o par conseguisse ajustar os processos e estratégias às suas necessidades (Decreto-Lei n.º 17/2016). A utilização dos instrumentos de avaliação (observação direta, grelhas de avaliação, registo fotográfico documentado e o diário de bordo) permitiram ao par compreender se os objetivos delineados foram ou não atingidos. Nesta fase de avaliação de todo o percurso, o par privilegiou as opiniões dos alunos de todas as atividades e aprendizagens realizadas, tendo estas sido essencialmente positivas. Este *feedback* era dado numa pontuação de 0 a 10. Para além de refletir a opinião do aluno, permitiu a todos os elementos da turma refletirem sobre as atividades realizadas, como também foi uma forma de o par poder avaliar as suas próprias intervenções/ações ao longo das semanas. O professor também apresenta uma missão de escutar, ou seja, saber ouvir o que o aluno pensa porque ele também nos pode ensinar alguma coisa (Rego, 2014).

Os diversos pontos de partida (exemplo: vídeo, cubo de imagens, experiência) para a realização das atividades permitiram um maior envolvimento, empenho e motivação dos alunos. Segundo Rufini, Bzuneck e Oliveira (2011) (citado por Maieski, Oliveira, & Bzuneck, 2013), o papel e ação do professor é de extrema importância para a motivação e empenho dos seus alunos, ou seja, despertar para o senso de competência e de autonomia são aspetos que o professor deve ter em conta para motivar o aluno a aprender. Foi essencial o exercício de reflexão prévia para reunir um conjunto de atividades interessantes e que envolvessem todos os alunos. Prova disso, foi o entusiasmo que a turma transmitia ao par ao longo das atividades. Durante o período de estágio verificou-se a superação de algumas das dificuldades da turma identificadas inicialmente, ao nível da escrita, nomeadamente, escrita de palavras sem erros ortográficos e o planeamento de textos.

1.4. Percurso investigativo

Ao longo dos estágios nos contextos Creche, Pré-escolar e 1.º CEB experienciou-se vários momentos de questionamento sobre a utilização do espaço

exterior. Neste âmbito, surgiram dúvidas que proporcionaram uma reflexão mais sistemática e crítica sobre a utilização e as características do espaço exterior em contexto educativo. Este questionamento surgiu da constatação de que em contexto creche, as crianças demonstravam imenso entusiasmo relativamente às janelas da sala, que ofereciam vista para o exterior - um espaço pouco utilizado. Em contexto Pré-escolar, apenas era permitido às crianças brincar numa certa área do recreio, visto que tinham de partilhar o espaço exterior com os alunos do 1.º CEB. Para além disto, as crianças não podiam utilizar o espaço exterior quando as condições meteorológicas não eram as mais favoráveis, ou seja, quando estava vento ou chuva; não podiam utilizar o parque da escola, pois a caixa de areia continha dejetos de animais; o jardim tinha poucos recursos para dinamizar a brincadeira; não existia um espaço que estimulasse sensorialmente as crianças (canteiros com flores, areia ou relva, entre outros). No 1.º CEB, o espaço exterior apenas era utilizado pelas crianças nos intervalos.

Assim, sucedeu-se o questionamento acerca da importância do espaço exterior, bem como dos recursos e oportunidades de aprendizagens significativas que o mesmo pode oferecer. Partindo do possível potencial que o exterior poderá ter, decidiu-se aprofundar este tema, com o intuito de tentar perceber qual será a relevância e a importância deste nas brincadeiras, aprendizagens e desenvolvimento das crianças, de forma a poder potenciar melhores aprendizagens nas crianças aliadas a uma maior motivação e interesse pelas atividades. Bento e Portugal (2016) referem que é importante que os profissionais e as instituições reconheçam o espaço exterior como um contexto pedagógico que exige uma atitude de profundo respeito, reconhecimento e compreensão das capacidades e interesses das crianças (criança ativa e competente). Assim, a envolvimento do adulto no espaço exterior e o apoio e entusiasmo demonstrados influenciam o bem-estar e implicação da criança no espaço exterior, sobrepondo-se às características das estruturas físicas presentes (Bento & Portugal, 2016).

Neste sentido, iniciou-se o processo com uma revisão da literatura face a esta temática, para orientar a investigação o melhor possível. Na parte II, do presente relatório, encontra-se descrita a investigação realizada ao longo da PES nos diferentes contextos.

Parte II – Investigação

2.1. Contextualização do estudo

A componente de investigação apresentada nesta secção do relatório teve origem na Prática de Ensino Supervisionada, realizada nos diversos contextos de intervenção, associada à reflexão e ao surgimento de questões e dúvidas para as quais

se procuraram encontrar respostas. É sabido que as crianças, por norma, apreciam o ar livre por todas as suas características e oportunidades de brincadeira e de exploração que este disponibiliza (Antunes, 2015). Neste sentido, não existem dúvidas quanto às preferências das crianças entre brincar no espaço interior ou no espaço exterior (Cunha, 2017). O espaço exterior é o local de eleição para elas (Santos, 2017), pois podem ter a liberdade que não têm dentro das quatro paredes (Cunha, 2017). Este almejar relativamente ao espaço exterior foi também verificado desde o primeiro momento, em Creche, tendo-se constatado como era um espaço desejado e procurado pelas crianças. Nos contextos seguintes, em Jardim de Infância e 1.º CEB, os sentimentos despertados e os interesses pelo “exterior” continuavam presentes nas crianças. Desta forma, o exercício investigativo assumiu um formato de um estudo de caso múltiplos e exploratório, de natureza qualitativa, ao longo dos quatro contextos de estágio, tendo como principais protagonistas as crianças e os profissionais de educação.

Considerando que o espaço exterior oferece diversos recursos e oportunidades de aprendizagem para as crianças, foram formuladas as questões orientadoras que se seguem:

- a) De que forma se organizam os espaços exteriores de instituições do Pré-escolar e do 1.º CEB?
- b) Qual a importância dada pelos educadores/professores relativamente às atividades no exterior?
- c) Qual a relevância dada pelas crianças relativamente ao espaço exterior?
- d) Qual a intervenção dos docentes nas atividades do espaço exterior?
- e) Que estratégias são utilizadas pelos docentes para promover as aprendizagens/desenvolvimento das crianças no espaço exterior?

As questões orientadoras enunciadas anteriormente permitiram definir os seguintes objetivos para o presente estudo: a) conhecer a importância atribuída pelos educadores/professores à realização de atividades nos espaços exteriores; b) conhecer a importância atribuída pelas crianças ao espaço exterior; c) identificar o papel dos educadores/professores no apoio às atividades desenvolvidas pelas crianças no espaço exterior; d) identificar as estratégias que são utilizadas pelos educadores/professores para promover as aprendizagens/desenvolvimento das crianças no espaço exterior; e e) compreender como se organizam os espaços exteriores de instituições escolares.

Como futura educadora e professora compreender a importância que o espaço exterior tem para o desenvolvimento das crianças revela-se fundamental para, numa futura prática, poder promover aprendizagens significativas e proporcionar diferentes e diversas experiências às crianças envolvendo esse mesmo espaço. Desta forma,

perspetiva-se que o seu contributo para profissionais desta área, se possa centrar na possibilidade de perspetivar melhor o contato das crianças com o espaço exterior.

Esta secção do relatório é constituída por um enquadramento teórico sobre o tema em questão, os aspetos metodológicos, onde constam as opções metodológicas, os participantes, a recolha e análise de dados, a apresentação dos resultados e ainda as considerações finais relativas ao estudo.

2.2. Enquadramento Teórico

2.2.1. O espaço exterior e o currículo da Educação Pré-escolar e do 1.º CEB

O currículo, que permite a existência da escola, corresponde à necessidade social de transmitir determinados saberes regularmente a um grupo de alunos que a sociedade considera que precisam para sobreviver (Roldão, 2013). Também se constitui enquanto plano estratégico e de atuação ao nível das experiências realizadas na escola (Pacheco, 2001). Cabe às escolas proporcionar as aprendizagens necessárias ao desenvolvimento de cada criança e adequar o ensino a cada realidade. Para tal, teve um papel fundamental, a reorganização curricular com o Decreto Lei n.º 6/2001, através da qual as escolas “têm vindo a construir processos de gestão curricular no quadro de uma flexibilidade” (p. 258), que visam responder às necessidades dos alunos e dos contextos de intervenção. Este documento legal procurou dotar as escolas de uma maior capacidade de decisão a nível do currículo. Neste âmbito, e em consonância com a legislação atual, que estabelece os princípios orientadores da conceção, operacionalização e avaliação das aprendizagens para os alunos adquirirem os conhecimentos e desenvolverem as capacidades e atitudes necessárias para alcançar as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Decreto Lei n.º 55/2018), são oferecidas oportunidades de gestão flexível do currículo que possibilitam a abordagem a práticas pedagógicas que envolvam o espaço exterior. O atual quadro legal reforça o papel dos profissionais de educação enquanto principais agentes para desenvolver o currículo, evidenciando-o como agente fulcral nas tomadas de decisão, exequibilidades e adequação das práticas à comunidade educativa em que se insere e atua.

A nível internacional, um exemplo de valorização do espaço exterior ocorre no currículo escocês. O governo apostou num novo currículo escolar assente em aprendizagens ao ar livre, considerando tratar-se de um contexto que, através de atividades diferentes e relevantes, proporciona a motivação e a emoção necessárias às aprendizagens desde o Pré-escolar até ao Ensino Superior (Learning and Teaching Scotland, 2010). Na Noruega, também o espaço exterior está presente no currículo (Framework Plan for the Content and Tasks of Kindergartens, 2006). Neste país, as

condições meteorológicas são muitas vezes adversas, no entanto, o brincar no exterior é considerado importante para as crianças. Em Inglaterra, o documento *Statutory Framework for the Early Years Foundation Stage* (Department of Education, 2012) aconselha a utilização diária dos espaços exteriores. *Learning Outside the Classroom Manifesto* (Department for Education and Skills, 2006) defende apostar na promoção de aprendizagens que ocorreram em ambientes diversificados, envolvendo a comunidade, os pais e outros profissionais. Países como a Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte também defendem a necessidade de as crianças experienciarem os espaços exteriores no âmbito da educação formal.

Em Portugal, também se reconhece e valoriza o contacto com os espaços exteriores. A Educação Pré-escolar, enquanto primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro) constitui uma etapa essencial no desenvolvimento das crianças. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Silva et al., 2016), o espaço exterior integra um espaço educativo merecedor da mesma atenção que o espaço interior. As atividades realizadas no interior também podem ser executadas no espaço exterior, pois possuem características e potencialidades que permitem a aquisição de diversas aprendizagens nas crianças. Neste documento orientador são reconhecidas diversas potencialidades inerentes ao espaço exterior:

(...) um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc.) que, por sua vez, podem ser trazidos para a sala e ser objeto de outras explorações e utilizações. (p.27)

Neste espaço é, ainda possível, o adulto desenvolver com as crianças atividades físicas como correr, saltar, trepar, jogar à bola, fazer diferentes tipos de jogos de regras (Silva et al., 2016).

Na Educação Pré-escolar, a área de Expressão e Comunicação, designadamente o domínio da Educação Física é um contexto propício à exploração do espaço exterior. Também o domínio da Educação Artística pode ser explorado no espaço exterior dos Jardins de Infância através de atividades de Educação Artística que envolvam a recolha de elementos naturais (Silva et al., 2016). No domínio da Matemática, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar sugerem que o educador deve tirar proveito do espaço exterior para desenvolver o pensamento espacial: pontos de reconhecimento de locais; observar o que pode e não pode ser visto de uma determinada posição; representar percursos; leitura e construção de mapas e plantas, entre outros (Silva et al., 2016).

Relativamente à área do Conhecimento do Mundo, na componente de “Abordagem às Ciências”, o espaço exterior é valorizado quando é reconhecida a importância do contacto com o mundo natural:

O contacto com seres vivos e outros elementos da natureza e a sua observação são normalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidades para refletir, compreender e conhecer as suas características, as suas transformações e as razões por que acontecem. Este conhecimento poderá promover o desenvolvimento de uma consciencialização para a importância do papel de cada um na preservação do ambiente e dos recursos naturais. (Silva et al., 2016, p.90)

Neste sentido, o recurso a material reutilizável e natural (como pedras, folhas, sementes, paus, etc.) pode proporcionar inúmeras aprendizagens e incentivar a criatividade, contribuindo ainda para a uma consciência ecológica e de preservação do ambiente (Silva et al., 2016). Para além do contacto com o mundo natural, reconhece-se ser importante que as crianças conheçam e contactem com a paisagem local para desenvolverem atitudes de pertença com o sítio onde vivem, adquirindo uma maior responsabilidade para proteger os valores locais e uma consciencialização das consequências do ser humano no território (Silva et al., 2016).

Os Programas do 1.º CEB (Estudo do Meio e Expressões Artísticas e Físico-Motora) também preconizam referências ao espaço exterior. Os princípios orientadores do Programa de Estudo do Meio referem que é através do contacto direto com o meio envolvente, da execução de pequenas investigações e experiências e do proveito da informação provinda de meios mais longínquos, que os alunos constroem, progressivamente, os seus conhecimentos. Para além deste aspeto, o confronto com os problemas concretos da comunidade e com as diversas opiniões, permite aos alunos construir a sua noção de responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que se inserem (Ministério da Educação, 1997).

No Programa de Expressão Físico-Motora é desejável que os alunos realizem percursos na natureza que permitam a combinação de várias habilidades (correr, marchar em espaço limitado, transpor obstáculos, trepar, etc.) interpretando sinais de orientação e respeitando as regras de segurança e preservação do ambiente (Ministério da Educação, 1997).

No Programa de Educação e Expressão Artística, os princípios orientadores aludem que o contacto com a natureza, o conhecimento da região, as visitas a exposições e a artesãos locais constituem-se como momentos de enriquecimento e permitem desenvolver a sua sensibilidade. É também desejável que as crianças desenhem no chão do recreio (Ministério da Educação, 1997).

2.2.2. Características do espaço exterior em contexto educativo

De acordo com a confrontação de várias leituras, o conceito de espaço exterior tem ganho vários significados (Cruz, 2013), como por exemplo, enquanto local fora da instituição. *Learning and teaching Scotland* (2010) refere que as aprendizagens nos espaços exteriores se realizam em vários ambientes, ou seja, tanto no espaço da escola, como nas áreas históricas, nos parques locais, nas aldeias ou nas cidades. Ganhão (2017) também defende esta ideia, mencionando que há mais para além do recreio das instituições, ou seja, as saídas ao meio próximo são relevantes. Estas saídas contribuem para a construção de novos conhecimentos, conhecer novos lugares, aprender ao ar livre, vivenciar outras experiências e explorar coisas diferentes que não existem numa instituição (Ganhão, 2017; *Learning and teaching Scotland*, 2010).

O conceito de espaço exterior enquanto tempo corresponde ao intervalo entre as atividades letivas, sendo que se trata de um momento de pausa limitada, em que as crianças brincam livremente, sendo o mesmo aproveitado para os educadores/professores usufruírem igualmente de uma breve interrupção na sua atividade docente (Cruz, 2013). O conceito de espaço exterior enquanto espaço refere-se ao local para onde as crianças se dirigem nos intervalos entre as atividades curriculares ou permanecem após as aulas, desenvolvendo diversas atividades livremente. Também inclui o local a que os professores podem recorrer para desenvolver um leque de atividades formais entre as quais se destacam as de âmbito da expressão físico-motora, sendo as mais comuns (Cruz, 2013).

O espaço exterior de um contexto educativo apresenta-se como a continuidade do espaço interior (Alves, 2012), visto que, como as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar mencionam "(...) é igualmente um espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a" (Silva et al., 2016, p. 27). Este é um local de preferência das crianças para brincarem, pois é um lugar de liberdade para elas (Duarte, 2015). Apresenta ainda diversas potencialidades, sendo privilegiado no que concerne aos recursos naturais e às atividades da iniciativa das crianças (Silva et al., 2016) e, por isso, é gerador de múltiplas aprendizagens (Alves, 2012).

O artigo 3 do Decreto-Lei n.º 379/97 define os espaços exteriores como uma "área destinada à actividade lúdica das crianças, delimitada física ou funcionalmente, em que a actividade motora assume especial relevância" (p. 6804). Bilton (2010) descreve como um espaço exterior deve parecer:

(...) quando tu descreves isso como um jardim tens uma imagem de beleza, cheiros diversos, ar fresco, relaxar ou trabalhar na horta. Se eu olhar para uma

boa área ao ar livre, eu vejo as crianças envolvidas no que estão a fazer, confiantes em perseguir os seus interesses, interessadas em fazer mais do que estão a fazer, alheios aos adultos até que precisem de um (...). (p.32)

Para Post e Hohmann (2011), o espaço exterior é um local imensamente rico em experiências e vivências, cheio de oportunidades de exploração para as crianças e permite diversas experiências sensoriomotoras. Neste sentido, Lino (2013) e Alves (2012) referem que o espaço exterior deve ser pensado, refletido e organizado com cuidado para continuar as atividades que se realizam.

Assim, a definição de espaço exterior assumida neste trabalho inclui as ideias de todos os autores mencionados acima, ou seja, o espaço exterior integra todos os espaços que vão para além das quatro paredes. Isto significa que compreende o recreio da instituição, os espaços naturais, os locais do meio próximo com os quais podem contactar com a realização de visitas de estudo.

Os estabelecimentos devem responder a requisitos técnicos para a instalação e funcionamento dos espaços exteriores. Um dos requisitos presente no Despacho Conjunto n.º 268/97 de 25 de Agosto, remete para o espaço exterior do Jardim de Infância que deve ser estruturado para oferecer ambientes diversificados que viabilizem a concretização de atividades lúdicas e educativas, devendo integrar espaços de jogo ao ar livre. Os estabelecimentos construídos de raiz devem apresentar uma área coberta, um ponto de água e uma pequena arrecadação (para armazenar material de exterior, de jardinagem, lenha, etc.). Para além destas características, é essencial que o espaço exterior assegure todas as condições de segurança, ou seja, estar delimitado de forma não agressiva (por exemplo: com vedação ou sebe natural). É desejável que se encontre localizado junto ou em volta do edifício, para que permita o fácil acesso às salas, assim como, a sua dimensão ser não inferior ao dobro da área das salas de aula, incluindo o espaço de zona coberta (Despacho Conjunto n.º 268/97 de 25 de Agosto).

Assim, o espaço ao ar livre deve apresentar determinadas características específicas, diferentes das do espaço interior, que contribuam para o desenvolvimento e bem-estar de qualquer criança (Sá, 2016). Neste sentido, *Norfolk County Council* (2009) afirma que a aprendizagem ao ar livre tornar-se-á mais significativa quando complementada com o que é realizado no espaço interior. A existência de um espaço com uma dimensão satisfatória para que as crianças possam estar livremente, a delimitação de áreas e uma diversidade de materiais e equipamentos são alguns aspetos fundamentais a ter em atenção relativamente aos espaços exteriores dos locais educativos (Sá, 2016). Na construção e apetrechamento destes espaços é fundamental ter em conta os interesses e necessidades das crianças, ouvindo sempre a sua voz, pois são elas os principais utilizadores dos espaços (Azevedo, 2014).

A natureza oferece diversos recursos que podem ser utilizados pelas crianças de forma imaginativa, adequando-os aos seus jogos e brincadeiras (Norfolk County Council, 2009). Para além disso, esses materiais podem ser adaptados conforme as necessidades das crianças, tornando-se mais eficazes no seu desenvolvimento (Albuquerque, 2007; Norfolk County Council, 2009). Fjørtoft (2004) aponta algumas características mais apreciadas pelas crianças nos espaços exteriores, entre os quais, as cores da natureza, as árvores, os bosques, as áreas sombreadas, os locais de construção e escalada e os prados. Isto significa que as crianças apreciam os locais amplos que as desafiem a explorar e experimentar. Autores como Espadilha (2017) e Sá (2016) defendem que os espaços exteriores serão melhores e mais interessantes e ricos tendo em conta os recursos que os mesmos disponibilizam. Neste sentido, as principais opções deverão ser materiais naturais (como por exemplo, árvores, água, folhas, flores, paus, terra), estruturas fixas que possibilitam às crianças realizarem aptidões (escorregar, trepar, baloiçar, saltar) e outros objetos interessantes para a exploração e descoberta.

Norfolk County Council (2009) também indica alguns exemplos de materiais fundamentais nos espaços exteriores, como por exemplo, diferentes tamanhos e formas de paus e formas de madeira; alguns blocos, caixas e pneus; materiais naturais como areia, água, folhas, pedras, cascas, terra, lama, argila, rocha, conchas e sementes; algumas cordas de diferentes tamanhos e comprimentos e molas de roupa; tecido colorido, texturizado e de tamanhos diferentes; cestos, sacos, baldes, regadores e recipientes; tubos de diferentes formas e comprimentos; materiais de escrita e pintura como o giz, o carvão, as canetas, o lápis, os pincéis com água, as tintas, papel de grandes dimensões ou tecido; ferramentas para escavar, plantar e cuidar de plantas; ferramentas e bancadas para possíveis brincadeiras dramáticas como a confeção. Neste sentido, não é estritamente necessário a aquisição de equipamentos caros, pois a natureza fornece inúmeros materiais de qualidade que permitem dar asas à imaginação e criatividade das crianças, admitindo experiências e aprendizagens significativas (Carvalho, 2011; Norfolk County Council, 2009).

Cada espaço exterior revela-se único, no entanto existem alguns aspetos fundamentais a ter em conta. *Norfolk County Council* (2009) refere que os espaços devem conter zonas de:

1. Acesso e segurança (o uso mais eficaz do exterior ocorre quando as crianças podem se movimentar livremente entre os ambientes interno e externo, consolidando o aprendizado em diferentes contextos. Entradas seguras, saídas e limites são vitais para permitir às crianças a oportunidade de explorar livremente ao ar livre);

2. Abrigo e sombra (é importante a existência de áreas com abrigo e sombra para os dias mais quentes e os dias chuvosos);

3. Vestuário apropriado (roupa impermeável, luvas e galochas para os dias de chuva e chapéus de abas largas e proteção nos dias de sol. Não ter a roupa apropriada às condições meteorológicas pode ser uma limitação nas saídas ao “exterior”);

4. Armazenamento apropriado (as roupas e o calçado devem ser armazenados perto do ponto de acesso ao exterior. Para além disso, deve haver um espaço para que se consigam vestir e calçar);

5. Variedade de superfícies (as diferentes superfícies duras e macias podem proporcionar a descoberta e a exploração – terra, erva, rocha, folhas, encostas, entre outras);

6. Os quatro elementos – terra, água, ar e fogo;

7. Espaços naturais (os variados espaços naturais – as árvores e bosques, as pastagens e os lagos – estimulam a curiosidade natural e o questionamento das crianças);

8. Espaços de crescimento (o ar livre oferece inúmeras oportunidades para as crianças experienciarem em primeira mão os processos de vida. Ao cultivarem as sementes, cuidarem e comerem as frutas e verduras torna-se uma experiência satisfatória que desenvolve a compreensão do mundo em que vivemos);

9. Espaços ativos (os espaços ao ar livre oferecem estilos de vida saudáveis e ativos às crianças, na medida em que lhes permite estarem ativas e em movimento – correr, pular, saltar, mudar de direção e velocidade, subir, rastejar, balançar, etc.);

10. Espaços reflexivos (estes espaços calmos incentivam as crianças a serem relaxadas e pensativas. Para além disso, também são importantes para o bem-estar e para desenvolver o sentimento de admiração e maravilha sobre o mundo – sentido estético);

11. Espaços criativos (o ar livre pode oferecer experiências multissensoriais, ou seja, experimentar e manipular sons e materiais em 2D e 3D que desperta a criatividade e imaginação das crianças);

12. Espaços sociais (num contexto exterior à sala de aula, as crianças tendem a ser mais comunicativas, pois podem discutir problemas, negociar turnos, explicar ideias, perguntar, aprender vocabulário específico e compartilhar pensamentos e sentimentos com adultos e colegas).

Com base em vários autores, Bilton (2010) também formou a sua ideia sobre as várias áreas que devem existir no exterior, considerando que este deve permitir promover o/a: jogo imaginativo; construção e jogo material; desenvolvimento da motricidade grossa; desenvolvimento motricidade fina; jardinagem/ horticultura;

descoberta ambiental e científica; desenvolvimento criativo (arte, desenho e música); e reflexão silenciosa. No entanto, a autora refere que qualquer área pode ser usada para qualquer experiência, como por exemplo, a criança ter um poço de areia e este poderia ser o foco de um jogo imaginativo, de construção ou de jardinagem.

No estudo realizado por Cruz (2013), os espaços de recreio observados ao longo da sua investigação caracterizaram-se por apresentar uma estruturação excessiva e uma divisão por áreas: desportivas com campos de futebol e/ou basquete; com equipamentos de parque infantil (baloiços, escorregas, estruturas para escalar ou trepar) e corredores, áreas de circulação desprovidas de qualquer atração para as crianças. Devido a esta estruturação, a autora menciona que as crianças ficam condicionadas nas atividades e brincadeiras que podem desenvolver, o que se torna limitativo relativamente à exploração da sua criatividade e imaginação. A segurança destes espaços era medianamente segura, devido à qualidade da supervisão e decorrente de algumas das suas características físicas, pois a pavimentação era em asfalto, cimento ou outros materiais semelhantes. A presença de escadas, rampas ou terrenos inclinados foram elementos de risco na maioria das escolas. Na sua análise, a autora reconhece que alguns dos espaços estavam bastante deteriorados devido às irregularidades no piso e à presença de equipamentos danificados a necessitarem de reparação.

2.2.3. Papel do educador e do professor no espaço exterior

O espaço exterior pode ser bastante rico em experiências, desde que o adulto, enquanto responsável pelo currículo, o reconheça como um lugar proporcionador de desenvolvimento e aprendizagem (Ganhão, 2017). Neste sentido, podem ser vários os papéis que o profissional da educação pode assumir. O adulto pode adotar uma postura de observador, pode participar na atividade (atividades informais), apoiando e enriquecendo as iniciativas e descobertas da criança ou pode ainda ter a iniciativa de situações educativas intencionalmente planeadas (Albuquerque, 2007; Ferreira, 2010; Santos, 2017).

Para Vale (2013), o profissional é um vigilante que não deixa de estar presente, "(...) estando lá a educadora, observando, participando, fruindo o tempo da infância cheio de vivacidade, imaginação e criatividade, assumindo uma vigilância "escondida" (p.12). Relativamente à postura de observador, Cunha (2017) refere que o adulto deve olhar para todas as oportunidades que o espaço exterior pode oferecer e possibilitá-las às crianças, sem se esquecer de observar e escutar aquilo que as crianças dizem, assim, como os seus interesses. É através da observação e da escuta, que o adulto conhece e aprende mais sobre cada criança.

Sá (2016) refere que o adulto também pode assumir uma postura de interação com as crianças nas suas brincadeiras, no sentido de observar as suas reações, expressões e interações, para que consiga propor novas situações que se relacionem com os interesses das crianças e contribuam para novas aprendizagens. A informação deve ser retida da observação realizada para planejar diferentes atividades que propiciem a exploração de todas as potencialidades dos espaços exteriores (Sá, 2016). Neste sentido, a forma como o espaço ao ar livre é pensado e organizado revela-se bastante importante (Sá, 2016). Quando as atividades são planeadas corretamente, com segurança e de forma a atender às necessidades das crianças, podem trazer inúmeros benefícios (Department for Education and Skills, 2006).

O adulto também tem um papel fundamental relativamente ao perigo e ao risco. No espaço exterior, as crianças mostram um maior interesse por atividades que envolvam riscos e perigos como, por exemplo, subir a uma árvore (Cruz, 2013). É importante que o adulto mantenha a criança em segurança durante as suas brincadeiras, sem que se torne controlador (Bilton, 2010). Neste sentido, deve-se proporcionar espaço e tempo para que as crianças desenvolvam as suas brincadeiras, garantindo situações de segurança que permitam alguma dose de risco (Bilton, 2010). Por vezes, os adultos evitam o espaço exterior devido às situações de risco e perigo que podem acontecer no mesmo (Amaral, 2017). Duarte (2015) afirma também que os profissionais da educação apresentam muitas vezes receios em que as crianças se possam magoar ou cair. Porém, estas quedas permitem que os alunos se desenvolvam e aprendam acerca dos riscos (Amaral, 2017). O adulto deve ter “sempre em conta uma boa vigilância, e o estabelecimento das condições fundamentais de segurança, mas não deixando que os receios em que as crianças se sujam, impeçam que as crianças brinquem no exterior” (Duarte, 2015, p. 26).

As situações de risco e perigo revelam-se importantes para que a criança desenvolva a sua noção de risco e aprenda a enfrentar e a superar as suas dificuldades (Cruz, 2013). Neste sentido, correr riscos enquanto brinca ao ar livre trará para a criança, a aquisição de competências como a autonomia, responsabilização, capacidade para tomar decisões, a resolução de problemas e a resolução de conflitos, ajudando, também, a promover a interação social (Cruz, 2013). Little e Wyver (2008) (citados por Cruz, 2013) referem que assumir riscos em algumas situações pode ser um atributo positivo associado à persistência perante as dificuldades e incertezas.

Assim, a forma como os adultos se comportam relativamente ao exterior afeta as crianças e as suas aprendizagens. Os adultos necessitam de se unir às brincadeiras das crianças, escutando-as e apoiando-as (Bilton, 2010). Ganhão (2017) menciona que, de uma forma geral, o espaço exterior em Portugal é pouco valorizado e utilizado pelos

profissionais de educação, pois tal situação se deve à forma de pensar da população e à formação dos educadores e professores. Sustenta esta ideia mencionando que são várias as razões para as crianças não utilizarem o espaço exterior: “atitudes negativas ou ambivalentes em relação ao brincar ao ar livre, roupa desadequada para estar na rua, espaços mal concebidos, critérios de construção e inspeção deficientes e práticas que evitam os riscos” (Duffy, 2013 citado por Ganhão, 2017, p.12). Ganhão (2017) refere ainda que durante as suas observações as idas ao exterior eram limitadas devido às condições meteorológicas. Duarte (2015) também menciona que as idas ao ar livre são condicionadas pelos estados do tempo. No entanto, as condições meteorológicas não deveriam ser um impeditivo à brincadeira no exterior (Ganhão, 2017), pois é importante que o adulto tenha em conta as potencialidades de todas as estações do ano devido às suas características (Duarte, 2015). Por exemplo, na primavera existem as flores, as andorinhas, o cantar dos passarinhos e no outono existem as folhas secas das árvores (Amaral, 2017).

2.2.4. Potencialidades do espaço exterior nas crianças

O espaço exterior é um local privilegiado para o desenvolvimento das crianças (Bento, 2015). A exploração do mesmo e o contacto com a natureza desperta nelas a delicadeza e a sensibilidade. Momentos como viver a natureza, estar imerso nela e sentir essa mesma experiência permitem estabelecer uma conexão entre a natureza e o ser humano, assim como torna os seres mais humanos (Pires, 2011).

O espaço ao ar livre proporciona oportunidades, experiências, sensações e desafios que não estão disponíveis no interior (White, 2011). Para além disso, admite comportamentos que no espaço interior seriam desapropriados como, por exemplo, correr, saltar e gritar (Cruz, 2013). O que o caracteriza permite desenvolver diferentes formas de aprender, interagir e comunicar. Neste sentido, torna-se importante valorizar e compreender as diferenças existentes entre estes dois espaços (Tovey, 2007). Tal como refere Sá (2016), o espaço exterior admite a continuação de situações de aprendizagem do espaço interior, pois ao “ar livre”, as crianças podem envolver-se de forma diferente e as aprendizagens também são díspares das realizadas no interior. Para Bento e Portugal (2016), o espaço exterior possui características específicas que dificilmente podem ser recriadas no interior, devido ao grau de imprevisibilidade, à dimensão do espaço, ao contato e à exposição a elementos naturais. Neste sentido, aprender fora da sala de aula permite-lhes contactar com o mundo natural e oferece-lhes experiências únicas, nomeadamente o contacto direto com as condições meteorológicas e com as estações do ano (Council for learning outside of classroom, 2009).

Vários autores (Albuquerque, 2007; Cruz, 2013; NAEYC, 1997; Thomas & Harding, 2011) reconhecem a importância que o espaço exterior tem no desenvolvimento das crianças. Neste sentido, a possibilidade de explorar o ar livre permite às crianças o:

- Desenvolvimento pessoal (como a autoestima, autocontrole);
- Desenvolvimento social, que resulta da interação com os outros (cooperação, desenvolvimento da linguagem, a percepção do outro);
- Desenvolvimento emocional/ afetivo (aceitação do outro, tolerância, gestão do stress, à gestão de conflitos);
- Desenvolvimento estético;
- Desenvolvimento físico (desenvolvimento de destrezas motoras);
- Desenvolvimento cognitivo (desenvolvimento da imaginação e criatividade, desenvolvimento do pensamento crítico).

Assim, a possibilidade de explorar o ar livre, de forma autónoma e espontânea, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências ao nível físico/motor, social, estético, cognitivo e emocional (Bento, 2015). Ao nível físico e motor, os espaços exteriores permitem a mobilização de competências de coordenação, equilíbrio e agilidade, ao oferecerem estímulos que impelem a criança a realizar movimentos amplos, rápidos e ruidosos (Bento, 2015). Também Fjørtoft (2001) defende que a brincadeira em espaços exteriores possibilita que as competências motoras sejam expandidas, assim como a construção de brincadeiras de diferentes naturezas, como por exemplo, as brincadeiras sociais, dramáticas, construtivas, entre outras. Nessas brincadeiras, para além da motricidade global, também as competências relacionadas com a motricidade fina estão presentes, pois o manipular de materiais naturais com texturas, tamanhos e pesos diferentes permitem treinar a coordenação mão-olho que, mais tarde, irão revelar-se importantes na aquisição da leitura e da escrita – desenvolvimento cognitivo (Bilton, 2010).

O estudo de Santos (2017) mostra que, as brincadeiras sugeridas pelas crianças no espaço exterior quando questionadas sobre o que mais gostam de fazer no exterior, são o elevado nível de atividade física. Estas respostas remetem para uma maior liberdade para as crianças, visto que podem correr, saltar ou trepar e até mesmo falarem alto ou gritarem. A autora menciona que as atividades motoras promovem a redução de stress e o desenvolvimento e bem-estar da criança.

Bento (2015) refere que o desenvolvimento motor se relaciona com o desenvolvimento cognitivo, pois a compreensão do mundo é realizada com base nas interações e explorações da criança. Relativamente ao desenvolvimento cognitivo, os espaços com natureza são desafiadores para as crianças, visto que, estimulam-nas a

utilizar estratégias de resolução de problemas e de pensamento criativo (Tovey, 2007). Para além destes aspetos, o exterior também consente o desenvolvimento de competências de observação, atenção e curiosidade que incentivam as crianças a querer saber, conhecer e descobrir mais (Thomas & Harding, 2011). O contato com o ar livre permite o conhecimento do mundo e dos vários sistemas, como por exemplo, os estados da água, as estações do ano, as noções de peso, volume e distância, entre outras (Bilton, 2010). Neste sentido, o conhecimento ganha sentido para crianças, pois é construído com base na sua experiência (Bilton, 2010).

Os espaços exteriores são locais que potenciam o desenvolvimento da imaginação e da criatividade (Bento, 2015), pois a natureza inspira as crianças para a total utilização dos sentidos (Pires, 2011). A brincadeira no exterior apoia as habilidades das crianças e alimenta a sua criatividade, oferecendo ricas oportunidades para o desenvolvimento da sua imaginação, inventividade e desenvoltura (Council for learning outside of classroom, 2009). O facto de poderem movimentar-se livremente, poderem correr pelos diferentes espaços, poderem brincar de um modo mais barulhento e contactarem com diversos elementos da natureza (por exemplo, a relva, a areia, a lama, as pedras, os troncos, etc.) torna o exterior um local rico em experiências sensoriais e de liberdade (Santos, 2017). Os momentos em que é possível às crianças experienciarem diversas sensações na natureza contribuem para desenvolver as estruturas cognitivas essenciais para o desenvolvimento intelectual (Pires, 2011). As crianças aprendem principalmente através das suas experiências sensoriais e físicas que desenvolvem o cérebro e a criação de redes neurais (Council for learning outside of classroom, 2009).

Santos (2017) e Cruz (2013) referem que o tempo de brincadeira no exterior permite à criança o contato com o imprevisível, com a aventura, com o risco e com o confronto com o espaço físico natural. Nesse espaço, em grupo ou individualmente, as crianças realizam inúmeras descobertas do mundo que as rodeia, dos outros e de si próprias (Santos, 2017). As oportunidades são inúmeras para as crianças aprenderem e modelarem os seus comportamentos relativamente aos outros e às situações com que se deparam (Santos, 2017). Autores como Vale (2013) e *Council for learning outside of classroom* (2009) sustentam esta ideia referindo que conhecer os perigos e os riscos dos espaços, aprendendo a lidar com eles, ensina a criança a proteger-se, a conhecer os seus limites e a avaliar o ambiente que a cerca. A imprevisibilidade dos espaços exteriores desafia-as a tomar decisões por si mesmas, a resolverem os seus problemas e a pensarem de modo criativo, mobilizando-se assim importantes competências sociais (Bento, 2015). Assim, o trabalho em equipa promove o surgimento de questões, ideias

e sentimentos que podem ser partilhados com os colegas, num ambiente de diálogo, respeito pelo outro e de constante aprendizagem (Bento & Portugal, 2016).

Na natureza, as crianças inventam novas brincadeiras, novos jogos, vivem aventuras, encontram desafios, ultrapassam obstáculos/dificuldades/perigos e desafiam-se a si mesmas (Santos, 2017). Estes espaços naturais favorecem o desenvolvimento das crianças na medida em que podem fazer as suas próprias escolhas, podem explorar os espaços, realizar novas brincadeiras e criar uma maior ligação com os colegas (Cruz, 2013). É nos momentos de brincadeira, que elas desenvolvem o sentimento de segurança, aprendendo a adquirir a confiança necessária para arriscar (Santos, 2017). Bento e Portugal (2016) referem que este aspeto é importante relativamente ao domínio emocional, pois promove a confiança e a autoestima da criança.

Brincar no espaço exterior é uma atividade fundamental para o desenvolvimento de indivíduos que se preocupam com o ambiente (Coelho, Vale, Bigotte, Figueiredo, Duque & Pinho, 2015; Council for learning outside of classroom, 2009). As experiências positivas que as crianças vão tendo no contacto direto com a natureza influenciam o seu comportamento futuro perante esta (Coelho et al., 2015).

Para além destes aspetos, o espaço exterior também tem uma grande importância na saúde e no bem-estar das crianças. *Norfolk County Council* (2009) destaca que a natureza oferece uma grande concentração de oxigénio no ar, essencial para que todas as células possam respirar no corpo, mas particularmente para o funcionamento do cérebro auxiliar no processo de aprendizagem da criança.

As atividades realizadas no exterior promovem também o desenvolvimento do sistema imunitário e fomentam o fortalecimento dos músculos, ossos e articulações. Atividades que promovam a saúde das crianças também possibilitam o controlo de peso e a regulação da pressão arterial e colesterol. Neste sentido, ocorrerá a diminuição de riscos de ocorrência de problemas cardíacos, acidentes vasculares e a redução do risco de diabetes (Godbay, 2009). Segundo Coelho e seus colaboradores (2015), existem vários estudos que mencionam a importância da atividade física regular em espaços naturais que promovam a redução dos níveis de stress e do aumento da qualidade do sono, do sentido de humor e da sensação de bem-estar. A atividade física revela-se também importante para o desenvolvimento emocional, nomeadamente na prevenção de depressões.

O exterior proporciona um estilo de vida mais saudável e ativo ao ser humano ao oferecer oportunidades para atividade física, liberdade e movimento (Council for learning outside of classroom, 2009). As crianças precisam de um ambiente que lhes dê espaço para se movimentarem, assim como locais para explorar, experimentar,

descobrir, ser ativo e saudável e desenvolver as suas capacidades físicas (Council for learning outside of classroom, 2009). Assim, as idas regulares ao exterior facultam um sentido de pertença ao espaço, de ligação com o mundo e adoção de atitudes positivas para com o meio natural (Bento & Portugal, 2016).

2.3. Metodologia

A metodologia é uma dimensão importante no processo de investigação, visto que constitui o modo de dar resposta à(s) pergunta(s)/objetivo(s) da investigação. Assim, um estudo necessita de um método, que não é mais do que um meio para direcionar a investigação para o seu objetivo (Pardal & Correia, 1995).

A metodologia utilizada para este estudo é de natureza qualitativa, num formato de estudos de casos múltiplos e exploratório. Este é um estudo que procurou construir conhecimento sobre as potencialidades do espaço exterior para a promoção do desenvolvimento e aprendizagem das crianças em idade Pré-escolar e dos alunos de 1.º CEB.

2.3.1. Opções metodológicas

A pesquisa qualitativa em educação é imensamente contextual, pois privilegia o ambiente natural, da “vida real” (Bogdan e Biklen, 1994; Gray, 2012). E, por isso, o principal foco da pesquisa qualitativa é compreender as formas como as pessoas agem e explicar as suas ações (Gray, 2012). Reforçando este facto, Bogdan e Biklen (1994) mencionam que é um método em que o investigador privilegia a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos investigados. Coutinho (2011) afirma que o método qualitativo pretende entender como é que os sujeitos interpretam as diversas situações e o significado que lhes atribuem. Assim, procurou-se conhecer quais as características e as potencialidades dos espaços exteriores na visão dos profissionais de educação e das crianças envolvidos no estudo.

O presente trabalho segue um *design* de estudos de casos, visto que os estudos de casos apresentam características da investigação qualitativa (Meirinhos & Osório, 2010). Segundo Ponte (2006), “um estudo de caso visa conhecer uma entidade bem definida como uma pessoa, uma instituição, um curso, uma disciplina, um sistema educativo, uma política ou qualquer outra unidade social” (p.2). O autor ainda menciona que o principal objetivo dos estudos de casos é “compreender em profundidade o “como” e os “porquês” dessa entidade, evidenciando a sua identidade e características próprias, nomeadamente nos aspectos que interessam ao pesquisador” (p.2).

Os estudos de casos podem ser de diferente tipologia. Este trabalho contempla estudos de casos múltiplo e exploratório. Por se basear no trabalho de campo e na

análise documental, os estudos de casos permitem analisar determinada entidade no seu contexto real, através de múltiplas fontes, como por exemplo as entrevistas, observações, documentos e artefactos (Yin, 1984 citado por Ponte, 2006). Apresenta-se como múltiplo, pois envolveu o estudo de diversos casos comparáveis (espaços exteriores de diferentes instituições e perspetivas dos profissionais e crianças participantes dessas instituições). Além disso, Ponte (2006) indica que um estudo exploratório serve “para obter informação preliminar acerca do respectivo objecto de interesse” (p.6).

2.3.2. Contexto e participantes do estudo

O estudo desenvolvido incidiu em três contextos educativos: Creche, Jardim de Infância e 1.º CEB. Os participantes, constituindo-se como uma amostra escolhida por conveniência, foram 4 educadoras de 4 instituições de Pré-escolar e 4 professores de 4 escolas de 1.º CEB, situados no concelho de Santarém. Também participaram neste estudo 17 crianças da Educação Pré-escolar de 2 instituições de Pré-escolar, com idades compreendidas entre os 3 e os 5/6 anos e 32 alunos do 1.º CEB, com idades compreendidas entre os 5/6 e os 10 anos de idade, de três anos de escolaridade (2.º, 3.º e 4.º ano).

As educadoras entrevistadas tinham idades compreendidas entre os 44 e os 52 anos. A formação académica destas profissionais correspondia ao grau de licenciatura (predominantemente) existindo também uma educadora com bacharelato. Uma educadora realizou o mestrado em educação especial. O tempo de serviço rondava entre os 20 e os 27 anos. Costumavam participar em ações de formação, como por exemplo, nas diferentes Áreas de Conteúdo, em Informática e na área da Coordenação. Para além disto, uma educadora referiu ter seguido uma formação sobre as Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar e outra sobre a Higiene e Segurança no Trabalho. As educadoras procuram, desta forma, estar atualizadas seguindo formações diversas, todas relacionadas com a sua prática profissional (informação obtida das entrevistas realizadas).

Relativamente aos professores, os entrevistados tinham idades compreendidas entre os 42 e os 47 anos. Os professores eram detentores de licenciatura, sendo que alguns tinham a variante em Educação Física e Matemática e Ciências. O tempo de serviço rondava entre os 20 e os 22 anos. Tal como as educadoras, participavam, também, em ações de formação, como por exemplo, nas áreas curriculares de Educação Física e Informática, procurando enriquecerem as suas práticas educacionais (informação obtida das entrevistas realizadas).

2.3.3. Procedimentos investigativos e éticos

Para se iniciar o presente estudo foi realizado um pedido de autorização aos encarregados de educação (Anexo XXII), de modo a poder recolher e utilizar os dados, assim como para se poder filmar e/ou fotografar as crianças. Na maioria, os encarregados de educação autorizaram a recolha dos dados. Quando tal não acontecia, o desejo dos encarregados de educação foi respeitado, não tendo sido utilizados os dados dessas crianças no estudo. A investigadora garantiu a total confidencialidade da informação recolhida, que foi utilizada em exclusivo no âmbito deste estudo, e o anonimato foi sempre contemplado. É importante ter em conta a dimensão ética da investigação, considerando o respeito pelo direito das pessoas à privacidade e confidencialidade para evitar que a identificação da identidade venha a prejudicar os participantes (Ramos, 2005).

Como forma de facilitar o tratamento e análise dos dados, os sujeitos do estudo foram identificados com um código composto por duas letras e um número. As crianças foram identificadas conforme a instituição que frequentavam, ou seja, se era de Pré-escolar iniciava com “C” de criança, se era de 1.º CEB iniciava com “A” de aluno, seguidamente do número (1, 2, 3...). Os profissionais de educação foram identificados conforme a sua profissão, se era educadora iniciava com “E” e se era professora iniciava com “P”, seguindo-se o número de ordem pela qual se analisaram as fontes de dados (1, 2, 3...).

A triangulação dos dados também foi uma preocupação neste estudo, pois esta estratégia permite combinar diferentes abordagens teóricas e métodos de recolha de dados (Miranda, 2006). Miranda (2006) menciona que a triangulação dos dados permite ao investigador obter um resultado mais fidedigno, visto que é uma forma de compreender práticas metodológicas e perspetivas numa só pesquisa, garantindo o rigor e a complexidade do trabalho (Duarte, 2009).

2.3.4. Recolha e análise de dados

As técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados centraram-se na observação participante (registo fotográfico, plantas dos espaços exteriores e notas de campo), no inquérito por entrevista e no *focus group* com as/os crianças/alunos.

Observação participante não-estruturada

A observação é uma das técnicas para a recolha de dados na investigação qualitativa (Ludke & André, 1986), que combina a sensação e perceção (Gray, 2012). Este método proporciona várias perspetivas que dependem dos objetivos da investigação a ser realizada (Many & Guimarães, 2006). A observação apresenta-se

como uma técnica de recolha de dados útil e fidedigna, pois a informação obtida não é condicionada pelas opiniões dos sujeitos (Afonso, 2005). No entanto, poderá ser um problema na medida em que a interpretação do que é observado pode ser influenciada pelos constructos mentais do pesquisador (Gray, 2012).

Ao longo da investigação realizou-se uma observação participante não-estruturada, uma vez que se assumiu o papel de educadora/professora e, simultaneamente, de observadora, tendo os registos efetuados assumido essencialmente a forma de notas de campo manuscritas no diário de bordo, registo fotográfico documentado e a construção de plantas dos espaços exteriores. Tal como Damas e De Ketele (1985) mencionam, a observação pode igualmente consistir numa das fases da investigação em que o objetivo é familiarizar-se com a situação a estudar. Assim, a observação constitui-se como uma ótima ferramenta para os investigadores tirarem conclusões (Reis, 2011).

Registos fotográficos documentados e plantas dos recreios

A utilização de registos fotográficos permitiu lembrar um determinado contexto (Patton, 2002). Isto é, as fotografias permitiram um registo detalhado dos factos, incluindo a apresentação de estilos de vida e condições de vida e de trabalho (Gray, 2012). As imagens recolhidas funcionaram como uma forma de ilustrar os dados recolhidos (Bogdan & Biklen, 1994). Neste estudo, foram recolhidos registos fotográficos das diferentes áreas que constituem as plantas de recreio das instituições em estudo (Anexos LV, LVI, LVII, LVIII, LIX, LX, LXI e LXII). As plantas dos recreios foram construídas com base num *software* livre disponível no endereço <https://www.gardena.com/pt/>

Entrevistas semiestruturadas

A entrevista é uma poderosa ferramenta para lembrar dados ricos sobre visões, atitudes e sentidos que embasam as vidas e comportamentos das pessoas (Gray, 2012). A utilização deste método de recolha de dados leva os participantes a refletir sobre situações para as quais são questionados (Gray, 2012). As entrevistas semiestruturadas, por não serem padronizadas, permitiram fazer um aprofundamento das visões e das opiniões visto que podiam ser realizadas novas perguntas ou não usar algumas perguntas do guião (Gray, 2012). Este método permitiu um contacto direto com os participantes (Quivy & Campenhoudt, 1997) e "(...) recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo" (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134).

Na aplicação das entrevistas foram considerados alguns cuidados, como por exemplo, informar de forma breve o objetivo da entrevista e garantir a confidencialidade de todo o processo (Bogdan & Biklen, 1994). Os guiões das entrevistas encontram-se nos anexos XXIII e XLI, assim como as suas transcrições (Anexos XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XLII, XLIII, XLIV e XLV).

Focus group

O *Focus group* visa recolher dados, através da interação num grupo, acerca de um tópico/ tema determinado pelo investigador sendo uma forma mais rápida de aceder à informação do que se tivesse sido obtida por entrevistas individuais (Silva, Veloso e Keating, 2014). A interação dos participantes é a principal fonte dos dados e o investigador é um moderador ativo na discussão do grupo (Silva et al, 2014).

O *Focus group* (Anexos XXVIII e XLVI) apresenta-se como uma metodologia favorável na pesquisa com crianças, por permitir uma interação direta entre investigadores e respondentes, uma recolha mais rápida de informação e a obtenção de resultados fáceis de entender. No entanto, poderá ter algumas desvantagens na medida em que as respostas não são independentes umas das outras, podendo ser desviadas por alguns membros mais dominantes e um moderador menos experiente pode enviesar os resultados dando pistas acerca de respostas desejáveis. As transcrições apresentam-se nos anexos XXXIX, XL, XLVII, XLVIII, XLIX e L.

A análise de conteúdo realizada permitiu criar categorias e subcategorias através dos quais foi possível, retirar uma representação simplificada dos dados em bruto (Bardin, 1979).

2.4. Apresentação e discussão dos resultados

Os dados apresentam-se organizados em função dos objetivos do estudo. Este subcapítulo inclui apenas os dados mais relevantes face aos objetivos do estudo, contudo, a análise completa das entrevistas pode ser consultada nos anexos LI, LII, LIII e LIV.

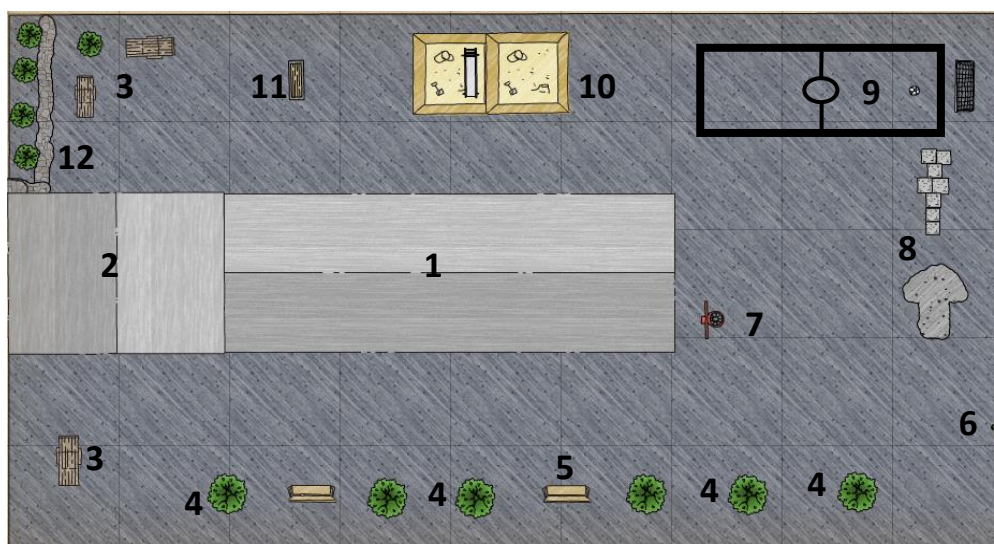
2.4.1. Apresentação e discussão de resultados na Educação Pré-escolar

Organização dos espaços exteriores de instituições escolares

Com base na observação realizada, apresentam-se as plantas dos recreios analisados no contexto da Educação Pré-escolar (Figuras 8, 9, 10 e 11). As fotografias que ilustram cada uma das áreas representadas em cada uma das plantas podem ser consultadas nos anexos LV, LVI, LVII e LVIII.

A planta do espaço exterior da escola A é apresentada na figura 8. Este espaço apresentava duas áreas principais: uma apenas utilizada pelas crianças da sala de Pré-escolar (espaço com os números 2 e 3) e outra apenas utilizada pelas crianças do 1.º Ciclo (espaço com os números 7, 8 e 9).

Figura 8 – Representação da planta do recreio da escola A.



Legenda:

- | | |
|------------------------|--|
| 1 – Edifício da Escola | 7 – Cesto de basquetebol |
| 2 – Telheiro | 8 – Jogos de chão (Macaca e Seta) |
| 3 – Mesa com bancos | 9 – Campo de jogo |
| 4 – Árvores | 10 – Caixa de areia com estruturas (escorrega) |
| 5 – Bancos | 11 – Mesa de jogo |
| 6 – Portão de entrada | 12 – Canteiro com árvores |

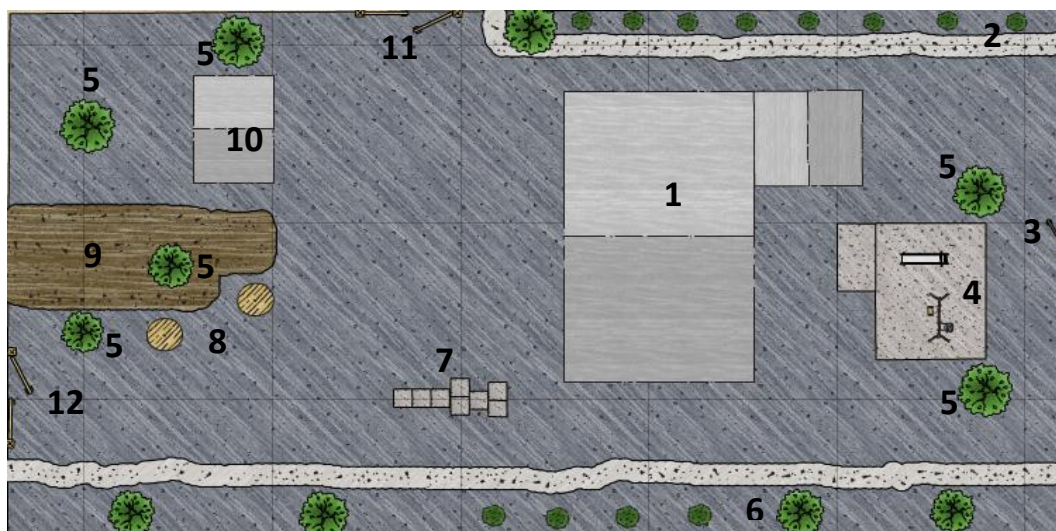
No local observam-se algumas estruturas fixas existentes no espaço e áreas de jogos, tais como, o escorrega com escada (Anexo LV, Figura 52), as barras para escalar (Anexo LV, Figura 52), um balanço (Anexo LV, Figura 52), a baliza (Anexo LV, Figura 53), os jogos de chão (Anexo LV, Figura 54 e 55) e o cesto de basquetebol (Anexo LV, Figura 56). Os materiais existentes (escorrega, barras para escalar e balanço) na caixa de areia eram utilizados esporadicamente pelas crianças, quando era dada autorização pelo adulto. O campo de jogos, o cesto de basquetebol e os jogos de chão apenas podiam ser explorados pelas crianças do 1º Ciclo.

O terreno era plano e o piso era formado por uma pavimentação em betão. As saídas para o exterior ocorriam em grande grupo e durante o acolhimento e os intervalos definidos pela escola, sendo que, nesses momentos, as crianças podiam circular livremente. Durante esses momentos, as crianças podiam proteger-se da exposição solar direta pelo alpendre do edifício e o telheiro (Anexo LV, Figura 57), situados em zonas opostas do edifício da escola. Quando as condições meteorológicas não eram as

mais favoráveis, as crianças não saiam para o espaço exterior. Nestas situações, os intervalos decorriam na sala polivalente. Neste espaço exterior, a existência de material móvel (triciclos, cordas e arcos) era reduzida, sendo a sua utilização condicionada pelo adulto, pois era guardado no interior do edifício da escola. Os bancos e as mesas com bancos (Anexo LV, Figuras 58, 59 e 60) possibilitavam o descanso e as interações sociais entre os vários membros da comunidade escolar. A mesa de jogo (Anexo LV, Figura 61) situada junto à caixa de areia não era utilizada pelas crianças, pois nenhum membro da comunidade escolar entendia a sua funcionalidade. O espaço exterior da instituição contava ainda com vários canteiros, onde se encontravam plantadas as árvores (Anexo LV, Figura 62). As crianças não tinham autorização para explorar a zona dos canteiros.

O espaço exterior da escola B encontra-se representado na figura 9.

Figura 9 – Representação da planta do recreio da escola B.



Legenda:

- | | |
|---|---------------------------|
| 1 – Edifício da Escola | 7 – Jogo de chão (Macaca) |
| 2 – Canteiro de arbustos | 8 – Mesas com bancos |
| 3 – Portão | 9 – Caixa de areia |
| 4 – Estruturas (baloço, escorrega) | 10 – Casa de arrumações |
| 5 – Árvores | 11 – Portão de entrada |
| 6 – Canteiro (árvores, arbustos e plantações) | 12 – Portão grande |

Este espaço apresentava algumas estruturas fixas (Anexo LVI, Figura 63), tais como, o escorrega com escada, a barra para escalar, um balanço e um baloço. Estes materiais eram utilizados por todas as crianças da escola (crianças da sala de Pré-escolar e do 1º Ciclo), com a vigilância dos adultos. Dado o estado de degradação do baloço, durante o estágio, não foi permitido às crianças usufruírem deste equipamento.

O jogo de chão (Anexo LVI, Figura 64) e a caixa de areia (Anexo LVI, Figura 65) também eram bastante utilizados pelas crianças.

O terreno era plano e o piso era maioritariamente constituído por pavimentação de betão, no entanto existiam zonas em que o piso era de cimento. O piso onde se encontravam as estruturas fixas era de borracha, relva sintética/artificial e areia. As saídas a este local ocorriam em grande grupo e, maioritariamente, durante o acolhimento e os intervalos definidos pela escola, sendo que, nesses momentos, as crianças podiam circular de forma livre. A educadora da sala de Pré-escolar realizava duas vezes por semana aulas de ginástica no espaço exterior, quando as condições meteorológicas eram favoráveis (sol). Durante as saídas, as crianças encontravam-se protegidas da exposição solar direta pelas sombras das diversas árvores existentes no espaço e pelo alpendre da escola. Quando as condições meteorológicas não se apresentavam favoráveis (chuva e vento), as crianças não saiam para o espaço exterior. Nestas situações, os intervalos decorriam na sala polivalente. A casa de arrumações (Anexo LVI, Figura 66) continha diversos materiais, nomeadamente materiais móveis (pneus, triciclos, cordas e arcos). A utilização destes materiais era controlada pelo adulto. As mesas com bancos possibilitavam o descanso e as interações sociais entre os vários membros da comunidade escolar. O espaço exterior da instituição contava ainda com vários canteiros (Anexo LVI, Figuras 67 e 68), onde se encontrava um espantalho, um espaço para plantação e algumas árvores e arbustos.

O espaço exterior do Jardim de Infância C está representado na figura 10.

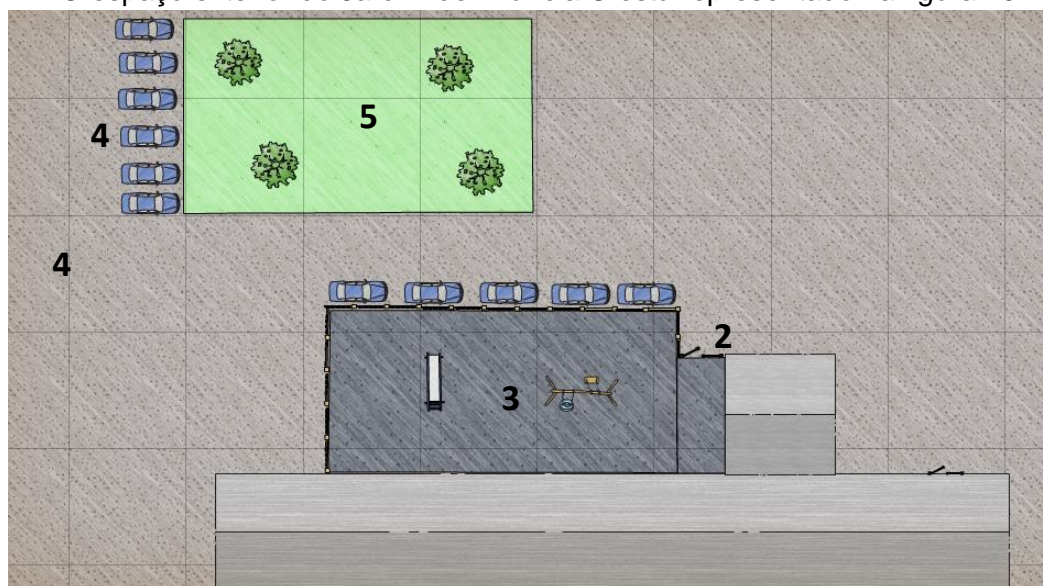


Figura 10 – Representação da planta do recreio do Jardim de Infância C.

Legenda:

- 1 – Edifício da creche
- 2 – Entrada para o parque
- 3 – Estruturas
- 4 – Estacionamento
- 5 – Espaço Verde

Este espaço apresentava duas áreas principais: o parque com as estruturas e o espaço verde. O primeiro espaço incluía algumas estruturas fixas (Anexo LVII, Figuras 69, 70 e 71), tais como a casinha, o balanço, um túnel e uma casa de madeira com escorrega. O espaço verde (Anexo LVII, Figuras 72 e 73) que continha algumas árvores, arbustos e bancos era utilizado para a exploração da natureza. O terreno era plano e o piso era, na primeira área, de borracha e na segunda área era formado por areia e relva. Entre as duas áreas principais e a instituição, o terreno também era plano, no entanto, o piso era de alcatrão. As saídas a este local ocorriam em grande grupo, apenas pelas crianças das salas de Pré-escolar e, maioritariamente, antes da hora de almoço, sendo que, nesses momentos, as crianças circulam livremente, com a vigilância de um adulto. Durante as saídas, apenas as sombras das diversas árvores existentes no espaço verde protegiam as crianças da exposição solar direta. Quando as condições meteorológicas não se apresentavam favoráveis, ou seja, quando havia a ocorrência de aguaceiros, chuva ou vento, as crianças não saíam para o exterior. Nestas situações, os grupos deslocavam-se até à sala polivalente.

A planta do espaço exterior da instituição D é apresentada na figura 11. Apesar do espaço exterior existir em volta de toda a instituição, apenas os espaços que estão localizados na zona traseira e nas laterais do edifício podiam ser utilizados pelas crianças.

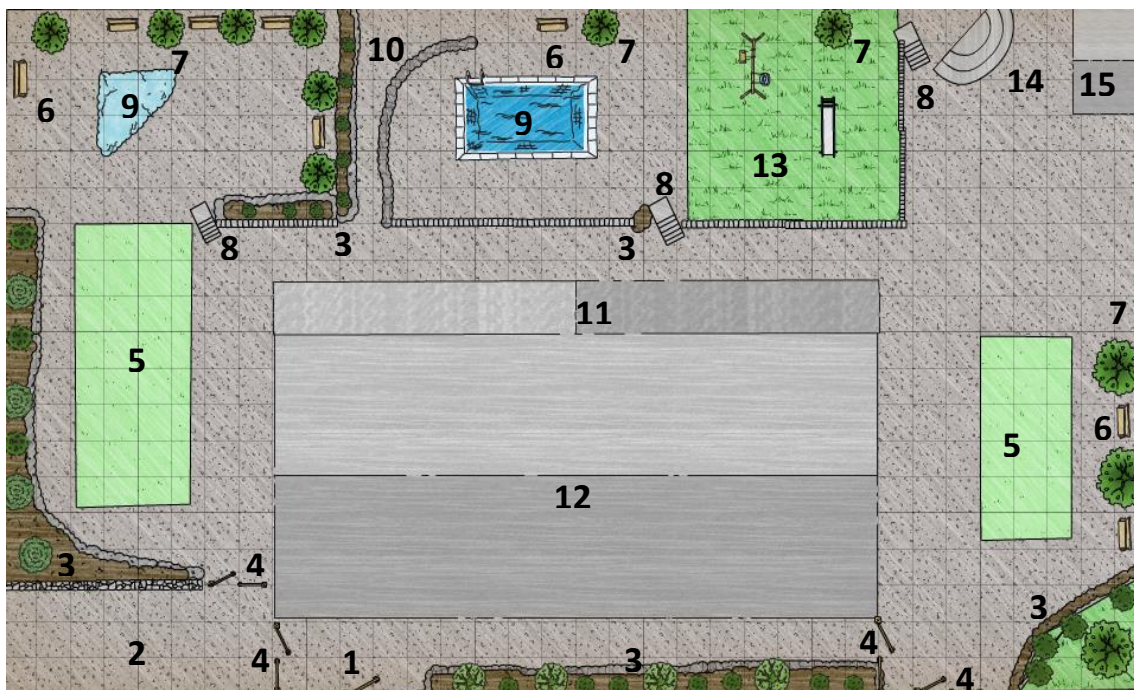


Figura 11 – Representação da planta do recreio do Jardim de Infância D.

Legenda:

- | | |
|-----------------------------------|----------------------------|
| 1 – Entrada da Instituição | 9 – Piscinas |
| 2 – Arrumações (Espaço aberto) | 10 – Rampa |
| 3 – Canteiros (árvores, arbustos) | 11 – Alpendre |
| 4 – Portão | 12 – Instituição |
| 5 – Pavimento Relva Sintética | 13 – Parque com estruturas |
| 6 – Banco | 14 - Escadaria |
| 7 – Árvore | 15 - Casa de arrumações |
| 8 – Escada | |

O espaço estava dividido em duas zonas principais: a zona superior que continha a área das estruturas (Anexo LVIII, Figuras 74 e 75), a área da piscina em forma triangular (Anexo LVIII, Figura 76), a área da piscina de forma quadrangular (Anexo LVIII, Figura 77), a zona inferior que continha a escadaria (Anexo LVIII, Figura 78) e a área da pavimentação de relva sintética (Anexo LVIII, Figuras 79 e 80). A área das estruturas fixas incluía quatro escorregas com escada, uma casinha e um barco de plástico. Estes materiais eram utilizados apenas pelas crianças de dois anos e as crianças do Pré-escolar (três a cinco anos). Durante o período de intervenção, a sala de um ano e a sala de berçário não frequentaram o espaço exterior. As áreas das piscinas apenas eram utilizadas na estação da primavera. Para ter acesso a estas áreas, a comunidade escolar podia optar por utilizar as três escadas (Anexo LVIII, Figuras 81 e 82) ou as duas rampas (Anexo LVIII, Figuras 83 e 84). Este espaço constava ainda com uma área de arrumações (um espaço aberto) que se situava na parte lateral da instituição (Anexo LVIII, Figuras 85 e 86) e uma casa de arrumações (Anexo LVIII, Figura 87). As saídas ao espaço exterior ocorriam em grande grupo e, maioritariamente,

durante uma parte da manhã, antes do almoço, e uma parte da tarde depois do lanche. Nesses momentos, as crianças circulavam livremente, com a vigilância dos adultos. Durante as saídas, as crianças encontravam-se protegidas da exposição solar direta pelas sombras das diversas árvores existentes no espaço e pelo alpendre da escola (Anexo LVIII, Figuras 88 e 89). Quando as condições meteorológicas não se apresentavam favoráveis, ou seja, chuva ou frio, as crianças não saíam para o espaço exterior.

O terreno era plano e o piso era maioritariamente constituído por pavimentação de betão, no entanto existiam zonas em que o piso era de pedra, relva e areia e relva sintética. O piso onde se encontravam as estruturas fixas era de relva. Os bancos (Anexo LVIII, Figura 90) possibilitavam o descanso e as interações sociais entre os vários membros da comunidade escolar. O espaço exterior contava ainda com alguns canteiros (Anexo LVIII, Figuras 91, 92 e 93) no qual existem arbustos, árvores e flores. As crianças não tinham autorização para explorar a zona dos canteiros.

Aquando o momento de entrevista, uma educadora considerou que o espaço exterior da escola à qual pertencia era satisfatório uma vez que tinha sido restaurado e que podiam contar com mais equipamentos (N=1, “o espaço exterior foi restaurado (...) vieram brinquedos novos e neste momento está bom”. - Ee4). Contudo, para três educadoras o espaço exterior era um espaço a melhorar, nomeadamente em termos de equipamentos (N=3, “pode ser sempre melhorado, é uma área que tem sempre a ser melhorar ainda”. - Ee1; “podíamos estar mais bem equipados”. - Ee2; “podia ser melhor, mas também está adequado”. - Ee3). No que se refere aos materiais e equipamentos, três educadoras indicaram vários equipamentos existentes no espaço exterior, fixos e móveis, tais como, o escorrega e os triciclos (N=3, “nós temos alguns materiais de exterior, o jardim de infância. Materiais, coisas para brincar com a terra, pás, baldes, triciclos, também temos”. - Ee2; “este até tem algum material exterior que é adequado também”. - Ee3; “depois ainda temos um parque, no espaço de jardim, onde eles também podem explorar a natureza”. - Ee4). Não obstante esta situação, duas das profissionais mencionaram a falta de materiais e equipamentos (N=2, “ter mais materiais”. - Ee1; “em termos de... os materiais... equipamentos não são muitos ...”. - Ee2).

Quadro 5

Opinião das educadoras em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos

Categoria	Subcategoria	N
Materiais e equipamentos	Existentes	3
	Necessários	2
Espaço a melhorar		3
Satisfatório		1

Para as crianças entrevistadas, os seus espaços exteriores careciam de cordas (N=1, “também precisamos de cordas para a gente passarmos” - C10), de relva (N=1, “relva!” - C8), de plantas (N=3, “falta plantar muitas coisas... Vegetais!” - C12; “morangos, brócolos, cebolas (...)” - C12; “falta flores. Não há flores (...)” - C14), de equipamento móvel (N=1, “falta... Um carrinho. Eu tenho lá uma mota que trabalha.” - C2) e de aventura (N=2, “precisa talvez de uma coisa... (...) Ação!” - C9; “de jogos” - C11).

Tal como refere o Despacho Conjunto n.º 268/97 de 25 de Agosto, os espaços exteriores analisados apresentam-se organizados para oferecer ambientes diversificados que permitam a concretização de atividades lúdicas e educativas, com espaços de jogo ao ar livre. Contrariamente ao que o documento indica, ou seja, que os espaços devem apresentar uma área coberta, um ponto de água e uma pequena arrecadação (para armazenar material de exterior, de jardinagem, lenha, etc.), nem todos apresentam estas características. No entanto, apresentam todas as condições de segurança mencionadas pelo documento, ou seja, estar delimitado de forma não agressiva (por exemplo: com vedação ou sebe natural). Os espaços encontram-se localizados junto ou em volta do edifício, como é desejável, para que seja fácil o acesso às salas. A sua dimensão deve ser não inferior ao dobro da área das salas de aula, incluindo o espaço de zona coberta, tal como se verifica na totalidade dos espaços.

A importância atribuída pelos educadores aos espaços exteriores

Na sua totalidade, as educadoras entrevistadas consideraram o espaço exterior importante para as crianças, justificando tratar-se de um espaço onde podem realizar as suas brincadeiras explorando elementos da natureza (N=2, “é bastante interessante para as crianças”. – Ee3; “acho interessante que o recreio seja um espaço em que eles

criam as suas brincadeiras”. – Ee1) como a água e a terra (N=1, “podemos brincar com água (...) com terra”. – Ee2). Consideraram também que o espaço exterior pode proporcionar liberdade (N=2, “onde não há tantos limites”. – Ee1; “porque é uma forma deles se libertarem”. – Ee4), aprendizagens (N=2, “o espaço exterior é também um sitio onde elas podem fazer muitas aprendizagens”. – Ee2) e a socialização (N=1, “a socialização deles próprios”. – Ee4). As participantes no estudo associaram também o espaço exterior à realização de visitas de estudo (N=1, “também há as visitas de estudo”. - Ee2).

Duas das educadoras entrevistadas consideraram que o espaço exterior para crianças de idade de Creche e Pré-escolar tem um papel importante para a suas aprendizagens (N=2, “não podemos nunca menosprezar a aprendizagem ao ar livre”. - Ee1; “o espaço exterior é muito importante nas aprendizagens das crianças”. - Ee2). Uma educadora considerou que o espaço exterior pode inspirar as crianças (N=1, “acho que o ar livre, nos pode inspirar de uma certa forma”. - Ee1), enquanto uma outra educadora atribuiu ao espaço exterior um papel na socialização entre as crianças (N=1, “as crianças podem socializar”. - Ee3).

A realização de atividades diferentes também foi um aspeto comentado por duas educadoras (N=2, “é mais abrangente do que uma sala de aula e das paredes à volta”. - Ee1; “podemos fazer coisas no exterior, fora da sala, diferentes que se fazem dentro da sala”. - Ee2). Para uma educadora, o espaço exterior permite o contato direto com elementos da natureza (N=1, “podemos experimentar materiais, desde a água, desde a terra, desde as ervas, desde as plantas, fazer jardinagem”. - Ee2) e para outra o espaço exterior permite o desenvolvimento da criatividade (N=1, “conseguem ser criativas, conseguem imaginar também, conseguem brincar ao faz de conta”. - Ee3).

Por último, a brincadeira (N=2, “elas inventam brincadeiras. Conseguem orientar as suas próprias brincadeiras também”. - Ee3; “é eles (...) brincarem”. - Ee4) e a exploração livre do espaço (N=1, “é eles explorarem, andarem à vontade, livremente, correr, saltar, pular (...).” - Ee4) também são aspetos referidos por duas educadoras. Verifica-se, assim, que as profissionais reconhecem que o espaço exterior pode assumir diversos papéis fundamentais no desenvolvimento das crianças, designadamente centrados na aprendizagem, na socialização e na liberdade de exploração.

A importância atribuída pelas crianças ao espaço exterior

Durante as entrevistas, nas preferências das crianças pelo espaço exterior e/ou interior da instituição, oito referiram preferir o exterior (N=8, “no recreio”. - C13; “no recreio”. - C7; “eu também do recreio”. - C4) e sete o interior (N=7, “dentro da sala”. -

C1; “na sala!”. - C8; “eu gosto mais de estar na sala”. - C15). Uma criança referiu que tinha preferência por ambos os locais (N=1, “hum... na sala! Não, não! Na rua!”. - C10).

As percepções das crianças em relação à realização de visitas de estudo, enquanto atividades realizadas no espaço exterior, foram bastante apreciadas pelas crianças entrevistadas (Anexo LII). Segundo o documento *Learning and teaching Scotland* (2010), as aprendizagens ao ar livre realizam-se em vários ambientes, tais como, o espaço da escola, as áreas históricas, os parques locais, as aldeias ou as cidades.

As brincadeiras que as crianças em idade Pré-escolar desenvolviam no espaço exterior eram diversas: o jogo dramático (N=8, “brincar aos leões” - C8; “é a brincar à sissi e às mães e aos pais” - C14; “nós brincamos aos polícias e ladrões” - C15) e os jogos de aventura e ação (N=4, “à batata congelada (...)” - C9; “às escondidas!” - C6; “correr” - C13). Três crianças focaram as estruturas do espaço exterior nas suas brincadeiras (N=3, “lá fora temos as pás, os carrinhos, os baldes e também mais o escorrega” - C2; “também temos uma bicicleta” - C1; “uma vez fiquei preso nos pneus” - C7), enquanto duas preferiam apreciar a natureza (N=2, “gostamos de ver os passarinhos” - C16; “gostamos de fazer ninhos” - C15).

As respostas das crianças relativamente àquilo que mais gostavam de fazer no recreio prenderam-se principalmente com a brincadeira (N=4; “brincar” - C12; “brincar!” - C13; “brincar” - C17) e com a natureza (N=2; “eu gosto de ver o céu” - C8; “eu gosto de ver as nuvens” - C9). São diversas as brincadeiras que referiram, como por exemplo, o jogo simbólico em brincadeiras que envolviam a casinha e a família mais próxima (N=2; “aos pais e às mães” - C6; “podemos brincar aos pais e mães, está lá uma casinha” - C5), brincar no parque (“N=1; no parque!” - C13), brincar com pás (N=2; “eu brinco com as pás” - C1; “brincar com as pás” - C3) e com a areia (N=4; “ir para a areia” - C16; “brincar na areia” - C14; “(...) brincamos com a areia molhada” - C2). No entanto, existem algumas atividades menos apreciadas, tais como a corrida (N=1, “de correr” - C14), o jogo que se intitula “apanhada” (N=2, “eu não muito de brincar lá fora à apanhada” - C6; “não tem piada estar a brincar à apanhada” - C7) e o escorrega (N=2, “não mais de brincar no escorrega” - C2; “o escorrega” - C3).

Papel e Estratégias dos profissionais de educação nas aprendizagens das crianças no espaço exterior

Para as educadoras entrevistadas, o papel do educador no tempo dedicado ao espaço exterior deve ser o de observador mas com uma função de apoiante (N=2, “o observador apoiante de situações que ocorrem pela espontaneidade da criança”. - Ee1) e que permita a exploração livre do espaço (N=1, “a pessoa, pode livremente, pode

deixar as crianças brincar livremente e ficar um bocadinho de fora, numa de observar”. - Ee2). Para além de observador, as educadoras consideraram que também deve ser interveniente (N=2; “algumas vezes o dirigente da coisa”. - Ee1; “ou então também pode intervir, tal como faz na sala”. - Ee2) e promotor de aprendizagens (N=2; “é tentar que as crianças usufruam o maior tempo que lá estão e que adquirem aprendizagens nesse tempo que estejam no espaço exterior”. - Ee3; “é de participar com as crianças na brincadeira que eles estão a fazer”. - Ee4). Neste sentido, quando saíam para o exterior estas profissionais adotavam uma postura de observador e interveniente.

Na sua totalidade, as educadoras realizavam atividades de exploração livre, deixando as crianças brincar livremente (N=4, “mais de exploração livre”. - Ee1; “(...) outras vezes é de exploração livre”. - Ee2; “depois deixo-os fazerem eles as brincadeiras livremente”. - Ee3; “podemos brincar livremente”. - Ee4). Três educadoras afirmaram realizar atividades orientadas, nomeadamente através de jogos ou educação física no exterior (N=3, “umas vezes é atividades orientadas (...)”. - Ee2; “se por vezes acho que o grupo está mais agitado, tendo sempre a orientar um bocadinho uma atividade”. - Ee3; “podemos fazer jogos, (...) ginástica, fazer ginástica também no exterior”. - Ee4). *Department for Education and Skills* (2006) menciona que as atividades que são planeadas de forma correta, principalmente com segurança e de forma a atender às necessidades das crianças, podem trazer inúmeras vantagens.

Quando solicitadas a descrever uma atividade realizada com as crianças no espaço exterior, uma educadora não respondeu ao solicitado (N=1, “interessante, quando num dia ou outro, utilizamos o espaço do 1º ciclo”. - Ee1). Uma educadora relatou os jogos de equipa (N=1, “o jogar o basquete, jogos mais de... que são utilizados pelo 1º ciclo, nos intervalos”. - Ee1; “e fazer as balizas e a competição do futebol e da área de futebol de salão”. - Ee1) e duas educadoras descreveram atividades de exploração da natureza relacionadas com os elementos físicos – areia e água, e os seres vivos (N=2, “brincarem com a areia, com a água, com os chapinheiros”. - Ee3; “fomos ver os passarinhos, quando olhámos para as árvores, quando começámos a ver as folhinhas a crescer, havia árvores ainda não tinham folhas, ouvimos o barulho dos passarinhos, fomos cheirar as flores”. - Ee3; “é aquelas brincadeiras livres que eles têm, e de explorar a natureza”. - Ee4). Ganhão (2017) refere que o espaço exterior pode ser bastante rico em experiências, desde que profissional o reconheça como promotor de desenvolvimento e aprendizagem.

2.4.2. Apresentação e discussão de resultados no 1.º CEB

Organização dos espaços exteriores de instituições escolares

Com base na observação realizada, apresentam-se as plantas dos recreios analisados no contexto do 1.º CEB (Figuras 12, 13, 14 e 15). As fotografias que ilustram cada uma das áreas representadas, em cada uma das plantas, podem ser consultadas nos anexos LIX, LX, LXI e LXII.

A figura 12 representa a planta do espaço exterior da instituição E.

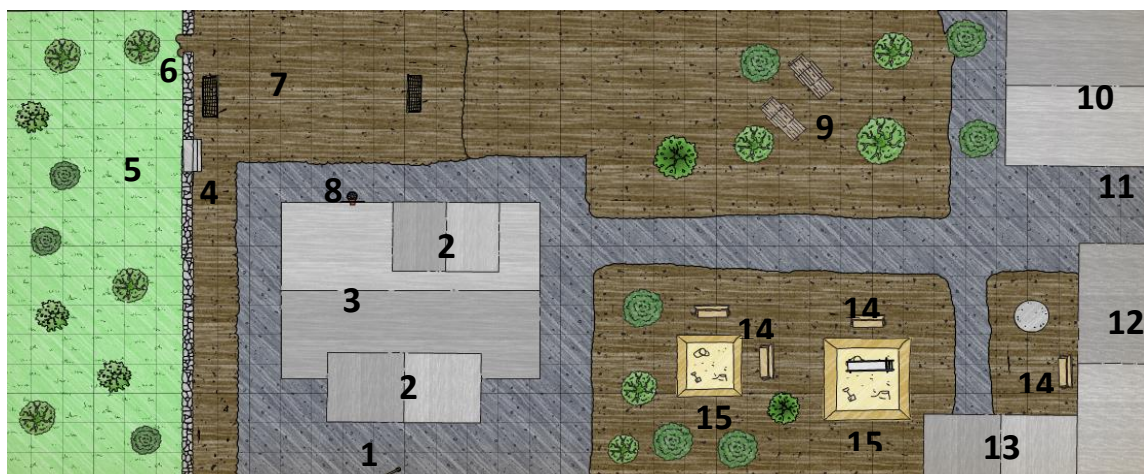


Figura 12 – Representação da planta do recreio da escola E.

Legenda:

- | | |
|----------------------------|--|
| 1 – Entrada da Instituição | 9 – Mesas com bancos |
| 2 – Alpendres | 10 – Edifício da antiga escola |
| 3 – Edifício Escolar | 11 – Entrada para os edifícios antigos das escolas |
| 4 – Escada | 12 – Antigas salas de Pré-escolar |
| 5 – Pavimento erva e areia | 13 – Telheiro |
| 6 – Rampa | 14 – Bancos |
| 7 – Campo de futebol | 15 – Estruturas |
| 8 – Cesto de Basquetebol | |

O espaço exterior ocorre em volta de toda a instituição, sendo que apenas não é permitido aos alunos utilizarem o espaço do edifício da antiga escola (Anexo LIX, Figuras 94 e 95), pois encontra-se bastante degradado. Este espaço correspondia aos edifícios da antiga instituição utilizada para salas do Pré-escolar. Esta área estava cercada por uma vedação para não permitir a entrada das crianças, por questões de segurança. O recreio estava dividido em várias zonas: uma zona superior às restantes que continha diversos tipos de árvores (Anexo LIX, Figura 96), à qual os alunos podiam ter acesso através de uma rampa (Anexo LIX, Figura 97) ou uma escada (Anexo LIX, Figura 98); a área do campo de futebol juntamente com a área de basquetebol (Anexo LIX, Figuras 99 e 100), a área das estruturas fixas (Anexo LIX, Figuras 101 e 102) e a área das mesas com bancos (Anexo LIX, Figuras 103 e 104) que permitia o descanso e as interações sociais entre os vários membros da comunidade escolar. O espaço contava ainda com vários espaços de abrigo (Anexo LIX, Figuras 105, 106 e 107). Estes

espaços e todas as sombras das árvores existentes no local permitiam às crianças, durante as saídas, estarem protegidas da exposição solar direta. Quando as condições meteorológicas não se apresentavam favoráveis (chuva e vento), apenas era permitido aos alunos estarem de baixo do alpendre da escola.

A área das estruturas fixas era composta por duas caixas de areia em que uma incluía um escorrega com escada e um balanço e a outra, em forma de círculo, era formada por várias barras para escalar. Estes materiais eram utilizados apenas pelas crianças do 1.º Ciclo durante os intervalos. As crianças de idade Pré-escolar utilizavam as estruturas, após o tempo determinado para o intervalo. As saídas ao espaço exterior, durante os intervalos, ocorriam em vários momentos do dia, ou seja, de manhã (30 min), à hora de almoço (1h) e de tarde (30 min.). Nesses momentos, as crianças circulavam livremente, sendo que era permitida a total exploração do espaço (subida às árvores, apanha de fruta, etc.), com a vigilância dos adultos (Anexo LIX, Figuras 108, 109 e 110). Tal como Cruz (2013) afirma as situações de risco e perigo são importantes para o desenvolvimento da noção de risco e para que a criança aprenda a enfrentar e a superar as suas dificuldades. Esses riscos promovem a aquisição de competências como a autonomia, responsabilização, capacidade para tomar decisões, a resolução de problemas e a resolução de conflitos, ajudando, também, a promover a interação social (Cruz, 2013).

O terreno era maioritariamente plano e o piso era constituído por areia, erva e betão. O piso à volta da escola era de betão e o piso onde se encontravam as estruturas fixas era de areia.

A figura 13 representa a planta do espaço exterior da instituição F.

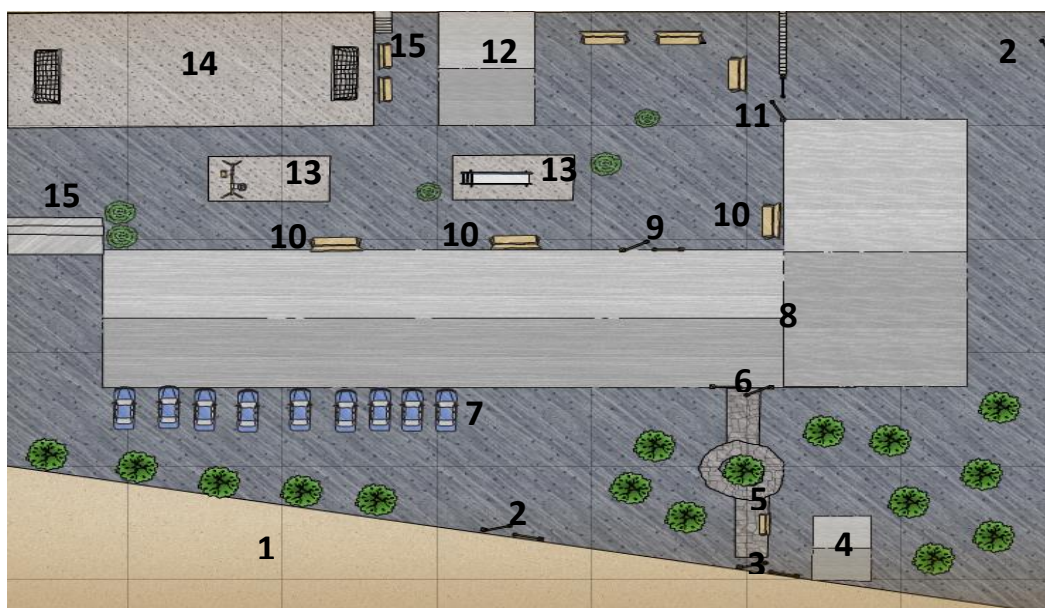


Figura 13 – Representação da planta do recreio da escola F.

Legenda:

- | | |
|---------------------------|---|
| 1 – Estrada. | 9 – Entrada/ saída para o recreio |
| 2 – Portão grande | 10 – Bancos |
| 3 – Portão de entrada | 11 – Portão |
| 4 – Receção | 12 – Telheiro |
| 5 – Caminho para a escola | 13 – Estruturas |
| 6 – Entrada da escola | 14 – Campo de futebol/ futsal com bancada |
| 7 – Estacionamento | 15 - Escadas |
| 8 – Edifício Escolar | |

O espaço exterior utilizado como recreio situava-se na parte de trás da instituição. Na parte da frente, o espaço era composto por algumas árvores, locais de repouso e um parque de estacionamento. No entanto, os alunos apenas o frequentavam para efetuar o percurso de entrada e saída da escola. O recreio estava dividido em várias áreas: a área do campo de futebol/futsal (Anexo LX, Figura 111), que para além de estar cercado para garantir a segurança de todos, continha também umas bancadas para as crianças poderem assistir aos jogos e para repouso; a área dos jogos de chão (Anexo LX, Figura 112); a área dos bancos (Anexo LX, Figura 113), que permitia o descanso e as interações sociais entre os vários membros constituintes da escola e a área das estruturas. Esta área era composta por quatro estruturas: um escorrega com escada (Anexo LX, Figura 114), um balanço (Anexo LX, Figura 115), quatro baloiços (Anexo LX, Figura 116) e as cordas (Anexo LX, Figura 117), onde os alunos podiam escalar. Estes materiais eram utilizados pelas crianças do Pré-escolar e do 1.º Ciclo, durante os intervalos. Na área dos jogos de chão existia um telheiro (Anexo LX, Figura 112). Este espaço permitia aos alunos durante as saídas estarem protegidas da exposição solar direta. Quando as condições meteorológicas não se apresentavam favoráveis (chuva e vento), a saída ao espaço exterior não era permitida. No entanto, a instituição continha um espaço amplo no seu interior onde os alunos permaneciam nesses momentos. As saídas ao espaço exterior durante os intervalos ocorriam em vários momentos do dia, ou seja, de manhã (30 min), à hora de almoço (1h) e de tarde (30 min.). Nesses períodos, os alunos circulavam livremente, com a vigilância dos adultos. O terreno era plano e o piso era constituído maioritariamente por betão de várias cores. Na área das estruturas, o piso era de borracha.

A figura 14 representa a planta do espaço exterior da instituição G. Este espaço, que ocorre em volta da instituição, apresentava dois pisos: um piso superior e um piso inferior.

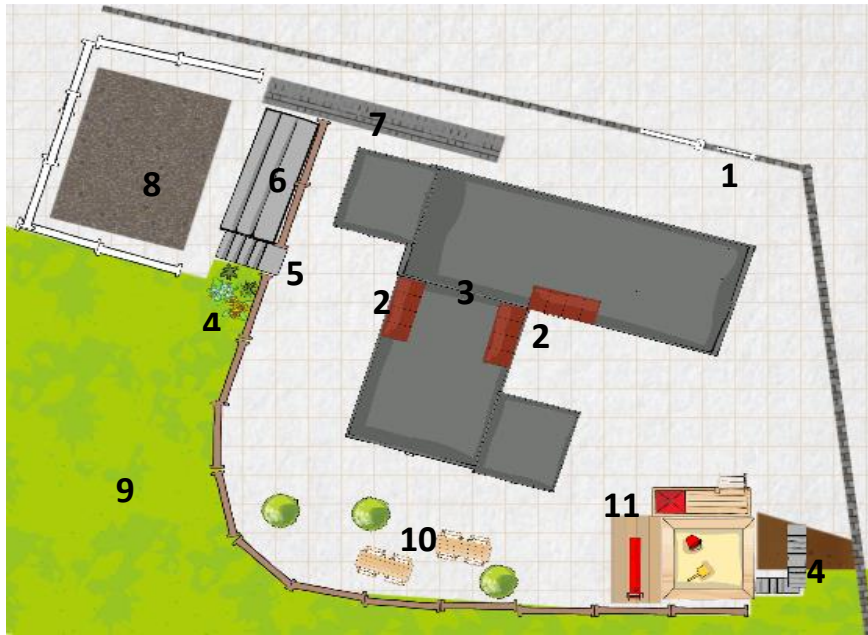


Figura 14 – Representação da planta do recreio da escola G.

Legenda:

- | | |
|--------------------------------|------------------------------------|
| 1 – Entrada para a Instituição | 8 – Campo de futebol e basquetebol |
| 2 – Alpendres | 9 – Pavimento erva e areia |
| 3 – Edifício Escolar | 10 – Mesas com bancos |
| 4 – Canteiro de flores | 11 - Estruturas |
| 5 – Escada | |
| 6 – Bancada | |
| 7 – Rampa | |

No piso superior consta o edifício escolar (Anexo LXI, Figura 118), algumas estruturas e as mesas com bancos (Anexo LXI, Figura 119), que permitem o descanso e as interações sociais entre os vários membros da comunidade escolar. No piso inferior consta a bancada (Anexo LXI, Figura 120), o campo de futebol juntamente com a área de basquetebol (Anexo LXI, Figura 121) e as restantes estruturas. A área das estruturas fixas é composta por uma caixa de areia com duas casas (Anexo LXI, Figuras 122 e 123) e no pavimento de borracha existia um escorrega com escada (Anexo LXI, Figura 124). Para além de a escada (Anexo LXI, Figura 125) fazer ligação com o piso inferior, a estrutura existente no pavimento de borracha continha umas cordas (Anexo LXI, Figura 126) que permitia o acesso à mesma. A área do campo de futebol e basquetebol, que para além de estar cercada para garantir a segurança de todos, continha também umas bancadas para os alunos poderem assistir aos jogos e para repouso. Os alunos podiam ter acesso através das escadas (Anexo LXI, Figura 127) e da rampa (Anexo LXI, Figura 128). Durante as saídas, os alunos encontravam-se protegidos da exposição solar direta pelas sombras das árvores existentes no espaço e pelos alpendres da escola (Anexo LXI, Figura 129). Quando as condições meteorológicas não se

apresentavam favoráveis (chuva e vento), a saída ao espaço exterior não era permitida. No entanto, a instituição contém um espaço no seu interior onde os alunos permaneciam nesses momentos em horários repartidos devido à sua dimensão. As saídas ao espaço exterior durante os intervalos ocorrem em vários momentos do dia, ou seja, de manhã (30 min), à hora de almoço (1h) e de tarde (30 min.). Nesses períodos, os alunos circulam livremente, com a vigilância dos adultos. Maioritariamente, o piso era composto por betão e cimento, com a exceção do local onde se encontram as estruturas. Existia ainda uma zona com pavimento de erva e areia (Anexo LXI, Figuras 130 e 131), com um canteiro (Anexo LXI, Figura 132) próximo do campo de futebol/basquetebol.

Na figura 15 consta a planta do espaço exterior da escola H. O espaço exterior ocorria em volta de toda a instituição e era permitido aos alunos na sua totalidade, sem quaisquer restrições. Era um espaço que apresentava algumas zonas, tais como, a área das estruturas fixas, a área do campo de futebol e a área das mesas com bancos.

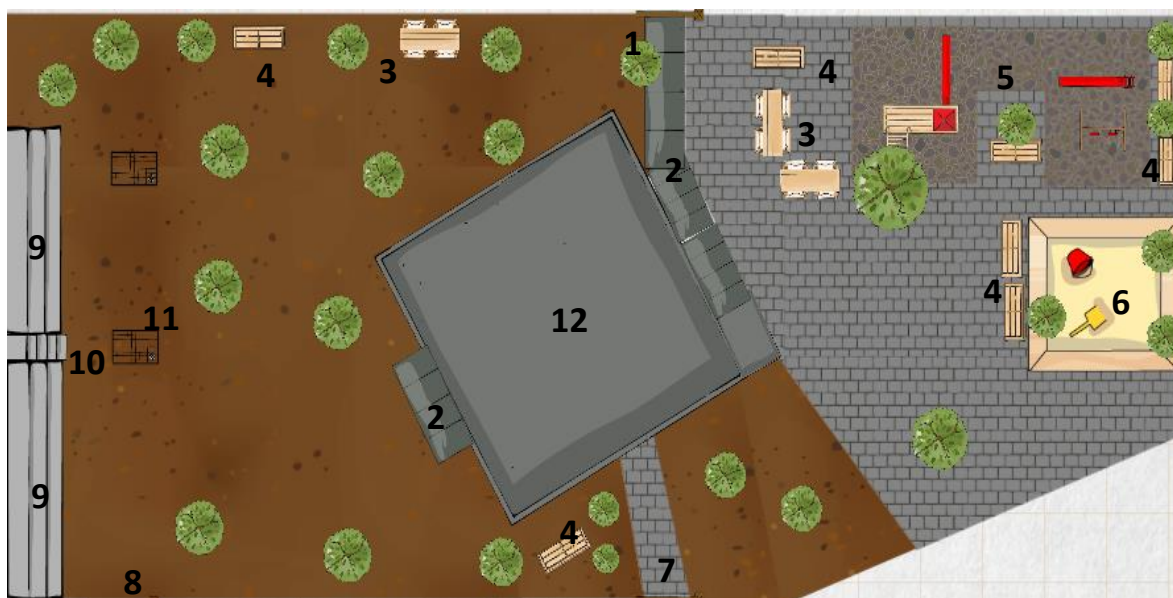


Figura 15 – Representação da planta do recreio da escola H.

Legenda:

- | | |
|-----------------------------------|-----------------------|
| 1 – Entrada da Instituição | 9 – Bancadas |
| 2 – Alpendre | 10 – Escada |
| 3 – Mesas com bancos | 11 – Campo de futebol |
| 4 – Bancos | 12 - Edifício escolar |
| 5 – Estruturas | |
| 6 – Caixa de areia com estruturas | |
| 7 – Portão | |
| 8 – Portão pequeno | |

A área das estruturas fixas (Anexo LXII, Figura 133) era composta pelas seguintes estruturas: um escorrega com cordas para as crianças escalarem e um escorrega com escada e uma rampa de madeira para escalar. Também continha uma

caixa de areia com uma estrutura em forma de casa (Anexo LXII, Figura 134). Ao lado apresentava-se um jogo de chão que se intitulava “Macaca”. A área do campo de futebol (Anexo LXII, Figura 135), bastante apreciada pelas crianças, continha duas balizas, uma escada e bancadas para as crianças poderem assistir aos jogos e também para repouso. Os bancos e as mesas com bancos (Anexo LXII, Figura 133) possibilitavam o descanso e as interações sociais entre os vários membros da comunidade escolar.

As saídas ao espaço exterior durante os intervalos ocorriam em vários momentos do dia, ou seja, de manhã (30 min), à hora de almoço (1h) e de tarde (30 min.). Durante as saídas, as crianças encontravam-se protegidas da exposição solar direta pelas sombras das diversas árvores existentes no espaço e pelos alpendres da escola (Anexo LXII, Figuras 136, 137, 138 e 139), nos dias de verão. Quando as condições meteorológicas não se apresentavam favoráveis, apenas era permitido às crianças utilizarem o telheiro posterior e a sala polivalente. O terreno era plano e o piso era maioritariamente constituído por areia e betão. O piso onde se encontravam as estruturas fixas era de borracha. Apesar de conter diversos portões (Anexo LXII, Figura 140), apenas era permitida a entrada e saída pelo portão principal (Anexo LXII, Figura 141).

Quando entrevistados, dois professores consideraram que os espaços exteriores das suas escolas eram satisfatórios (N=2, “muito bom (...) esta é uma escola muito boa. Tem um polidesportivo lá fora, tem muita coisa que muitas das escolas aqui da cidade não têm”. - Ep2; “é amplo, é espaçoso, há espaço para todos, com boas condições para estarem na rua”. - Ep3), enquanto dois outros consideraram que os espaços exteriores das suas escolas deveriam ser espaços a melhorar (N=2, “é fraco, muito fraco. Quando chove, a gente sabe o espaço que temos, muito limitado e depois quando está bom tempo, ah... o sítio que eles têm para fazerem jogos, ah... é terra batida”. - Ep1; “não tem assim grandes condições principalmente no verão, uma vez que o espaço é em terra, há muito pó”. - Ep4). Relativamente aos materiais e equipamentos, três professores consideraram a falta dos mesmos e a degradação das estruturas como aspetos a melhorar (N=1, “poderíamos ter aqui se calhar um bocadinho de melhor oferta no parque infantil, com mais brinquedos, com mais equipamentos, mas estamos muito melhor que muitas escolas, estamos pior que algumas, mas muito melhor que muitas”. - Ep3; “onde está o escorrega, o espaço mais lúdico, acaba por ser um bom espaço, embora alguns dos escorregas que ali estão são assim um bocadinho perigosos para alguns”. - Ep4).

Quadro 6

Opinião dos professores em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos

Categoria	N
Materiais e Equipamentos	3
Satisfatório	2
Espaço a melhorar	2

Os alunos entrevistados consideraram que os espaços exteriores careciam de estruturas fixas, principalmente baloiços (N=10, “eu gosto... falta é baloiços”. - A25; “ah... há algumas coisas que até faltavam. Como por exemplo, baloiços, ah... (pausa)”. - A29; “em vez de estar muito mato lá em baixo, podiam por baloiços. Podiam por mais... coisas que as pessoas pudessem ir lá para baixo brincar e não estar ali mato. Sempre mato, não é assim tão bom, porque pode estar...”. - A19; “para mim também me faltava um... lá fora, podia ter por exemplo, aqueles baloiços em que nos sentamos e damos balanço (:..). - A23), uma casa (N=3, “uma casa de brincar!”. - A3; “uma casa de bonecas, para as meninas”. - A2; “também podia haver uma casa, tipo de madeira, nós... havia portas e nós entrávamos e fechávamos”. - A23), uma roda grande (N=3, “podia ter uma roda gigante, em que não pagássemos” – A28), balancés (N=2, “balancé”. - A23; “(...) pôr... hum... não sei o nome daquilo, como é que é? (...) sim, balancés”. - A24), um parque para carrinhos (N=1, “eu sei outra coisa que podíamos lá ter. (...) eu gostava que tivesse lá um parque para carrinhos pequenos, para brincarmos com os carros”. - A11), balanços (N=1, “não tem balanços”. - A17), barras (N=1, podia ter, tipo, as barras para fazer as flexões, para fazer elevações, podia ter passarelas rolantes...”. - A23) e uma mercearia (N=1, “(...) basicamente “uma mini mercearia e essas coisas”. - A23). Na opinião dos alunos, faltam atividades desportivas que envolvam um campo de golfe (N=1, “por exemplo, aquilo do golf”. - A3), um campo de basquetebol (N=1, “também podia ter um campo de basket”. - A1) e um campo de futebol (N=1, “era preciso mais campos de futebol, porque só um campo de futebol com balizas (...). - A30). O espaço exterior deveria ainda ter uma zona de água que contivesse uma piscina (N=2, “eu também sei mais uma coisa. É uma loucura mas eu também gostava. Era meter uma piscina”. - A10; “queria que houvesse uma mini piscina lá, no espacinho. Se vocês virem na janela há lá ao fundo uma piscina, num espacinho pequenino. E podemos por lá uma piscina”. - A14) e um escorrega de água (N=1, “um escorrega de água e uma piscina lá quando nós escorregamos, está assim um escorrega com água e depois lá na piscina há água e bolas”. - A16).

Relativamente ao equipamento móvel, os alunos mencionaram que a escola carecia de um suporte para realizar pinturas (N=1, “eu gostava que também tivesse ali, tivesse ali, tem uma coisa lá no fundo ao pé do banco. Há dois bancos ao pé das árvores e eu gostava que tivesse lá mais alguma coisa para se pôr. Alguma coisa para pintar lá ao pé. Também gostava”. - A10) e de peças para jogarem damas (N=1, “eu preciso de alguma coisa. Se eu quiser jogar damas, eu não tenho as peças para jogar lá fora. Há lá um espaço, não há é as peças”. - A12). Um aluno referiu que a escola tinha falta de flores (N=1, “pode ter algumas flores, mas também algo que as pessoas possam brincar lá”. - A19) e outro referiu que faltava um canto de leitura (N=1, “falta um sítio para nós lermos livros”. - A13). Por fim, dois alunos responderam inespecificamente (N=2, “ah... às vezes faltam-nos coisas, mas mesmo assim nós conseguimos inventar as coisas que forem precisas para brincar na mesma”. - A31; “acho que se podia aproveitar aquela parte ali de relva. Tirar e acrescentar mais algumas coisas...”. - A24).

A importância atribuída pelos professores aos espaços exteriores

O total de professores entrevistados consideraram o espaço exterior importante para os alunos, pois é um espaço onde podem contactar com novas experiências (N=2, “porque lhes traz experiências novas (...) alguns miúdos se não forem às visitas de estudo têm muito poucas experiências ou não saem”. - Ep2; “(...) eu acho que seja importante deixarmos também as vezes as tecnologias de lado porque eles têm que saber utilizar as suas... o seu corpo e a tudo o que lhe pode podemos proporcionar sem as novas tecnologias”. - Ep2). Segundo os participantes, os espaços exteriores promovem a aprendizagem (N=2, “as atividades que são feitas no exterior da escola, da sala de aula (...) as aprendizagens... eles conseguem aprender muito mais facilmente, porque identificam-se mais com ele, porque é o sítio onde eles mais gostam de estar, é fora da sala de aula”. - Ep1; “porque acho que tudo o que pode ser aprendido ou quase tudo o que pode ser aprendido dentro da sala de aula, pode ser aprendido lá fora”. - Ep4), o desenvolvimento motor (N=1, “(...) importante também para o seu desenvolvimento motor”. - Ep3) e as relações interpessoais (N=1, “é importante para as relações interpessoais”. - Ep3).

Para alunos do 1.º Ciclo, o espaço exterior é, de acordo com um dos professores, uma alternativa à sala de aula (N=1, “é muito importante. Até porque muitos deles entram às nove horas na escola e só saem às cinco e meia. Muitas das vezes quando está a chover, nem os intervalos aproveitam para ir ao espaço exterior”. - Ep4). Outro professor considerou o espaço exterior importante para a concentração (N=1, “é muito importante, porque eles ainda têm muita dificuldade de estarem concentrados numa sala de aula, principalmente nos alunos de primeiro e segundo ano”. - Ep1), enquanto

que outro considerou o papel do espaço exterior como espaço lúdico para as crianças (N=1, “é um espaço mais lúdico, ah... em que as atividades, por norma, são mais práticas, ah.. e que eles acabam por aprender bastante”. - Ep2). Para dois professores, o espaço exterior permite a liberdade (N=2, “o espaço exterior proporciona-lhes esta liberdade, de brincar, de estar... e de se conhecerem em realidades diferentes, fora do contexto de sala de aula também”. - Ep2; “é um espaço que é importante para eles brincarem”. - Ep3). Por último, a promoção de relações interpessoais é um aspeto referido por dois professores (N=2, “(...) para eles se interrelacionarem uns com os outros e é um espaço que é importante para que eles se eduquem mutuamente”. - Ep3). Assim, os professores revelaram dar importância ao papel do espaço exterior no desenvolvimento das crianças de 1º Ciclo, principalmente ao nível das aprendizagens adquiridas, do desenvolvimento motor e das relações interpessoais que acontecem nesse espaço.

A importância atribuída pelos alunos ao espaço exterior

Os alunos entrevistados opinaram sobre as suas preferências pelo espaço exterior e/ou interior da instituição. Treze alunos referiram que preferiam o espaço exterior (N=13, “recreio”. - A15; “no recreio!”. - A5; “no recreio”. - A32), enquanto oito alunos preferiam o interior da instituição, mais especificamente a sala de aula (N=8, “eu prefiro estar na sala. Na plasticina e isso”. - A13; “dentro da sala!”. - A8; “ah... prefiro estar na sala. Não está muita gritaria, mais descontraído”. - A21). Oito alunos indicaram preferência pelos dois locais, interior e exterior (N=8, “há dias que prefiro estar no recreio, há dias que prefiro estar na sala”. - A1; “depende, porque há certas coisas que fazemos na sala que são muito divertidas e outras no recreio que também são”. - A29; “eu, depende de como for a matéria e depende como for o estado lá do recreio”. - A20). Por fim, um aluno mencionou não ter preferência pelo exterior nem pelo interior (N=1, “basicamente, em nenhum dos dois, porque eu não gosto muito. Porque no recreio estou a brincar e depois do nada fico entediado, as pessoas chegam ao pé de mim e mandam-me rasteiras, empurram-me... pronto não sei o que é que hei-de fazer no intervalo”. - A23).

Os alunos entrevistados referiram vários aspetos sobre o que gostam mais de fazer no recreio, como por exemplo, utilizarem as estruturas fixas (N=10, “andar de baloiço”. - A9; “estar nas cordas”. - A12; “eu gosto de... de andar no escorrega, andar no baloiço, andar nas cordas”. - A16; “estar nas barras”. - A28), brincadeiras em forma de jogo coletivo (N=13 “eu gosto de jogar futebol (...)”. - A15; “jogar à bola”. - A7; “jogar futebol”. - A30) e de jogo tradicional (N= 4, “brincar à apanhada”. - A17; “brincar à apanhada e às escondidas”. - A10; “(...) brincar às escondidas e à apanhada”. - A15),

fazerem um circuito pela escola (N=3, “mas eu também às vezes também me apetece muitas vezes dar voltas à escola”. - A1), realizarem atividades físicas (N=2, “dar cambalhotas”. - A27; “dançar”. - A26), fazerem amigos (N=1, “eu gosto de fazer amigos novos”. - A31), conversarem (N=1, “conversar”. - A24), inventarem brincadeiras (N=1, “ah... eu gosto de inventar brincadeiras com as minhas amigas. Fazer qualquer coisa nova é uma coisa que eu gosto muito de fazer”. - A29) e observarem brincadeiras (N=1, “sento-me a ver”. - A4). Tal como o estudo de Santos (2017) mostra, as brincadeiras que as crianças mais gostam de fazer no espaço exterior são de elevado nível de atividade física. Desta forma, as respostas remetem para uma maior liberdade, pois as crianças podem correr, saltar ou trepar e até mesmo falarem alto ou gritarem. Duarte (2015) alude que o espaço exterior é um sítio de predileção das crianças para brincarem, visto que é um lugar de liberdade para elas.

São vários os aspetos mencionados pelos alunos acerca daquilo que gostam menos de fazer no recreio. Por exemplo, utilizarem as estruturas fixas (N=5, “eu gosto menos de fazer... de andar nas cordas. Quase partimos a boca lá!”. - A13; “escorrega”. - A14; “de dar cambalhotas lá nas cordas, é o que eu menos gosto de fazer”. - A10), jogarem à bola (N=4, “eu não gosto... por exemplo, não é o meu dia de campo, certo professora? Não gosto de estar sem jogar à fora”. - A19; “campo de futebol”. - A16; “do futebol”. - A12), realizarem jogos tradicionais/ em equipa (N=4, “apanhada, escondidas...”. - A25; “apanhadas, escondidas (...)”. - A26; “apanhadas, escondidas (...)”. - A27; “apanhada e futebol”. - A28), terem discussões (N=4, “de discutir com os nossos amigos quando não estamos de acordo com alguma coisa”. - A29), estarem sentados (N=3, “sentar”. - A25; “estar sentada sem fazer nada”. - A27; “estar sentada”. - A28), realizarem jogos de luta (N=3, “andar à luta”. - A6; “andar à luta e andar a pôr...”. - A24; “de andar à luta”. - A23), lesionarem-se fisicamente e os castigos (N=2, “estar de castigo e nos aleijarmos”. - A2), realizar atividades artísticas como pintar e desenhar (N=2, “(...) e também não gosto de pintar”. - A18); “(...) e desenhar”. - A20), brincarem com crianças de idade superior (N=2, “brincar com os do terceiro e quarto ano”. - A5; “brincar com os do quarto ano”. - A8), executarem jogos de mesa (N=2, “jogar jogos de mesa (...)”. - A20; “xadrez”. - A19), conversarem (N=1, “conversar”. - A21), lerem livros (N=1, “estar a ler livros que a C***** tem (...)”. - A18) e realizarem o jogo dos postes (N=1, “não gosto muito de brincar no jogo dos postes”. - A10).

A totalidade de professores entrevistados referiu que os alunos preferiam as atividades no exterior da sala (N=4, “ (...) no exterior, sempre. Qualquer criança prefere estar no exterior” - Ep1; “no exterior”. - Ep2; “claramente no exterior (...) porque é um espaço mais agradável, mais apetecível.” - Ep3; “sem dúvida, no exterior”. - Ep4).

O Papel e Estratégias dos profissionais de educação nas aprendizagens/desenvolvimento dos alunos

Para os professores entrevistados, o papel do professor no tempo dedicado ao espaço exterior deve ser de observador (N=2, “o papel do professor, na minha opinião, passa apenas e só por estar a fazer vigilância. Não tem que intervir. É um tempo e um espaço que é dos miúdos e que deve ser respeitado como tal”. - Ep3) e interveniente (N=1, “se o tempo dedicado for em tempo de aula, ah... é importantíssimo para poder gerir, poder organizar e poder indicar o que eles podem e não podem fazer”. - Ep4). Um professor referiu que o tempo dedicado ao espaço exterior contribui para as relações interpessoais com os alunos (N=1, “o relacionamento, (...)”. - Ep2) e outro professor mencionou a importância das novas experiências durante o tempo no espaço exterior (N=1, “o relacionamento, as experiências que lhes proporcionamos são completamente diferentes da sala de aula”. - Ep2). Por último, um professor referiu ainda que o tempo dedicado ao espaço exterior é insuficiente (N=1, “é pouco, o papel do professor é muito pouco. O professor tem muito pouco tempo para ir lá fora com os alunos, porque os programas, infelizmente, tanto português como de matemática são muito extensos”. - Ep1). Tal como diversos autores (Albuquerque, 2007; Ferreira, 2010; Santos, 2017) mencionam podem ser vários os papéis que o profissional da educação pode assumir, ou seja, o adulto pode adotar uma postura de observador, ou pode participar na atividade (atividades informais), apoiando e enriquecendo as iniciativas e descobertas da criança ou pode ainda ter a iniciativa de situações educativas intencionalmente planeadas.

As atividades/estratégias adotadas pelos professores quando saíam para o exterior eram de dois tipos: exploração livre e atividades orientadas. Um professor referiu adotar atividades de exploração livre quando sai para o exterior, deixando os alunos brincarem livremente, devendo, contudo, respeitar as instruções e comportar-se devidamente nos locais que vão visitar (N=1, “se formos a uma visita de estudo, eles tem alguma liberdade, não têm que andar ali muito em carreirinha, podem brincar, mas quer dizer, mas têm diretrizes como se têm de comportar nos sítios ou nas atividades que vamos fazer”. - Ep2). Três professores referiram realizar atividades orientadas (N=3, “sim, são atividades orientadas. Já fizemos e temos feito de vez em quando atividades relacionadas com matemática, com o estudo do meio”. - Ep3; “quando sou eu que estou a orientar a aula tento ao máximo que sejam atividade orientadas. Nos intervalos, eles já têm as atividades livres, tento orientar sempre”. - Ep4). Um professor, em função do ano de escolaridade, adapta o tipo de atividade, sendo que quando leciona no 2º ano de escolaridade opta por atividades orientadas (N=3, “para já orientadas, porque o grupo

é de segundo ano". - Ep1). Quando trabalha com grupos de anos de escolaridade superiores opta por dar mais liberdade de exploração, uma vez que faculta um guião para os alunos trabalharem com autonomia (N=2, "quando tenho quarto ano, principalmente, já lhes dou, ah... muitas vezes, tipo um guião e eles dividem-se em grupos e eles fazem uma exploração livre". - Ep1). Por último, um professor referiu que realiza ambas as atividades/ estratégias (N=2, "se formos a uma quinta do arrife, embora tenham atividades, é uma quinta em que eles podem estar mais em liberdade, se eu vou dar uma aula de educação física tem que ser direcionada para aqueles exercícios". - Ep2).

Quando solicitados a descrever uma atividade realizada com os alunos no espaço exterior, um professor referiu uma relacionada com a Matemática (N=1, "fazer medições, fazer jogos (...)". - Ep4) e outra com a exploração da natureza ("na altura em que falamos das plantas, explorar as plantas e as árvores". - Ep4). Um professor referiu como atividades que o marcaram as visitas de estudo (N=1, "as visitas de estudo são sempre atividades boas, mas por exemplo as festas de final de ano". - Ep2) e as festas de final de ano (N=1, "(...) mas, por exemplo, as festas de final de ano". - Ep2). Outro professor mencionou *Peddy papper* realizado com os alunos (N=1, "fizemos um *peddy papper* aqui pelas redondezas e foi uma atividade que os miúdos gostaram muito e foi uma atividade que me deu algum gosto em participar e organizar". - Ep3). Por último, outro professor respondeu as atividades físico-motoras como atividades mais marcantes (N=1, "na parte da fisicomotora, quando faço, na escola onde eu estava também tinha um parque exterior grande, uma escola grande e tinha à volta da escola e, muitas vezes, fazia algumas estafetas, algumas estações (...) ao mesmo tempo que eles tinham de fazer a parte da físico motora tinham sempre que responder a uma questão ou de matemática, ou de português ou de estudo do meio". - Ep1).

Quando questionados se o professor realizava atividades no exterior, treze alunos responderam afirmativamente (N=13, "sim... dá aula de educação física". - A27; "sim, quando o professor dá aulas de zumba lá fora!". - A30; "sim, na sexta feira, quase todas as sextas feiras, vamos lá para o campo ou quando está a chover vamos para o polivalente, mas costumamos ir para o campo e depois o professor leva material que está lá em baixo e fazemos vários jogos". - A22; "também fazemos educação física ali no ginásio e as vezes lá fora". - A12), enquanto sete mencionaram que realizava às vezes (N=7, "às vezes!". - A11; "às vezes...". - A2; "às vezes...". - A23) e três responderam negativamente (N=3, "nada, ela nunca faz nada com a gente". - A6; "não, eu acho que não". - A14; "não, nunca fizemos!". - A13). Dois alunos responderam ainda de forma incerta (N=2, "hum...". - A1; "hum...". - A10) acerca das atividades no exterior.

Ganhão (2017) menciona que, de uma forma geral, o espaço exterior em Portugal é pouco valorizado e utilizado pelos profissionais de educação, pois tal situação se deve à forma de pensar da população e à formação dos educadores e professores. No presente estudo, por exemplo, e de acordo com os alunos, o exterior é utilizado de forma bastante redutora, limitando-se, essencialmente, a atividades relacionadas com jogos e realização de exercício físico.

2.5. Considerações finais

Seguem-se as considerações finais da pesquisa realizada, que pretende entender de que forma o espaço exterior pode contribuir para o desenvolvimento de aprendizagens nas crianças de idade Pré-escolar e nos alunos do 1.º CEB.

Com base nos dados resultantes desta pesquisa pode-se afirmar que, a maioria dos espaços exteriores das instituições escolares estão em conformidade com os aspetos legais definidos. No entanto, todos carecem de elementos estruturantes mais desafiantes como as crianças e os alunos mencionam nas entrevistas (por exemplo: elementos naturais, campos desportivos, piscinas, mercearias, ginásio, entre outros). Os espaços exteriores dos Jardins de Infância devem estar de acordo com os requisitos presentes no Despacho Conjunto n.º 268/97 de 25 de Agosto e, no 1.º CEB, os espaços exteriores devem respeitar o conjunto de referenciais técnicos para construção, ampliação ou requalificação de escolas básicas do 1.º CEB, definidos pela Secretaria Geral do Ministério da Educação.

Nas entrevistas realizadas, apenas uma educadora (de um total de 4) considerou o espaço exterior satisfatório. Relativamente aos professores, dois deles (de um conjunto de 4) consideraram que o espaço exterior é um espaço a melhorar. Na opinião das crianças e alunos também os espaços exteriores das instituições que frequentavam apresentavam algumas necessidades, essencialmente relacionadas com a falta de estruturas fixas e móveis, espaços naturais e de aventura, campos apropriados para a realização atividades desportivas diversas. Estes elementos sugerem que tanto as crianças como os profissionais reconhecem a existência de alguns problemas e carências nos espaços exteriores. Espadilha (2017) e Sá (2016) evidenciam como é importante estes espaços terem os recursos necessários e adequados às diversas atividades das crianças, tornando-os mais interessantes e ricos.

A totalidade das educadoras considerou importante o espaço exterior para as crianças, por permitir a realização das suas brincadeiras explorando elementos da natureza (terra e água), podendo ainda proporcionar aprendizagens, liberdade e a sociabilização. Autores como Silva et al. (2016) e Duarte (2015) referem que o espaço exterior apresenta diversas potencialidades, sendo privilegiado no que concerne aos

recursos naturais e às atividades da iniciativa das crianças e, por isso, é propício para ocorrerem aprendizagens. Tal como as educadoras, todos os professores entrevistados consideraram que o espaço exterior é um espaço onde os alunos podem contactar com novas experiências. A aprendizagem, o desenvolvimento motor e as relações interpessoais foram aspetos referidos pelos professores relativamente à importância do espaço exterior para os alunos. Post e Hohmann (2011) consideram o espaço exterior um local imensamente rico em experiências e vivências, cheio de oportunidades de exploração para as crianças e que permite diversas experiências sensoriomotoras.

As crianças também referiram as suas preferências entre o espaço interior e exterior. Oito crianças de Pré-escolar (de um total de 17) consideraram o espaço exterior como o espaço preferido no Jardim de Infância, sendo várias as brincadeiras que nele têm como, por exemplo, o jogo dramático, jogos de aventura e ação, a utilização de estruturas e a apreciação da natureza. No 1.º CEB, treze alunos (de um total de 32) reconhecem o recreio como espaço preferido para as suas brincadeiras em jogos coletivos/ equipa, nas estruturas fixas e móveis, em vários desportos e pela sua importância na dimensão relacional. Para Sá (2016), o espaço exterior deve apresentar características específicas, diferentes das do espaço interior, que contribuam para o desenvolvimento e bem-estar de qualquer criança.

Tal como diversos autores (Albuquerque, 2007; Ferreira, 2010; Santos, 2017), estes profissionais entendem que o adulto pode adotar uma postura de observador e participar na atividade, apoiando e enriquecendo as iniciativas e descobertas da criança ou pode ainda ter a iniciativa de situações educativas intencionalmente planeadas, no espaço exterior e nas atividades aí desenvolvidas. A maioria das atividades realizadas pelas educadoras e pelos professores no espaço exterior, mencionada pelas crianças, consiste na realização de jogos e em aulas de ginástica. Verifica-se, assim, que apesar de serem realizadas atividades no espaço exterior, os profissionais da educação não exploram todas as potencialidades deste tipo de espaço. Considera-se que a frequência de ações de formação nesta área seria útil a estes profissionais, para favorecer e potenciar a realização de atividades no espaço exterior mais diversificadas, independentemente da estação do ano. Neste processo, importa também envolver os encarregados de educação para compreenderem os objetivos subjacentes das práticas no espaço ao ar livre.

Em relação às limitações do estudo, uma dificuldade identificada foi não ter havido a oportunidade de realizar um estudo focado na prática interventiva com planeamento, implementação e avaliação de atividades no espaço exterior. O facto de se centrar num pequeno número de participantes e contextos de intervenção também foi uma limitação do estudo. Contudo, tratando-se de estudos de caso não é finalidade

do presente trabalho a generalização dos dados, mas a sua compreensão mais profunda em função dos contextos nos quais a prática teve lugar.

Assim, considera-se que em estudos futuros estas poderão ser dimensões a explorar, tendo em conta os conhecimentos já aprofundados que se têm sobre as características do espaço exterior e as suas potencialidades. Para além disto, a planear e implementar uma oficina de formação para educadores e professores nesta temática poderá, também, ser uma sugestão para outros trabalhos.

O espaço exterior requer da parte dos profissionais um “novo olhar” para explorar todas as suas potencialidades na promoção de aprendizagens e no desenvolvimento das crianças com as quais trabalham no seu quotidiano, aproveitando a motivação e interesse intrínsecos que este proporciona às crianças, “sentindo e crescendo com elas fora de portas”.

Reflexão final

A realização deste relatório final revelou-se muito importante, enquanto futura educadora e professora, visto que resultou num culminar de aprendizagens. A sua elaboração, bem como todo o processo de análise e reflexão da prática profissional, promoveram a construção de conhecimentos fundamentais a um educador e professor do 1.º CEB. Importa referir também que para tal contribuiu não só a formação adquirida em contexto formal do Mestrado, mas também a participação em ações de formação, *workshops*, seminários, aulas abertas, congressos, que muito cooperaram para o desenvolvimento profissional.

As práticas possibilitaram observar e acompanhar todo o trabalho desenvolvido pelos profissionais educativos, que proporcionou a apreensão do trabalho, das funções e das responsabilidades inerentes a esta profissão. Isto permitiu a aquisição de conhecimentos que contribuiram para a construção de uma identidade profissional. Segundo Santos e Rodrigues (2010), a identidade do professor é única e diversa, pois é construída a partir da identidade pessoal e profissional. Os autores mencionam ainda que a identidade constrói-se através do equilíbrio das características pessoais e profissionais e vai sendo definida pelas relações sociais que se estabelecem com os alunos e toda a comunidade educativa. Ao longo das PES nos vários contextos foi possível aplicar alguns dos conhecimentos teóricos que foram adquiridos ao longo da formação. O suporte teórico revelou-se importante para sustentar e orientar as práticas. Para além deste aspeto, a reflexão e o questionamento diários foram uma preocupação, que colaboraram para a construção de um professor reflexivo. Tal como Fontana e Fávero (2013) referem um docente apresenta-se como um profissional reflexivo quando não atua como mero transmissor de conteúdos e pensa também sobre a sua prática,

confrontando as suas ações. Os autores mencionam ainda que a reflexão sobre a ação e o pensamento crítico podem ajudar o profissional a elaborar novas estratégias, ajustando-se a novas situações.

Assim, considera-se importante aludir que observar, planejar, agir, avaliar e comunicar foram aspetos importantes para dar uma resposta adequada e eficiente, aos interesses e necessidades dos grupos e para proporcionar o desenvolvimento de aprendizagens. No decorrer das práticas foi uma preocupação envolver e motivar os alunos, partindo, sempre dos conhecimentos prévios dos mesmos. Assim, as planificações das atividades foram realizadas face ao conhecimento manifestado pelos alunos sobre determinado tema. Com o objetivo de serem concretizadas atividades enriquecedoras e significativas, em que alunos estivessem maioritariamente envolvidos, procurou-se, de uma forma geral, partir daquilo que os motiva e, desta forma, estabelecer-se uma maior intencionalidade educativa, através de práticas estimulantes nos mais diversos níveis.

As PES realizadas durante o Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB foram sempre uma fonte de aprendizagens, no entanto em algumas vezes surgiram dificuldades, dúvidas e receios. A elaboração de planificações para dois anos em simultâneo e a avaliação foram aspetos que estiveram presentes. Após algumas leituras, conversas com professores cooperantes, professores supervisores, trocas de ideias e partilha de estratégias com os colegas de turma, estas dificuldades foram-se revelando cada vez menos acentuadas com o avançar das práticas letivas. No entanto, considero que a avaliação é uma área em que devo continuar a apostar ao longo da minha vida profissional de forma a superar esta limitação.

A colaboração com todos os membros das instituições, isto é, docentes, pessoal não docente, encarregados de educação, e participação em todas as atividades que foram propostas foi também uma preocupação. O trabalho de equipa/colaborativo contribuiu para a consciencialização que a ação de um professor não deve ser realizada individualmente.

A componente investigativa permitiu entender as realidades educativas face aos espaços exteriores das instituições analisados e como esses espaços podem contribuir para a formalização de aprendizagens significativas nas crianças.

Reconhecendo a relevância deste tema para o desenvolvimento das crianças, defende-se a inclusão do mesmo no currículo. Neste sentido, verificou-se que grande parte das crianças de Pré-escolar e os alunos de 1.º CEB entrevistados consideraram o espaço exterior um local de preferência, assim como, os educadores entrevistados consideraram o espaço exterior importante para as crianças e a totalidade de professores entrevistados referenciou que os alunos preferiam as atividades no exterior

da sala. Assim, esta investigação pode ser um contributo para o currículo devido aos resultados apresentados relativamente às aprendizagens que podem ser promovidas nas crianças e nos alunos no espaço exterior. Esta investigação poderá ajudar a consciencialização da pertinência deste tema e da sua exploração no ensino de forma mais consistente e explícita. É importante possibilitar todas as oportunidades deste espaço: “o espaço exterior é um local muito rico em experiências e vivências, cheio de oportunidades de exploração para as crianças” (Ganhão, 2017, p. 41).

Por fim, ao considerar-se todo o percurso efetuado afirma-se que se sucedeu um crescimento tanto a nível pessoal como profissional. Foi possível ir desenvolvendo e melhorando as capacidades de planeamento, de observação e de relacionamento com as crianças e os alunos, mobilizar conhecimentos e aprender de uma forma construtiva. No geral, procurou-se aproveitar cada momento ao máximo e aprender com cada acontecimento e com cada criança, ajudando-os a crescer.

Referências bibliográficas

- Albuquerque, M. (2007). *Os Recreios dos Jardins-de-Infância do Concelho de Tarouca*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação, Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores.
- Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano (2013-2017). Projeto Educativo. Santarém: Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano. Retirado de http://www.ae-alexandreherculano.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=136&Itemid=162
- Almeida, Y., & Santos, C. (2017). Inclusão na educação infantil: desafios e possibilidades através das práticas pedagógicas. *Política e Gestão Educacional*, 21(3), 1423-1432.
- Alvarenga, I. J. A. (2011). *A planificação docente e o sucesso do processo ensino-aprendizagem - Estudo na Escola Básica Amor de Deus*. Memória Monográfica obtenção do grau de Licenciatura em Ciências da Educação e Praxis Educativa. Universidade Jean Piaget. Cabo Verde.
- Alves, S. (2012). *Brincar e aprender no espaço exterior*. Relatório Final em Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Universidade de Aveiro. Aveiro.
- Amaral, A. (2017). *O espaço exterior nas organizações educativas: percepções e práticas no centro escolar da ria*. Relatório de estágio em Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Universidade de Aveiro. Aveiro
- Antunes, C. (2015). *Exterior(izando) Aprendizagens*. Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-escolar. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Coimbra. Coimbra
- Azevedo, O. (2014). *Chegou a hora do recreio! O recreio: espaço de construção de culturas de infância*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança. Instituto de Educação. Universidade do Minho. Minho.

- Azevedo, R., & Teixeira, M. (2011). Produção Escrita no 1º Ciclo: Espelho da Formação de Professores? *Forum Linguístico* (pp. 23-39). Florianópolis: Instituto Politécnico de Santarém.
- Bailote, C. (2011). *O Fantoche em Jardim-de-Infância: um Recurso à Integração Social da Criança Inibida*. Relatório de Estágio de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Castelo Branco. Castelo Branco.
- Barbosa A., Campos R., Valentim T. (2011). A diversidade em sala de aula e a relação professor-aluno. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 28(4), p. 453-461
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barroso, G., Cruz, R., Santos, A., & Silva, E. (s.d.). *A importância da música na educação infantil*. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/A-IMPORTANCIA-DA-MUSICA.pdf>
- Base de Dados Portugal Contemporâneo – PORDATA (s.d.). *BI das regiões. Santarém Município*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios>.
- Bento, G. (2015). Infância e espaços exteriores – perspetivas sociais e educativas na atualidade. *Investigar em Educação - IIª Série*, 4, 127-140.
- Bento, G., & Portugal, G. (2016). Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. *Revista Iberoamericana de Educación*, 72, 85-104.
- Bilton, H. (2010). *Outdoor Learning in the Early Years*. New York: Routledge.
- Bodgan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Brázio, A. (2013). *Descobrimo as emoções no jardim-de-infância*. Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar. Instituto Superior de Educação e Ciências. Lisboa.
- Câmara Municipal de Santarém (s.d.). *Caracterização do Concelho. Território*. Santarém: CMS. Disponível em <http://www.cm-santarem.pt/o-municipio/caraterizacao-santarem/territorio-santarem>.

- Carvalho, S. (2011). *Brincar no recreio colorido: Um projeto de intervenção no contexto Pré-Escolar*. Relatório Final em Mestrado em Educação Pré-Escolar. Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Viana do Castelo.
- Coelho, A., Vale, V., Bigotte, E., Figueiredo, A., Duque, I., & Pinho, L. (2015). Oferta educativa outdoor como complemento da Educação Pré-Escolar: Os benefícios do contacto com a natureza. *Revista de Estudios e Investigación En Psicología Y Educación*, Extra, 10, 111- 117.
- Council for learning outside of classroom (2009). *Benefits for Early Years of Learning Outside the Classroom*. Shrewsbury: Council for learning outside of classroom. Disponível em <http://www.lotc.org.uk/>
- Coutinho, C. (2011). Paradigmas, Metodologias e Métodos de Investigação. In: Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. (p.9-41).Lisboa. Almedina.
- Cruz, A. (2013). *A importância de brincar no exterior para a resolução de problemas e criatividade: um estudo com crianças em educação pré-escolar*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Cruz, I. (2013). *Potencialidades e utilização do espaço recreio: Um estudo desenvolvido em escolas do 1º ciclo do ensino básico*. Dissertação de Mestrado em Educação. Escola Superior de Educação de Lisboa. Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa.
- Cunha, A. (2017). *A importância do espaço exterior como espaço lúdico e de aprendizagem*. Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-escolar. Escola Superior de Educação. Instituto Jean Piaget. Almada.
- Damas, M. J., & De Ketele, J. (1985). *Observar para Avaliar*. Lisboa: Almedina.
- Damásio, A. (2000). *O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro - Aprova a reorganização curricular do ensino básico
- Decreto-Lei n.º 17/2016, 4 de abril - Estabelece os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens nos ensinos básico e secundário.

- Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho - Estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens
- Decreto-Lei n.º 379/97, de 27 de dezembro - Aprova o Regulamento que Estabelece as Condições de Segurança a Observar na Localização, Implantação, Concepção e Organização Funcional dos Espaços de Jogo e Recreio, Respeetivo Equipamento e Superfícies de Impacte.
- Department for Education and Skills (2006). *Learning Outside the Classroom-MANIFESTO*. Nottingham: Department for Education and Skills.
- Despacho Conjunto n.º 268/97, de 25 de agosto - Define os requisitos pedagógicos e técnicos para a instalação e funcionamento de estabelecimentos de educação pré-escolar.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36),21-32.
- Dewey, J. (2010). *Experiência e educação*. Editora Vozes. Petrópolis Brasil
- Duarte, S. (2015). *A Importância do espaço exterior para as brincadeiras e aprendizagens das crianças*. Relatório da Prática Profissional Supervisionada. Mestrado em Educação Pré-Escolar. Escola Superior de Educação de Lisboa. Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa.
- Duarte, T. (2009). *A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)*. Cies e-working paper. Centro de Investigação de Estudos de Sociologia. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1319/3/CIES-WP60%20_Duarte.pdf
- Espadilha, S. (2017). *Envolvendo-me na natureza posso brincar, aprender e crescer? - Um estudo sobre a importância do espaço exterior no jardim de infância*. Relatório de Prática Profissional Supervisionada. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa.
- Ferreira, D. (2010). O direito a brincar. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, Lisboa: APEI, 12-13.
- Fjørtoft, I. (2001). The Natural Environment as a Playground for Children: The Impact of Outdoor Play Activities in Pre-Primary School Children. *Early Childhood Education Journal*, 29(2),111- 117.

- Fjørtoft, I. (2004). Landscape as Playscape: The Effects of Natural Environments on Children's Play and Motor Development. *Children, Youth and Environments*. 14(2), 22-44.
- Fontana, M. J., & Fávero A. A. (2013). Professor reflexivo: uma integração entre teoria e prática. *Revista de Educação do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai*. 8(17), p. 1-14
- Ganhão, A. (2017). *Brincar sem teto: A Importância do Espaço Exterior na Creche e no Jardim de Infância*. Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Setúbal. Setúbal
- Godbay, G. (2009). *Outdoor recreation, health, and wellness: Understanding and enhancing the relationship*. Resources for the Future. Disponível em: <http://www.rff.org/documents/RFF-DP-09-21.pdf>.
- Gonçalves, T. (2015). *A Participação Ativa das Crianças*. Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Coimbra.
- Gray, D. E. (2012). *Pesquisa no mundo real*. Porto Alegre: Penso.
- Hohmann, M. & Weilkart, D. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jesus, S. N. (1996). A motivação para a profissão docente. Contributo para a clarificação de situações de mal-estar e para a fundamentação de estratégias de formação de professores. Aveiro: Estante Editora
- Lacerda, A. C. & Souza, M. G. (2013). A avaliação na Educação Infantil. *Revista Encontro de Pesquisa em Educação Uberaba*. 1(1), p. 20-29
- Learning and teaching Scotland (2010). *Curriculum for excellence through outdoor learning*. Glasgow-UK: Learning and teaching Scotland. Disponível em: <https://education.gov.scot/Documents/cfe-through-outdoor-learning.pdf>
- Lei n.º 5/97 de 10 de fevereiro. Diário da República, 1.ª Série, n.º 34, de 10 de fevereiro de 1997. Lei-quadro da educação pré-escolar.
- Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro - Reorganização administrativa do território das freguesias
- Leite, C. (2014). *Aprendizagem ativa - a criança como aprendiz ativo na descoberta do mundo*. Relatório de Estágio em Mestrado de Formação de Professores –

Especialização em Educação Pré-Escolar. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Porto.

- Lino, D. (2013). O modelo pedagógico de reggio emilia. In J. Oliveira-Formosinho (org.). *Modelos curriculares para a educação de infância – Construindo uma praxis de participação* (4ª ed.). Porto: Porto Editora, p. 93 - 121.
- Ludke, M., & André, M. E. D. A. (1986). *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Maieski, S., Oliveira, K., & Bzuneck, J. (2013). *Motivação para aprender: o autorrelato de professores brasileiros e chilenos*. Paraná: Universidade Estadual de Londrina.
- Magalhães A., Ribeiro M., & Costa, T (2016). Tecnologia digital na educação infantil: um estudo exploratório em escolas de Belo Horizonte. *Pedagogia em ação*, 8(1), 1-23.
- Many, E., & Guimarães, S. (2006). *Como abordar... A metodologia de trabalho de projecto*. Porto: Areal Editores.
- Martins, G. O. (Coord.), Gomes, C. A. S., Brocado, J. M. L., Pedroso, J. V., Carrillo, J. L. A., Silva, L. M. U., Encarnação, M. M. G. A., Horta, M. J. V. C., Calçada, M. T. C. S., Nery, R. F. V. & Rodrigues, S. M. C. V. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Meirinhos M., & Osório A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: revista de educação*, 2(2), 49-65.
- Ministério da Educação (s.d.). Alguns referenciais técnicos para a construção/Ampliação/Requalificação de escolas na perspetiva do centro escolar. Lisboa: Ministério da Educação. Disponível em: www.centroescolar.min-edu.pt/hp4/file/9/programa_ii.pdf
- Ministério da Educação (1991). *Programa de Expressões Artísticas e Físico-Motora*. Direção-Geral da Educação.
- Ministério da Educação (1994). *Programa do Estudo do Meio*. Direção-Geral da Educação.

- Ministry of Education and Research (2006). *Framework Plan for the Content and Tasks of Kindergartens*. Norway: Ministry of Education and Research.
- Miranda, R. J. P (2006). *Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental? Um estudo no 1º Ciclo*. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa.
- Molinari, A., & Scalabrin, I. (2013). Importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. *Revista científica unar*, 7(1), 1-12. Disponível em: http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf
- Moniz, M. (2009). *A Abordagem da Leitura e da Escrita na Educação Pré-Escolar em Contexto de Supervisão em Angra do Heroísmo*. Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica. Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- Monteiro, S. (2016). *A importância das histórias no desenvolvimento das crianças*. Relatório de estágio. Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Santarém. Santarém
- Norfolk County Concil (2009). *Early Years Outdoor Learning. A Toolkit for Developing Early Years Outdoor Provision*. North Norfolk, England: Norfolk Schools.
- NAEYC (National Association of Early Childhood Specialists in State Departments of Education) (1997). The value of school recess and outdoor play. Documento da NAEYC. Recuperado de <http://www.peacefulplaygrounds.com/pdf/right-to-recess/recess-importance-of-play.pdf>.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Pacheco, J. (2001). *Currículo: teoria e prática* (2ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods* 3rd ed. United States of America: Sage.
- Pereira, L. Á., Cardoso, I., Silva, A. A., Santos, A., Lopes, C., Fonseca, H., et al. (2013). *Atividades para o ensino da língua. Produção Escrita - 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico. Protexos. Caderno PNEP 3*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

- Pires A. (2011). *Criança e Natureza: Uma relação de sensibilidade e encantamento*. Monografia apresentada no final do Curso de Pós-Graduação Lato sensu em “Educação Lúdica em contextos escolares, não formais e corporativos”. Instituto Superior de Educação Vera Cruz. São Paulo.
- Ponte, J. P. (2006). Estudos de caso em educação matemática. *Bolema*, 25, 105-132.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2000). Educação de Bebés em Creche – Perspectivas de formação Teóricas e Práticas. In *Infância e Educação - Investigação e Práticas, Revista GEDEI*, 1, 85-106.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1997). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ramos, A. (2005). *Metodologia – Universidade do Minho*. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6914/1/11/11%20%20Metodologia.pdf> a 5 de julho de 2013.
- Ramos, C. (2013). *O espaço exterior no Jardim de Infância: “Utilização de recursos fixos Informais”*. Relatório Final em Mestrado em Ensino na Especialidade de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Escola Superior de Educação de Beja. Instituto Politécnico de Beja. Beja
- Rebelo. B. (2014). *Visitas de estudo: uma estratégia de aprendizagem*. Dissertação em Mestrado do Ensino de Artes Visuais no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Instituto de Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.
- Reis, P. (2011). *Observação de aulas e avaliação do desempenho docente*. Cadernos do ccap – 2. Ministério da Educação – conselho científico para a avaliação de professores. Disponível em: http://www.ccap.min-edu.pt/docs/Caderno_CCAP_2-Observacao.pdf
- Rego, A. M. (2014). *O professor como educador*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Rodrigues, A. (2017). *Brincar na Natureza: Explorar o Jardim Botânico com crianças dos 2 aos 6 anos*. Trabalho de projeto do Mestrado em Educação para a Saúde. Escola Superior de Educação. Escola Superior de Tecnologia da Saúde. Coimbra
- Roldão, M. (2013). Desenvolvimento do currículo e a melhoria de processos e resultados. In Machado J. & Alves J., (org.). *Melhorar a Escola - Sucesso Escolar, Disciplina, Motivação, Direção de Escolas e Políticas Educativas*. Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade católica Portuguesa / Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano (CEDH) & Serviço de Apoio à Melhoria das Escolas (SAME). Porto.
- Sá, A. (2016). *Espaço exterior como promotor de aprendizagens: Brincar e Aprender*. Relatório Final em Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Instituto da Educação. Universidade do Minho. Minho.
- Santa Casa da Misericórdia de Santarém (2017). *Creche/ Pré-escolar*. Santarém: SCMS. Disponível em: <https://scms.pt/index.php/pt/respostas-sociais/crechepre-escolar/>
- Santos, A. (2017). *À redescoberta do espaço exterior*. Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-escolar. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Coimbra. Coimbra
- Santos, S. P., & Rodrigues F. F. S. (2010). Formações identitárias e saberes docentes: Alguns apontamentos para pensar a formação docente do ensino superior. *Cadernos da FUCAMP*, v.10, n.12. p.18-26
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Silva, I. S, Ana Luísa Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). Focus group: Considerações teóricas e Metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, 26, 175-190.
- Silva, D. (1998). *A influência do relaxamento na ansiedade infantil*. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas.
- Silva, I. L. (2011). Das voltas que o projeto dá...*Da Investigação às Práticas*, I(3), 118-132.
- Sim-Sim, I., Silva A. C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância*. Textos de Apoio para Educadores de Infância. Ministério da Educação.

- Sousa, A. (2012). *A linguagem oral na Educação Pré-Escolar – uma ferramenta para crescer, comunicando*. Relatório final de Mestrado em Educação Pré-escolar. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Portalegre.
- Souza, L. & Ortega, L., (2016). *O lugar das interações sociais na educação infantil: contribuições da sociologia da infância e da psicologia histórico-cultural as pesquisas nesse campo*. *Pedagogia em ação*, 8(1), 1-14. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/12332/9620>
- The Early Years Foundation Stage (2007). *Effective practice: Outdoor Learning*.
- Thigpen, B. (2007). Outdoor Play. *Combating Sedentary Lifestyles*, 19 – 23.
- Thomas, F., & Harding, S. (2011). The role of Play. In J. White (Ed.), *Outdoor Provision in the Early Years* (pp. 12-22). London: Sage Publications Ltd.
- Tovey, H. (2007). *Playing Outdoors. Spaces and places, risk and challenges*. Berkshire: Open University Press, McGraw-Hill Education.
- Vale M. (2013). Brincadeiras sem teto. *Cadernos de Educação de Infância*, 98, 11 – 13.
- Vieira, E. R. (2009). *A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta à luz da Teoria Histórico-Cultural*. Marília: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".
- White, J. (2011). Capturing the difference. In J. White (Ed.), *Outdoor Provision in the Early Years* (pp. 12-22). London: Sage Publications Ltd.

Anexos

Anexo I – Atitudes do educador e objetivos centrados nas crianças

Organização da Rotina	Objetivos (centrados nas crianças)	Atitudes do educador
<p>Acolhimento 8h – 9h30</p>	<p>Interagir com o adulto e com todas as crianças;</p> <p>Expressar as suas necessidades;</p> <p>Realizar pequenas tarefas propostas pelo educador, como por exemplo, arrumar os brinquedos.</p>	<p>Facilitar as interações adulto-criança;</p> <p>Identificar as necessidades de cada criança;</p> <p>Promover o desenvolvimento da autonomia na realização de pequenas tarefas, como o arrumar os brinquedos.</p>
<p>Bolacha e Canção do “Bom Dia” 9h30 – 10h</p>	<p>Cumprimentar as crianças e os adultos presentes na sala;</p> <p>Desenvolver a autonomia comendo a bolacha sozinha e pedindo mais quando deseja;</p> <p>Interagir e conversar com todas as crianças;</p> <p>Conhecer os colegas e identificar os respetivos nomes, inclusive o seu.</p>	<p>Criar hábitos de saudação entre as crianças e entre as crianças e adultos presentes na sala;</p> <p>Promover o desenvolvimento da autonomia no momento de comer a bolacha, nomeadamente, pedir bolacha quando quer mais;</p> <p>Dialogar e interagir com o grande grupo;</p> <p>Promover o reconhecimento de cada criança e do outro – identificação do seu próprio nome e dos restantes colegas.</p>
<p>Atividade orientada 10h – 11h</p>	<p>Corresponder e identificar-se com a atividade proposta;</p> <p>Participar e envolver-se na atividade de forma curiosa;</p> <p>Contactar com diferentes experiências e sensações;</p> <p>Desenvolver a autoestima;</p>	<p>Pensar e propor atividades significativas e adequadas que permitem uma abordagem transversal;</p> <p>Motivar para a atividade, estimulando a curiosidade e a vontade de participação das crianças;</p>

	<p>Concretizar a atividade com menor ajuda possível;</p> <p>Interagir com o grande grupo, o pequeno grupo e na relação de um para um.</p>	<p>Proporcionar à criança a vivência de várias e diversificadas experiências e sensações;</p> <p>Incentivar/orientar as crianças e valorizar o que vão conseguindo fazer no decorrer da atividade orientada;</p> <p>Promover o desenvolvimento da autonomia, procurando que as crianças realizem com a menor ajuda possível as tarefas propostas;</p> <p>Facilitar as interações em grande grupo, pequeno grupo e na relação de um para um.</p>
<p>Higiene (muda da fralda) 11h – 11h30</p>	<p>Interagir com o adulto;</p> <p>Sentir que o adulto assegura as suas necessidades e o bem-estar emocional;</p> <p>Adquirir vocabulário;</p> <p>Conhecer partes do seu corpo.</p>	<p>Facilitar a interação entre adulto-criança;</p> <p>Proporcionar à criança um momento privilegiado de atenção e afeto;</p> <p>Promover o desenvolvimento da linguagem, nomeadamente, pela aquisição de vocabulário;</p> <p>Dar a conhecer à criança as diversas partes do corpo.</p>
<p>Refeição (Almoço) 11h30 – 12h20</p>	<p>Realizar algumas tarefas sozinha, nomeadamente, agarrar na colher e tentar levá-la boca;</p> <p>Conhecer e experimentar diferentes alimentos;</p> <p>Adquirir vocabulário relacionado com a alimentação;</p>	<p>Promover o desenvolvimento da autonomia, procurando que a criança realize algumas tarefas sozinhas;</p> <p>Informar a criança sobre o que ela está a comer e referir a importância desses alimentos;</p>

	Comer ao seu ritmo.	Promover o desenvolvimento da linguagem, nomeadamente, pela aquisição de vocabulário relacionado com a alimentação; Respeitar o ritmo das crianças na alimentação.
Higiene (lavagem das mãos e cara) 12h20 – 12h30	Conhecer hábitos e procedimentos de higiene; Realizar algumas tarefas sem ajuda, como por exemplo, arregaçar as mangas, abrir a torneira, ensaboar e limpar as mãos e boca.	Transmitir hábitos de higiene e procedimentos com eles relacionados; Promover o desenvolvimento da autonomia, procurando que a criança realize sem ajuda algumas tarefas.
Repouso 12h30 – 15h	Antes da sesta: - Reconhecer o ambiente de repouso, como um ambiente tranquilizador e de descanso; - Desenvolver a autonomia, reconhecendo o seu catre e colocando os seus sapatos debaixo do mesmo. Depois da sesta: - Saber que o educador está presente, para receber a atenção e o afeto que necessitam; - Desenvolver a autonomia, calçando sozinha os sapatos com a menor ajuda.	Antes da sesta: - Criar um ambiente tranquilo e acolhedor para que as crianças não estejam agitadas; - Promover o desenvolvimento da autonomia, procurando que cada criança se dirija sozinha ao seu catre e retire e arrume os respetivos sapatos. Depois da sesta: - Dar atenção e afeto a cada criança e dialogar com ela, procurando perceber se dormiu bem; - Incentivar a criança a calçar sozinha os sapatos, dando apenas a ajuda necessária à realização da tarefa.

<p>Higiene (muda da fralda) 15h – 15h15</p>	<p>Interagir com o adulto; Sentir que o adulto assegura as suas necessidades e o bem-estar emocional; Adquirir vocabulário; Conhecer partes do seu corpo.</p>	<p>Facilitar a interação entre adulto-criança; Proporcionar à criança um momento privilegiado de atenção e afeto; Promover o desenvolvimento da linguagem, nomeadamente, pela aquisição de vocabulário; Dar a conhecer à criança as diversas partes do corpo.</p>
<p>Refeição (Lanche) 15h15 – 16h</p>	<p>Realizar algumas tarefas sozinha, nomeadamente, agarrar na colher e tentar levá-la boca; Conhecer e experimentar diferentes alimentos; Adquirir vocabulário relacionado com a alimentação; Comer ao seu ritmo.</p>	<p>Promover o desenvolvimento da autonomia, procurando que a criança realize algumas tarefas sozinhas; Informar a criança sobre o que ela está a comer e referir a importância desses alimentos; Promover o desenvolvimento da linguagem, nomeadamente, pela aquisição de vocabulário relacionado com a alimentação; Respeitar o ritmo das crianças na alimentação.</p>
<p>Brincadeira Livre 16h</p>	<p>Interagir com as restantes crianças e com os adultos em momentos da brincadeira livre.</p>	<p>Interagir com as crianças ou com o grupo, quer entrando na brincadeira, quer quando se justifique, fazendo propostas.</p>
<p>Hora da criança abandonar a creche</p>	<p>Receber os encarregados de educação com contentamento no final do dia.</p>	<p>Informar os pais e os encarregados de educação de como correu o dia da criança e dar-lhes conta das atividades desenvolvidas durante o dia.</p>

Anexo II – Atividade “Tapete Sensorial”

	Objetivos	Estratégias / Desenvolvimento da atividade	Recursos	Avaliação
<p><i>Atividade orientada - Tapete Sensorial</i></p> <p>Expressão Motora</p> <p>(duração de 30 min)</p> <p>Áreas de Conteúdo/Expressões associadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressão Musical; - Formação Pessoal e Social; - Linguagem Oral. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a motricidade fina e grossa; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Saber abrir e fechar o fecho; ✓ Utilizar o corpo (pés, mãos, etc.) para explorar o tapete. • Dominar diferentes movimentos locomotores (gatinhar, andar, rolar); <ul style="list-style-type: none"> ✓ Explorar o tapete, andando, gatinhando e rebolando por cima dele; • Desenvolver a percepção sensorial; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar e explorar diferentes materiais: cortiça, tecido, lã, etc.; ✓ Obter diferentes sensações: picar, suave, ríspido, etc. • Desenvolver o sentido estético; 	<p>Para dar início à atividade, as estagiárias colocam o tapete sensorial no chão da sala, de forma a permitir a sua exploração por parte do grupo. De seguida colocam música de fundo (CD “Música Clássica) no rádio.</p> <p>As estagiárias convidam as crianças a explorarem o tapete sensorial. Podem, até começar por mexer nos diversos materiais que o tapete contém, de forma a cativá-las a participarem na brincadeira.</p> <p>Durante a atividade é importante que as estagiárias estejam em constante interação com todo o grupo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Tapete Sensorial; - Telemóvel (fotografias); - Rádio; - CD “Música Clássica”; - Grupo de crianças; - Educadora Filomena; - Auxiliar da Ação Educativa Rosinda; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta: - Grelha de observação; - Registos fotográficos documentados.

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Contatar e conhecer diferentes cores, formas e texturas. • Desenvolver o sentido auditivo; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer o estilo de música clássica; ✓ Explorar os sons existentes no tapete (som dos guizos, plásticos e som dos berlindes). • Desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Saber utilizar o tapete sensorial não interferindo com a atividade dos colegas; • Desenvolver a autonomia; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Explorar o tapete sensorial com a menor ajuda possível. • Desenvolver a linguagem. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Adquirir vocabulário: tapete, cor (laranja, preto, roxo, cor-de-rosa, etc.), rolhas, tecido, fecho, laço, fofinho, etc. 		<p>- Estagiárias Sara e Sofia.</p>	
--	--	--	------------------------------------	--

Notas:

Para além da dinamização da atividade orientada, as estagiárias irão dinamizar neste dia momentos da rotina. Estas dinamizações foram pensadas com base no quadro intitulado “Atitudes do educador e o que se espera das crianças na rotina”.

Rotina	Dinamizações
Bolacha e canção do Bom dia	<ul style="list-style-type: none">• Utilização de dedoches Utilizar 5 dedoches (pássaro, tubarão, elefante, leão, tartaruga) na hora de comer a bolacha para criar um momento de entretenimento e na hora da música do “Bom dia”, de modo a criar hábitos de saudação nas crianças.
Higiene (muda da fralda)	<ul style="list-style-type: none">• Flauta Utilizar a flauta para tocar as músicas “Indo eu”, “Ó malhão”, “O Jardim da Celeste”, “As Pombinhas da Catrina”, de modo a criar um momento de entretenimento no tapete na hora da muda da fralda.
Brincadeira livre	<ul style="list-style-type: none">• Utilização de balões Utilizar balões para facilitar as interações criança – adulto, através de brincadeira.

Observações:

No momento de comer a bolacha e cantar a canção do bom dia utilizei diversos dedoches (pássaro, tubarão, elefante, leão, tartaruga). Logo após a educadora cooperante Filomena distribuir as bolachas pelas crianças, tirei do bolso alguns dedoches para interagir com as crianças. Todas se mostraram curiosas e entusiasmadas, algumas pararam mesmo de comer a bolacha que tinham na mão. Cumprimentei (dizer bom dia e perguntar como estavam; apresentar o dedoche com que estava a cumprimentar) todas as crianças presentes no tapete e, de seguida algumas quiseram

experimentar nos seus dedos. No momento em que a educadora colocou dedoches nos dedos, tomou a iniciativa de cantar a canção do bom dia. Ainda com os dedoches no dedo, acompanhei a canção.

Para além deste momento, os dedoches também foram utilizados momentos antes da muda da fralda, visto que duas crianças tinham chegado mais tarde e não acompanharam a canção do bom dia. No entanto, para além destas duas crianças, a maioria do grupo juntou-se a mim nesta brincadeira. Quiseram novamente experimentar. Observei nas suas caras entusiasmo, satisfação e prazer por descobrir coisas novas.

Durante a muda da fralda utilizei novamente a flauta para dinamizar este momento. Observei que as crianças estavam atentas e interessadas em ouvir aquilo que tocava. Algumas quiseram experimentar, porém não foi possível. No final de cada canção batiam palmas.

Na parte da tarde, durante a brincadeira livre foram utilizados os balões que tinham sido usados no dia anterior para o acolhimento. Novamente fiz questão de mencionar as cores dos balões com que estavam a brincar e o número de balões que estavam a segurar. Realizei também diversas brincadeiras, nomeadamente fazer uma chuva de balões, ou seja, segurar em vários balões, contar até três e mandá-los para o ar. Todas as crianças brincaram com os balões até ao momento de partirem da creche. À medida que se iam embora foram presenteados com um balão para levarem para casa.

Anexo III - Grelha de observação da atividade “Tapete Sensorial”

	Indicadores a avaliar	Observações
<p>Dia 13 de janeiro de 2017</p> <p>Atividade orientada - <i>Tapete Sensorial</i></p> <p>Expressão Físico - Motora</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sabe abrir e fechar o fecho; • Utiliza o corpo (pés, mãos, etc.) para explorar o tapete; • Explora o tapete, andando, gatinhando e rebolando por cima dele; • Observa e explora diferentes materiais: cortiça, tecido, lã, etc.; • Obtém diferentes sensações: picar, suave, ríspido, etc.; • Contata e conhece diferentes cores, formas e texturas; • Contata com o estilo de música clássica; • Explora os sons existentes no tapete (som dos guizos, dos plásticos e dos berlindes); • Utiliza o tapete sensorial não interferindo com a atividade dos colegas; 	<p>A atividade orientada foi aceite por todas as crianças do grupo, à exceção de uma criança. Assim que o tapete foi apresentado e colocado no chão, pouca foi a interação que existiu, sendo que desviou logo a sua atenção para os brinquedos da sala.</p> <p>Logo no início da atividade, o grupo preferiu descobrir os vários sons que o tapete reproduzia, ou seja, o som dos guizos, dos berlindes, do plástico, etc. Após essa descoberta, o grupo observou e explorou os outros materiais que o tapete contém, andando, gatinhando e rebolando por cima dele. Utilizaram o corpo para o explorarem, principalmente as mãos e os pés. Em alguns momentos, a boca também foi necessária para a exploração. Alguns quiseram sentar-se no centro do tapete para estarem mais próximos de tudo o que podia oferecer.</p> <p>Durante a atividade foi possível observar que algumas crianças se interessaram pelas diferentes sensações e pelos quatro fechos que o tapete continha. A maioria conseguiu abrir e fechar o fecho dos quatro. Dois dos quatro fechos era mais difícil de manusear, porém conseguiram-nos abrir e fechar. Ao sentirem o fofinho e o picar foi possível observar nas suas faces diversos sentimentos, tais como satisfação, estranheza, etc.</p> <p>Ao longo da atividade, foi possível observar que as crianças souberam interagir umas com as outras. Quase nenhuma fez birras e quando isso aconteceu era devido aos colegas sentados no meio do tapete que não possibilitava a exploração.</p>

	<ul style="list-style-type: none">• Explora o tapete sensorial com a menor ajuda possível;• Adquire vocabulário: tapete, cor (laranja, preto, roxo, cor-de-rosa, etc.), rolhas, tecido, fecho, laço, fofinho, etc.	<p>Apesar dos adultos presentes na sala estarem sempre a mencionar o nome dos vários materiais, não foi visível a aquisição da aprendizagem do nome dos mesmos, pois o grupo não pronunciou nenhuma palavra relacionada com a atividade.</p>
--	---	--

Anexo IV - Registos fotográficos documentados da atividade “Tapete Sensorial”



Figura 16 – A atividade realizada em grande grupo foi aceite pela maioria do grupo, à exceção de uma criança. As crianças mostraram-se curiosas acerca do tapete e aquilo que ele continha. Para além de explorarem sentados, como mostra na fotografia, também exploraram o tapete de cóceras, gatinhando e deitados sobre ele e andar por cima dele.



Figura 17– No tapete estavam presentes quatro fechos para abrir e fechar. Dois deles de abertura fácil e os outros dois de abertura difícil. Porém, tanto esta criança que se observa na fotografia como outras conseguiram abrir ambos os fechos. Aquela que seria a maior dificuldade colocada no tapete, algumas crianças conseguiram-na superar.



Figura 18 – Durante a atividade foi possível observar momentos de interação de um para um e momentos de interação de grande grupo. Nesta fotografia observa-se duas crianças de cóceras a descobrirem as várias sensações de tocar nas rolhas.

Anexo V – Atividade “Estendal Musical”

	Objetivos	Estratégias / Desenvolvimento da atividade	Recursos	Avaliação
<p><i>Atividade orientada- Estendal Musical</i></p> <p>Expressão Musical (duração de 30 min)</p> <p>Áreas de Conteúdo/Expressões associadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressão Físico - Motor - Formação Pessoal e Social; - Linguagem Oral. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o sentido auditivo e tátil; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer e explorar os diferentes materiais e os sons: garrafas, guizos e balões com diferentes materiais. • Desenvolver a motricidade fina e grossa; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Manusear todos os arcos (arcos de garrafas, arco de balões, arco de guizos). • Desenvolver a competência de trabalhar em equipa; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Saber utilizar os arcos sem interferir com a atividade dos colegas. • Desenvolver a linguagem oral; 	<p>Antes de iniciar a atividade é necessário que as estagiárias tenham preparado devidamente o material e a montagem do mesmo na sala (pendurar os arcos nos candeeiros).</p> <p>O material pedagógico consiste em três arcos pendurados nos candeeiros da sala com fio de cocô. Cada arco tem um material diferente: um arco com garrafas cheias, meio cheias e vazias; um arco com guizos; um arco com balões cheios com diversos materiais (arroz, massas e areia).</p> <p>Para dar início à atividade, as estagiárias colocam música de fundo no rádio e,</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estendal Musical; - Rádio; - CD “Músicas infantis tradicionais”; - Telemóvel (Fotografias); - Grupo de crianças; - Educadora Filomena; - Auxiliar da Ação 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Grelha de observação; - Registos fotográficos.

	<p>✓ Adquirir vocabulário: guizos, balões, garrafas e arcos;</p>	<p>colocam as crianças divididas em grupos de 4 por cada arco (3 arcos).</p> <p>Durante a atividade, as estagiárias sugerem a cada grupo para tocar os instrumentos que cada arco contém, até terem participado todos os grupos. No final é formado uma “orquestra”.</p> <p>É necessário que as estagiárias tenham em conta o ritmo da música que esteja a tocar no rádio.</p>	<p>Educativa Rosinda; - Estagiárias Sara e Sofia.</p>	
--	--	--	---	--

Notas:

Para além da dinamização da atividade orientada, as estagiárias irão dinamizar neste dia momentos da rotina. Estas dinamizações foram pensadas com base no quadro intitulado “Atitudes do educador e o que se espera das crianças na rotina”.

Rotina	Dinamizações
Acolhimento	<p>✓ Utilização de bolas coloridas com luzes</p> <p>Distribuir bolas coloridas com luzes às crianças;</p> <p>Realizar vários movimentos com o material (por exemplo: chutar, abanar a bola, fazer rolar no chão a bola, agarrar mais do que uma bola, etc), facilitando as interações adulto-criança e evitando situações de choro na hora dos pais deixarem as crianças na creche.</p>

Observações:

Neste dia, devido a um contratempo relacionado com a atividade orientada, não me foi possível assistir ao acolhimento. Logo, as bolas coloridas com luzes não foram utilizadas nesse momento. Contudo, a educadora cooperante Filomena aconselhou a utilizá-las após a atividade orientada, ou seja, no momento da brincadeira livre.

Desde o início que as crianças se mostraram curiosas e atentas àquilo que trazia para elas. Passaram a maior parte do tempo a brincar com as bolas. Observei que gostavam muito mais do som que emitiam do que propriamente das luzes. Nesta brincadeira, houve uma criança que inicialmente sentiu medo do som e das luzes das bolas, porém após contactar com o material e com os colegas a manuseá-las, facilmente perdeu o medo. Todas as crianças participaram à exceção de uma que preferiu brincar com os brinquedos da sala. Nas suas faces observei alegria e satisfação relativamente ao material.

Anexo VI - Grelha de observação da atividade “Estendal Musical”

	Indicadores a avaliar	Observações
<p data-bbox="203 496 412 576">Dia 11 de janeiro de 2017</p> <p data-bbox="237 692 378 871">Atividade orientada - <i>Estendal Musical</i></p> <p data-bbox="237 991 383 1070">Expressão Musical</p>	<ul data-bbox="539 440 1039 783" style="list-style-type: none"> • Explora os diferentes materiais e os sons; • Manuseia todos os arcos; • Utiliza os arcos sem interferir com a atividade dos colegas; • Adquire vocabulário: guizos, balões, garrafas e arcos. 	<p data-bbox="1066 368 2040 440">Todas as crianças participaram na atividade, explorando e manuseando os materiais dos diferentes arcos com as mãos e com a boca.</p> <p data-bbox="1066 488 2040 719">No início da atividade estavam centrados no arco dos guizos, pois este fazia um barulho interessante, no entanto com o desenrolar da mesma começaram a interessar-se pelos outros dois arcos – balões e garrafas. No arco das garrafas, as crianças utilizaram a boca para tentar ingerir o que estava nas garrafas, visto que é um material utilizado na sua vida diária.</p> <p data-bbox="1066 767 2040 1046">Durante a atividade, poucas foram as birras pois este era um material que pouco permitia a isso. Utilizaram-no sem interferir com a atividade dos colegas, repartindo o espaço e interagindo em relação de um para um ou em relação de pequeno grupo. Uma criança que ainda não anda foi inteiramente integrada na atividade, sendo visível a sua satisfação e alegria ao ouvir o som dos balões e ao tocar nas garrafas e nos guizos.</p> <p data-bbox="1066 1094 2040 1270">Apesar dos adultos presentes na sala estarem sempre a mencionar o nome dos vários materiais, não foi visível a aquisição da aprendizagem do nome dos mesmos, pois o grupo não pronunciou nenhuma palavra relacionada com a atividade.</p>

Anexo VII - Registos fotográficos documentados da atividade “Estendal Musical”



Figura 19 – O arco das garrafas foi o terceiro mais explorado. Foi possível observar que as crianças já tinham adquirido o saber beber água pela garrafa. Para além de tentarem beber a água, também agitaram as garrafas para ouvir o som da água dentro delas.



Figura 20 – No contacto com o arco dos balões, as crianças passavam por ele a correr, abanando os braços e as mãos, para que os balões se mexessem e pudessem ouvir o som dos vários materiais que os balões continham neles. Apenas a criança que ainda não adquiriu a marcha explorou de forma diferente.



Figura 21 – Ao iniciar a atividade e mesmo durante a mesma foi possível visualizar que a maior parte das crianças preferiu o arco dos guizos pelo o som que emitia. Neste momento observa-se o envolvimento e a experiência com o arco dos guizos.



Figura 22 - Durante a atividade foi preocupação das estagiárias integrarem e envolverem a criança que ainda não adquiriu a marcha na atividade, para poder ter oportunidade de experimentar todos os arcos. Ao longo da atividade foi possível observar que a sua exploração do material era diferente da dos colegas, ou seja, sentado, agarrava nos balões com força e tentava colocar na boca. rafia, a sua experiência com o arco dos balões.

Anexo VIII – Mapa de avaliação semanal

Nesta semana...		Na próxima semana...
O que gostámos de fazer?	Como me senti?	O que queremos fazer?

Anexo IX – Atividade “Momento de relaxamento – O Senhor Polegar”

Horário	Proposta de aprendizagem	Áreas de Conteúdo/ Expressões	Objetivos	Estratégias / Desenvolvimento da atividade	Recursos	Avaliação
14h30– 15h15	Momento de relaxamento – O Senhor Polegar	<ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social; - Expressão e comunicação <ul style="list-style-type: none"> → Domínio da Educação Física → Domínio das Artes Visuais (Subdomínio do Jogo Dramático; Subdomínio da Educação Musical) → Domínio da Linguagem Oral. - Conhecimento do mundo 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber trabalhar em equipa; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Envolver-se na atividade, respeitando o espaço do outro, não interferindo com a sua atividade. • Cooperar em situação e jogo, seguindo as orientações e regras; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Seguir as regras dadas pela estagiária e agir em conjunto com o grupo. • Desenvolver a consciência e o domínio do seu corpo; 	<p>A estagiária deve começar por organizar o grupo, ou seja, as crianças devem sentar-se em cadeiras dispostas em círculos. De seguida, a estagiária coloca-se no centro das crianças e mostra a sua mão, com todos os dedos esticados, e começa a falar suavemente, fazendo momentos de silêncio entre cada frase. Deve começar por dizer: “O senhor polegar tem sono. Deito-o.” E, de seguida dobrar polegar sobre a palme da mão. A seguir, diz: “Fecho a porta da cozinha.” e dobra o indicador; diz: “Fecho a porta da sala de jantar.” e o médio; diz: “Fecho a porta da casa de banho.” e dobra o anelar; por fim, diz: “Fecho a porta do quarto.” e dobra o mindinho. À medida que a estagiária vai fazendo estes gestos é necessário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Cadeiras; - Telemóvel (Fotografias); - Grupo de crianças; - Estagiárias Sara e Sofia; - Educadora Lina; - Auxiliar da ação educativa Margarida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registos fotográficos documentados.

			<p>✓ Conhecer e identificar diferentes partes do corpo - mãos e dedos.</p> <p>• Desenvolver a coordenação motora;</p> <p>✓ Acalmar e descontrair através da concentração numa das partes do corpo (dedos).</p> <p>• Recriar experiências do quotidiano;</p> <p>✓ Imitar a situação dormir.</p> <p>• Explorar características dos sons;</p> <p>✓ Aprender a sussurrar.</p> <p>• Desenvolver a linguagem oral;</p>	<p>que as crianças a imitem. Se manifestarem dificuldades em dobrar os dedos uns a seguir aos outros, as crianças podem ajudar com a outra mão.</p> <p>De seguida, as frases seguintes são pronunciadas sussurrando e com o punho fechado: “Senhor polegar, estás aqui? Chiu, estou a dormir!”. Após esta resposta, a estagiária deve deixar o silêncio instalar-se novamente. A seguir, retomar a palavra murmurando: “Senhor Polegar, estás aqui?”. Ficar algum tempo em silêncio e depois falar cada vez mais alto, mas conservando uma voz muito suave: “Upa, vou sair!” e desdobrar o polegar. A seguir, diz: “E digo boa tarde a toda a gente. Boa tarde a ti, indicador!” e deve opor o polegar e o indicador; diz: “Boa tarde a ti, médio!” e deve opor o polegar e o médio; diz: “Boa tarde a ti, anelar!” e deve opor o polegar e o anelar; diz:</p>	
--	--	--	--	--	--

			<p>✓ Conhecer o nome dos dedos (polegar, indicador, médio, anelar, mindinho).</p>	<p>“Boa tarde a ti mindinho!” e deve opor o polegar e o mindinho.</p> <p>Para terminar, sacudir a mão para descontrair os dedos.</p> <p>Esta é uma atividade que tanto pode ser desenvolvida dentro da sala como fora.</p> <p>A atividade deve ser fotografada.</p>		
--	--	--	---	---	--	--

Anexo X – Atividade “Pintura das almofadas, da placa e do tapete de pompons”

Horário	Proposta de aprendizagem	Áreas de Conteúdo/ Expressões	Objetivos	Estratégias / Desenvolvimento da atividade	Recursos	Avaliação
14h30 – 15h15	Pintura das almofadas e construção da placa e do tapete de pompons	- Formação Pessoal e Social; - Expressão e comunicação → Domínio da Educação Artística – Artes Visuais; → Domínio da Linguagem Oral.	<ul style="list-style-type: none"> • Saber trabalhar em equipa; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Respeitar o espaço do outro, não interferindo com o seu trabalho. • Desenvolver capacidades expressivas; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Utilizar diferentes materiais – tintas, lã, pinceis; ✓ Conhecer a técnica do stencil. • Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Apreciar e expressar a opinião sobre a sua produção. 	<p>A estagiária Sara pergunta ao grupo quais as crianças que querem iniciar a pintura da placa identificadora do novo espaço da sala (na semana anterior foi definido o nome do novo espaço, os materiais e o local por parte das crianças).</p> <p>Após a organização do material necessário em cima da mesa, as crianças devem pintar a placa com a cor azul.</p> <p>Ao mesmo tempo, estão outras quatro crianças a realizar pompons para a concretização do tapete que irá integrar o espaço.</p> <p>A pares (4 crianças), as crianças devem pintar a almofada a seu gosto.</p> <p>A atividade deve ser fotografada.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Almofada; - Tintas para tecido; - Cartão; - Técnica do Stencil; - Tinta azul; - Pinceis; - Lã; - Telemóvel (Fotografias); - Grupo de crianças; - Estagiárias Sara e Sofia; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registos fotográficos documentados.

					<ul style="list-style-type: none">- Educadora Lina;- Auxiliar da ação educativa Margarida.	
--	--	--	--	--	---	--

Anexo XI - Registos fotográficos documentados das atividades



Figura 23 – Nesta fotografia observa-se a estagiária Sara a iniciar um momento de relaxamento designado por “O Senhor Polegar”, que foi desenvolvido dentro da sala. Ao fechar as cortinas da sala foi possível criar um ambiente escurecido e calmo, ao som de uma música de fundo relaxante. O grupo manteve-se bastante atento e concentrado às indicações da estagiária, imitando todos os movimentos. A atividade correu de forma positiva, segundo algumas crianças.



Figuras 24 e 25 - Nestas fotografias observa-se duas crianças a pintar a placa identificativa do novo espaço. É visível o seu envolvimento na atividade. Durante a pintura, a criança presente na primeira fotografia, pincelou livremente sem definir alguma estratégia, enquanto, a criança presente na segunda fotografia preferiu pincelar a placa na direção vertical, preocupando-se em não deixar nenhum espaço sem tinta.



Figuras 26 e 27 - As tardes foram dedicadas à construção de adereços para o Espaço das Estrelinhas (nome escolhido pelo grupo). Estas crianças encontram-se a construir um pompom para o tapete do Espaço das Estrelinhas. É visível o seu empenho e dedicação na realização da tarefa. Preferiram fazer o seu pompom apenas com uma cor.

Anexo XII - Grelha de observação do comportamento – Momento de relaxamento (O senhor Polegar)

Nome	Indicadores			
	Mantem-se concentrado e atento no decorrer da atividade.	Responde às questões colocadas de forma oportuna.	Participa na atividade proposta.	Sente-se motivado.
Rafael	S	S	S	S
Erlon	AV	S	S	S
João	AV	N	S	S
Luana	NC			
Pedro	S	S	S	S
Renato	S	S	S	S
Isabella	S	S	S	S
Lourenço	S	S	S	S
Margarida	AV	S	S	S
Laura	S	S	S	S
Lucas	AV	S	S	S
Francisco	NC			
Catarina	NC			
Andreea	S	S	S	S
Madalina	AV	S	S	S
Riana	NC			

Legenda:

AV – Algumas vezes; **S**- Sempre; **N**- Nunca; **NC** – Não compareceu.

Observações:

A maioria das crianças não sabe ainda associar o nome dos dedos ao dedo que a estagiária está a exercitar. Durante a atividade algumas crianças não conseguiram acompanhar os exercícios ao mesmo tempo que a estagiária.

Não decorreu nenhuma situação agressiva durante a atividade.

Anexo XIII – Atividades “Itinerário” e “Jogo das profissões”

Horário e Proposta de aprendizagem	Áreas de Conteúdo/ Expressões	Objetivos	Estratégias / Desenvolvimento da atividade	Recursos	Avaliação
<p>9h15 – 10h30</p> <p>Exploração do itinerário</p>	<p>Programa de Estudo do meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer o seu passado próximo familiar. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Localizar no mapa o local onde vive. • Conhecer as instituições e serviços existentes na comunidade. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificar a escola, a Junta de Freguesia, os correios, a farmácia, a papelaria, o jardim principal e a APPACDM. • Reconhecer a planta do itinerário. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Traçar o itinerário na planta do bairro ou da localidade. 	<p>Após todos os alunos entrarem na sala de aula e se sentarem nas respetivas cadeiras, a estagiária Sara dá as boas vindas e os bons dias ao grupo e, de seguida, pede a dois alunos para distribuírem os cadernos diários pelos colegas. Enquanto isso deve falar um pouco sobre o que vai acontecer durante o dia de hoje. Durante esse momento, os alunos deverão escrever a data completa. Após todos os alunos terem escrito a data no caderno diário, a estagiária utiliza o computador para aceder a uma imagem do mapa de Portugal Continental e questiona os alunos acerca do que estão a visualizar. Informa-os onde se encontra a localidade Vale de Santarém no mapa. De seguida acede ao Google Maps e pergunta à turma o que entendem que é ou para que serve esta funcionalidade na Internet. Conforme as respostas dadas pela turma deve mencionar que o Google Maps é um mapa <i>online</i> que serve para encontrar qualquer lugar do mundo, obter instruções de rotas, de como ir de um lugar para o outro e caminhar ao</p>	<p>Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Turma do 2ºAno; - Professora Célia; - Estagiárias Sara e Sofia. <p>Físicos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; - Quadro branco; - Caneta para o quadro; - Telemóvel (Fotografias). 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registos fotográficos documentados; - Registos audiovisuais; - Registos escritos (diário de bordo).

			<p>redor das cidades mais importantes. Seguidamente procura por Vale de Santarém e questiona os alunos acerca do que estão a visualizar (por exemplo: a escola, a junta de freguesia, os correios, a farmácia, a APPACDM, a unidade de Saúde Familiar, o jardim principal, os restaurantes, a linha do Comboio, Policia, etc.). Neste momento, a estagiária deve informar a turma acerca do percurso que irão realizar na segunda parte da manhã (Escola – unidade de Saúde Familiar - Junta de Freguesia – Correios – Papelaria - Farmácia - Escola). De seguida propõe à turma a realização desse mesmo percurso na planta visível no quadro branco. A estagiária pede a cada aluno para traçar no quadro interativo o percurso.</p>		
Intervalo					
<p>11h00 – 12h45</p> <p>Itinerário</p>	<p>Programa de Estudo do meio</p> <ul style="list-style-type: none"> Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições Bloco 4 – À Descoberta das Inter-Relações entre espaços <p>Educação para a Cidadania</p> <ul style="list-style-type: none"> Relação Interpessoal 	<ul style="list-style-type: none"> Aplicar normas de prevenção rodoviária. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Reconhecer e respeitar sinais de trânsito (sinais de peões, pistas de bicicletas, etc.) que encontre durante o itinerário; ✓ Cumprir algumas regras de segurança, tais como atravessar na passadeira e 	<p>No regresso à sala, a estagiária aguarda que todas as crianças entrem na sala e, de seguida, pede à turma que se organize por ordem alfabética com os seus pares. Enquanto isso relembra os alunos o itinerário que estiveram anteriormente a planificar. Deve referir também que durante o itinerário é importante assegurar a segurança de todos e, para tal, devem respeitar as regras de segurança, assim como, os sinais de trânsito. Ao saírem da escola,</p>	<p>Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Turma do 2ºAno; - Professora Célia; - Estagiárias Sara e Sofia. <p>Físicos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Telemóvel (Fotografias). 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registos fotográficos documentados; - Registos audiovisuais; - Registos escritos (diário de bordo);

	<p>Programa de Expressão e Educação: Físico-motora, Musical, Dramática e Plástica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Educação Musical 	<p>caminhar pelo lado de dentro do passeio.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os meios de transporte. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Distinguir diferentes tipos de transportes utilizados na sua comunidade. • Conhecer as instituições e serviços existentes na comunidade. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Contatar com a escola, a Junta de Freguesia, os correios, a farmácia, a papelaria, o jardim principal e a APPACDM. • Conhecer alguns modos de vida e funções de alguns membros da comunidade. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Contatar com diversas profissões (professor, farmacêutico, secretária, etc.) existentes na comunidade. • Conhecer e aplicar algumas regras de convivência social. 	<p>os alunos devem utilizar sempre os passeios para caminharem. A primeira instituição a visitar é a unidade de Saúde Familiar. Aí devem ser explorados diversos aspetos, tais como, para que serve, o que é, quais as profissões que existem, etc. De seguida deslocam-se até à Junta de Freguesia. Aí devem ser explorados diversos aspetos, tais como, o que é a Junta de Freguesia, para que serve, quais as profissões das pessoas que aí trabalham, etc. Dentro da Junta de freguesia situa-se os correios. Aí devem ser explorados diversos aspetos, tais como, o que são os correios, para que servem, quais as profissões das pessoas que aí trabalham, etc. Durante o percurso até à papelaria, todos devem praticar as regras de segurança assim como estarem atentos aos sinais de trânsito e aos meios de transporte. Na papelaria, a turma deve procurar saber, tal como nos outros sítios, o que é, para que serve, o que se vende lá, quais as profissões das pessoas que aí trabalham, etc. Seguindo até à farmácia devem ser explorados vários aspetos, tais como, o que é uma farmácia, para que servem, quais as profissões das pessoas que aí trabalham, porque é que as pessoas vão a este sítio, etc. No fim do itinerário, a turma volta de novo à escola.</p>		
--	---	---	--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Respeitar o espaço do outro; ✓ Aplicar formas de harmonização de conflitos, quando necessário: diálogo. <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver competências musicais (voz). <ul style="list-style-type: none"> ✓ Reproduzir excertos da canção; ✓ Cantar a canção. 			
Almoço					
<p>14h00 – 15h30</p> <p>Jogo das Profissões</p> <p>Apresentação do Projeto de estágio</p>	<p>Programa de Estudo do meio</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições <p>Programa de Expressão e Educação: Físico-motora, Musical, Dramática e Plástica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Educação Físico-motora • Expressão e Educação Dramática 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as profissões através de dramatizações das mesmas. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Utilizar o corpo para dramatizar as profissões; ✓ Explorar as diferentes possibilidades expressivas (atitudes corporais, diferentes ritmos corporais, diferentes formas, diferentes fatores de movimento). 	<p>Antes de iniciar a aula, as estagiárias devem organizar todo o material necessário para a realização das atividades. Após a entrada dos alunos para o interior da sala, a estagiária informa-os acerca da atividade que irão realizar, ou seja, um jogo sobre as profissões. Começa por colocar todos os cartões com as imagens representativas das profissões com que tomaram contato durante o itinerário em cima da mesa. De seguida solicita a um aluno para retirar uma carta da mesa e observá-la. Deve dramatizar a profissão que escolheu para que os colegas consigam adivinhar. Por exemplo, se a imagem é de um/a professor/a, o aluno</p>	<p>Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Turma do 2ºAno; -Professora Célia; -Estagiárias Sara e Sofia. <p>Físicos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cartões com imagens (Anexo XIX); - Dedos (Anexo XX); - Cartolina; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registos fotográficos documentados; - Registos audiovisuais; - Registos escritos (diário de bordo).

			<p>dramatiza conforme as ações da profissão. O/a aluno/a que adivinhar deve ser o próximo a jogar. Ganha aquele que adivinhar mais vezes. Ao longo do jogo e conforme as profissões que saíam, a estagiária deve interrogar a turma se existem profissões masculinas e femininas. Por exemplo, caso saia a profissão empregado/a da limpeza a um aluno, a estagiária em conjunto com a turma deve desmistificar esse estereótipo, proferindo que também há homens nesta profissão.</p> <p>Um pouco antes de a aula terminar (30 minutos), as estagiárias devem apresentar o Projeto de estágio à turma. A apresentação consiste num filme com várias fotografias e vídeos das semanas de intervenção. No final devem questionar a turma sobre as intervenções das mesmas e pedir que realizem uma pequena avaliação, ou seja, colarem na cartolina um dedo para cima (verde) caso tenham gostado da presença e das atividades das estagiárias, um dedo a meio (amarela) caso tenham gostado mais ou menos da presença e das atividades das estagiárias e um dedo para baixo (vermelho) caso não tenham gostado da presença e das atividades das estagiárias.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Colunas; - Telemóvel (Fotografias). 	
--	--	--	--	---	--

Anexo XIV – Registos fotográficos documentados das atividades



Figuras 28 e 29 – Antes de realizarem o itinerário, a turma em conjunto com a estagiária realizou a exploração do mesmo na aplicação Google Maps. Para além de ficarem a conhecer um recurso online, também foi possível explorar um conteúdo proveniente do Estudo do Meio - a planta. Nestas fotografias observa-se os alunos a identificarem na planta as instituições e o caminho a ser realizado em segurança até às mesmas.



Figura 30 – O primeiro local a visitar foi a Unidade de Saúde Familiar. Para além de poderem observar esta instituição, os alunos realizaram questões acerca da mesma, como por exemplo, o que é, quais as profissões que existem, etc.



Figura 31 - O segundo local a visitar situado ao lado da Unidade de Saúde Familiar foi a junta de freguesia que contém também o posto de correios. Como se observa na fotografia, os alunos puderam contactar com uma das principais profissões dos correios, ou seja, o carteiro.



Figura 32 – Na Junta de Freguesia/ Correios, os alunos tiveram a oportunidade de comunicar com o Presidente da Junta de Freguesia. Realizaram algumas questões, tais como, o que é a Junta de Freguesia, o que é os correios, quais as profissões das pessoas que trabalham nas duas instituições, etc.



Figura 34 – Ao longo de todo o itinerário, a turma praticou as regras de segurança, assim como estiveram atentos aos sinais de trânsito e aos meios de transporte. Seguidamente visitaram a papelaria. A turma procurou saber o que é, para que serve, o que se vende lá, quais as profissões das pessoas que aí trabalham, etc.



Figura 33 – Tal como nos restantes sítios, na farmácia, os alunos também realizaram questões, tais como, o que é uma farmácia, para que servem, quais as profissões das pessoas que aí trabalham, porque é que as pessoas vão a este sítio, etc. No geral, os alunos comportaram-se à altura e estiveram atentos àquilo que lhes diziam. Esta atividade foi potenciadora de aprendizagens relativamente a estes conteúdos provenientes da área de conteúdo Estudo do Meio.



Figura 35 – Na parte da tarde, a turma realizou um jogo sobre a dramatização das profissões com as quais contactou durante o itinerário e outras existentes na sociedade. Os alunos divertiram-se imenso durante a atividade, sendo que este jogo foi um verdadeiro potenciador de aprendizagens significativas. Na fotografia, o aluno encontra-se a escolher uma carta aleatória para proceder à dramatização da profissão que esse cartão contém.



Figuras 36 e 37 – Alguns alunos sentiram necessidade de partilhar a dramatização com os colegas, como mostra a primeira fotografia. Esta atividade desenvolve o trabalho em grupo, assim como a partilha de ideias para procederem à dramatização da profissão. Nesta atividade também foi desmitificado a ideia de haver profissões apenas masculinas e apenas femininas. No princípio, os alunos achavam que os cartões continham uma mulher e um homem porque era necessário ambos os géneros para dramatizar. No entanto, no decorrer da atividade aperceberam-se que era intencional estar nos cartões ambos os géneros. Este é um estereótipo bastante enraizado que necessita ainda de ser bastante desmitificado.

Figura 38 – Os alunos divertiram-se bastante. Muitas foram as risadas do divertimento que este jogo lhes proporcionou. Observou-se uma grande partilha de papéis e interajuda entre os alunos. Nesta fotografia observa-se dois alunos a decidir como iriam realizar a dramatização da profissão.

Anexo XV – Atividade “Elaboração da carta ao pai natal e entrega da mesma no posto de correios”

Horário e Proposta de aprendizagem	Áreas de Conteúdo/ Expressões	Objetivos	Estratégias / Desenvolvimento da atividade	Recursos	Avaliação
<p>9h15 – 10h30</p> <p>Realização de uma carta ao Pai Natal</p>	<p>Programa de Português</p> <ul style="list-style-type: none"> Introdução à Educação Literária <p>Programa de Expressão e Educação: Físico-motora, Musical, Dramática e Plástica</p> <ul style="list-style-type: none"> Expressão e Educação Plástica <ul style="list-style-type: none"> ✓ Bloco 2 – Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies (Desenho e Pintura) 	<ul style="list-style-type: none"> Escrever textos em termos pessoais e criativos. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Escrever um pequeno texto (mínimo de 50 palavras), informando ou explicando os seus desejos ao Pai Natal. Realizar um desenho numa folha de papel. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ilustrar de forma pessoal o tema Natal; ✓ Explorar diferentes materiais: Lápis de cor, lápis de cera e canetas de feltro. 	<p>Após todos os alunos entrarem na sala de aula e se sentarem nas respetivas cadeiras, a estagiária Sara dá as boas vindas e os bons dias ao grupo e, de seguida, pede a dois alunos para distribuírem os cadernos diários pelos colegas. Enquanto isso deve falar um pouco sobre o que vai acontecer durante a semana. Durante esse momento, os alunos deverão escrever a data completa. De seguida, a estagiária pede para fecharem o caderno diário e solicita a um/uma aluno/a para distribuir as folhas onde serão escritos os desejos de Natal das crianças. Assim que todos tiverem a sua folha propõe a realização de uma carta ao Pai Natal com os principais desejos. Sugere também que façam um desenho para que o Pai Natal perceba claramente aquilo que querem para o Natal.</p> <p>Após concluírem a carta, a estagiária mostra como devem dobrar a mesma para que caiba no envelope. Todas as crianças devem proceder à</p>	<p>Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Turma do 2ºAno; - Professora Célia; - Estagiárias Sara e Sofia. <p>Físicos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quadro de giz; - Giz; - Folhas de papel; - Envelopes; - Lápis de cor; - Canetas de filtro; - Telemóvel (Fotografias). 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registos fotográficos documentados; - Registos escritos (diário de bordo); - Grelha de avaliação da escrita; - Produto Final (Cartas ao Pai Natal).

			dobragem, assim como, colocar a folha dentro do envelope.		
Intervalo					
<p>11h00 – 12h45</p> <p>Deslocação aos correios para entregar a carta ao Pai Natal</p> <p>Leitura do livro “A oficina do Pai Natal” de Cristina Quental e Mariana Magalhães</p>	<p>Programa de Estudo do Meio</p> <ul style="list-style-type: none"> Bloco 2 – À Descoberta dos Outros e das Instituições <p>Programa de Português</p> <ul style="list-style-type: none"> Introdução à Educação Literária Leitura e escrita 	<ul style="list-style-type: none"> Contatar com serviços existentes na comunidade. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Contatar com os correios de Vale de Santarém. Compreender o essencial dos textos escutados. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Antecipar conteúdos com base no título e nas ilustrações; Desenvolver competências comunicativas. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Responder adequadamente a perguntas colocadas; Ouvir ler textos literários. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ouvir e conhecer a história do livro “A oficina do Pai Natal”. Apropriar-se de novos vocábulos. 	<p>Após a entrada na sala, a estagiária pede aos alunos que se organizem por ordem alfabética com os seus pares. Informa-os que se irão deslocar para fora da escola até aos correios para procederem à entrega da carta. Pode perguntar aos alunos se alguma vez foram aos correios e se conhecem o caminho até lá.</p> <p>No regresso à sala, a estagiária aguarda que as crianças se sentem nas suas cadeiras. Enquanto isso deverá colocar no computador a capa do livro projetada no quadro branco. De seguida, inicia a apresentação do livro “A oficina do Pai Natal”. Em conjunto com os alunos, a estagiária deverá explorar a capa do livro, perguntando, por exemplo, “O que veem nesta capa?” “Qual o título do livro?”, “O que acham que vai acontecer na história?”, “Quem são as autoras do livro?”, etc. Após o diálogo, deverá informar as crianças acerca das autoras do livro, assim como, o autor das ilustrações. Depois do questionamento de pré-leitura inicia a leitura da história de forma expressiva, recorrendo a gestos, de modo a captar</p>	<p>Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Turma do 2ºAno; - Professora Célia; - Estagiárias Sara e Sofia. <p>Físicos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cartas; - Livro “A oficina do Pai Natal” (Anexo II); - Computador; - Projetor; - Telemóvel (Fotografias). 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registos fotográficos documentados; - Registos audiovisuais; - Registos escritos (diário de bordo);

		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reconhecer o significado de novas palavras (por exemplo: azáfama). 	<p>a atenção da turma. Ao longo da leitura da história e de modo oportuno, a estagiária pode interromper a leitura e responder a eventuais dúvidas dos alunos acerca do conteúdo da história ou de forma a dar conhecimento sobre alguns aspetos. No fim, a estagiária deverá questionar os alunos acerca do conteúdo da história, como por exemplo “Qual o tema da história?”, “Quais as personagens principais?”, “Quando e onde aconteceu a história?”, “Porque é que foram todos ao Pólo Norte?”, “Qual o meio de transporte utilizado?”, “O que estava o Pai Natal a fazer quando as crianças chegaram?”, “O que beberam antes de se irem embora?”, etc.</p> <p>Antes de a aula acabar, a estagiária deve informar os alunos acerca do trabalho para casa (Manual – pág. 77) que se relaciona com o livro trabalhado.</p>		
Almoço					
<p>14h00 – 15h30</p> <p>Presente de Natal</p>	<p>Educação para a Cidadania</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relacionamento Interpessoal <p>Programa de Expressão e Educação: Físico-motora, Musical, Dramática e Plástica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver competências colaborativas. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Trabalhar em pequenos grupos, partilhando os diferentes materiais. 	<p>Antes de iniciar a aula, as estagiárias devem organizar todo o material necessário para a realização da atividade, assim como, a organização da sala (mesas dispostas em três grupos de trabalho). Após a entrada dos alunos para o interior da sala, a estagiária informa-os</p>	<p>Humanos</p> <p>-Turma do 2ºAno; -Professora Célia; -Estagiárias Sara e Sofia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registos fotográficos documentados;

<p>Decoração da porta de entrada da sala de aula</p> <p>Decoração da sala de aula</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Expressão e Educação Musical <ul style="list-style-type: none"> ✓ Bloco 2 – Experimentação, Desenvolvimento e Criação Musical • Expressão e Educação Plástica <ul style="list-style-type: none"> ✓ Bloco 2 – Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies (Desenho e Pintura) ✓ Bloco 3 – Exploração de Técnicas Diversas de Expressão (Recorte e Colagem) 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o sentido auditivo. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer músicas da época festiva Natal. • Desenvolver capacidades expressivas. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Utilizar o corpo como instrumento de pintura (mão); ✓ Explorar e utilizar diferentes materiais (tintas acrílicas, papel autocolante, cartolina, etc.) para realizar as diferentes atividades. • Desenvolver a motricidade fina. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Explorar e concretizar o nó da fita (prenda de Natal); ✓ Moldar o anjo de Natal; ✓ Explorar o recorte e a colagem através da cartolina (estrelas para a porta). 	<p>acerca das atividades que se irão realizar, explicando pormenorizadamente cada uma. A prenda de Natal consiste na pintura de uma lata, com um molde (estrela, árvore de natal, pai natal, etc.) sobreposto na mesma. Dentro da lata irão constar doces fechados em sacos de organza. A decoração da porta de entrada da sala de aula consiste numa árvore de Natal, em que o cenário será numa cor escura (cinzento escuro) para representar a noite. A árvore de Natal é realizada com a pintura das mãos em verde-escuro ou verde-claro colocadas em cima da tela cinzenta escura. A decoração da sala consiste na dobragem de anjos que constam no Livro de Expressão Plástica. Os anjos devem ser decorados a gosto das crianças. Devem ser posteriormente colocados no teto da sala (mobil). Após a explicação das diversas tarefas, a estagiária permite aos alunos escolherem qual das atividades preferem iniciar (Presente de Natal, Decoração da porta de entrada da sala de aula ou Decoração da sala de aula). De seguida, reorganiza os lugares dos grupos de trabalho conforme as escolhas dos alunos e procede à distribuição dos materiais necessários. No momento da turma iniciar as atividades, a estagiária Sara deve colocar através da Pen Drive,</p>	<p>Físicos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Colunas; - Telemóvel (Fotografias). <p><u>Prenda:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Latas; - Papel autocolante; - Formas (estrela, pai Natal,); - Tinta acrílica (vermelho, verde, branca); - Fita (dourada, verde, vermelha, verde); - Papel crepe (vermelho, verde, branco); - Saco de papel; - Eva; - Cartolina branca; - Chocolates. <p><u>Porta:</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Registos audiovisuais; - Registos escritos (diário de bordo); - Produtos finais (Presente, porta e anjos).
---	---	--	--	--	--

			<p>no computador, algumas músicas instrumentais que se relacionem com o tema.</p>	<ul style="list-style-type: none">- Tintas (verde, verde claro, verde escuro);- Tela (cinzento escuro);- Cartolina (estrelas). <p><u>Sala:</u></p> <ul style="list-style-type: none">- Anjos (caderno de expressão plástica).	
--	--	--	---	---	--

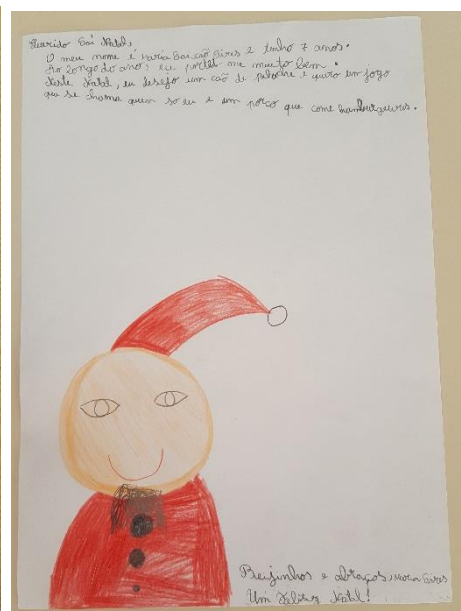
Anexo XVI - Registos fotográficos documentados das atividades



Figura 39 – A atividade da realização da carta ao Pai Natal foi bastante apreciada por parte da turma, pois puderam escrever os seus desejos ao Pai Natal. Esta atividade foi muito importante, pois foi centrada numa das principais dificuldades da turma, a escrita.



Figuras 40 e 41 – Durante a realização da atividade foi necessário que a estagiária fornecesse todas as indicações sobre a construção da carta, pois a turma nunca tinha realizado anteriormente uma carta. Para além da dificuldade na escrita, esta atividade permitiu conhecer outra dificuldade da turma, a orientação espacial da folha.



Figuras 42 e 43 – Nas fotografias acima é possível observar dois do total de produtos finais. As crianças pediram brinquedos diversos e os seus desenhos, no geral, foram diferentes uns dos outros, pois representavam os desejos pedidos ao Pai Natal. Nos textos foi possível observar alguns erros ortográficos.



Figuras 44 e 45 – Nesta atividade, também foi possível às crianças realizarem a dobragem da carta para caber dentro do envelope. Este foi um momento em que se verificou dificuldades na dobragem convencional da carta, por parte dos alunos. Para além disso, a turma teve de escrever o remetente e o destinatário na parte da frente da carta. Estes foram alguns dos conceitos explorados nesta atividade.



Figura 46 – No seguimento da realização da carta ao Pai Natal foi contada a história “A Oficina do Pai Natal “. Durante a contação da história, a turma manteve-se atenta e interessada. No questionamento de pós-leitura, no geral, a turma soube responder às questões colocadas.



Figura 47 – Para que a realização da carta ao Pai Natal fosse uma atividade significativa para cada aluno deslocamo-nos aos correios de Vale de Santarém para a turma colocar as cartas na caixa. Para além disso puderam contactar e conhecer este serviço. Os alunos mostraram-se na maioria do tempo bastante entusiasmados.

Anexo XVII - Grelha de avaliação da escrita – Carta ao Pai Natal

Aluno	Utiliza as regras para a construção da carta (saudação inicial, desenvolvimento, saudação final e assinatura)	Apresenta uma caligrafia elegível.	Faz corretamente a pontuação.	Escreve sem erros ortográficos.	Constrói frases corretas (Sujeito, verbo, etc.).	Apresenta o trabalho de forma cuidada.
Afonso	S	S	AV	N	S	S
Alice	S	AV	AV	N	S	S
Beatriz T.	S	S	AV	N	S	S
Beatriz R.	S	S	AV	N	S	S
Beatriz P.	S	S	AV	N	S	S
Diana	S	S	N	N	S	AV
Dinis	S	S	AV	N	S	AV
Diogo	S	AV	AV	N	S	AV
Francisco	S	S	AV	N	S	S
Ivo	S	S	AV	N	S	S
João Paulo	S	S	AV	N	S	S
Lara	S	S	AV	N	S	S
Maria do Carmo	S	S	AV	N	S	S
Maria Eduarda	S	S	AV	N	S	S
Maria Inês	S	S	AV	N	S	S
Maria Paixão	S	S	AV	N	S	S
Matilde	S	S	AV	N	S	S
Rodrigo	S	S	AV	N	S	S
Soraia	S	S	AV	N	S	S

Legenda: S – Sim; AV – Às vezes; N – Não

Observações:

No geral, a atividade ocorreu de forma positiva, pois permitiu aos alunos desenvolverem a escrita, uma dificuldade da turma. No início da atividade foi necessário que a estagiária pronunciasse todas as regras da construção de uma carta, ou seja, a saudação inicial, o desenvolvimento (neste caso os desejos para o Pai Natal), a

saudação final e a assinatura, pois a turma nunca tinha construído uma carta. Ao longo de toda a atividade, a turma necessitou de bastante apoio da estagiária no que se relaciona à orientação espacial da folha. Foi possível observar que na sua maioria, a turma necessita de desenvolver este tipo de competências, pois alguns alunos não escrevem no devido espaço.

Foi possível observar que algumas caligrafias, como por exemplo a caligrafia da aluna Alice é demasiado pequena. Para além disso, a aluna carrega pouco no lápis, ou seja, quase não se vê a letra, o que dificulta a visualização do professor. Nesta atividade, as alunas Diana e Soraia e os alunos Diogo e João Paulo obtiveram alguma ajuda para a realização da carta.

Anexo XVIII – Atividades “Redação de um texto informativo sobre a experiência das chuvas ácidas” e “Medição da área e perímetro do parque e café El galego”

Estagiária: Sara Libânio		Professora supervisora: Elisabete Linhares Data: 17 de maio de 2018 (quinta feira)	
9h às 9h30	Apoio ao estudo (Os alunos escrevem o sumário no caderno diário.)		
9h30 às 10h30	Inglês		
Intervalo			
3º e 4º ano de escolaridade			
Conteúdos		Objetivos	
11h ao 12h30	Programa de Português <ul style="list-style-type: none"> • Escrita • Oralidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Planificar a escrita de textos. <ul style="list-style-type: none"> ○ Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as e hierarquizando-as. • Redigir corretamente. <ul style="list-style-type: none"> ○ Utilizar uma caligrafia legível. ○ Respeitar as regras de ortografia e de pontuação. ○ Usar vocabulário adequado e específico dos temas tratados no texto. ○ Escrever frases completas, respeitando relações de concordância entre os seus elementos. ○ Redigir textos, utilizando os mecanismos de coesão e coerência adequados (retomas nominais e pronominais; adequação dos tempos verbais; conectores discursivos). 	

- **Escrever textos expositivos/informativos.**
 - Escrever pequenos textos com uma introdução ao tópico; o desenvolvimento deste, com a informação agrupada em parágrafos; e uma conclusão.
- **Rever textos escritos.**
 - ✓ Verificar se o texto respeita o tema proposto.
 - ✓ Verificar se o texto obedece à categoria ou ao gênero indicados.
 - ✓ Verificar se o texto inclui as partes necessárias e se estas estão devidamente ordenadas.
 - ✓ Verificar se as frases estão completas e se respeitam as relações de concordância entre os seus elementos; proceder às correções necessárias.
 - ✓ Verificar a adequação do vocabulário usado e proceder às reformulações necessárias.
 - ✓ Identificar e corrigir os erros de ortografia e de pontuação.
- **Produzir um discurso oral com correção.**
 - ✓ Usar a palavra de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequados, e olhando o interlocutor.

Atividades e Estratégias

Depois do intervalo, na chegada à sala, os alunos devem sentar-se nas respectivas cadeiras. Os chefes da semana de ambos os anos de escolaridade devem recolher o material utilizado na aula anterior.

A estagiária informa ambas as turmas que irão criar um texto informativo sobre a experiência realizada no dia anterior, com base nas fotografias tiradas. Antes da distribuição dos enunciados deve lembrar a experiência realizada em conjunto com os alunos. Deve realizar diversas questões, tais como, “O que fizemos ontem à tarde?”, “Que materiais utilizamos?”, “Como é que utilizamos esses materiais?”, “O que é a chuva ácida?”, “Como é que a chuva fica ácida?”, “Como acham que vão ficar as plantas?”, etc. para encaminhar os alunos sobre aquilo que devem escrever nos seus textos. Para além destas questões acerca da experiência deve questionar os alunos sobre o tipo de texto que irão escrever (por exemplo: “Que tipo de texto vão escrever?”, “O que é que um texto informativo deve conter?”, “Porque se chama informativo?”, etc.). A estagiária deve dar a oportunidade a todos os alunos de responderem e participarem no diálogo. Durante esse diálogo deve complementar as ideias dos alunos, caso estas estejam corretas. Caso isso não aconteça deve informá-los que o texto informativo é um tipo de texto que apresenta uma informação sobre algo e dar o exemplo daquele que eles irão fazer, sobre as chuvas ácidas, ou seja, o texto que vão redigir irá informar sobre a experiência realizada e o que sabem acerca das chuvas ácidas. Para além destes aspetos, a estagiária também deve informar que no texto informativo há presença de uma introdução, desenvolvimento do tema e conclusão. Após esta explicação, a estagiária distribui os respetivos enunciados pelos alunos, que devem logo de seguida iniciar a atividade. Os alunos antes de começarem a construir o texto devem colocar na primeira parte da folha as principais ideias para então depois construir o texto. Enquanto os alunos trabalham autonomamente, a estagiária circula pela sala para esclarecer dúvidas aos alunos e corrigir os erros ortográficos, a redação de ideias e a organização do texto (se fazem parágrafos, etc.).

<p>No final da elaboração dos textos, a estagiária deve pedir a alguns alunos para lerem em voz alta o texto produzido. Durante a leitura e os diálogos que os alunos forem tendo a estagiária deve corrigir os alunos (quando necessário) para os incitar a articular bem as palavras e fazer entoação adequada. A estagiária também deve verificar se os alunos conseguiram respeitar as regras texto informativo. Caso isso não aconteça deve mencionar o que falta e/ou devem melhorar.</p>	
Recursos	Avaliação
<p>Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Turma do 3º e 4º Anos; - Professor Cláudio; - Estagiárias Sara e Sofia. <p>Físicos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Folha de produção do texto informativo (Anexo 18); - Fotografias tiradas no dia anterior; - Computador; - Projetor. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta: <p>Verificar se o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Regista as ideias relacionadas com o tema, organizando-as e hierarquizando-as; ○ Utiliza uma caligrafia legível; ○ Respeita as regras de ortografia e de pontuação; ○ Usa vocabulário adequado e específico dos temas tratados no texto; ○ Escreve frases completas, respeitando relações de concordância entre os seus elementos; ○ Redige textos, utilizando os mecanismos de coesão e coerência adequados (retomas nominais e pronominais; adequação dos tempos verbais; conectores discursivos); ○ Escreve pequenos textos com uma introdução ao tópico; o desenvolvimento deste, com a informação agrupada em parágrafos; e uma conclusão; ○ Verifica se o texto respeita o tema proposto; ○ Verifica se o texto obedece à categoria ou ao género indicados; ○ Verifica se o texto inclui as partes necessárias e se estas estão devidamente ordenadas; ○ Verifica se as frases estão completas e se respeitam as relações de concordância entre os seus elementos; proceder às correções necessárias; ○ Verifica a adequação do vocabulário usado e proceder às reformulações necessárias; ○ Identifica e corrige os erros de ortografia e de pontuação; ○ Usa a palavra de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequados, e olhando o interlocutor. <ul style="list-style-type: none"> - Registos fotográficos documentados (Fotografias dos alunos a realizarem os textos); - Produções escritas; - Grelha de avaliação da escrita; - Registos escritos (diário de bordo).

3º e 4º ano de escolaridade	
Conteúdos	Objetivos
Programa de Matemática <ul style="list-style-type: none"> Medida 	<ul style="list-style-type: none"> • Medir comprimentos e áreas. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Medir distâncias e comprimentos utilizando as unidades do sistema métrico. ✓ Reconhecer que figuras com a mesma área podem ter perímetros diferentes. ✓ Reconhecer o metro quadrado como a área de um quadrado com um metro de lado.
Atividades e Estratégias	
<p>Depois do almoço, na chegada à sala, os alunos devem sentar-se nas respetivas cadeiras. O chefe da semana deve recolher o material utilizado na aula anterior. Seguidamente, a estagiária informa os alunos que irão realizar a medição de várias áreas do parque, assim como, o perímetro. Antes de introduzir a atividade, a estagiária deve negociar com os alunos, ou seja, levá-los a assumir um compromisso (medição dos locais). Caso isso aconteça terão oportunidade de brincar um pouco no parque.</p> <p>Após essa negociação deve questionar os alunos acerca dos materiais necessários para se fazer a atividade (fita métrica, metro articulado, cordel e folhas de registo). Antes de saírem para o exterior deve explicar como os grupos devem preencher a folha de registo e o que é que cada grupo deve medir (perímetro e área do parque e do café El Galego). No parque, os alunos devem medir a zona onde se encontram os equipamentos (escorrega, etc..) com o piso de borracha e outra zona onde se encontra o piso com pedras (onde se encontra a aranha). No café deve medir a zona do café, sem a esplanada. Deve explicar também que vão todos medir as diferentes áreas pela mesma ordem (para que a estagiária consiga acompanhar todos os grupos) e que devem definir o papel de cada um no grupo. A estagiária deve assegurar-se que esses papéis estão bem definidos perguntando o que cada um vai fazer e o que necessitará para o fazer. Caso veja alguma falha deve auxiliá-los a definir. De seguida, deve distribuir pelos grupos (dois grupos de três alunos e um grupo de quatro alunos) a folha de registos de observações. Antes de saírem para o exterior, a estagiária deve referir que durante a deslocação até ao parque é importante assegurar a segurança de todos e, para tal, devem respeitar as regras de segurança, assim como, os sinais de trânsito. Ao saírem da escola, deve relembrar novamente as regras de segurança a respeitar, como por exemplo, utilizarem sempre os passeios para caminhar. Ao chegarem ao local, os grupos devem completar a folha de registo conforme as suas observações e medições. De volta à sala, os alunos devem concluir a folha de registos (conclusões) e apresentarem oralmente à turma as suas medições.</p>	
Recursos	Avaliação
Humanos <ul style="list-style-type: none"> - Turma do 3º e 4º Anos; - Professor Cláudio; - Estagiárias Sara e Sofia. Físicos	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta: Verificar se o aluno: <ul style="list-style-type: none"> o Mede distâncias e comprimentos utilizando o material; o Reconhece que figuras com a mesma área, podem ter perímetros diferentes;

14h às 15h30

	<ul style="list-style-type: none"> - Fitas métricas; - Metro articulado; - Cordel; - Folhas de registo de observações. 	<ul style="list-style-type: none"> o Reconhece o metro quadrado como a área de um quadrado com um metro de lado. - Registos fotográficos documentados (Fotografias dos alunos a realizarem as medições); - Registos escritos (diário de bordo); - Folha dos registos escritos.
Intervalo		
16h às 17h	Xadrez	

Anexo XIX – Registos fotográficos documentados das atividades



Figura 48 – Na atividade de produção textual sobre a experiência realizada no dia anterior, os alunos manifestaram a sua vontade de realizar o teto em grupo, pois a atividade tinha sido feita em grupos. No entanto para averiguar os conhecimentos de cada um, a produção individual revelou-se mais vantajosa. Poucos foram os alunos que sentiram dificuldades nesta atividade, pois estavam a escrever sobre algo que tinham realizado.



Figura 49 – No final das produções textuais, alguns alunos apresentaram os seus textos. Este momento é bastante importante pois permite aos alunos treinar a ditação e a falar para um público. Este exercício é pouco realizado na sala de aula e, por isso, alguns alunos sentem-se menos à-vontade.



Figuras 50 e 51 – Apesar do imenso calor que estava, esta atividade foi bastante apreciada pelos alunos, pois foi realizada no exterior. As crianças manifestaram o seu agrado relativamente a atividades realizadas fora da sala de aula ao longo de toda a duração da atividade. Os materiais utilizados não foram os mais indicados, sendo que apenas a fita métrica tinha sido o material mais apropriado, por isso esta atividade não pode ser considerada totalmente positiva. No entanto, os alunos conseguiram cumprir o que foi pedido (as medidas do retângulo e quadrado para calcular a área e o perímetro).

Anexo XX – Grelha de avaliação da produção escrita

Aluno	Regista as ideias relacionadas com o tema, organizando-as e hierarquizando-as	Apresenta uma caligrafia legível.	Utiliza corretamente a pontuação.	Escreve sem erros ortográficos.	Utiliza vocabulário adequado e específico.	Redige o texto, utilizando os mecanismos de coesão e coerência adequados.	Escreve frases completas, respeitando relações de concordância entre os seus elementos.
António V.	AV	N	AV	N	S	AV	AV
Bernardo	AV	AV	N	N	S	N	AV
Guilherme	S	S	AV	N	S	AV	S
Issac		Faltou					
Jéssica	S	S	AV	N	S	AV	S
Lanna	S	S	AV	N	S	AV	S
Lucas	AV	S	AV	N	S	AV	S
António P.	AV	S	AV	AV	S	S	S
Camila	S	S	AV	AV	S	S	S
Carolina		(NEE)					
Diana	S	S	AV	AV	S	S	AV
Eduardo	AV	S	AV	N	S	AV	AV
Inês	S	S	AV	N	S	S	AV

Leonor	S	S	AV	AV	S	S	AV
Maria A.	S	S	AV	AV	S	S	AV
Maria M.	S	AV	AV	AV	S	AV	AV
Tomás	S	AV	AV	AV	S	S	S
Harmandeep	S	S	AV	AV	S	S	AV

Legenda: S – Sempre; AV – Às vezes; N – Nunca

Anexo XXI - Folha de registo

<p style="text-align: center;">AGRUPAMENTO DE ESCOLAS ALEXANDRE HERCULANO</p> <p style="text-align: center;"></p> <p style="text-align: center;">Quinta do Mergulhão - Sr.ª da Gula - 2005-075 Santarém Telf: 243309420 Fax: 243309426 E-mail: secretaria@ae-aherculano.pt</p>	<p style="text-align: center;">Ano Letivo 2017/2018</p> <p style="text-align: center;">3.º Período – 3º e 4º Anos</p> <p style="text-align: center;">Folha de Registo de Observações</p>
<p>Nome: _____ Data: ____ / ____ / ____</p>	

Medição de Áreas e Perímetros

I – Antes das medições...

1. Regista os procedimentos (Como vamos fazer?).

1. Regista os materiais que vais utilizar.

II - Executa a experiência...

II - Planta do parque



1.^a medição a realizar: café El Galego (sem esplanada)

2.^a medição a realizar: parque infantil (zona dos escorregas com o piso de borracha)

3.^a medição a realizar: parque infantil (zona da aranha com o piso com pedras)

III – Registo das medições

Local	Medições	
	Área	Perímetro
Parque infantil (zona dos escorregas com o piso de borracha)		
Parque infantil (zona da aranha com o piso com pedras)		
Café El Galego		

IV – Conclusão

2. Qual o terreno com maior área?

3. Qual o terreno com menor área?

Anexo XXII - Pedido de autorização aos encarregados de educação

Caros Pais e Encarregados de Educação,

Nós, Sara Libânio e Sofia Rebelo, somos estudantes do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB, da Escola Superior de Educação de Santarém. Durante o período de estágio e de acordo com o plano de estudos do curso, vamos realizar um estágio na presente instituição.

O objetivo desta carta é requerer a vossa autorização para que sejam realizados registos fotográficos e de vídeos ao seu educando, assim como entrevistas, durante as atividades realizadas na instituição e nas visitas de estudo. Também se requer a vossa autorização para publicar esses registos no Portefólio de estágio e Portefólio Final.

Assinar o impresso anexo, significa que concorda com o seguinte:

1. A fotografia do seu educando poderá ser reproduzida a cores ou a preto e branco.
2. O objetivo dos registos de vídeo é apenas para poder captar alguns momentos de aprendizagem do seu educando.
3. As estagiárias não usarão as fotografias do seu educando, para quaisquer outros objetivos que não sejam a publicação das mesmas nos Portefólios.

Se autorizar as estagiárias a tirar, publicar fotografias e a filmar o seu educando, da maneira acima pormenorizada, por favor, preencha o impresso de autorização e envie-o para a instituição até ao dia **X**.

Autorização para a publicação de fotografias e registo de vídeo do seu educando em Portefólio de Estágio

Eu concordo, de acordo com as condições acima estabelecidas, autorizo que tirem fotografias, filmem e entrevistem o meu educando durante as atividades realizadas na Instituição, fotografias essas que serão usadas pelas estagiárias Sara Libânio e Sofia Rebelo para a concretização dos Portefólios. Se eu decidir cancelar esta autorização, notificarei a Educadora/Professora responsável.

Nome da/o criança/aluno: _____

Assinatura do pai/mãe/encarregado de educação: _____

Data: ___/___/___

Anexo XXIII - Guião de entrevista realizado às educadoras

Categoria/ Bloco temático	Objetivos	Questões
Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar os objetivos da entrevista; - Garantir o anonimato ao/à entrevistado/a e explicar que os dados são usados unicamente para o trabalho; - Solicitar a gravação da entrevista, como forma de facilitar o registo dos dados. 	<p>Iniciar a entrevista, contextualizando os participantes sobre o objetivo do estudo. Referir também à entrevistada que a entrevista será gravada com recurso a um registo áudio (e anotações, se necessário) e que os dados são confidenciais, visto que apenas serão utilizados no âmbito do presente trabalho. Agradecer a sua participação na entrevista.</p> <p>Esclarecer os participantes que espaço exterior significa todos os espaços para além da sala, ou seja, recreio, visitas à cidade, visitas de estudo, etc.</p>
Caraterização pessoal	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o percurso profissional do/a entrevistado/a; - Compreender o que pode influenciar a sua prática educativa; - Compreender as práticas e as formas de pensar do/a educador/a; - Conhecer o que pensa o/a educador/a sobre as crianças com as quais trabalha. 	<ol style="list-style-type: none"> 1 - Qual a sua idade? 2 - Qual o seu tempo de serviço? 3 - Qual a sua formação académica? 4 - Qual o seu percurso e situação profissional? 5 - Quais as razões pelas quais decidiu ser Educadora de Infância? 6 - Costuma participar em ações de formação? (em caso de resposta afirmativa: Em que áreas?) 7 - Quais as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nos JI onde tem trabalhado? 8 - Quais os temas que lhe têm merecido maior atenção? Porquê? 9 - Pode caracterizar-me o grupo de crianças com as quais trabalha no presente ano letivo?
Conceções do/a entrevistado/a sobre o espaço exterior	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender como é que o/a educador/a perspetiva o espaço exterior na sua prática pedagógica. 	<ol style="list-style-type: none"> 10 - Considera o espaço exterior importante para as crianças? Porquê? 11 - Qual o papel do espaço exterior em crianças de idade pré-escolar? 12 - No seu contexto atual de intervenção, qual a sua opinião em relação ao espaço

		<p>exterior disponível em termos de materiais/equipamentos?</p> <p>13 - Qual pensa ser o papel do/a educador/a no tempo dedicado ao espaço exterior?</p> <p>14 - Quais os obstáculos que considera existirem à integração de atividades no espaço exterior?</p> <p>15 - Considera que os/as educadores/as têm a formação necessária para proporcionar experiências significativas às crianças no espaço exterior? Porquê?</p>
Prática pedagógica do/a entrevistado/a	- Conhecer a realidade educativa relativamente às saídas ao espaço exterior.	<p>16 - Com que frequência sai para o espaço exterior com as crianças?</p> <p>17 - Quanto tempo permanecem as crianças no exterior?</p> <p>18 - Em que condições climatéricas sai com as crianças ao exterior?</p> <p>19 - Do que lhe é possível observar, as crianças preferem estar no exterior ou no interior? Porquê?</p> <p>20 - Que tipo de atividades/estratégias adota quando sai para o exterior? Atividades orientadas ou atividades de exploração livre?</p> <p>21 - Pode descrever-me uma atividade realizada com as crianças, no espaço exterior, que a tenha marcado?</p>
Questão aberta		22 - Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?
Terminar a entrevista agradecendo a sua participação e contribuição para a investigação que me encontro a realizar.		

Anexo XXIV - Transcrição da entrevista à E1-EA

1 - Entrevistadora – Então, qual é que é a sua idade?

Entrevistado - 48 anos, ah 49, já me enganei (risos)... 9, 49.

2 - Entrevistadora - Qual o seu tempo de serviço?

Entrevistado – Por volta de 26.

3 - Entrevistadora - Qual é que é a sua formação académica?

Entrevistado – Licenciatura.

4 - Entrevistadora - Qual o seu percurso e situação profissional?

Entrevistado – A situação profissional, atualmente, pertença ao quadro de agrupamento, só há dois anos. Estive muitos anos em zona pedagógica e também tive nove anos no privado, antes de entrar na rede pública.

5 - Entrevistadora - Quais as razões pelas quais decidiu ser Educadora de Infância?

Entrevistado – Aconteceu... (risos). A minha primeira escolha foi professora do primeiro ciclo, mas não entrei nesse ano de candidatura. Fui parar a educadora de infância. Comecei a gostar e não me apeteceu mudar e, hoje, acho que sou mais feliz aqui do que do lado de lá. Há obras do acaso que se revelam que havia uma predestinação, ok... sou mais feliz aqui, acho que sim. Embora também não desgoste nada do primeiro ciclo, sobretudo o primeiro e o segundo ano. Se fosse hoje, era formada em pré e pri. (a aprender as letras e tal...), se fosse hoje, certo, essa fase inicial, se fosse hoje ia para o pré pri, mas sou muito feliz no que faço e no que sou.

6 - Entrevistadora - Costuma participar em ações de formação?

Entrevistado – Sim.

6.1 - Entrevistadora - Em que áreas?

Entrevistado –Várias, várias. Mais recentemente na leitura e escrita. Às vezes, em situações de informática e digitais, não sou uma grande expert nessa matéria, preciso de alguma ajudinha. E em outras que vão surgindo que, seja de expressão plástica, vai-se fazendo, para estarmos sempre atualizadas (atualizadas).

7 - Entrevistadora - Quais as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nos Jardins de Infância onde tem trabalhado?

Entrevistado – Onde trabalhei... Se há assim temáticas que me acompanham que pode definir que vou mais por ali do que por aqui... (sim), o ambiente, a multiculturalidade. Hum... mais, não me estou a lembrar assim... nos últimos anos tem sido muito a multiculturalidade e o ambiente, tem sido dois grandes focos (os principais), não só por minha iniciativa, mas porque há projetos de parceiros educativos que estão muito nesta onda, (pois) mas se eu olhar para trás, é um bocado (são esses os dois...) por aí, grandes focos, sim.

8 - Entrevistadora - Quais os temas que lhe têm merecido maior atenção? Este vem um bocadinho de encontro à primeira (hum hum) ah... o ambiente, não é? E a ... (os temas) os temas propriamente dito, das temáticas (pois é, das temáticas) ...

Entrevistado – São as mesmas, multiculturalidade, questões ambientais, muito o conhecer a sua identidade, a sua cultura, a nossa, o nosso povo, sempre primeiro à volta, do que eu sou, a minha identidade, da minha região (depois parte para...) e depois é que parte para o todo. Ah... este ano é que o tema central tem sido à volta (pausa) da

formação pessoal e social, um grupo específico que este ano, que me puxou, todos os projetos a caminhar para aí.

9 - Entrevistadora - Pode caracterizar o grupo de crianças com as quais trabalha no presente ano letivo?

Entrevistado – Como é que as caracterizo? Alegres, bem-dispostas, muito ativas (pausa), mas com algumas necessidades do acompanhamento individual. A maior parte do grupo, a maior parte, não é todo, mas a maior parte, acho que se verifica (pausa), um ambiente familiar um bocadinho, em alguns casos, destruturante, noutros não muito apoiante da criança, e a criança aqui revela uma chamada grande de atenção. São felizes, gostam de vir à escola, mas tudo o que é diretivo, tudo o que é exigência, no sentido de ter que fazer as suas coisas e ter que as assumir, e ter que respeitar o outro, coisas da vida social, para as quais é fundamental o estar no jardim, ah... tem muitas dificuldades, porque a criança, penso que nalguns casos, aqui e nalguns muitos casos, a criança é um ser que anda por lá em casa, não é um filho, não é um afeto... eles revelam muito isso, são crianças muito especiais e que este ano me fez alterar a dinâmica, no sentido que em vez de ser a educadora dos temas e projetos, sou uma educadora da intervenção social, do apoio individualizado, às dificuldades de cada um, que são tão próprias e que... diversas entre si e que às vezes não dá para caminhar de outro modo, mas também estamos a conseguir mais, agora no final do ano letivo, não se pode querer tudo no início, mas foi um ano especial, ah... que eu quero já, estou à espera que faça parte do arquivo, porque (foi marcante), marcante (foi muito marcante). Eu quando começo em setembro a ver esta realidade percebo, eu este ano tenho de ser isto, porque é isto que o grupo precisa, mas depois há uma parte de mim que fica a saber a pouco, porque acho que em termos de dinâmica de sala de aula, de projetos, de coisas importantes, mas eu não tenho que me agarrar a isso e eu sei, na teoria, eu sei, não tenho que estar, se não conseguir desenvolver mais esta área ou outra, se a criança ainda está num patamar atrás, que precisa é de outros aspetos, da sua individualidade, da sua identidade, da sua autoestima, então é aí que eu tenho de investir. Mas fui uma educadora diferente, eu sinto isso, eu sinto isso (diferente até do que...), é em termos da dinâmica de sala de aula, certo.

10 - Entrevistadora – Agora mais centrado no espaço exterior, considera o espaço exterior importante para as crianças?

Entrevistado – Sim, muito. (Porquê?) Sim, muito, mas aqui tem sido uma melhoria a pouco e pouco, um passinho de caracol, aqui neste jardim de infância, foi uma das coisas quando eu pensei que poderia vir para aqui trabalhar e fiz um reconhecimento dos locais, fiquei (pausa) admiradíssima, olhando para estes pátios exteriores, não tinha nada, nem uns bancos, nem umas mesas de merendas, de parque de merendas. Pensei, isto é difícil aqui. Entretanto, no ano anterior, depois a meio do ano consegui-se que a câmara pusessem aqui um parque infantil, que é um espaço de areia, melhorou. Também tenho investido em materiais que eles (crianças) podem explorar no recreio (no recreio). Porque eu também acho interessante que o recreio seja um um espaço em que eles criam as suas brincadeiras, não tem de ser sempre um recreio dirigido, às vezes é, com jogos. É importante uma coisa e outra (pois), mas também que eles tenham materiais disponíveis, para que se entretenham no recreio. Eu acho que agora temos o essencial, arcos, bolas, (as raquetes), as raquetes, cordas, triciclos, acho que temos o essencial para estarmos nesta área, outros no parque, ok, acho que está melhor.

11 - Entrevistadora - Qual o papel do espaço exterior em crianças de idade de pré-escolar? Qual o impacto que o espaço exterior tem nestas crianças?

Entrevistado – Epa, tem muito. Não é? A criança, não podemos nunca menosprezar a aprendizagem ao ar livre. Esta escola é privilegiada na sua localização, o ambiente

arejado, com muitas árvores ali fora, ar fresco (uma paisagem linda), uma paisagem linda cá de cima, é privilegiado, parece que é um pouco da aldeia dentro... o campo na cidade (sim), mas tem alguma importância como os materiais da sala de aula. Não privilegio uma coisa nem outra, mas gosto muito, como vocês já viram, de às vezes vir fazer uma atividade que é normalmente feita na sala de aula, é o contar uma história cá fora, o pôr os cavaletes, e enquanto uns andam a brincar livremente, outros estão a fazer pintura ao ar livre. Ainda não fiz que vocês vissem, mas gosto. Estão ali as tintas e o cavalete, vamos brincando e vamos pintando. Acho que o ar livre, nos pode inspirar (inspirar) de uma certa forma. É mais abrangente do que uma sala de aula e das paredes à volta. Acho que faz muita falta à aprendizagem. Não se pensa numa coisa sem a outra. Não acho que seja a mesma coisa, ter um bom parque com bons materiais, mas dentro de um espaço interior, não é a mesma coisa.

12 - Entrevistadora - No seu contexto atual de intervenção, qual a sua opinião em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais e equipamentos?

Entrevistado – Pode ser sempre melhorado, é uma área que tem sempre a ser melhorar ainda. Investi um pouco este ano nessa área, que era uma área deficitária deste jardim, mas pode sempre melhorar. Ter mais materiais (disponíveis para eles), sim.

13 - Entrevistadora - Qual pensa ser o papel do/a educador/a, no seu caso, no tempo dedicado ao espaço exterior? Qual o papel que o educador tem nesse período dedicado ...?

Entrevistado – Tem de haver o equilíbrio muito o apoio, o observador apoiante de situações que ocorrem pela espontaneidade da criança. O observador apoiante e algumas vezes o dirigente da coisa. Muitas vezes é importante treiná-los nas possibilidades dos materiais que têm ao seu dispor, ensiná-los a trabalhar e depois a criança já autonomamente vai fazendo isso. Porque é importante ter um tempo em que não está dirigido, mas também é interessante ter um tempo em que há ali jogos que eles gostam, que também gostam de atividades dirigidas no exterior. Nem sei se essas não correm melhor no exterior do que do que no espaço interior, não é? Não sei... Depende das situações, dos dias. Este grupo é específico, mas ah... se tivesse que dar um tempo, tempo de recreio, no meu caso é mais de intervenção ou de apoio? É de apoio, observação. Mais do que, mas também.

14 - Entrevistadora - Quais os obstáculos que considera existirem à integração de atividades no espaço exterior?

Entrevistado – Aqui nesta situação, no espaço exterior, também está o tempo de ocupação, está um bocadinho refém das atividades do 1º ciclo (pois), no sentido que há próximo das salas de aula onde estão a dar aulas, e também não tem problemas com as colegas, mas eu tento cumprir os tempos dos recreios deles (inerentes ao 1º ciclo, pois), e, por vezes há espaços que a gente não utiliza, quando estão em exames ou provas e tenho de me distanciar, portanto tem que saber gerir o espaço exterior com a ocupação do 1º ciclo. Mas também não corre mal por isso, pelo contrário...

15 - Entrevistadora - Considera que os educadores têm a formação necessária para proporcionar experiências significativas às crianças no espaço exterior?

Entrevistado – Sim, eu acho que sim.

16 - Entrevistadora - Porquê?

Entrevistado – Porque sim, porque nós temos uma formação em todos os campos e tudo o que nós aprendemos ao nível da expressão físico motora é, pode ser feito nos espaços interiores, mas também no exterior, que é o local privilegiado para o desenvolvimento dessas atividades. Acho que nós aprendemos o essencial. E depois

ao longo da vida, como professores, mais técnicos que acompanham as crianças no prolongamento de horário, também vamos aprendendo mais alguma coisa. Mas a nossa formação, eu acho que o essencial temos, sim.

17 - Entrevistadora - Com que frequência sai para o espaço exterior com as suas crianças?

Entrevistado – Todos os dias... há um tempo. Se ele é equilibrado ou não, depende, às vezes dos dias, se estamos a desenvolver na sala algumas atividades, que tem um timing que precisa, às vezes, sinto que estou a chamar, após trinta minutos de intervalo, e os miúdos dizem: “ohhh queremos ficar mais um bocadinho” e eu digo “ai, mas temos que ir fazer aquilo”. Ok, aí às vezes, podia ser (pausa) não tão agarrada às outras atividades, que não sei se alguns dias não privilegio em detrimento da vontade da criança de estar lá fora, que às vezes, é muita. Mas também se fosse muito seguidora só da vontade da criança, passavam o tempo lá fora (certo) e há outras coisas que eles também têm que equilibrar e estruturar, em termos de sala de aula (que estas são crianças que brincam muito). Pois, porque por vezes, o recreio deste grupo é bom, por vezes é muito conflituoso e dá vontade de vir para dentro. Por vezes é mais difícil gerir-los lá fora, nem sempre, como tu já tens visto, há recreios que correm lindamente (lindamente e, outros...), e ultimamente até tem corrido melhor, ou há estes entretém, mas há sempre a disputa daquele brinquedo, como são menos materiais, menos disponibilidade (até mesmo na brincadeira) lá fora, e na própria brincadeira (não brincas comigo...) sim, às vezes é conflituoso nesses casos há menos tempo. Se a coisa está a correr bem, até chegamos a estar por exemplo, alguns bons dias de primavera, posso estar uma tarde, são das duas às três e meia, mas uma hora e meia no parque. Hora e meia no parque, acontece! Não muito, não muitas vezes, mas acontece.

18 - Entrevistadora – Esta pergunta já vai de encontro... Quanto tempo permanecem as crianças no exterior?

Entrevistado – Normalmente trinta minutos da manhã, trinta minutos, quarenta e cinco. Até acho que estico um bocadinho mais do que a escola. Vá, quarenta minutos no período da manhã e depois... (ficam sempre um pouco mais do que...) certo, e depois uma hora à volta da hora de almoço, na hora de almoço deles que eu não estou. Mas quando regresso às duas para a sala de aula, já estiveram uma hora no recreio.

19 - Entrevistadora - Em que condições climáticas sai com as crianças ao exterior?

Entrevistado – Pois, isso é uma boa pergunta! Essa é uma boa pergunta, porque se eu vejo que o tempo está muito indeciso, vai chover e não sei quê. Eu altero a minha (pausa) a minha intencionalidade para esse dia. Eu era para sair, mas é capaz de chover... é melhor não! E outro dia, falei com colegas, mais um bocadinho abertas nessa área, confesso que sim, que disseram “não tem problema, se eles apanharem uns pinguinhos ou se molharem faz tudo parte do crescimento, sair com chapéu de chuva!” E aí não tanto por mim, mas aí penso logo duas vezes o que é que os pais dizem... Esta educadora saiu com condições climáticas destas, porque às vezes somos surpreendidos se os putos chegassem cá todos encharcados diziam... a educadora... eu penso que também nestas situações, não só na minha, na minha vontade ou naquilo que me apetecia fazer... (mas também). Lembro-me perfeitamente de ser criança e adorar apanhar uma molha, mas aqui penso sempre muito o que é que os pais vão dizer. E embora eles possam não ter a sua razão, eu respeito isso e não quero entrar em choque com... eu não tive a visibilidade para ver que no era um bom dia para sair. Não corro muito esse risco. Na dúvida, fico, na dúvida não saio se está mau tempo (risos). Nunca fui surpreendida com uma grande chuvada, não. Na dúvida, fico. Mas mais pelos pais, não que fizesse muito mal à criança apanhar uma chuvada, nada.

20 - Entrevistadora - Do que lhe é possível observar, as crianças preferem estar no exterior ou no interior?

Entrevistado – (pausa) Estes gostam muito de exterior, mas também não diria que são crianças que... “há é muito difícil trazê-los para dentro”, porque depois não há coisas interessantes para fazer na sala, não. Também temos, e convosco agora, áreas da sala apelativas que eles gostam muito de estar. O faz de conta deles, gostam muito na área e depois também gostam do recorte e colagem e da pintura. Gostam das áreas todas. Ia para dizer, se eu dissesse assim, é um grupo que se eu pudesse estava sempre lá fora, não, não, também não! Também gostam de estar... (gostam de estar no interior), certo.

21 - Entrevistadora - Que tipo de atividades/estratégias adota quando sai para o exterior? Atividades orientadas ou atividades de exploração livre?

Entrevistado – Mais de exploração livre, nalgumas situações ah... dirigidas. Mas a maioria das vezes é de exploração livre, é.

21.1 - Entrevistadora - Pode descrever-me uma atividade realizada com elas, que a tenha marcado? No espaço exterior...

Entrevistado – Sim, sim. (pausa). Interessante, quando num dia ou outro, utilizamos o espaço do 1º ciclo. Ah.. o jogar o basquete, jogos mais de... que são utilizados pelo 1º ciclo, nos intervalos e quando às vezes tenho possibilidade e não está lá ninguém, vou para lá. E fazer as balizas e a competição do futebol e da área de futebol de salão que tem... ah... engraçado esses jogos, que habitualmente não fazemos porque está na área do 1º ciclo, sempre que lá vou, até corre bem. E gostam... não sei se é por se sentirem mais crescidos e estão no espaço dos outros, mais crescidos, ah... e eu fazer parte também do jogo com eles, acho que isso... eles acham graça e sentem-se melhor quando (nós participamos) o adulto participa (na brincadeira) na atividade deles e no jogo, e no ganhar e no perder, e não sei quê (e fazer as equipas...), certo. Percebe-se que eles ficam mais felizes nessas circunstâncias.

22 - Entrevistadora – Agora a última pergunta, gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

Entrevistado – A esta entrevista? Não, acho pertinente. Todas as perguntas faziam sentido e acho que a Sarinha se preparou bem para a entrevista, no sentido que as perguntas que aí fazes, já é um bocadinho teres tido a noção da realidade onde estiveste. Não saem perguntas que não tem nada a ver. Elas estão a focar tanto as dificuldades, como as facilidades que temos tido aqui ao longo desta caminhada. Acho que sim.

Entrevistadora – Obrigada!

Entrevistado – De nada, minha querida!

Anexo XXV - Transcrição da entrevista à E2-EB

1 - Entrevistadora - Qual a sua idade?

Entrevistada – Tenho 52 anos.

2 - Entrevistadora - Qual o seu tempo de serviço?

Entrevistada – 27 e qualquer coisa. À volta de 27.

3 - Entrevistadora - Qual a sua formação académica?

Entrevistada – Ah... então, primeiro no meu tempo terminávamos com bacharelato. Portanto fiz o bacharelato na ESE, foi o primeiro curso da ESE. Saí com bacharelato. Depois a seguir, a licenciatura. Fiz a licenciatura. Depois fiz uma pós-graduação em educação especial. E depois da pós-graduação, fiz o mestrado, mas nunca defendi o trabalho final. Ficou em stand-by (risos).

4 - Entrevistadora - Qual o seu percurso e situação profissional?

Entrevistada – Ah... (pausa). Portanto, o meu percurso foi... ah... comecei como educadora de infância, logo quando comecei a trabalhar como educadora de infância contratada e sempre no oficial. Trabalhei sempre na rede pública e, portanto, depois passei por contratada, por quadro de vinculação e agora por quadro de agrupamento. Portanto, finalmente estou em quadro de agrupamento, mas ah... sempre muito longe de casa, pronto é como vocês já imaginam (risos). Não vai ser fácil... (não vai ser fácil) não, não é fácil, mas pronto...

5 - Entrevistadora - Quais as razões pelas quais decidiu ser Educadora de Infância?

Entrevistada – Ai que sei lá, nem sei muito bem. Ah... acho que as razões... a determinada altura comecei a perceber que era interessante trabalhar com crianças pequenas. Eu não achava graça nenhuma às crianças 7, 8, 9, 10 anos e, portanto, e isso ficou assim um bocadinho posto de parte, essas idades... Essas idades não gosto muito dessas idades, mas comecei a descobrir que trabalhar com crianças assim mais pequenas me dava um certo prazer, um certo gosto e assim... olha, é capaz de ser interessante seguir o curso de educadora de infância e trabalhar com as crianças pequenas, portanto, e foi assim uma coisa... digamos que foi num momento para o outro. Isto não surgiu logo, às vezes há pessoas que surge logo aquela vontade de ser uma determinada profissão. Não, foi de um momento para o outro. Trabalhar com crianças pequenas é uma coisa que me vai motivar, que me vai interessar e então foi por aí que eu fui e realmente até agora (risos) tem sido um desafio (risos).

6 - Entrevistadora - Costuma participar em ações de formação?

Entrevistada – Sim, muitas.

6.1 - Entrevistadora - Em que áreas?

Entrevistada – Muitas ações de formação. Tenho feito muitas ações de formação, desde que acabei o curso. Portanto nestes 28, quase 28 anos, sim, ah... tenho feito muita formação, desde matemática, as ciências, as TIC, porque houve uma altura em que as novas tecnologias e toda essa área das novas tecnologias pronto, porque surgiu assim de repente... eu na minha formação inicial não tinha nada disso, nesse tempo não havia nada dessas coisas e, portanto, houve uma grande necessidade de me atualizar nessa área. Pronto, depois foi sempre uma atualização digamos que em todas as áreas, na matemática, nas ciências, ah... nas expressões artísticas, na dança, na música. Porque essa, eu acho que também era uma lacuna na minha formação inicial, as expressões artísticas, a dança, a música, a expressão dramática, a expressão plástica... pronto acho que era assim uma lacuna e, portanto, também fiz formação nessas áreas. E

agora, ultimamente as novas orientações curriculares. Também já tenho andado e ainda estou numa dessas formações relacionada com as novas orientações curriculares (com as novas ocepe), é.

7 - Entrevistadora - Quais são as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nos JI onde tem trabalhado?

Entrevistada – Ui... tantas! Tantas, tantas coisas. Ora vamos lá começar. Por exemplo... ah... tudo quanto seja relacionado com a natureza, as temáticas da natureza. São temáticas que eu acho que são muito importantes e acho que temos de sensibilizar as crianças para essas áreas, reciclagem, pronto, separação do lixo, ah... preservar o ambiente, preservar o nosso planeta. Essas são temáticas que eu acho muito importante. E nos últimos anos, tenho... tenho trabalho bastante essas temáticas, temos trabalho bastante essas temáticas. Ah... depois também a alimentação... há crianças que cada vez mais têm uma alimentação assim um bocadinho... pronto, assim menos saudável e, portanto, temos trabalhado a alimentação, ter uma alimentação saudável. Ah... questões de saúde e de higiene, desenvolver essas questões... Portanto isso tem sido tudo assim, temas, temas que eu tenho trabalhado (pertinentes), sim, e que eu tenho trabalhado nos últimos anos, assim de repente...

8 - Entrevistadora – (certo, agora já vai de encontro à pergunta que eu ia fazer) Quais os temas que lhe têm merecido maior atenção?

Entrevistada – Sim, tem sido mesmo estes que estive a falar, especialmente os relacionados com a natureza e pronto, com alimentação. Agora nos últimos tempos, têm sido esses que têm... questões de segurança, também às vezes... também acho pertinente, trabalhar e desenvolver com as crianças. Tem sido especialmente esses temas que temos...

9 - Entrevistadora - Pode caracterizar-me o grupo de crianças com as quais trabalha no presente ano letivo?

Entrevistada – Ah... pronto, aqui esta caracterização é a nível de idades? Ou a nível geral? Comportamental? (Geral, sim). Pronto, portanto, tenho um grupo de crianças, tenho um grupo... neste momento são vinte e três, começaram com vinte e cinco, duas foram transferidas, portanto neste momento são vinte e três crianças ah... dos três aos seis anos, tenho crianças de todas as idades e depois tenho crianças ah... de todas as classes sociais também, classe baixa, muito baixa ah... crianças classe média, crianças que têm assim... que vivem bem, que eu sei que as famílias vivem bem. Portanto, isto aqui é um meio que tem assim um bocadinho uma mistura de tudo e depois é aqui próximo da cidade. Tem também crianças que são muito cidadinas e tem também algumas crianças que assim mais do campo (campo). Pronto, é assim um bocadinho uma mistura, porque como está aqui numa área próximo da cidade, que é meio campo, meio cidade... E depois apanhamos isso tudo.

10 - Entrevistadora - Considera o espaço exterior importante para as crianças?

Entrevistada – Sim.

10.1 - Entrevistadora – Porquê?

Entrevistada – Acho bastante importante, ah... então, o espaço exterior é também um sitio onde elas podem fazer muitas aprendizagens ah... e podem, também, podem livres... primeiro é um sitio mais amplo, onde não há tantos limites e as crianças tem que perceber que há limites, mesmo sem eles existirem. Ou seja, numa sala, os limites, há limites físicos, há os limites físicos. Temos sempre de uma área para a outra um móvel a separar, portanto há ali um limite físico, há ali um objeto, uma coisa física, que ajuda a separar. Ah... no exterior, no exterior, não há isso. No exterior, estou a falar mais a nível de recreio, a nível exterior, recreio. No exterior não há esse limite e as crianças

tem que perceber que são livres de brincar no espaço exterior, mas que há limites, mesmo sem existir a barreira física, os limites estão ali. Acho que isso é muito importante para a criança se começar a orientar e estruturar. Pronto, e depois podem fazer muitas aprendizagens... podemos brincar com água, que dentro da sala não se pode brincar, podemos brincar com terra, que dentro da sala não podemos brincar e, por aí fora... e depois também há as visitas de estudo, que eu acho que também são muito importantes. As crianças saírem da escola e, pronto, irem ver outras coisas com o grupo. Às vezes eles saem com os pais, mas até nem são muito de sair. Aqui o meu grupo nem é muito de sair com os pais, os fins de semana deles são assim um bocadinho pobres. Ah... por aquilo que eles contam. Mas, mas é muito importante eles saírem e a visão que têm em grupo é sempre diferente da visão que tem com os pais, com a família (certo). Portanto, é sempre também uma mais valia. Sempre que é possível saímos.

11 - Entrevistadora - Qual o papel do espaço exterior em crianças de idade pré-escolar?

Entrevistada – O papel, se calhar também já um bocadinho... (pois, mencionou um bocadinho), pois já, já mencionei também um bocadinho em cima, ah... portanto, o espaço exterior é muito importante nas aprendizagens das crianças, porque realmente podemos fazer coisas no exterior, fora da sala, diferentes que se fazem dentro da sala e, portanto... podemos experimentar materiais, desde a água, desde a terra, desde as ervas, desde as plantas, fazer jardinagem ah... pronto, que dentro da sala, se calhar isso não faz (é mais limitativo) mais... exatamente, é mesmo isso. Portanto...

12 - Entrevistadora - No seu contexto atual de intervenção, qual a sua opinião em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos? E até mesmo do tamanho, também...

Entrevistada – Ah... pois isso... em termos de... os materiais... equipamentos não são muitos, mas temos alguns materiais. Nós temos alguns materiais de exterior, o jardim de infância. Materiais, sei lá... coisas para brincar com a terra, pás, baldes, triciclos, também temos. Ah... que também, também é bom. Pronto, mas assim, outro tipo de equipamentos ah... não temos muito. Temos ali um escorrega, dois balouços, que já estão um bocadinho em mau estado e pouco mais. Não temos assim muitos equipamentos. Mesmo, ah... pronto, quando é coisas para mexer na água, não temos assim às vezes... vamos arranjando, assim uns alguidarinhos, uns baldes, umas coisas e funciona assim. Podíamos estar mais bem equipados, mas pronto é o que há.

13 - Entrevistadora - Qual pensa ser o papel do/a educador/a no tempo dedicado ao espaço exterior?

Entrevistada – Ah... quer dizer, o papel do educador é um bocadinho idêntico ao de dentro da sala. Portanto, o educador dentro da sala tem que estruturar e organizar o tempo e as aprendizagens das crian... não é organizar as aprendizagens, é os conteúdos e planificar de forma a transmitir os objetivos que quer para que as crianças possam fazer as aprendizagens pretendidas e na rua é exatamente a mesma coisa. A pessoa, pode livremente, pode deixar as crianças brincar livremente e ficar um bocadinho de fora, numa de observar ou então também pode intervir, tal como faz na sala. Por exemplo, mesmo quando eles estão a brincar livremente, se quisermos intervir e ir levantar uma questão com as crianças, um problema, fazer com que elas se questionem e vão mais longe. Portanto, é como sala, fazemos exatamente a mesma coisa. É claro que às vezes, fora dos portões da escola, visitas de estudo, portanto, isso tem que ser tudo muito bem planeado, muito bem programado, muito bem falado com as crianças. As crianças têm de estar muito bem preparadas o que é que vão ver, nada pode ser surpresa. Portanto, para... para isso mesmo, para não ser surpresa, para elas saberem exatamente o que é que vão fazer, qual é o objetivo daquela visita, pronto, para orientar e organizar as suas ideias. Portanto é exatamente o papel que o professor,

que o educador faz na sala. Dá-nos mais trabalho, a nós, educadores, mas o papel é o mesmo.

14 - Entrevistadora - Quais os obstáculos que considera existirem à integração de atividades no espaço exterior?

Entrevistada – Ah, os obstáculos é a falta de pessoal, sensivelmente falta de pessoal, porque para... para estarmos na sala, só um educador é suficiente. Estamos na sala com vinte e cinco crianças e tem que ser suficiente um educador e no exterior, não podemos sair do portão para fora, de uma escola, um adulto com vinte e cinco crianças. É completamente impossível, e mesmo, ah... pronto, mesmo estar no espaço exterior, como é um espaço mais amplo, só um adulto também é complicado. Portanto, essencialmente, é a falta de pessoal e depois também a falta de segurança nos equipamentos... ah... por exemplo, se nós quisermos ir à rua, estou a falar aqui do meu caso, se quiser ir à rua, eu evito mesmo, eu evito sair para fora do portão com o meu grupo, por isso mesmo, uma estrada muito perigosa, muito movimentada, carros a alta velocidade, passeadeiras ah... passeadeiras há poucas, passeios não há nenhuns. Portanto é super difícil e muito perigoso levar crianças para a rua nestas condições. Portanto, os obstáculos são esses mesmos, as condições físicas e a falta de pessoal e por aí fora...

15 - Entrevistadora - Considera que os/as educadores/as têm a formação necessária para proporcionar experiências significativas às crianças no espaço exterior?

Entrevistada – (risos) Ah... (pausa) formação necessária... a formação... quer dizer, eu acho que sim, que têm formação. Ah... a formação é assim um bocadinho abrangente. A formação dos educadores é uma formação abrangente, abrange um bocadinho de tudo, não se desenvolve muito nada, mas abrange tudo... tudo um pouco. Portanto, depois cada educador tem que fazer um trabalho individual, desenvolver mais isto ou mais aquilo. Portanto se quer realmente que as experiências no espaço exterior sejam significativas para as suas crianças tem que trabalhar nisso. É o que tem de acontecer. Tem que ter muito... tem que ter muito trabalho, porque a formação é um bocadinho ampla. Dá-se umas pinceladas disto, daquilo... umas pinceladas. Depois o educador com essas pinceladas tem de começar a pesquisas e a ver o que pretende e a andar para a frente. A formação é assim como nós sabemos...

16 - Entrevistadora - Com que frequência sai para o espaço exterior com as crianças?

Entrevistada – Ah... é como eu estava a dizer... eu aqui, nesta escola, saio pouco. Saio pouco, do portão para fora... ah... visitas de estudo, temos... programo sempre pelo menos uma visita de estudo por período. No primeiro período tivemos uma visita de estudo, no segundo período tivemos outra, no terceiro período tivemos outra, portanto uma visita de estudo por período e aí saímos do portão para fora. Saímos de autocarro, vamos fazer uma viagem, pronto. Depois saídas, eu gosto de sair para conhecer o meio, onde a escola está inserida, onde o jardim está inserido. É muito importante eles conhecerem o meio, conhecerem os serviços, conhecerem as lojas, conhecerem tudo o que existe aqui à volta, mas eu aqui não faço muito isso, porque... e sinto falta, sinto falta... mas eu tenho medo de sair à rua com as crianças, é muito perigoso. Esta estrada é muito perigosa. Só saímos agora no terceiro período, em que os meninos, pronto, já têm mais as regras interiorizadas, já se conseguem mais organizar, é mais fácil organizar o grupo e saímos agora aqui a uma quinta próxima, portanto sair a pé, aqui a uma quinta próxima, fazer um piquenique e gozar e usufruir um bocadinho da natureza, que é aqui tao perto, aqui a dois passos da escola e porque também tinha cá meninas que me ajudassem (certo), tinha cá duas meninas estagiárias e, portanto, já era mais duas pessoas, dois adultos para me ajudarem, porque se fosse só eu com a minha

auxiliar, era muito complicado levar vinte e cinco meninos pela estrada fora. Assim é mais duas, já foi mais fácil. É o que há... (risos)

17 - Entrevistadora - Quanto tempo permanecem as crianças no exterior?

Entrevistada – Ah... bem, eles todos os dias vão à rua, ao exterior, brincar. Depois o permanecer no exterior, no mínimo uma hora por dia, eles têm que lá estar. Meia hora de manhã, portanto fazem o lanche e depois estão meia hora, ou brincar livremente ou às vezes a fazer jogos, pronto. Ah... e de tarde, também tem de estar sempre um bocadinho... também meia hora. Portanto, mais ou menos uma hora por dia. Depois há sempre aqueles dias em que estamos mais um bocadinho. Por exemplo, temos a educação física, muitas vezes vamos fazer a educação física para o espaço exterior, pronto. Hoje foi um dos dias em que estivemos a fazer, mas pronto estava bom tempo, e agora é verão, podemos fazer essas atividades no espaço exterior. Mas nem isso é muito agradável, porque hoje estávamos a fazer e calhou uma hora em que passou imensos camiões (risos). Portanto como estão a ver, só o facto da estrada ser à beira, da escola ser à beira de uma nacional, onde passa imensos carros e camiões, isso perturba... (não permite a concentração) nada, isso perturba o funcionamento da escola, e portanto, no espaço exterior, hoje eu senti isso, imenso. Foi uma hora em que passaram imensos camiões e os miúdos estavam delirados com os camiões e com os tratores e com os não sei quê... foi super difícil agarrar o grupo para fazer a aula (a atividade), portanto às vezes... (não depende só de nós), exatamente! Não, não, não...

18 - Entrevistadora - Em que condições climáticas sai com as crianças ao exterior?

Entrevistada – Ah, mesmo de inverno também saímos à rua, também saímos para o espaço... para o recreio, para o recreio! Como eu já disse, as visitas de estudo, há uma por período, portanto também há uma no inverno. Também vamos, com os casacos, com tudo. Também há uma no inverno. Mas assim, no verão, claro que usamos mais o espaço exterior, o recreio. O piquenine foi agora, no verão, agora na primavera, porque está bom tempo. Agora com o bom tempo, se calhar saímos mais. Se calhar, vamos mais com o bom tempo. Mas também no inverno, também é bom sair, é bom sentir o frio na cara, a chuva, pronto, são tudo experiências importantes.

19 - Entrevistadora - Do que lhe é possível observar, as crianças preferem estar no exterior ou no interior?

Entrevistada – Ah, isso aí eu acho que é igual. Isso aí eu acho que é igual. Elas às vezes quando estão... gostam de estar na sala, e de fazer as atividades na sala, e de brincar na sala. Mas quando estão na rua, se estão motivadas, tanto se consegue motivar um grupo na sala como no exterior. Eu acho que é igual. Quando estão muito tempo, já sem vir ao... à rua, fazer atividades na rua, sentem alguma saudade da rua e depois parece que estão com vontade de ir à rua, mas depois se estivermos ali mais tempo na rua, eles também já começam a sentir falta (saudades da...) da sala (sala) e da rotina da sala, portanto isso aí, eu acho que é igual.

20 - Entrevistadora - Que tipo de atividades/estratégias adota quando sai para o exterior? (pausa) Atividades orientadas ou atividades de exploração livre?

Entrevistada – Ai, isso tanto faz ser... isso aí é igual. Uma vez é atividades orientadas outras vezes é de exploração livre. Por exemplo, agora quando agora fomos fazer esse piquenique, lá na quinta, fizemos dois tipos de atividades, atividades orientadas, uns jogos orientados, uma exploração da natureza orientada, vamos fazer isto vamos fazer aquilo, vamos ouvir o som dos pássaros, vamos ouvir... pronto, chamadas de atenção para os motivar a... e depois também inicialmente, a primeira coisa que os deixei fazer quando lá chegamos foi eles explorarem (explorarem o espaço) livremente tudo, portanto exploraram o espaço, correram, saltaram, apanharam bolotas, mexeram nas

folhas, descobriram os bichinhos, descobriram um ovo do passarinho, pronto. Fizeram as descobertas deles e vieram mostrar e eu questionei-os, pronto. Depois, ah... fomos fazer também um bocadinho de trabalho orientado, portanto acho que as duas coisas completam-se e tem que se fazer as duas coisas de forma um bocadinho equilibrada, não é só liberd... não é só exploração livre, nem só exploração orientada. Não pode ser, um bocadinho das duas.

22 - Entrevistadora - Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

Entrevistada – Não, acho que falamos muita coisa (risos), falei muita coisa. Não, acho que não, não é preciso.

Entrevistadora – Ok, obrigada pela sua participação!

Entrevistado – De nada, de nada!

Anexo XXVI - Transcrição da entrevista à E3-JIC

1 - Entrevistadora - Qual a sua idade?

Entrevistado – 44.

2 - Entrevistadora - Qual o seu tempo de serviço?

Entrevistado – 20 anos.

3 - Entrevistadora - Qual a sua formação académica?

Entrevistado – Licenciatura.

4 - Entrevistadora - Qual o seu percurso e situação profissional?

Entrevistado – Então neste momento... ah... no início da... quando acabei a... o curso ah... estive dois anos no estado, em apoio educativo e depois vim para aqui, para a m***** e tenho estado aqui até hoje.

5 - Entrevistadora - Quais as razões pelas quais decidiu ser Educadora de Infância?

Entrevistado – Paixão mesmo! (Risos) Gostar de crianças, gostar de estar com eles, gostar de brincar com eles e foi principalmente foi isso. (Risos)

6 - Entrevistadora - Costuma participar em ações de formação?

Entrevistado – Sim, estes últimos anos não muito, mas sim, já tenho participado em algumas.

6.1 – Entrevistadora – Em que áreas?

Entrevistado – Áreas da... área da... área da higiene e segurança do trabalho, na área da expressão plástica, na área da saúde, da alimentação. Basicamente é isso.

7 - Entrevistadora - Quais as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nos JI onde tem trabalhado?

Entrevistado – Tem sido, ah... vários temas. Agora não sei se me recordo assim de todos, assim agora, mas tem a ver com... já trabalhei a autonomia quando estava com os 5 anos, os mais velhinhos. Já trabalhei com a família, projeto em conjunto com a família e o intercâmbio família escola. Ah... já trabalhei as histórias, do Era uma vez. A partir de uma história, depois pode-se falar em vários temas e fazer vários trabalhos com eles. Ah... os afetos, pronto assim que eu me lembro assim mais presentes... foram estes.

8 - Entrevistadora - Quais os temas que lhe têm merecido maior atenção? Porquê?

Entrevistado – Eu acho que todos. Acho que todos são importantes. Não há um ou outro que tenha merecido mais atenção. Eles são todos importantes. Faz tudo parte do dia-a-dia das crianças. Acho que ... cada qual com o seu grau de importância, mais ou menos, mas acho que são todos importantes.

9 - Entrevistadora - Pode caracterizar-me o grupo de crianças com as quais trabalha no presente ano letivo?

Entrevistado – São um grupo de 12 crianças, com idades compreendidas entre um e dois. Temos três crianças mais pequeninas com um ano, o resto já tem tudo dois aninhos. Ah... são um grupo bastante, como é que eu hei-de dizer, ah... participativo, ah...colabora com os trabalhos realizados, ah... são simpáticos, ah... não são estranhos, ah... adoram ouvir histórias, adoram cantar, adoram dançar, adoram ir à rua...

10 - Entrevistadora - Considera o espaço exterior importante para as crianças?

Entrevistado – Sim, bastante.

10.1 – Porquê?

Entrevistado – Porque é uma forma deles se libertarem também um bocadinho, não é? Para além de... a gente já quando está a chover e tudo, que eles têm de ficar cá dentro, a gente tem de aproveitar quando está bom tempo para eles saírem, para eles exteriorizar, para eles correrem, para eles saltarem que é muito importante para eles isso e mesmo para a aprendizagem, para o... para... até mesmo para o... como é que eu hei-de explicar ah... (pausa) a socialização deles próprios, o brincarem em conjunto não só na sala, mas também fora e com outras salas, porque às vezes também nos juntamos com outras salas, não é só esta sala. Eu penso que é muito importante.

11 - Entrevistadora - Qual o papel do espaço exterior em crianças em idade creche?

Entrevistado – É isso mesmo, é eles explorarem, andarem à vontade, livremente, correr, saltar, pular, brincarem. Principalmente é isso.

12 - Entrevistadora - No seu contexto atual de intervenção, qual a sua opinião em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos?

Entrevistado – Sim, neste momento... neste momento está bom. O espaço exterior foi restaurado, foi feito... vieram brinquedos novos e neste momento está bom. Temos o espaço que temos ao pé da sala, que podemos brincar livremente, sem brinquedos de exterior. Temos depois um espaço atrás do colégio que tem... que tem o escorrega, tem a casinha, tem essa zona toda e depois ainda temos um parque, no espaço de jardim, onde eles também podem explorar a natureza, pronto. Por isso, neste momento estamos bem, tivemos uma altura em que não tínhamos aquele espaço exterior dos baloiços e dos escorregas, mas agora já temos e penso que sim, que está tudo bem.

13 - Entrevistadora - Qual pensa ser o papel do/a educador/a no tempo dedicado ao espaço exterior?

Entrevistado – É de participar com as crianças na brincadeira que eles estão a fazer, é participar, é ajudar, é incentivar a brincar, deixar de ter medo do subir, do descer, do saltar. Basicamente é isso.

14 - Entrevistadora - Quais os obstáculos que considera existirem à integração de atividades no espaço exterior?

Entrevistado – O obstáculo... talvez o...(pausa) só se for o tempo (risos). É o principal.

15 - Entrevistadora - Considera que os/as educadores/as têm a formação necessária para proporcionar experiências significativas às crianças no espaço exterior?

Entrevistado – Eu penso que sim. Sim, eu penso que sim. Isso é uma coisa que não é preciso ter formação. A gente ao longo dos anos vai aprendendo e vai vivenciando, não é? E vamos praticando... eu penso que sim.

16 - Entrevistadora - Com que frequência sai para o espaço exterior com as crianças?

Entrevistado – Se possível, todos os dias, um bocadinho, pronto. Ah... só quando está a chover é que não, mesmo quando está assim mais fresco, agora no inverno, ah... também assim um bocadinho mais quase perto da hora de almoço, nem que seja só quinze minutos, mas eles irem lá um bocadinho, desanuviarem um bocadinho e estarem lá a brincar livremente.

17 - Entrevistadora - Quanto tempo permanecem as crianças no exterior?

Entrevistado – Lá está, depende do tempo, depende do tempo que nós temos, depende da meteorologia, depende... podemos estar quarenta e cinco minutos, podemos estar quinze minutos, depende, pronto.

18 - Entrevistadora - Em que condições climáticas sai com as crianças ao exterior?

Entrevistado – Desde que não esteja a chover (risos).

19 - Entrevistadora - Do que lhe é possível observar, as crianças preferem estar no exterior ou no interior?

Entrevistado – Depende (risos). Eu penso que... pronto, eles no exterior estão mais à vontade não é? Fazem o que querem, podem gritar, podem correr, e na sala, lógico que não podem, mas eu penso que eles tanto gostam de estar no exterior como na sala. (pausa) Mas lá está, faz muita falta o bocadinho que vão ao exterior. Quando eles não vão a gente sente logo que eles estão mais agitados e muito mais... nota-se... que é mesmo...

20 - Entrevistadora - Que tipo de atividades/estratégias adota quando sai para o exterior? Atividades orientadas ou atividades de exploração livre?

Entrevistado – Ambas. Podemos brincar livremente, podemos ir ao exterior, agora no outono, sair e fomos apanhar folhas, explorar a natureza ah... podemos fazer jogos, também... ah... tipo gincanas e essas coisas assim, podemos... ah... quando estava a falar lembrei-me de uma coisa e agora esqueci-me... ginástica, fazer ginástica também no exterior. Também costumo fazer ginástica no exterior sempre que está bom tempo.

21 - Entrevistadora - Pode descrever-me uma atividade realizada com as crianças, no espaço exterior, que a tenha marcado?

Entrevistado – Não tem de ser deste ano? (A entrevistadora abanou a cabeça indicando que não). Pode ter sido ah... uma quando eu estava nos cinco anos fui com eles com uma folha na mão e lápis e fomos para o jardim da república e sentámo-nos e eles desenharam aquilo que eles estavam a ver. Foi muito giro, foi uma experiência muito gira, eles estavam tão atentos, apareceram desenhos tão giros, tão giros. Eu própria fiquei... ah... não estava à espera que eles fizessem o que fizeram. Marcou-me, essa marcou-me. Dos mais velhinhos foi essa. Dos outros (os mais novos), é aquelas brincadeiras livres que eles têm, e de explorar a natureza, principalmente.

22 - Entrevistadora - Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

Entrevistado – Não, eu penso que não.

Entrevistadora – Obrigada!

Entrevistado – De nada!

Anexo XXVII - Transcrição da entrevista à E4-JID

1 - Entrevistadora - Qual a sua idade?

Entrevistado – 52 anos.

2 - Entrevistadora - Qual o seu tempo de serviço?

Entrevistado – À volta de 27.

3 - Entrevistadora - Qual a sua formação académica?

Entrevistado – Curso de educadores de infância.

Entrevistadora - Qual o seu percurso e situação profissional?

Entrevistado – Ah... espera. Aqui formação académica, portanto, curso de educadores de infância como a licenciatura (pausa) em orientação educativa.

Entrevistadora – Ok.

4 - Entrevistadora - Qual o seu percurso e situação profissional?

Entrevistado – O meu percurso profissional, olha... tem sido com muita experiências (risos). Já estive no direto à cerca de 18 anos, depois convidaram-me para... estive cerca de 10 anos no direto com crianças, depois convidaram-me para a coordenação estive 18 anos na coordenação e agora voltei às salas. Pronto, e é uma experiência muito gratificante, pronto.

5 - Entrevistadora - Quais as razões pelas quais decidiu ser Educadora de Infância?

Entrevistado – Ah... (risos). Opa... Porque eu acho que na altura, há trinta anos, as coisas eram completamente diferentes do que são agora, não é? Não havia tantos cursos, mas eu penso que tive sempre vocação para crianças e gostava de lhes ensinar e transmitir os conhecimentos que eu tinha, pronto. Também gostava, mas eu penso que só gostar de crianças não chega. Ah... e algo, eu sentia que tinha alguma habilidade para lidar com as crianças, pronto, e então concorri, na altura, ao curso de educadores de infância que era na altura, e professores também, mas pronto. Ainda bem que fiquei na parte da infância, de educadora de infância, porque é muito... penso que é mais gratificante.

6 - Entrevistadora - Costuma participar em ações de formação?

Entrevistado – Sim.

6.1 - Entrevistadora - Em que áreas?

Entrevistado – Andei a participar muitas, mas foi tudo em áreas ligadas à parte da coordenação também. Ah... Mas tendo sempre a ver, informar, ler com temáticas que eu sei que estão... que estão muito na moda também e quando é possível, agora também já não me assim há quanto tempo é que não vou a nenhuma, mas... tenho ido, tenho ido. Mas era mais baseando na minha, na parte de lidar com adultos, na altura que estive na coordenação.

7 - Entrevistadora - Quais as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nos JI onde tem trabalhado?

Entrevistado – Temáticas? As temáticas do Jardim de Infância, geralmente, são quase sempre as mesmas, depois trabalhamos é de forma diferente com as idades que temos. Geralmente são as estações do ano, que nós abordamos, a alimentação, o vestuário, algumas temáticas que as crianças tragam para a sala também. Não as deixamos de trabalhar e aproveitamos também. Ah... às vezes as profissões, também são com idades

dos cinco anos, dos quatro também. O ambiente, a preservação do ambiente também. Pronto, agora não me lembro de mais. Há N a serem trabalhadas.

8 - Entrevistadora - Quais os temas que lhe têm merecido maior atenção? Porquê?

Entrevistado – Ah, eu penso que todos os temas merecem a minha atenção (risos). Porque todos são importantes para a formação da criança, para eu dar aprendizagens às crianças não é? Ah... é importante a criança, desde pequenina, nós falarmos sobre a família, não é? Como é tão importante eu dar a família nos cinco anos como abordar outros temas, mas todos os temas eu penso que têm de ter a mesma importância, para que consiga transmitir os meus conhecimentos junto das crianças.

9 - Entrevistadora - Pode caracterizar-me o grupo de crianças com as quais trabalha no presente ano letivo?

Entrevistado – Ahh... são umas crianças fascinantes (risos). São umas crianças que são muito autónomas, são muito interessadas, gostam de aprender coisas novas, portanto, quando eu chego à sala, eles dizem-me logo, perguntam-me logo “O que é que vamos fazer hoje? O que é vamos fazer hoje?”. São crianças que têm sede de aprender. Também é o facto, que também as habituei sempre a dar-lhes conhecimento e elas agora também já se habituaram também de chegarem à sala, já têm as rotinas interiorizadas e já sabem que naquele dia vamos fazer algo e então perguntam-me logo o que vamos fazer. Tento variar sempre as temáticas, as atividades, de formas diferentes, para que eles não se saturem e seja novo para eles. Ah... mais?

10 - Entrevistadora - Considera o espaço exterior importante para as crianças? Porquê?

Entrevistado – Considero... é bastante interessante para as crianças. É pena é, por vezes, a gente não ter tempo, porque é assim, nós temos as rotinas e as rotinas também, na creche requerem muito tempo e nós temos as horas dos almoços, as horas de ir à casa de banho, as horas da sesta e às vezes... era bom que houvesse mais tempo para irmos para a rua. Eu aproveito sempre todo o tempo que tenho para ir para a rua, às vezes depende das condições climáticas, porque com chuva não podemos ir... pronto, e no inverno também vamos, desde que o tempo permita.

11 - Entrevistadora - Qual o papel do espaço exterior em crianças nestas idades?

Entrevistado – O papel do espaço exterior... Ah... é importante no espaço exterior, as crianças podem socializar, podem fazer brincadeiras por elas. Elas inventam brincadeiras. Conseguem orientar as suas próprias brincadeiras também, conseguem ser criativas, conseguem imaginar também, conseguem brincar ao faz de conta. Eu penso que é muito importante o espaço exterior. Por vezes podemos orientar as atividades, outras vezes podem ser eles próprios a fazer as suas brincadeiras. E garanto que eles brincam... brincam com a terra, com a areia... eles adoram essas experiências e vão explorando também a natureza e...

12 - Entrevistadora - No seu contexto atual de intervenção, qual a sua opinião em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos?

Entrevistado – É assim... há jardins de infância piores! (risos) Mas pronto, este até tem algum, algum... algum material exterior que é adequado também. Temos neste espaço, temos agora os chapinheiros, já utilizamos também este mês (junho). É aquilo a que eles chamam de piscina. Também temos os escorregas, temos as tinas com areia, que às vezes também utilizo para pôr água, para fazer aquelas experiências de encher-despejar, mas penso que o que temos... podia ser melhor, mas também está adequado.

13 - Entrevistadora - Qual pensa ser o papel do/a educador/a no tempo dedicado ao espaço exterior?

Entrevistado – Qual o papel da educadora no tempo dedicado? É tentar que as crianças usufruam o maior tempo que lá estão e que adquirem aprendizagens nesse tempo que estejam no espaço exterior.

14 - Entrevistadora - Quais os obstáculos que considera existirem à integração de atividades no espaço exterior?

Entrevistado – A chuva (risos), no inverno! É sempre o problema... a chuva, o frio, depois os pais não querem que as crianças vão para a rua porque se constipam, é sempre... as condições climáticas.

15 - Entrevistadora - Considera que os/as educadores/as têm a formação necessária para proporcionar experiências significativas às crianças no espaço exterior? Porquê?

Entrevistado – Claro que temos. Podemos proporcionar muitas experiências no espaço exterior. É preciso dizer mais? (risos) Olha eu este ano proporcionei uma experiência de os pôr a brincar com areia molhada, na tina. Adoraram! Enchi a tina com água, dei-lhes alguns brinquedos para eles encherem, para eles despejarem, para eles brincarem! Para fazerem descobertas.... e foi gratificante para o grupo. Portanto, há muita coisa que se pode fazer no exterior. Outras... é os chapinheiros, que adoram, os chapinheiros. Adoraram essa experiência. Ah... mais... jogos! Também... orientados, de roda. Ah... e eles adoram o jogo do rei manda também. Rodas também já cantadas, eles também já fazem. Metem-se na roda e cantamos. Há muita coisa que dá para fazer no exterior.

16 - Entrevistadora - Com que frequência sai para o espaço exterior com as crianças?

Entrevistado – Agora, desde que esteja bom tempo, saímos sempre. Um bocadinho de manhã e depois à tarde, que eles depois de manhã vão fazer a higiene, vão para o almoço, vão dormir a sesta e quando se levantam fazem novamente a higiene e vão lanchar e depois do lanche, vão também para o exterior, brincar.

17 - Entrevistadora - Quanto tempo permanecem as crianças no exterior?

Entrevistado – Ah... De manhã, meia hora, uma hora... Para aí duas horas.

18 - Entrevistadora - Em que condições climáticas sai com as crianças ao exterior?

Entrevistado – (risos) Como já referi, quando está bom tempo.

19 - Entrevistadora - Do que lhe é possível observar, as crianças preferem estar no exterior ou no interior? Porquê?

Entrevistado – Depende. Depende... Eu penso que quando as atividades são aliciantes elas gostam de estar na sala. Quando, por vezes não há as atividades ou não são tão aliciantes, elas preferem estar no exterior, pronto. Depende... porque eu às vezes digo “querem ir para a rua ou querem ir fazer pintura?”, eles respondem-me que querem ir fazer pintura. Portanto, depende muito da ocasião. Mas ao fim do dia, penso que eles preferem sempre ir para a rua (risos).

20 - Entrevistadora - Que tipo de atividades/estratégias adota quando sai para o exterior? Atividades orientadas ou atividades de exploração livre?

Entrevistado – Depende... Depende, se por vezes acho que o grupo está mais agitado, tendo sempre a orientar um bocadinho uma atividade. Depois deixo-os fazerem eles as brincadeiras livremente. Agora depende da situação e do estado deles também, pronto. Se eles necessitarem, a gente tenta acalmar, tenta dar uma orientação. Depois deixá-los brincar sozinhos.

21 - Entrevistadora - Pode descrever-me uma atividade realizada com as crianças, no espaço exterior, que a tenha marcado?

Entrevistado – Já referi à bocadinha, quando vos disse que este ano... ah... brincarem com a areia, com a água, com os chapinheiros. Fizemos também uma engraçada que foi na altura da primavera, agora estou a recordar-me, onde andávamos a ver o nosso jardim... pronto, eu geralmente gosto que eles se apercebam o que está a acontecer na natureza e então lembrei-me que tínhamos ali o jardim. E então fomos ver os passarinhos, quando olhámos para as árvores, quando começámos a ver as folhinhas a crescer, havia árvores ainda não tinham folhas, ouvimos o barulho dos passarinhos, fomos cheirar as flores. E... também penso que essa atividade foi gratificante e marcante, porque eles andavam entusiasmados atrás de mim a ver a natureza, a observar a natureza.

22 - Entrevistadora - Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

Entrevistado – Não, penso que já disse tudo (risos).

Anexo XXVIII - Guião de entrevista realizado às crianças do Jardim de Infância

Categoria	Objetivos	Questões
Contextualização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar os objetivos da entrevista; - Esclarecer o significado de espaço exterior no contexto da entrevista. 	<p>Iniciar a entrevista, contextualizando os participantes sobre o objetivo do estudo.</p> <p>Esclarecer os participantes que espaço exterior significa todos os espaços para além da sala, ou seja, recreio, visitas à cidade, visitas de estudo, etc.</p>
Opinião sobre o Jardim de Infância	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o que as crianças pensam do Jardim de Infância que frequentam. 	<p>1 - Gostam do Jardim de Infância? Porquê?</p> <p>2 - Qual o espaço que mais gostam no Jardim de Infância?</p> <p>3 - Qual o espaço que menos gostam no Jardim de Infância?</p>
Opinião sobre o espaço exterior	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o que as crianças pensam acerca do espaço exterior. 	<p>4 - Preferem estar no recreio ou na sala?</p> <p>5 - O que gostam mais de fazer no recreio?</p> <p>6 - O que gostam menos de fazer no recreio?</p> <p>7 - Que brincadeiras têm no espaço exterior?</p> <p>8 - Gostam das atividades que a educadora realiza no espaço exterior? Porquê?</p> <p>9 - Na vossa opinião, o vosso recreio tem tudo o que necessita (equipamentos, espaços verdes, etc.)? Porquê?</p> <p>10 - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram? Porquê? E a que menos gostaram? Porquê?</p> <p>11 - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?</p>
Terminar a entrevista agradecendo as suas participações.		

Anexo XXXIX - Transcrição do focus group – EA

Grupo 1

1 - Entrevistadora – Gostam do Jardim de Infância?

C8 – Eu gosto!

C9 – Odeio uma pessoa... (essa não foi a pergunta que eu fiz... o que perguntei foi se gostas deste jardim de infância)

C9 – Sim (Gostas de estar cá? Gostas de estar com a professora?)

C9 – Quando essa pessoa não está cá...

C10 – Também gostas de brincar com a XXXX. (e tu?)

C11 – Eu estou quase a mudar de escola! (estás quase a mudar de escola... e gostas desta escolinha?)

C9 – Eu também!

C11 – Sim, só que a minha mãe vai-me obrigar a mudar de escola.

C8 – Eu vou mudar-me para o karaté!

Entrevistadora – Porque é que vocês gostam da escolinha? Contem-me lá!

C9 – Eu adoro! Podemos fingir casamentos.

C11 – Eu também!

Entrevistadora – Pois, podem fazer essas brincadeiras. E mais?

(as crianças começaram a exemplificar brincadeiras)

2 - Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam no Jardim de Infância?

C9 - O recreio, eu.

C10 – Eu gosto de lanchar... almoçar...

C8 – Eu gosto de brincar na sala.

C10 – Brincar no recreio.

3 - Entrevistadora - Qual o espaço que vocês menos gostam no Jardim de Infância?

C10 – Os jogos.

C8 – O das estrelas.

C10 – Eu gosto de todos. (e tu, não há um espaço que menos gostes no jardim de infância?)

C9 – Eu gosto de tudo. (e tu, qual é o espaço que menos gostas?)

C11 – De nenhum.

4 - Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

C8 – Na sala!

C11 – No parque! (e tu?)

C10 – Hum.. na sala! Não, não! Na rua! (assim um bocadinho dos dois, não é? E tu?)

C11 – No recreio.

C10 – Quando a gente chega...

C11 - Só que hoje eu não brinquei lá no recreio. (não?) Fiquei atrasada para a escola.

5 - Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

C9 – Gostamos de fazer tudo. (o que é tudo?)

C8 – Eu gosto de ir para o céu.

C9 – Nós gostamos de tudo e é muitas coisas.

C8 - Eu gosto de ver o céu.

C9 – Eu gosto de ver as nuvens.

C11 – Eu também gosto!

6 - Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

C8 – A brincar aos leões.

C9 – À batata congelada... (à batata congelada?)

C9 – Sim, à apanhada!

C10 - E quem apanhar fica congelado (Já sei qual é! E tu qual é a tua brincadeira favorita?)

C10 – hum... hum... (Estás a pensar? E tu?)

C11 – Brincar aos fantasmas e aos vampiros.

7 - Entrevistadora - Gostam das atividades que a educadora faz com vocês no recreio?

C8 – Sim.

C10 – Sim. (o que é que ela faz?)

C8 - Brincar às bolas!

C9 – Deixa-nos brincar a quase tudo... só menos magoar.

C10 – Só menos não partir nada.

C9 – Não magoar...

C8 – Eu gosto de brincar à batata quente.

C10 – Não empurrar.

C9 – Isso é o mesmo que não magoar.

C11 – Não bater! (Ela participa nas vossas brincadeiras? Ela também brinca com vocês no exterior?)

C9 – Às vezes...

C10 – Ela também não deixar pôr ali, para ninguém ficar trancado ali. (Certo, o que é que ela brinca com vocês no recreio?)

C8 – À apanhada! (ela brinca connosco à apanhada?)

C9 – Ela não brinca connosco há muito tempo.... pois não? (pois, já não brinca...)

C8 – Mas brinca na sala!

C10 - A XXXXX (auxiliar) deixa ir para o escorrega! (A auxiliar brinca com vocês?)

C9 – Sim!

C8 – Não! Não!

C10 – Brinca, brinca!

C8 – Brinca no escorrega.

C11 – Uma vez ela brincou no escorrega. (Vocês usam muito aquele escorrega?)

Todos – Sim!

C9 – Nós adoramos o escorrega! Um dia já fiz uma bala de fogo, sabes como? (o quê? uma bola de fogo?) Uma pala de fogo assim! Eu a descer assim do escorrega... a mão trava e depois vou assim em pé, um dois (já reparei que vocês gostam de brincar naquele escorrega...)

C8 – E também temos mais coisas do escorrega... (e o outro espaço? O espaço do basketball?)

C10 – A gente também gosta...

C9 – Adoramos tudo na escola!

Entrevistadora – Vocês usam muito esse espaço?

Todos – Não!

Entrevistadora – Porquê?

C9 – Isso é uma coisa difícil... A XXXXX (auxiliar) quando não nos deixa ir, nós não vamos... Mas depois nós quebramos as regras e vamos. (Quebram as regras?)
(silêncio)

9 - Entrevistadora – Olha, o vosso recreio tem tudo o que vocês precisam? Porquê?

Todos – Sim!

C9 – Precisa talvez de uma coisa... (o quê?) Ação!! (Aventura, é o que queres dizer? Precisam de aventura?)

Todos – Sim!

C10 – Sara, também precisamos de cordas para a gente passarmos.

C8 – Relva!

C10 – Sim!! Relva! (e tu, que achas?)

C11 – De jogos.

C10 – Oh Sara! Também precisamos de vassouras para aquelas bruxinhas. Para elas voarem... (Têm bruxinhas no recreio?)

Todos – Não!

C10 – Para pendurarmos! (Isso é uma boa ideia para o Halloween!)

10 - Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

C9 – A das árvores autóctones.

C8 – De todas! (o que é todas?)
C8 – Eu gostei dos animais.
C10 – As árvores e ir à quinta do arrife, e...
C8 – Ir à tua escola!
C10 – Já fomos duas vezes à quinta do arrife. A gente fez queijo e pão.
C11 – A dos búfalos (dos búfalos?)
C8 – Dos elefantes! (qual foi essa? Foi este ano?)
C11 – Não... A dos cangurus!
C10 – Não, não...
C9 – Nós não vimos cangurus...
C11 – Mas nós vimos... no comboio. (ahh! Os veados é isso?)
C11 – Sim!
11 - Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?
Todos – Mais!
C9 – Sabias que o ano passado fomos ao jardim zoológico? Vimos leões, leões... e também elefantes.
C10 – Sim, cobras!
C9 – Cobras, não...
Entrevistadora – Obrigada pela vossa participação!

Grupo 2

1 - Entrevistadora - Gostam do Jardim de Infância?
Todos – Sim. (Porquê?)
C12 – Eu não! Quero ir para a minha escola. (Qual é a tua escola? A tua nova escola?)
C12 – Sim, Fonte Boa. (Vais para essa escola a seguir? E agora quando estiveste neste jardim de infância, gostaste?)
C12 – Não! (Porquê?)
C13 – Temos um parque aqui! (Tu gostas desse parque?)
C12 – Eu não gosto! Quero ir para a minha escola. (Olha, e tu, gostas desta escolinha?)
C14 – Sim.
2 – Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam no Jardim de Infância?
Todos – Das estrelinhas!
3 – Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam no Jardim de Infância?
C14 – Eu gosto do espaço das estrelinhas. (E o que menos gostas?)
C14 – Hum... Da sala. (Gostas mais de estar na rua?)

C14 – Sim. (E vocês?)

C12 – Eu também.

C13 – Eu também.

4 - Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

Todos – No recreio.

5 - Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

Todos – Brincar!

C14 - Brincar na areia.

C13 – No parque!

C14 – Eu gosto da areia.

C13 – Eu também gosto!

6 - Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

C13 – Brincar!

C14 – Brincar com um balde de areia. (Não gostas de brincar com baldes de areia? O que é que vocês não gostam de fazer no recreio?)

C14 – Almoçar no recreio.

C14 – De correr. (Não gostas de correr?)

C13 – Não.

7 - Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

C13 - Correr.

C13 – Brincar. (Brincar ao quê?)

C14 – É a brincar à sissi e às mães e aos pais. (E tu?)

C12 – Também. (Quais são as brincadeiras?)

C12 – Brincar ao flecha. (E mais?)

C12 – Também a brincar ao Hulk.

Entrevistadora - Gostam das... ah... quando a XXXX (educadora)...

C12 – Eu não gosto da XXXX. (Não gostas da XXXX?)

C14 – Eu gosto!

C13 – Eu gosto.

8 - Entrevistadora – A XXXX faz atividades com vocês no recreio ? Porquê?

C12 – Sim, mas eu não gosto dela. (Ela faz atividades ali no recreio?)

C14 – Sim.

C13 – Sim.

Entrevistadora – Que atividades é que ela faz no recreio com vocês?

C14 – Ao lencinho.

C14 – Ao pino. (E mais?)

C14 – Ela faz jogos.

Entrevistadora – Ela costuma estar no recreio?

Todos – Sim.

9 - Entrevistadora - O vosso recreio tem tudo o que vocês precisam (equipamentos, espaços verdes, etc.)?

Todos – Sim. (O vosso recreio está ok?)

C12 - Não! Falta plantar muitas coisas... Vegetais! (Falta mais alguma coisa?)

C14 – Falta flores. Não há flores...

C12 – Morangos, brócolos, cebolas...

10 - Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram? Porquê? E a que menos gostaram? Porquê?

C14 – Aquela que havia gelados.

C12 – A do comboio!

Entrevistadora – A da Tapada de Mafra ou a da Quinta do Arrife?

C14 – A da Tapada de Mafra.

11- Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

C12 – Mais!

C14 – Sim.

C13 – Sim.

Grupo 3

1 - Entrevistadora - Gostam do Jardim de Infância?

C15 – Sim, porque tem aquilo. (Tem o novo espaço?)

C16 – Sim. (E mais? O que vocês gostam de fazer que vos deixa felizes?)

C16 – Brincar! Não podemos é ir para a areia. (Não podem ir para a areia?)

C15 – Não, nós já não podemos. (Porquê?)

C15 – Porque agora há meninos a portarem-se mal e ninguém pode ir para a areia.

C16 – E o XXXXX (colega de sala) já foi...

C15 – O XXXXX já foi sem ninguém ver, cá para trás para a areia.

2 - Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam no Jardim de Infância?

C15 – O espaço das estrelinhas, brincar no tapete e a casinha.

C16 – Gosto de ir à casinha, à pintura. (é só?)

C16 – Hum... Gosto dos legos.

C15 – Eu também! (é o teu preferido mesmo!)

3 - Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam no Jardim de Infância?

C15 – O meu menos é o da pintura.

C16 – Não sei... (Gostas de tudo? Não há um que menos gostes?)

C15 – Eu só não gosto da pintura porque tinha uma coisa castanha para nós pormos o que quisermos, as tintas. (e já não há?)

C15 – Já não há.

(Chega uma criança – Pedro)

Entrevistadora – Gostas de estar na escolinha?

C17 – Sim.

Entrevistadora – Porquê?

(sem resposta)

Entrevistadora – Qual é o espaço que tu mais gostas?

C17 – A casinha.

4 - Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

C17 – Na sala.

C15 – Eu gosto mais de estar na sala.

C16 – Na sala e na casinha.

5 - Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

C15 – Ir para a areia.

C16 – Ir para a areia.

C15 – Sabes o que é que há lá na areia?

Entrevistadora - O quê?

C15 – Há lá muitas coisas que nós gostamos.

Entrevistadora – O quê, por exemplo?

C15 – Um escorrega, uns baloiços que eu não sei como é que se chama, dá para andar dois.

C17 – Brincar.

6 - Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

C15 – Eu gosto de quando a professora manda fazer algumas coisas lá acima eu não gosto.

Entrevistadora – E lá em cima é onde? O que é que queres dizer com lá em cima?

C15 – É que nós às vezes vamos lá em cima.

Entrevistadora – Lá em cima onde?

C15 – É ali naquele corredor, com as escadas.

7 - Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

C15 – Nós brincamos aos polícias e ladrões.

C16 – Às cozinheiras.

C17 – Eu brinco aos bombeiros.

Entrevistadora - E mais?

C16 – Gostamos de ver os passarinhos.

C15 – Gostamos de fazer ninhos.

8 - Entrevistadora - Gostam das atividades que a educadora realiza no espaço exterior? Porquê?

C15 – Eu gosto das vossas.

Entrevistadora – A XXXX (educadora) faz muitas atividades no recreio?

C17 – Eu acho que não.

C15 – Já fez uma... Era com um caixote do lixo. Sabes era como? Tínhamos uma bola e era acertar a bola no caixote do lixo e depois estava em cima deste banco aqui... já tínhamos esse banco aqui, passávamos por cima e depois íamos para o pé, havia outro caixote para lançar, pois havia XXXXX (colega ao lado)? Havia dois, e depois íamos para o carro (o triciclo não é?) sim e dávamos uma volta à escola e depois começava de início.

Entrevistadora – Gostas do triciclo XXXXX?

C17 – Sim.

9 - Entrevistadora - O vosso recreio tem tudo o que vocês precisam?

C15 – Tem.

C17 – Não.

Entrevistadora – Não? Então o que precisa?

C15 – Precisa de plantas. Os meninos já estiveram a arrancar.

10 - Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

C15 – Eu gostei de ir ver os javalis bebés. A quinta do arrife, só que não gostei de uma parte que era de fazer pão, sabes porquê? Eu queria fazer queijo.

Entrevistadora - E a que menos gostaram?

C15 – Fizemos quantas visitas?

Entrevistadora – Olha que eu saiba foi à quinta do arrife, à tapada... Fomos às árvores autóctones

C15 – Às árvores autóctones!

Entrevistadora – Gostaste dessa?

C15 – Eu gostei dessa.

C16 – E ver os animais!

C15 – Eu gostei mais ou menos. Sabes porquê? Porque a senhora disse que era para escavar e depois nós escavamos e tivemos que escavar e eu depois não iva a conseguir escavar para pôr aquilo e pormos a proteção.

11 - Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

C15 – Eu gostava muito muito muito de ter um javali bebé.

Entrevistadora – Gostavas de ter aqui um animal?

C15 – Sim, um javali bebé!

Entrevistadora – E em relação à minha pergunta, gostavam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

C16 – Eu gostava.

C15 – Eu também.

Anexo XL - Transcrição do focus group – EB

Grupo 1

1 - Entrevistadora - Gostam do Jardim de Infância?

Todos – Sim.

Entrevistadora – Porquê?

C4 – Porque brincamos. (E mais?)

C4 – Também trabalhamos.

C5 – Sim.

C4 – Eu faço alguns desenhos. A XXX (colega) ajuda-me a fazer o homem aranha com o lápis daqueles dos grossos, dos marcadores.

C6 – Sim, ela também me ensinou.

C4 – Ah boa! Fizeste o filho e o pai. (e tu, gostas do jardim de infância?)

C7 – Sim.

2 - Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam no Jardim de Infância?

C4 – Gostava de ir para o parque da brincadeira.

C5 – Eu também. (e tu, qual o espaço que mais gostas?)

C7 – Gosto de fazer desenhos.

3 - Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam no Jardim de Infância?

C6 – Eu gosto dos espaços todos.

C5 – Eu também.

C7 – Eu também. (e tu, qual o espaço que menos gostas?)

C4 – Só menos o do jardim, só gosto do espaço da brincadeira.

4 - Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

C7 – No recreio.

C5 – No recreio.

C6 – Eu também. (E tu?)

C4 – Eu também do recreio.

5 - Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

C5 – A brincar! (Que brincadeira é que vocês brincam?)

C5 – À chita! (e que mais?)

C6 – Aos pais e às mães.

C5 – Podemos brincar aos pais e mães, está lá uma casinha.

6 - Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

C6 – Eu não muito de brincar lá fora à apanhada.

C5 – Eu também.

C5 – Ficamos todos transpirados.

C6 – É só correr, é só correr...

C7 – Não tem piada estar a brincar à apanhada.

7 - Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

C6 – Às escondidas!

C5 – Nós brincamos, fazemos um monte gigantesco e subimos lá e não caímos.

C7 – Uma vez fiquei preso nos pneus.

8 - Entrevistadora - Gostam das atividades que a educadora realiza no espaço exterior?

C5 – Sim.

C6 – Sim.

C7 – Sim.

Entrevistadora – Quais são as atividades que a educadora faz?

C5 – Não sabemos. (Não sabes?)

C5 – Brincar!

C5 – Sim, brincar!

C5 – Trabalhar! (Lá fora?)

C5 – Às vezes sim. (O que fazes lá fora com a educadora?)

C4 – Nada. (Então vocês não fazem ginástica lá fora com a professora?)

Todos – Sim!

9 - Entrevistadora - O vosso recreio tem tudo o que necessita?

Todos – Sim.

10 - Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

C5 – A quinta dos anjos!

C4 – Eu gostei da quinta.

C7 – A dos anjos.

11 - Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

C5 – Sair mais.

C6 – Sim.

C4 – Sair da escola.

Grupo 2

1 - Entrevistadora - Gostam do Jardim de Infância?

C1 – Sim.

C2 – Sim

C3 – Sim.

Entrevistadora - Porquê?

C2 – Porque fazemos coisas giras. (O quê?)

C2 – Fazemos... brincar, fazer trabalhos... Também fazemos pinturas.

2 - Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam no Jardim de Infância?

C1 – Eu gosto de brincar no escorrega.

C3 – Eu gosto de brincar com a XXXXX (a irmã).

C3 – Eu gosto de brincar na casinha.

C2 – E também lá fora. (o que gostas de fazer lá fora?)

C2 – Com as pás.

3 - Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam no Jardim de Infância?

C2 – Não gosto tanto dos livros.

C1 – Eu também não gosto dos livros.

C3 – Os legos.

4 - Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou dentro da sala?

Todos – Dentro da sala.

5 - Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

C1 – Eu brinco com as pás.

C2 – Também gosto.

C3 – Brincar com as pás. (Já vi que vocês gostam muito das pás.)

C1 – Também gosto!

C2 – Sim e brincamos com a areia molhada. (Boa! Quem molha a areia?)

C1 – A XXXXX (auxiliar). (Assim dá para fazer coisas giras com a areia.)

C1 – Sim, dá.

C2 – Dá para fazer cimento. Já fizemos isso e o XXXXX (colega) sujou as mãos de outros meninos.

C3 – Eu fiz cimento!

6 – Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

C2 – Não mais de brincar no escorrega. (Porquê?)

C2 – Eu gosto do escorrega, não gosto daquela coisa que tem a borboleta. (e tu, o que não gostas tanto de fazer no recreio?)

C3 – O escorrega.

7 - Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

C2 – Lá fora temos as pás, os carrinhos, os baldes e também mais o escorrega.

C1 – Também temos uma bicicleta.

C2 – Aonde? Ainda não vi...

Entrevistadora – E que brincadeira é que vocês fazem com esses materiais?

C2 – A brincar com eles.

C1 – Brincar com eles, podemos sentar nos triciclos.

8 - Entrevistadora - Gostam das atividades que a educadora realiza no espaço exterior?

Todos – Sim.

Entrevistadora – Quais são as atividades que ela faz lá fora com vocês?

C1 – Ginástica.

C2 – Sim!

9 - Entrevistadora - O vosso recreio tem tudo o que necessita?

C2 – Não.

Entrevistadora – O que falta?

C1 – Falta... Hum...

C2 – Nós também fazemos lá na rua, semear coisas. Eu trouxe as sementes de cenoura. (O que falta no vosso recreio?)

C2 – Falta... Um carrinho. Eu tenho lá uma mota que trabalha. (E para vocês os dois, o recreio tem tudo o que vocês precisam?)

C1 – Sim.

C3 – Sim.

10 - Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

C2 – Ir à escola do XXXXXX (irmão do colega).

Entrevistadora - E a que menos gostaram?

C2 – Eu não gostei muito de ir à quinta dos anjos. (Porquê?)

C2 - Porque não havia animais.

C1 - Eu gostei das duas quintas.

C2 - Eu gostei mais a do arrife. (Porquê?)

C2 – Eu gostei de andar no burro.

11 - Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

C2 – Sair mais.

C1 – Mais.

C3 - Sim.

Anexo XLI - Guião de entrevista realizado aos professores

Categoria/ Bloco temático	Objetivos	Questões
Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar os objetivos da entrevista; - Garantir o anonimato ao/à entrevistado/a e explicar que os dados são usados unicamente para o trabalho; - Solicitar a gravação da entrevista, como forma de facilitar o registo dos dados. 	<p>Iniciar a entrevista, contextualizando os participantes sobre o objetivo do estudo. Referir também à entrevistada que a entrevista será gravada com recurso a um registo áudio (e anotações, se necessário) e que os dados são confidenciais, visto que apenas serão utilizados no âmbito do presente trabalho. Agradecer a sua participação na entrevista.</p> <p>Esclarecer os participantes que espaço exterior significa todos os espaços para além da sala, ou seja, recreio, visitas à cidade, visitas de estudo, etc.</p>
Caraterização pessoal	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o percurso profissional do/a entrevistado/a; - Compreender o que pode influenciar a sua prática educativa; - Compreender as práticas e as formas de pensar do/a professor/a; - Conhecer o que pensa o/a professor/a sobre as crianças com as quais trabalha. 	<ol style="list-style-type: none"> 1 - Qual a sua idade? 2 - Qual o seu tempo de serviço? 3 - Qual a sua formação académica? 4 - Qual o seu percurso e situação profissional? 5 - Quais as razões pelas quais decidiu ser Professora do 1º Ciclo? 6 - Costuma participar em ações de formação? (em caso de resposta afirmativa: Em que áreas?) 7 - Quais as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nas escolas onde tem trabalhado? 8 - Pode caracterizar-me o grupo de crianças com as quais trabalha no presente ano letivo?
Conceções do/a entrevistado/a sobre o espaço exterior	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender como é que o/a professor/a perspetiva o espaço exterior na sua prática pedagógica. 	<ol style="list-style-type: none"> 9 - Considera o espaço exterior importante para as crianças? Porquê? 10 - Qual o papel do espaço exterior em crianças de 1º ciclo? 11 - No seu contexto atual de intervenção, qual a sua opinião em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos?

		<p>12 - Qual pensa ser o papel do/a professor/a no tempo dedicado ao espaço exterior?</p> <p>13 - Quais os obstáculos que considera existirem à integração de atividades no espaço exterior?</p> <p>14 - Considera que os/as professores/as têm a formação necessária para proporcionar experiências significativas às crianças no espaço exterior? Porquê?</p>
Prática pedagógica do/a entrevistado/a	- Conhecer a realidade educativa relativamente às saídas ao espaço exterior.	<p>15 - Com que frequência sai para o espaço exterior com as crianças?</p> <p>16 - Quanto tempo permanecem as crianças no exterior?</p> <p>17 - Em que condições climáticas sai com as crianças ao exterior?</p> <p>18 - Do que lhe é possível observar, as crianças preferem estar no exterior ou no interior? Porquê?</p> <p>19 - Que tipo de atividades/estratégias adota quando sai para o exterior? Atividades orientadas ou atividades de exploração livre?</p> <p>20 - Pode descrever-me uma atividade realizada com as crianças, no espaço exterior, que a tenha marcado?</p>
Questão aberta		21 - Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?
Terminar a entrevista agradecendo a sua participação e contribuição para a investigação que me encontro a realizar.		

Anexo XLII - Transcrição da entrevista ao P1-EE

1 – Entrevistadora - Qual a sua idade?

Entrevistada – 47, a ver se não me engano.

2 - Entrevistadora - Qual o seu tempo de serviço?

Entrevistada – 20 anos.

3 - Entrevistadora - Qual a sua formação académica?

Entrevistada – Ah... é ensino básico com a licenciatura na variante matemática e ciências.

4 - Entrevistadora - Qual o seu percurso e situação profissional?

Entrevistada – O meu percurso foi sempre no 1º ciclo, sempre. E sou quadro de zona pedagógica.

5 - Entrevistadora - Quais as razões pelas quais decidiu ser Professora do 1º Ciclo?

Entrevistada – Pah... as razões é daqueles trabalhos que a gente quer ser desde pequeninos (risos) ah... sempre gostei, sempre foi... a minha área foi para via de ensino, sempre. E quando tirei a licenciatura, aliás, o meu curso é já mesmo com a licenciatura integrada, fiz os três primeiros anos do curso com estágio em primeiro ciclo e o último ano no segundo ciclo e decididamente vi que estava mais identificada com os alunos do primeiro ciclo, com a faixa etária dos alunos de primeiro ciclo e com as próprias matérias, porque segundo ciclo é aquilo e aquilo mesmo, ou era matemática, matemática e ciências, enquanto no primeiro ciclo, nós temos tudo e mais alguma coisa para dar.

6 - Entrevistadora - Costuma participar em ações de formação?

Entrevistada – Sim.

6.1 - Entrevistadora - Em que áreas?

Entrevistada – Ora bem... ah... em agrupamentos por onde tenho passado, por onde tenho passado, em que nós escolhemos as nossas formações ah... tenho tirado maior parte delas à base das TIC, da informática e das tecnologias, porque acho que são importantes no dia a dia que nós vivemos hoje com as crianças. Nesta aqui já é mais, tem a valência... não tem nada de TIC's e tenho estado a tirar de matemática, relacionadas com as disciplinas base, matemática e português... e ciências!

7 - Entrevistadora - Quais as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nas escolas onde tem trabalhado?

Entrevistada – E as temáticas vão de encontro àquelas formações que nós vamos fazendo, pronto. Ah... por incrível que pareça antes, aqui há uns aninhos atrás trabalhei, fiz muitos projetos de turma relacionado com as TIC, na altura em que apareceram os Magalhães e mais para a frente. Ah... hoje em dia as temáticas que deveriam ser mais relacionadas, engraçado... com a tecnologia já tenho estado a trabalhar mais em relação a português, matemática e ciências, pronto. É basicamente nessa área... expressões é sempre posto um bocadinho de parte (risos).

8 - Entrevistadora - Pode caracterizar-me o grupo de crianças com as quais trabalha no presente ano letivo?

Entrevistada – Pronto, é uma turma... não é muito grande, são 19 alunos. Ah... com alguns grupos de níveis de ensino. Temos desde o início, a turma é segundo ano, temos aqui alunos com... a iniciar primeiro ano pela segunda vez e uma pela terceira. Depois temos aqui outro grupo, mais dois alunos que estão a meio de primeiro ano, ainda só

vão em sílabas, ah... não conseguem adquirir a técnica da leitura e da escrita e no grupo propriamente dito de segundo ano, é engraçado porque é uma turma que não é ah... uma turma muito boa a nível de aprendizagens mas também não é uma turma muito má. Maior parte deles está no médio, pronto. Tenho alunos bons, tenho alunos fracos, mas o grande grosso da turma está no suficiente e bom, pronto, dependendo da disciplina.

9 - Entrevistadora - Considera o espaço exterior importante para as crianças? Porquê?

Entrevistada – Sim, é importante. É importante porque é engraçado todos os, os, as atividades que são feitas no exterior da escola, da sala de aula... não é no exterior da escola, é no exterior da sala de aula ah... as aprendizagens... eles conseguem aprender muito mais facilmente, porque identificam-se mais com ele, porque é o sítio onde eles mais gostam de estar, é fora da sala de aula.

10 - Entrevistadora - Qual o papel do espaço exterior em crianças de 1º ciclo?

Entrevistada – É muito importante, é muito importante, porque eles ainda tem muita dificuldade de estarem concentrados numa sala de aula, principalmente nos alunos de primeiro e segundo ano. Eles ainda têm muita dificuldade de estarem um dia inteiro dentro do mesmo espaço.

11 - Entrevistadora - No seu contexto atual de intervenção, qual a sua opinião em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos?

Entrevistada – É fraco, muito fraco. O espaço exterior que nós temos aqui à volta da escola, não é... não é bom, quando... para já, quando chove, a gente sabe o espaço que temos, muito limitado e depois quando está bom tempo, ah... o sítio que eles tem para fazerem jogos, ah... é terra batida. É uma pena, porque esta escola aqui à volta tem muito espaço exterior, não está é arranjado. A nível de baloiços e tudo, péssimo.

12 - Entrevistadora - Qual pensa ser o papel do/a professor/a no tempo dedicado ao espaço exterior?

Entrevistada – É pouco, o papel do professor é muito pouco. O professor tem muito pouco tempo para ir lá fora com os alunos, porque os programas infelizmente tanto português como de matemática são muito extensos e é muito pouco tempo para ir lá fora.

13 - Entrevistadora - Quais os obstáculos que considera existirem à integração de atividades no espaço exterior?

Entrevistada – Olha muitas vezes também é o não estar à vontade com atividades feitas no exterior, depois também depende das turmas, pronto. Com esta turma vai-se bem ao exterior, porque tens um ou dois elementos que pode ainda não conseguir estar dentro das regras, mas com outras turmas também é muito difícil ir por causa disso mesmo. Ah... e depois é o à vontade do professor estar a trabalhar fora da sala de aula, também não tenho muito esse hábito.

14 - Entrevistadora - Considera que os/as professores/as têm a formação necessária para proporcionar experiências significativas às crianças no espaço exterior? Porquê?

Entrevistada – Não, é engraçado... no espaço exterior não há... ah... engraçado, porque sempre que fazemos uma formação também é muito no espaço interior. Não há formações no espaço exterior.

15 - Entrevistadora - Com que frequência sai para o espaço exterior com as crianças?

Entrevistada – Pouco, pouca mesmo.

16 - Entrevistadora - Quanto tempo permanecem as crianças no exterior?

Entrevistada – Em tempo letivo ou fora do tempo letivo? (Entrevistadora – Dentro do tempo letivo.) Tempo letivo, se eu vou poucas vezes com eles lá fora para fazer atividades, é muito pouco. E quando vão é sempre, engraçado, é sempre com expressões. Expressão físico motora ou dramática, eventualmente, ah... nunca propuse... nunca, nunca, nunca nos propomos a ir lá fora dar uma aula de matemática. Quanto muito da parte de estudo do meio, mas por exemplo a matemática e o português, raramente se fazem atividades no espaço exterior, o que é pena.

17 - Entrevistadora - Em que condições climáticas sai com as crianças ao exterior?

Entrevistada – Ah, quando está bom tempo (risos).

18 - Entrevistadora - Do que lhe é possível observar, as crianças preferem estar no exterior ou no interior? Porquê?

Entrevistada – No exterior, no exterior, sempre. Qualquer criança prefere estar no exterior.

19 - Entrevistadora - Que tipo de atividades/estratégias adota quando sai para o exterior? Atividades orientadas ou atividades de exploração livre?

Entrevistada – Para já orientadas, porque o grupo é de segundo ano. Quando tenho quarto ano, principalmente, já lhes dou, ah... muitas vezes, tipo um guião e eles dividem-se em grupos e eles fazem uma exploração livre.

20 - Entrevistadora - Pode descrever-me uma atividade realizada com as crianças, no espaço exterior, que a tenha marcado?

Entrevistada – Que me tenha marcado...? Não sei, agora assim de repente, espera. (Entrevistadora – Pode não ter sido com este grupo...) Sim, não, com este grupo ainda não fiz ainda. (Entrevistadora – Sim, já percebi que eles não...) Com este grupo, não. No ano passado tive primeiro ano, estava aqui a pensar na turma do quarto ano que eu tive, terceiro e quarto. Ah... pronto, é na parte da físico motora, na parte da físico motora, quando faço, na escola onde eu estava também tinha um parque exterior grande, uma escola grande e tinha à volta da escola e muita vezes fazia, algumas estafetas, algumas estações e eles, e eles, e eles em grupo com um guião iam sozinhos e chegavam ao fim e tinham de me trazer as coisas todas respondidas, tipo como se faz nos escuteiros, as pistas e ah... há pessoas que fazem muito na páscoa, a caça aos ovos, ou pronto... e eu utilizava por exemplo, na parte da físico motora, tinha as estações espalhadas pela escola e eu ia passando, ao mesmo tempo que eles tinham de fazer a parte da físico motora tinham sempre que responder a uma questão ou de matemática, ou de português ou de estudo do meio, pronto. Mas também não sou uma pessoa de ir muito para a rua com eles, infelizmente.

21 - Entrevistadora - Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

Entrevistada – Não, está tudo dito!

Anexo XLIII - Transcrição da entrevista ao P2-EF

1 – Entrevistadora - Qual a sua idade?

Entrevistada - 43.

2 – Entrevistadora - Qual o seu tempo de serviço?

Entrevistada - 20 anos de serviço.

3 – Entrevistadora - Qual a sua formação académica?

Entrevistada – A licenciatura em professores do primeiro ciclo do ensino básico, variante de educação física.

4 - Entrevistadora - Qual o seu percurso e situação profissional?

Entrevistada – Portanto eu tive seis anos na educação física, depois vinculei ao primeiro ciclo, porque na altura se houvesse vagas em segundo concurso eu tinha destacamento direto. Aconteceu um ano e depois deixou de acontecer e fiquei no primeiro ciclo. Portanto estou no primeiro ciclo há catorze anos. Este é o décimo quarto ano.

5 - Entrevistadora - Quais as razões pelas quais decidiu ser Professora do 1º Ciclo?

Entrevistada – Ah... professora, sim. Porque gosto muito de trabalhar com crianças, principalmente.

6 - Entrevistadora - Costuma participar em ações de formação?

Entrevistada – Sim.

6.1 – Entrevistadora - Em que áreas?

Entrevistada – Pronto, ultimamente as áreas são todas direcionadas para o primeiro ciclo, as matemáticas, as ciências experimentais, a língua portuguesa... também algumas expressões, expressão musical, expressão dramática. Mas mais vocacionadas para o primeiro ciclo, informática, ah.. tem sido mais nesta base. Os primeiros anos de serviço, mais na base da educação física, dos desportos.

7 – Entrevistadora - Quais as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nas escolas onde tem trabalhado?

Entrevistada – Esta é uma pergunta um bocadinho difícil, porque nós temos sempre muitos projetos. Direcionados para a formação cívica, ah... para... principalmente na formação cívica. Projetos com a polícia, com os bombeiros. Até aqui na escola temos um projeto com uma associação, onde é a Ludoteca que vêm cá, que é oficina de prevenção, porque estamos inseridos num bairro problemático e tentamos começar a desviar comportamentos desviantes, tentar evitar comportamentos desviantes e torná-los mais assertivos, prepará-los para o saber dizer não, etc. Depois temos outros projetos que vamos desenvolvendo, conforme vai... vão surgindo ah... sei lá. Temos a unidade de multideficiência, fazemos às vezes alguns projetos com eles, como já tivemos a horta pedagógica. Há lá uma horta que fizemos, sei lá. (pausa) Com a biblioteca, também temos vários projetos, de escrita de poemas ou de participação em jogos como super tema a TIC, matemática, inglês. Ah... portanto vamos fazendo alguns projetos conforme nos vão surgindo algumas solicitações, está bem?

8 – Entrevistadora - Pode caracterizar-me o grupo de crianças com as quais trabalha no presente ano letivo?

Entrevistada – (risos) Desgastantes, esgotantes (risos), tudo terminado em antes. São crianças agitadas, ah... acho que é o reflexo destas últimas fornadas. São agitadas, impacientes, não sabem esperar, não sabem estar, conflituosas entre eles, mas também

muito curiosas, conversadoras, trabalhadoras. Este grupo é um grupo, tirando ali três ou quatro miúdos, são muito trabalhadores e curiosos. Mas tem esta parte que é aquilo que eu mais trabalho em sala de aula que é o saber estar e... estar uns com os outros, porque é o que eu lhes digo, nós somos uma família e temos de nos proteger e acontece muito ainda o... eu nunca dei bolas verdes no comportamento e agora estou a dar. É uma das estratégias que estou a tentar para os acalmar, não sei se vai resultar se não. Eu por mim... não gosto, mas pronto. Ah... e se eu der bola verde a todos, há sempre alguém que me diz, mas o não sei quantos... em vez de se protegerem, de se ajudarem, são um bocadinho assim... entre eles, conflituosos... que me entristece um bocado, sinceramente. Mas isto tem tudo a ver com a vida deles, hoje em dia. É uma luta pelas atenções por tudo e depois eles não estão habitados a partilhar, não estão habituados a estar, a esperar, porque têm logo tudo, não conquistam nada e isso reflete-se na sala de aula, atropelam-se uns aos outros a falar, interrompem, ah... pronto eu acho que tem tudo a ver com os dias que vivemos e a imaturidade deles.

9 – Entrevistadora - Considera o espaço exterior importante para as crianças?

Entrevistada – Sim.

9.1 – Entrevistadora – Porquê?

Entrevistada – Porque... por vários motivos. Primeiro, porque lhes traz experiências novas e quando falamos no exterior falamos não só no pátio, na biblioteca, no ginásio, nas idas à ludoteca, nas visitas de estudo. Alguns miúdos se não forem às visitas de estudo têm muito poucas experiências ou não saem... pouco ou nada saem de casa, ou só vão ao café e aos hipermercados, portanto isto proporciona-lhes uma série de experiências, de aprendizagens e de conhecimentos que eles de outra forma não conseguem. Ah... por outro lado, é assim, estamos numa era de tecnologias e a sala é um bocadinho mais do mesmo, se bem que eu acho que seja importante deixarmos também as vezes as tecnologias de lado porque eles têm que saber utilizar as suas... o seu corpo e a tudo o que lhe pode podermos proporcionar sem as novas tecnologias mas pronto o espaço propor... exterior proporciona-lhes isso mesmo, experiências diferentes, experiências novas. Portanto é importante.

10 – Entrevistadora - Qual o papel do espaço exterior em crianças de 1º ciclo?

Entrevistada – O papel do espaço exterior... é um espaço mais lúdico, ah... em que as atividades, por norma, são mais práticas, ah.. e que eles acabam por aprender bastante, ah... e proporcionar-lhes, lá está, eles quando entram para o primeiro ciclo mais que nos queiramos, os conteúdos e os programas são tão extensos, que eles brincam pouco e eles precisam de brincar mais. Eu quando comecei a trabalhar fazia n atividades que agora não consigo fazer porque é matemática e português, português e matemática, andamos aqui à volta com isto. Ah... e a... e eles tem falta de brincar e o espaço exterior proporciona-lhes esta liberdade, de brincar, de estar... e de se conhecerem em realidades diferentes, fora do contexto de sala de aula também. Uma visita de estudo, ah... proporciona-lhes... mesmo eles se conhecerem em outros meios e nós... e a relação que estabelecemos com eles também é completamente diferente da da sala de aula. Portanto eu acho que é muito importante.

11 – Entrevistadora - No seu contexto atual de intervenção, qual a sua opinião em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos?

Entrevistada – Muito bom. A nossa escola já foi construída, numa altura, em que tem um ginásio, tem uma biblioteca, obviamente que agora os centros escolares têm isto e muito mais coisas, mas ainda dentro do panorama que nos conhecemos e da realidade de Santarém, esta é uma escola muito boa. Tem um polidesportivo lá fora, tem muita coisa que muitas das escolas aqui da cidade não têm. Portanto eu acho que o espaço exterior é muito bom e o espaço envolvente também.

12 – Entrevistadora - Qual pensa ser o papel do/a professor/a no tempo dedicado ao espaço exterior?

Entrevistada – Lá está, é importante, muito importante. Ah... pelas novas experiências que lhes vamos proporcionando, ah... pronto lá está, o relacionamento, as experiências que lhes proporcionamos são completamente diferentes da sala de aula, não é? Para mim, é muito importante.

13 – Entrevistadora - Quais os obstáculos que considera existirem à integração de atividades no espaço exterior?

Entrevistada – A extensão dos programas, os conteúdos, pronto (risos). É basicamente, é isto.

14 – Entrevistadora - Considera que os/as professores/as têm a formação necessária para proporcionar experiências significativas às crianças no espaço exterior?

Entrevistada – Sim.

14.1 – Entrevistadora – Porquê?

Entrevistada – Porque a nossa formação, embora a experiência seja adquirida no terreno, a nossa formação proporciona-nos isso mesmo e estas faixa etária ainda conseguimos ah... abordar... sermos assim muito ambivalentes. Portanto, acho que sim, que que... que conseguimos e temos formação para.

15 - Entrevistadora - Com que frequência sai para o espaço exterior com as crianças?

Entrevistada – Pois, ah... todas as semanas nós temos uma aula de educação física no ginásio, portanto é uma hora que eles tem. Uma vez por mês vamos à ludoteca. Depois também temos as visitas de estudo e uma serie de coisas que nos vão surgindo e que muitas vezes nós saímos. Ou nas atividades do dia da criança, do dia da família, portanto há assim uma série de atividades e que nós vamos para exterior. No entanto, regular é a hora de educação física e talvez a ida deles à biblioteca também.

16 - Entrevistadora - Quanto tempo permanecem as crianças no exterior?

Entrevistada – Nestas aulas? Ou no total do dia?

Entrevistadora – No total do dia.

Entrevistada – Então no total do dia, eles têm duas horas e meia pelo menos. Duas horas e meia de recreio, depois mais uma hora uma vez por semana de educação física e outras atividades que possamos fazer, mas ah... assim certinhas, são pelo menos duas horas por dia.

17 - Entrevistadora - Em que condições climatéricas sai com as crianças ao exterior?

Entrevistada – Em todas.

18 - Entrevistadora - Do que lhe é possível observar, as crianças preferem estar no exterior ou no interior?

Entrevistada – No exterior.

18.1 – Entrevistadora - Porquê?

Entrevistada – Se bem que também gostam muito do interior, não é? Porque eles gostam de aprender e na sala de aula também fazemos coisas interessantes. O exterior proporciona sempre, lá está mais atividade, mais liberdade, atividades mais lúdicas,

mais práticas e portanto para eles é sempre, tudo o que tenho mais lúdico e mais prático é sempre mais motivante.

19 - Entrevistadora - Que tipo de atividades/estratégias adota quando sai para o exterior? Atividades orientadas ou atividades de exploração livre?

Entrevistada – Isso tem a ver consoante a atividade que vamos fazer. Ah... se formos a uma visita de estudo, eles tem alguma liberdade, não têm que andar ali muito em carreirinha, podem brincar, mas quer dizer, mas têm diretrizes como se têm de comportar nos sítios ou nas atividades que vamos fazer. Por exemplo, se formos a uma quinta do arrife, embora tenham atividades, é uma quinta em que eles podem estar mais em liberdade, se eu vou dar uma aula de educação física tem que ser direcionada para aqueles exercícios. Portanto acaba por ser... as atividades acabam por ser mais direcionadas embora também tenha períodos em que eles estão à vontade a brincar o que querem e como querem.

20 - Entrevistadora - Pode descrever-me uma atividade realizada com as crianças, no espaço exterior, que a tenha marcado?

Entrevistada – Ah... as atividades, ah... embora... pronto, as visitas de estudo são sempre atividades boas, mas por exemplo as festas de final de ano, ah... principalmente porque eu tinha uma turma em que estava inserido um menino da sala de multideficiência. Pronto e ele sempre foi muito bem recebido pela turma e a festa de final de ano, quer dizer, foi muito bom, porque é assim, o J*** adorava sempre vir à sala e estava sempre a querer vir à sala. Ele é um miúdo que tem paralisia e outros problemas, que não fala, comunica só com o olhar, ah... anda na cadeira de rodas, a nível de coordenação motora e de... não agarra num lápis, não faz nada disso, mas adorava ir à sala. E na festa de final de ano, nós conseguimos fazer uma atividade que realmente ele esteve muito integrado e ele esteve muito feliz, esteve assim no auge dele e ele gostava muito de ir à sala, portanto eu acho que essa é uma das atividades que marcou. Festas da família também, porque são sempre direcionadas. A família vem, nós também temos outro contato, os miúdos gostam. São atividades que vêm... principalmente incluam a comunidade escolar, os pais, a família.

21 - Entrevistadora - Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

Entrevistada – Não, olha... o que eu gostaria é que as pessoas que fazem os programas e que mandam na nossa realidade viessem para uma sala de aulas com vinte e seis alunos e com ah... os conteúdos e aquilo que pensam que esta ao nível dos miúdos e viessem ter essa noção, porque os miúdos a maior parte deles não tem maturidade, eles cada vez são mais imaturos. Não tem maturidade para ah... os temas e os conteúdos abordados ah... e se calhar andamos a exigir aqui, a crianças que precisam um bocadinho mais de outras coisas aquilo que eles não são capazes de nos dar. Portanto é um esforço deles, é um esforço nosso e acho que estamos a desvirtuar aquilo que é a escola e que o aprender.

Anexo XLIV - Transcrição da entrevista ao P3-EG

1 – Entrevistadora - Qual a sua idade?

Entrevistado – 47 anos. Isso é uma pergunta indiscreta (risos).

2 – Entrevistadora - Qual o seu tempo de serviço?

Entrevistado – Sensivelmente 22 anos de serviço letivo.

3 – Entrevistadora - Qual a sua formação académica?

Entrevistado – Sou licenciado em educação física, variante... sou licenciado em educação física, variante segundo ciclo.

4 – Entrevistadora - Qual o seu percurso e situação profissional?

Entrevistado – O meu percurso? Então... eu iniciei a minha atividade como professor de educação física durante sensivelmente ah... oito anos, oito a dez anos e depois passei para o primeiro ciclo onde permaneço à sensivelmente cerca de doze anos. E situação profissional sou professor do quadro de zona pedagógica de Santarém. De Santarém não, o CET de Santarém.

5 – Entrevistadora - Quais as razões pelas quais decidiu ser Professor do 1º Ciclo?

Entrevistado – Ah... eu não decidi ser professor do 1º ciclo (risos). O primeiro ciclo é que decidi que eu fosse professor. (o professor atendeu uma chamada). As razões foram... não foram as que se estão à espera porque foi por uma questão de comodidade ao nível de concurso de professores. Ah... foi na expectativa de conseguir entrar para o quadro e depois ir tentando mudar para o meu ciclo de ensino que é o segundo ciclo, educação física. Não tenho conseguido, tem-me entregue à profissão, professor do primeiro ciclo, melhor que posso, consigo e que sei (risos).

6 – Entrevistadora - Costuma participar em ações de formação?

Entrevistado – Sim.

6.1 – Entrevistadora – Em que áreas?

Entrevistado – Ah... áreas da... tenho participado em ações de ciências, de matemática, de português, organização e tratamento de dados. Pronto, as mais variadas... tudo o que seja para tentar que a minha prática letiva seja o mais rica possível.

7 – Entrevistadora - Quais as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nas escolas onde tem trabalhado?

Entrevistado – Olha, eu desenvolvi uma temática foi o empreendedorismo, ah... tive um projeto, quer aqui, quer na escola de segundo ciclo em que estive que era relacionado com isso. Ah... e agora este ano estou num projeto que é um tema da diferença, da diversidade, que é o “No place for hate”, que aborda essas temáticas.

8 – Entrevistadora - Pode caracterizar-me o grupo de crianças com as quais trabalha no presente ano letivo?

Entrevistado – Posso, poder posso (risos). É um grupo um bocado... muito heterogéneo, com muitas diferenças entre eles. É um grupo de alunos... dez alunos de quarto ano e sete alunos de terceiro ano. Desses... que fomos recebendo alunos ao longo do ano. Recebemos um aluno indiano, que não fala português. Recebemos uma aluna agora há pouco tempo de etnia cigana, que chegou também à escola. Para além de todas essas já diferenças em si, temos três alunos que são do decreto 3, que são alunos com dificuldades, que estão abrangidos pela educação especial. Portanto é um grupo muito muito diferente entre si, com ritmos de aprendizagem, com ritmos de

conhecimentos muito díspares e diversificados e com comportamentos muito díspares e diversificados. É um grupo que não é fácil de se trabalhar, mas olha tem que se trabalhar.

9 – Entrevistadora - Considera o espaço exterior importante para as crianças?

Entrevistado – Considero muito importante.

9.1 – Porquê?

Entrevistado – Porque permite primeiro que tudo, ah... um gasto de energias acumuladas, permite que eles tenham tempo e espaço para brincarem, para se divertirem e esquecer a hora e meia que estão sistematicamente sentados e concentrados, o que em condições normais iria permitir ou iria fazer que no tempo seguinte, eles conseguissem voltar a focar a sua atenção e estarem atentos. Mas é importante, é importante para as relações interpessoais e importante também para o seu desenvolvimento motor.

10 - Entrevistadora - Qual o papel do espaço exterior em crianças de 1º ciclo?

Entrevistado – É isso mesmo. É o papel é esse... É um espaço que é importante para eles brincarem, para eles se interrelacionarem uns com os outros e é um espaço que é importante para que eles se eduquem mutuamente.

11 - Entrevistadora - No seu contexto atual de intervenção, qual a sua opinião em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos?

Entrevistado – O espaço exterior... nós temos aqui na escola, estás a falar da escola ou queres do...?

Entrevistadora – Nesta escola.

Entrevistado – Nesta escola, o espaço exterior é um espaço exterior bom. Tivemos agora aí o campo, o polidesportivo que foi inaugurado o ano passado... Ah... é amplo, é espaçoso, há espaço para todos, com boas condições para estarem na rua. Poderíamos ter aqui se calhar um bocadinho de melhor oferta no parque infantil, com mais brinquedos, com mais equipamentos, mas estamos muito melhor que muitas escolas, estamos pior que algumas, mas muito melhor que muitas.

12 - Entrevistadora - Qual pensa ser o papel do professor no tempo dedicado ao espaço exterior?

Entrevistado – O papel do professor, na minha opinião, passa apenas e só por estar a fazer vigilância. Não tem que intervir. É um tempo e um espaço que é dos miúdos e que deve ser respeitado como tal.

13 - Entrevistadora - Quais os obstáculos que considera existirem à integração de atividades no espaço exterior?

Entrevistado – Maior predisposição dos professores para as executarem.

14 - Entrevistadora - Considera que os/as professores/as têm a formação necessária para proporcionar experiências significativas às crianças no espaço exterior?

Entrevistado – Eu considero que sim.

Entrevistadora – Porquê?

Entrevistado – Porque na formação inicial, todos os cursos de professores, de docentes, todos temos essa formação. Formação ao nível da expressão físico motora, formação

ao nível da música e é-nos pedido que podendo façamos aulas diferentes e mais diversificadas, que só o espaço da sala de aula. É como eu disse à bocado, a predisposição dos professores para largar a matemática, o estudo do meio, o português é que é pouca.

15 – Entrevistadora - Com que frequência sai para o espaço exterior com as crianças?

Entrevistado – Pelo menos uma vez por semana (risos).

16 – Entrevistadora - Quanto tempo permanecem as crianças no exterior?

Entrevistado – Em tempo de aula, em tempo letivo permanecem uma hora e meia, mas contando com os intervalos... uma hora... duas horas.

17 – Entrevistadora - Em que condições climáticas sai com as crianças ao exterior?

Entrevistado – Apenas e só quando está bom tempo porque o espaço exterior não tem cobertura... por exemplo, quando está a chover não dá para se fazer atividades lá fora.

18 – Entrevistadora - Do que lhe é possível observar, as crianças preferem estar no exterior ou no interior?

Entrevistado – Claramente no exterior.

Entrevistadora – Porquê?

Entrevistado – É porque é um espaço mais agradável, mais apetecível. Podem estar mais à vontade do que na sala de aula.

19 – Entrevistadora - Que tipo de atividades/estratégias adota quando sai para o exterior? Atividades orientadas ou atividades de exploração livre?

Entrevistado – Sim, são atividades orientadas. Já fizemos e temos feito de vez em quando atividades relacionadas com matemática, com o estudo do meio... e a grande atividade que fazemos no exterior principalmente é a atividade de expressão físico motora que os alunos saem sempre uma vez por semana para fazerem e terem aulas de educação física.

20 – Entrevistadora - Pode descrever-me uma atividade realizada com as crianças, no espaço exterior, que o tenha marcado?

Entrevistado – (pausa) não tenho assim nenhuma em particular, porque as atividades que eu... por exemplo, pronto, nós o ano passado fizemos uma atividade que marcou... foi uma atividade engraçada. Fizemos um peddy papper aqui pelas redondezas e foi uma atividade que os miúdos gostaram muito e foi uma atividade que me deu algum gosto em participar e organizar.

21 – Entrevistadora - Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

Entrevistado – Não.

Anexo XLV - Transcrição da entrevista ao P4-EH

1 – Entrevistadora - Qual a sua idade?

Entrevistado – 42.

2 – Entrevistadora - Qual o seu tempo de serviço?

Entrevistado – 21.

3 - Entrevistadora - Qual a sua formação académica?

Entrevistado – Licenciatura.

4 - Entrevistadora - Qual o seu percurso e situação profissional?

Entrevistado – Neste momento sou quadro de zona pedagógica. Já fui professor de educação física durante nove anos e agora estou efetivo no primeiro ciclo há onze, há doze.

5 - Entrevistadora - Quais as razões pelas quais decidiu ser Professor do 1º Ciclo?

Entrevistado – Porque gosto de ensinar, principalmente. Embora tenha sido a minha via inicial é educação física e é esse que é o meu... a minha área, acabei por ter que optar pelo primeiro ciclo, mas não desgosto de ensinar, independentemente de seja o que for.

6 - Entrevistadora - Costuma participar em ações de formação?

Entrevistado – Sim.

6.1 – Entrevistadora - Em que áreas?

Entrevistado - De preferência na área de educação física, enquanto estava em educação física e quando deixei a educação física, continuei a procurar formações nessas áreas, no entanto assim que passei para o primeiro ciclo tive necessidade de me formar noutra tipo de áreas. Matemática, português, principalmente.

7 - Entrevistadora - Quais as temáticas que tem vindo a trabalhar nos projetos que já desenvolveu nas escolas onde tem trabalhado?

Entrevistado – Ah... tudo o que é relacionado com expressões plásticas, tudo o que é relacionado com ecologia, tudo o que é relacionado com atividades mais relacionadas, direcionadas para a natureza, principalmente nesse aspeto.

8 – Entrevistadora - Pode caracterizar-me o grupo de crianças com as quais trabalha no presente ano letivo?

Entrevistado – Ah... são crianças, de certa forma calmas, que se trabalha bastante bem com eles. Muito interessados, muito participativos e com os quais dá para fazer vários tipos de atividades porque eles aderem com muita facilidade e tudo o que nós propomos eles estão prontos, estão prontos a fazer.

9 – Entrevistadora - Considera o espaço exterior importante para as crianças?

Entrevistado – Importantíssimo.

Entrevistadora – Porquê?

Entrevistado – Para já porque sou professor de educação física e depois porque acho que tudo o que pode ser aprendido ou quase tudo o que pode ser aprendido dentro da sala de aula, pode ser aprendido lá fora e temos o espaço natural que nos ajuda muitas vezes a dar algumas matérias, alguns conteúdos que damos dentro da sala de aula sem necessidade, podemos fazê-lo perfeitamente na rua. Sempre que posso vou para a rua.

10 – Entrevistadora - Qual o papel do espaço exterior em crianças de 1º ciclo?

Entrevistado – É muito importante. Até porque muitos deles entram às nove horas na escola e só saem às cinco e meia. Muitas das vezes quando está a chover, nem os intervalos aproveitam para ir ao espaço exterior. Por isso assim que podem ou assim que os consigo deixar ir, deixo.

11 – Entrevistadora - No seu contexto atual de intervenção, qual a sua opinião em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos?

Entrevistado – Não é o melhor, não é o melhor. Não tem assim grandes condições principalmente no verão, uma vez que o espaço é em terra, há muito pó. Eles jogam futebol, fazem isto, fazem aquilo e acaba por levantar muito pó. O espaço... onde está o escorrega, o espaço mais lúdico, acaba por ser um bom espaço, embora alguns dos escorregas que ali estão são assim um bocadinho perigosos para alguns, para algumas crianças. No entanto até à data não houve nenhuma situação, mas pronto é razoável.

12 – Entrevistadora - Qual pensa ser o papel do professor no tempo dedicado ao espaço exterior?

Entrevistado – Certa form... depende, depende. Se for... se o tempo dedicado for em tempo de aula, ah... é importantíssimo para poder gerir, poder organizar e poder indicar o que eles podem e não podem fazer. Agora se for em tempo de intervalo, eu acho que eles devem brincar sozinhos. Eles também têm de aprender a brincar sozinhos e têm quem saber e têm que procurar atividades e jogos que possam jogar uns com os outros sem necessidade constante ali do adulto, sempre a dizer não agora vias para ali, agora corre assim, agora... pronto, deixá-los um bocadinho no intervalo, assim...

13 – Entrevistadora - Quais os obstáculos que considera existirem à integração de atividades no espaço exterior?

Entrevistado – Ah... para já acho que as pessoas tem um bocado receio em conseguir controlar a turma assim que ela saia pela porta fora, pronto. Assim que eles saem à porta da sala têm alguma dificuldade em conseguir controlar. Ah... não conseguem colocar a voz, não conseguem manter a ordem, se eles pensarem em fugirem para algum lado não sabem o que hão-de fazer, pronto. Para mim, o grande problema é esse. Se as pessoas não vêm mais para a rua porque têm receio em não conseguirem controlar a turma.

14 – Entrevistadora - Considera que os professores têm a formação necessária para proporcionar experiências significativas às crianças no espaço exterior? Porquê?

Entrevistado – Não... não! Ou têm, e não é por eu ser de educação física, ou têm uma formação em educação física, quando têm formação em educação física, aprenderam a dar aulas na rua, aprenderam a dar aulas na rua, tiveram essa prática pedagógica. Tiveram essa pedagogia... agora os restantes professores, não.

15 – Entrevistadora - Com que frequência sai para o espaço exterior com as crianças?

Entrevistado – Depende, eu por vezes, nem tenho nada planificado mas começo a ver que a turma está a necessitar de sair, que estão inquietos, saio, saio. Mas não é assim uma frequência, não digo que vou uma vez por semana mas pelo menos uma vez de duas em duas semanas vou. Até porque a aula de educação física é sempre feita na rua. Aí é todas as semanas, se pensarmos na aula de educação física, todas as semanas.

16 - Quanto tempo permanecem as crianças no exterior?

Entrevistado – Quanto tempo? Então... quarenta minutos de manhã, uma hora e meia na hora de almoço, contando que eles comem em cinco minutos, é uma hora e meia,

uma hora e vinte na rua. Depois quem tem intervalo, há uns que têm AECS e há uns que não têm, os que têm AECS ficam cá mais meia hora no intervalo. Pronto, uma hora e meia com... vá, com duas horas, com mais uma hora... isto é por dia ou por semana? (entrevistadora - por dia.) Por dia, duas horas, duas horas.

17 - Em que condições climatéricas sai com as crianças ao exterior?

Entrevistado – Desde que não esteja a chover (risos). Ou muito vento... de resto saio sempre.

18 - Do que lhe é possível observar, as crianças preferem estar no exterior ou no interior?

Entrevistado – Sem dúvida, no exterior.

Entrevistadora – Porquê?

Entrevistado – Porque para já é um espaço, se nós formos a ver, e tendo em conta as perguntas anteriores, entram às nove, saem às cinco e meia e têm duas horas. São sete horas, vá, basicamente. Têm ali duas horas de exterior. Claro que preferem também dar... até porque... mas também acredito que se tivessem todos os dias no exterior, todos os dias a toda a hora se calhar chegavam a uma certa altura e se fossemos para dentro? Pronto, mas acredito que se perguntarmos a qualquer crianças aqui na sala, é no exterior, de certeza absoluta.

19 - Que tipo de atividades/estratégias adota quando sai para o exterior? Atividades orientadas ou atividades de exploração livre?

Entrevistado – Quando sou eu que estou a orientar a aula tento ao máximo que sejam atividade orientadas. Nos intervalos, eles já têm as atividades livres, tento orientar sempre. E até porque é uma forma de combater a dificuldade que estávamos... de alguns professores de controlarem a turma. Pronto, por isso tento sempre que sejam coisas orientadas, porque geralmente quando eu vou para fora é com um objetivo. Ou dar matemática, ou fazer medições, ou isto ou aquilo, tem de ser orientado, tem de ser. E eles têm que estar a... dentro daquelas regras e sabem o que vão fazer, não é... quando é na minha aula é sempre orientado.

20 - Pode descrever-me uma atividade realizada com as crianças, no espaço exterior, que o tenha marcado?

Entrevistado – Por exemplo, as mediç... fazer medições, fazer fazer jogos, fazer... Por exemplo explorar... na altura em que falamos das plantas, explorar as plantas e as árvores da sala, ah... basicamente por aí.

21 - Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

Entrevistado – Não.

Anexo XLVI - Guião de entrevista realizado às crianças de 1.º CEB

Categoria	Objetivos	Questões
Contextualização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar os objetivos da entrevista; - Esclarecer o significado de espaço exterior no contexto da entrevista. 	<p>Iniciar a entrevista, contextualizando os participantes sobre o objetivo do estudo.</p> <p>Esclarecer os participantes que espaço exterior significa todos os espaços para além da sala, ou seja, recreio, visitas à cidade, visitas de estudo, etc.</p>
Opinião sobre a escola	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o que as crianças pensam da escola que frequentam. 	<p>1 - Gostam da escola? Porquê?</p> <p>2 - Qual o espaço que mais gostam na escola?</p> <p>3 - Qual o espaço que menos gostam na escola?</p>
Opinião sobre o espaço exterior	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o que as crianças pensam acerca do espaço exterior. 	<p>4 - Preferem estar no recreio ou na sala?</p> <p>5 - O que gostam mais de fazer no recreio?</p> <p>6 - O que gostam menos de fazer no recreio?</p> <p>7 - Que brincadeiras têm no espaço exterior?</p> <p>8 - A professora dinamiza atividades no espaço exterior? Se sim, podem dar-me algum exemplo?</p> <p>8.1 - Qual a vossa opinião em relação a este tipo de atividades (gosta/não; aprendem melhor, ficam motivadas descobrem coisas novas)?</p> <p>9 - Na vossa opinião, o vosso recreio tem tudo o que necessita (equipamentos, espaços verdes, etc.)? Porquê?</p> <p>10 - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram? Porquê? E a que menos gostaram? Porquê?</p> <p>11 - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?</p>
Terminar a entrevista agradecendo as suas participações.		

Anexo XLVII - Transcrição do focus group – EE

Grupo 1

1 – Entrevistadora - Gostam da escola?

Todos – Sim.

Entrevistadora – Porquê?

A1 (Maria Paixão) – Porque... é um sítio para aprendermos, também para fazermos coisas giras e brincarmos.

A2 (Maria Eduarda) – Porque ah... deixamo-nos fazer coisas giras, fazer experiências

Entrevistadora - Fazem experiências?

A2 - Sim, eu na pré fiz experiências e no primeiro ano, com o A***** também porque ele andava no primeiro ano.

A3 (Afonso) – Porque nós podemos aprender, saímos daqui cheios de energia, pronto energia mas é daquela... e saímos muito mais acordados e saímos com vontade de trabalhar e também de termos... de brincarmos com os nossos amigos, em vez de estarmos fechados em casa sem fazer nada. É melhor.

A4 (Diogo) – Por causa que aprendemos a fazer as coisas e depois o que não soubermos as professoras explicam e depois nós fazemos.

2 - Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam na escola?

A1 – O jardim e o campo de futebol.

Entrevistadora – Qual jardim?

A1 - Os dois.

Entrevistadora - Ah.. o parque o que tem lá os brinquedos...

A1 - E também o parque que nós chamamos o parque dos grandes.

A2 – Sim, tem argolas e tem coisas para subir e dar cambalhotas...

Entrevistadora – Parque dos grandes? Vocês chamam a isso o parque dos grandes?

A2 – Sim, porque tem coisas mais para os maiores, para os grandes.

A3 – E como nós na pré, vínhamos sempre os grandes a ir lá em vez dos outros.

A2 – Sim, e depois os grandes não nos deixavam ir lá e os do 4º ano não nos deixavam subir la naquelas coisas.

Entrevistadora – Não deixavam?

A2 – Não, disseram assim isso é só para grandes. Nós eramos da pré.

A3 – E porque achavam que nós eramos muitos novos para ir para lá.

Entrevistadora – Então agora vocês já usam aquele espaço?

A2 – Sim.

A4 – Eu não uso nada. Só uso o campo.

Entrevistadora – Só usas o campo? Qual? O de futebol?

A2 – A mim também é o campo e os dois parques.

A3 – Como o primeiro ano vai lá, nós deixamos. Nós não somos como eles.

Entrevistadora – Muito bem.

3 - Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam na escola?

A3 – Menos gostamos...

A1 – A sala de aula eu gosto.

A2 – Eu também.

Entrevistadora – Mas o que menos gostam...

A4 – Eu é os parques.

A1 – Eu gosto da escola, não tenho nada que não goste.

A2 – Eu também.

A3 – Eu também não.

A1 – Só não gosto das escadas.

Entrevistadora – Não gostas das escadas? Preferias que fosse tudo no mesmo andar?

A2 – Sim! Em vez de ser escadas...

A1 – Então nós, coitados, temos de subir as escadas todos os dias.

Entrevistadora – Pois é, já viste, que grande canseira.

A3 – Eu a descer as escadas, vou sempre a correr para gastar menos energia.

A2 – Eu gostava que as salas fossem todas aqui em baixo.

4 - Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

A1 – Há dias que prefiro estar no recreio, há dias que prefiro estar na sala.

A2 – Eu também.

A3 – É a mesma coisa comigo.

A4 – Eu também.

5 - Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

A1 – Brincar!

A3 – Eu sei de cor.

A2 – Brincar!

A1 – Mas eu também às vezes também me apetece muitas vezes dar voltas à escola.

A2 – Ya, eu também.

A3 – É a mesma coisa comigo.

A4 – Às vezes não me apetece jogar à bola.

Entrevistadora – O que fazes quando não te apetece jogar à bola?

A4 – Sento-me a ver.

Entrevistadora – Sentas-te a ver os outros a jogarem à bola?

A4 – Sim.

A3 – Eu sou daqueles que já estou estalado nos jogos e isso.

A4 – Mas tu levas uma bolada no peito depois...

A3 – Está bem, eu não me meto lá.

6 - Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

A2 – Menos?

A4 – Ele não pode ir à baliza senão pode aleijar-se.

A2 - É nos aleijarmos.

A1 – Sim

A2 – Estar de castigo e nos aleijarmos.

A3 – É a mesma coisa comigo.

Entrevistadora – E tu, o que não gostas de fazer no recreio?

A1 – Gostas de estar no castigo?

A4 – Não...

A2 – E aleijar-te?

A4 – Não...

7 - Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

A2 – Às mães e aos pais, à apanhada...

A1 – Às escondidas.

A3 – À apanhada congelada.

A4 – Jogar à bola.

Entrevistadora – Só jogas à bola?

A4 – Não...

Entrevistadora – Então que brincadeiras tens no exterior?

A4 – Brincar com os carros.

A1 – Olha, tem ir atrás dos meninos do primeiro ano...

A4 - Ah....

A1 - ... que isso é uma brincadeira maldade.

Entrevistadora – Pois que os meninos não hão-de gostar muito, não.

A1 – Depois é pregar sustos às raparigas.

A4 – Não sou só eu...

A2 – E pegar ao colo.

8 – Entrevistadora - A professora dinamiza atividades no espaço exterior?

A1 – Hum...

A2 – Às vezes...

A3 – Às vezes.

A4 – Às vezes.

Entrevistadora – Então podem me dar algum exemplo de uma atividade que ela fez?

A3 – Ui...

(pausa)

A1 – A professora do segundo ano ou as outras?

Entrevistadora – Não, a de segundo ano.

A4 – Às vezes trazem colunas para a escola.

Entrevistadora – Traz colunas?

A4 – Às vezes...

A1 – Opa mas nós estamos a falar de outra coisa!

Entrevistadora – Mas nós estamos a falar do espaço exterior.

A1 – Oh ***** anda lá, que tu tens uma cabeça melhor do que a minha.

Entrevistadora – Então, dizem que ela faz atividades no espaço exterior e não se lembram de nenhuma?

A1 – Não...

A3 – Não.

Entrevistadora – Uma atividade que ela fez com vocês... Então se calhar ela não faz atividades no espaço exterior, se vocês não se lembram de nenhuma...

(pausa)

A1 – Epa, eu estou a começar-me a lembrar, mas já não me lembro. Sou assim. Lembro-me, mas depois esqueço-me.

A3 – Não foi com esta professora que nós fomos fazer uma corrida ao pé coquinho?

A1 – Não, isso foi com outra.

A3 – Ah, pois foi.

A2 – Pois foi.

A1 – ... que até fomos às cavalitas, arrebentamos balões...

A2 – Pois foi.

A3 – Ui eu arrebentei muitos balões.

Entrevistadora – Mas no primeiro ano, a professora fazia muitas atividades no exterior?

A1, A2, A3 – Fazia!

A1 – Era à sexta feria que fazíamos educação física.

A3 – E íamos comer bolachas e um suminho.

Entrevistadora – Muito bem.

A2 – Pois era! Lembro-me!

Entrevistadora – Pronto, então se não se lembram...

A2 – Nós fizemos uma corrida que era por os balões aqui entre as pernas e correr.

Entrevistadora – Isso foi no primeiro ano?

A2 e A3 – Sim.

9 - Entrevistadora - Na vossa opinião, o vosso recreio tem tudo o que necessita (equipamentos, espaços verdes, etc.)? Porquê?

A1 – Sim, mas se tivesse outras coisas era melhor.

A2 – Sim.

A3 – Sim.

Entrevistadora – Que coisas?

A1 – Sei lá!

A3 – Uma casa de brincar!

Entrevistadora – Uma casa de brincar, por exemplo...

A2 – Uma casa de bonecas, para as meninas.

Entrevistadora – Muito bem. Também dava para os meninos brincarem ou não?

A2 – Pois dava.

A4 – Mas isso é da pré!

Entrevistadora – As casas das bonecas?

A4 – Estão cá em baixo (Sala de pré-escolar).

A2 – A pré tem umas casinhas para fazer histórias e tal. Mas isso é dentro da sala.

Entrevistadora – O recreio tem tudo o que precisas?

A4 – Sim.

A1 – Também podia ter um campo de basket.

A4 – Tem lá em baixo.

A1 – Temos, só que é pequeno.

A3 – Por exemplo, aquilo do golf.

A2 – Sim, aquilo que tens de acertar no buraco com a bola.

10 - Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

A3 – Fora da escola...

A2 – Eu sei!

Entrevistadora – Então diz lá.

A2 – Quando nós fomos à quinta do arrife.

Entrevistadora – foi este ano?

A2 – Não, foi no outro.

Entrevistadora – Este ano vocês saíram alguma vez?

A2 – Saímos! No cinema.

Entrevistadora – Ah é verdade! E também foram à farmácia...

A4 – Eu gostei mais do cinema.

Entrevistadora - E a que menos gostaram?

A3 – Ah... ir à farmácia.

A2 – Ir à farmácia.

A4 – Ir à farmácia.

Entrevistadora - Porquê?

A3 – Eu gostei um bocado.

A2 – Eu também mais ou menos.

11 - Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

A2 – Mais!

A1 – Mais.

A3 – Mais.

Grupo 2

1 – Entrevistadora - Gostam da escola?

A7 (Matilde) – Sim

A8 (Alice) – Sim

A6 (Ivo) – Sim

Entrevistadora – Porquê? Vi logo.. com essa cara.

A5 (Francisco) – Mais ou menos.

A7 – Eu gosto de escrever.

A8 – Para aprender

A6 – Ah... para brincar.

A5 – Para pintar.

2 - Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam na escola?

A6 – Futebol! O campo de futebol.

A5 – O campo de futebol. (risos)

Entrevistadora – E vocês?

A6 – Também gostas do campo de futebol não gostas? (dirige-se para C7)

A8 – Eu gosto do parque dos grandes.

Entrevistadora – Eu não compreendo porque é que vocês chamam parque dos grandes.

A7 – Futebol.

Entrevistadora – Campo de futebol, muito bem!

3 - Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam na escola?

A5 – Ah... parque!

A6 – A sala de aula.

A7 – O parque.

A8 – Parque.

4 - Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

A5 – No recreio!

A8 – Dentro da sala!

A6 – No recreio.

A7 – Dentro da sala.

5 - Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

A6 – Brincar, jogar à bola...

A5 – Jogar à bola.

A6 - Brincar também.

A7 - Jogar à bola.

A8 – Brincar.

6 - Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

A6 – Trabalhar.

Entrevistadora – No recreio.

A6 – Andar à luta.

A5 – Não! Andar à luta é o que eu mais gosto de fazer.

Entrevistadora – Então disseste que era jogar à bola...

A5 – Não, a minha segunda coisa é andar à luta.

Entrevistadora – Então e o que gostas menos de fazer?

A5 – É brincar

A6 - ... com as meninas.

A5 – Não!! (risos)

A5 – Brincar com os do terceiro e quarto ano.

Entrevistadora – E tu?

A8 – Brincar com os do quarto ano.

7 - Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

A7 – Jogar ao berlinde

A5 – Jogar à apanhada.

A7 – Jogar à bola.

A5 – Jogar à apanhada congelada.

A6 - À macaca.

A5 – Escondidas.

A6 – Macaquinho do chinês.

A5 – Ao jogo do burro.

8 – Entrevistadora - A professora dinamiza atividades no espaço exterior?

A5 – Sim...

Entrevistadora – Quais por exemplo? Um exemplo...

A6 – Nada, ela nunca faz nada com a gente.

Entrevistadora – Ela não faz?

A6 – Não!

Entrevistadora – Com esta professora! Que eu já vi que vocês faziam muitas coisas no primeiro ano.

A5 – Sim! Jogávamos à bola nas festas.

A6 – Quando eu tive na professora C***** andava sempre a bater com portas.

A5 – Oh I**!

A6 – Até a escola estremecia.

9 - Entrevistadora - Na vossa opinião, o vosso recreio tem tudo o que necessita (equipamentos, espaços verdes, etc.)? Porquê?

A7 – Sim!

A6 – Sim!

A5 – Sim!

A6 – Areia para fazer um castelo na cabeça do T***. (risos)

Entrevistadora – Areia? Têm areia...

A6 – Muita temos, não falta areia.

Entrevistadora – E tu, achas que o recreio têm tudo o que precisas?

A8 – Não sei.

A6 – Olha corda, temos.

A8 – Não falta nada.

10 - Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

A5 – Ah, ir aquele coiso...

A6 – Ao cinema!

A5 – Não é nada!

A6 – Eu gostei mais do cinema.

A5 – Só no segundo ano?

Entrevistadora – Pois, no segundo ano só tivemos duas saídas não é? À farmácia e ao cinema.

A5 – Pois, no primeiro ano fomos àquela quinta gigante...

Entrevistadora – Quinta do arrife?

A5 – Sim!!

A8 – Andamos de burro.

A5 – Eu gostei de andar de burro e fizemos queijo.

Entrevistadora – E agora com esta professora?

A6 – Eu gostei mais do cinema.

A5 – Sim, da estrela de natal!

A7 – Da estrela de natal.

A8 – Estava tudo escuro...

Entrevistadora - E a que menos gostaram? Porquê?

A5 – Farmácia.

A6 – Ir à farmácia.

A7 – Eu gostei das duas.

A8 – Eu gostei das duas.

11 - Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

Todos – Mais!!

Anexo XLVIII - Transcrição do focus group – EF

Grupo 1

1 – Entrevistadora - Gostam da escola?

Todos – Sim.

Entrevistadora – Porquê?

(pausa)

A9 – Porque é divertida e porque aprendo muito.

A10 – Também gosto muito da escola, porque tem um bom espaço para brincarmos e podemos brincar com os amigos e também gosto daqui de brincar porque temos desenhos para fazer e cada dia aprendemos sempre coisas novas.

A11 – Porque nós aprendemos muito e as professoras são divertidas, de vez em quando... deixam-nos fazer jogos e plasticina

A12 – Eu gosto da escola porque gosto de aprender e gosto de brincar muito e fazer desenhos.

2 – Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam na escola?

A9 – Biblioteca.

A10 – Campo de futebol.

A11 – Sala de aula.

A12 – Biblioteca.

3 – Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam na escola?

A9 – Campo de futebol.

A10 – Cordas.

A11 – Em lado nenhum, gosto de tudo.

A12 – Campo de futebol.

4 – Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

A9 – Recreio.

A10 – Sala.

A11 – Sala.

A12 – Recreio.

5 – Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

A9 – Andar de baloiço.

A10 – Jogar à bola e brincar à apanhada e às escondidas.

A11 – Estar nas cordas.

A12 – Estar nas cordas.

6 – Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

(pausa)

A10 – Eu não gosto de... deixa-me pensar, eu depois já digo.

Entrevistadora – Ok, combinado!

A11 – Eu gosto de tudo.

A12 – Do futebol.

A10 – De dar cambalhotas lá nas cordas, é o que eu menos gosto de fazer.

A9 – Eu gosto de fazer, é por isso que eu gosto de estar nas cordas.

A10 – Não gosto muito de brincar no jogo dos postes.

Entrevistadora – É um jogo inventado por vocês?

A10 – Sim.

7 – Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

A9 – No campo de futebol, ah... no sitio de dar cambalhotas, no escorrega e baloiços e no sitio onde se pode jogar à macaca e ao xadrez.

A10 – Também temos um espaço em que se pode brincar ao tubarão. É aquilo que no xadrez também dá para brincar e no escorreg... e nas cordas também dá para brincar à escalada porque podemos escalar nas cordas.

A11 – ah... Há umas escadas cinzentas que estão lá fora, também dá lá para brincar.

A10 – Para ver o campo e para lanchar.

A11 - Dá para ver o jogo de futebol, para brincar, tipo como se aquilo fosse uma casa...

A12 – Ao campo de futebol, também às cordas e também há cordas no baloiço, no escorrega e há o baloiço e às escadas e ao xadrez.

Entrevistadora – O que é que vocês fazem no campo de futebol?

A10 – Jogamos à bola.

Entrevistadora – Só?

A11 – Não! Também se pode ver os meninos a jogar, mas tem que se ter cuidado com a bola.

A10 – Também se pode brincar lá à apanhada, as balizas são o coito.

A9 – E também quando estamos a fazer com o professor, fazemos muito exercícios, lá dentro, quando está sol.

8 – Entrevistadora - A professora dinamiza atividades no espaço exterior? Se sim, podem dar-me algum exemplo?

A10 – Hum...

A9 – Às vezes!

A11 – Às vezes!

A12 – Às vezes!

A9 – Quando está sol, quando está muito calor, fazemos lá.

A12 – Também fazemos educação física ali no ginásio e as vezes lá fora.

Entrevistadora – Então é um exemplo de uma atividade que fizeram lá fora...

A9 – Não me lembro de nenhuma porque já foi há algum tempo.

A10 – Eu não sei o nome, mas sei como fizemos. Tivemos com o professor de educação física, fizemos lá...

Entrevistadora – Mas e com esta professora aqui?

A11 – Não me lembro também.

(entrevista interrompida pela Professora Fátima Machado)

A9 – Nós tínhamos cones, tínhamos uma bola... cada equipa tinha uma bola e depois nós, os que tinham as bolas corriam à volta do campo e passavam ao colega da equipa.

A12 – Isso foi com o Professor Pedro, sim.

A9 – Não me lembro bem se foi com o Professor Pedro.

A10 – Foi com o Professor Pedro, tivemos que fazer zigue zague à volta do campo e depois...

A12 – E todos estavam com a outra equipa...

A9 – Eu não me lembro.

8.1 – Entrevistadora - Qual a vossa opinião em relação a este tipo de atividades (gosta/não; aprendem melhor, ficam motivadas descobrem coisas novas)?

A9 – Ah... aprendemos novos jogos e... aprendemos novos jogos e divertimo-nos mais.

A10 – Aprendemos também novos jogos, novas coisas e por isso é que eu gosto muito de desporto.

A11 – Nós aprendemos, e ainda nos podemos divertir um bocadinho a aprender.

A12 – Eu gosto dos jogos porque é giro e dá muito para brincar.

9 – Entrevistadora - Na vossa opinião, o vosso recreio tem tudo o que necessita (equipamentos, espaços verdes, etc.)? Porquê?

A9 – Nós temos tudo, mas a nossa professora quando está a chover, a nossa professora disse que quando está a chover nós podemos escolher o que podemos por lá em baixo.

A12 – Mas ainda não apareceu nenhum.

A10 – Apareceu já!

A11 – Apareceu apareceu!

A9 – Já apareceu uma vez, mas não aparece mais

A10 – Pois, os legos.

Entrevistadora – Lá em baixo, aquele espaço grande? Antes do recreio?

Todos – Sim.

A10 – Temos tudo o que precisamos no recreio, mas quando está a chover não temos tudo o que precisamos cá dentro.

A12 – Temos livros, e mais livros. Todos estragados.

Entrevistadora – Alguém tem uma opinião diferente da da b***** sobre o espaço exterior?

A9 – Nós temos tudo o que é preciso e para nós conseguirmos brincar e eu acho que não precisa de mais nada.

A10 – Eu gostava que também tivesse ali, tivesse ali, tem uma coisa lá no fundo ao pé do banco. Há dois bancos ao pé das árvores e eu gostava que tivesse lá mais alguma coisa para se pôr. Alguma coisa para pintar lá ao pé. Também gostava.

Entrevistadora – Um suporte de pintura é?

A12 – Eu preciso de alguma coisa. Se eu quiser jogar damas, eu não tenho as peças para jogar lá fora. Há lá um espaço, não há é as peças.

A11 – Eu sei outra coisa que podíamos lá ter. No sítio onde há umas árvores lá fora, há areia e eu gostava que tivesse lá um parque para carrinhos pequenos, para brincarmos com os carros.

Entrevistadora – Com areia?

A11 – Sim.

A10 – Eu também sei mais uma coisa. É uma loucura mas eu também gostava. Era meter uma piscina.

A9 – Ah, era bué fixe!

10 – Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

A9 – Eu tenho duas. Ir à quinta do arrife, porque andamos de burro, fizemos muitas outras... fizemos manteiga, iogurte.

A12 – Demos comida às ovelhas.

A9 – Sim, fizemos muitas coisas divertidas. E também gostei quando fomos ao teatro da fada Oriana e aos angry birds. Fomos com a Rita e com a Filipa (estagiárias).

A10 – Eu gostei também da quinta do arrife, também gostei dos angry birds e da fada Oriana. E também gostei de ir à ludoteca.

A11 – Eu gostei da quinta do arrife, também e gostei de ir ao pavilhão do conhecimento e as minhas visitas de estudo preferidas é quando vamos à ludoteca.

A12 – Gostei da quinta do arrife, gostei da ludoteca ah... não sei mais nenhuma.

Entrevistadora - E a que menos gostaram? Se houve alguma que não gostaram.

A9 – Hum... Não gosto muito de ir à ludoteca porque lá temos muitos brinquedos, mas muitos meninos estão a brincar e nós não podemos estar sempre a brincar com tudo. Se fossemos só lá um de cada vez era mais divertido, podíamos estar todos na mesma coisa.

A10 – Eu gostei de todos.

A11 – Eu também gostei de todos.

A12 – Eu também.

11 – Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

A9 – Mais.

A10 – Mais.

A11 – Mais.

A12 – Menos. Não quero ir para a escola...

Grupo 2

1 – Entrevistadora - Gostam da escola?

Todos – Sim.

Entrevistadora – Porque?

A13 – Ah... eu gosto da escola porque nas aec's fazemos coisas bonitas, ah... eu gosto da escola porque tem o recreio, podemos correr à vontade, brincar com os amigos e pronto, acabei.

A14 – Ok, eu gosto da escola porque, porque fazemos muitas coisas giras, aprendemos coisas novas ah... e quase todos os dias, cada dia vai passando mais rápido, um dia passa mais lentinho, outro dia passa mais rápido e vai sendo mais rápido.

A15 – Eu gosto da escola, porque nós aprendemos coisas, coisas novas quase todos os dias e porque podemos brincar no recreio.

A16 – Eu gosto da escola, porque há um recreio para nós brincarmos, há um sítio para quando está a chover nós vamos lá para brincar, e pronto.

2 – Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam na escola?

A13 – Eu gosto... Lá fora?

Entrevistadora – Na escola, escola é interior e exterior.

A13 – Eu gosto... eu gosto da sala de aula e do recreio.

A14 – Eu gosto do campo. Eu gosto do campo e também gosto daqueles baloiços.

A15 – Eu gosto do recreio, do campo, da sala de aula e mais nada.

A16 – Ah... eu gosto do recreio, sala de aula e aquele sitio para nós brincarmos, quando está a chover.

3 – Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam na escola?

A13 – O campo de futebol.

A14 – Escorrega.

A15 – Escorrega.

A16 – Campo de futebol.

4 – Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

A13 – Eu prefiro estar na sala. Na plasticina e isso.

A14 – Recreio.

A15 – Recreio.

A16 – Recreio. Não, não, não, sala de aula (risos).

5 – Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

A13 – Eu gosto de brincar ao comboio. Eu seguro na camisola da Joana e ela corre. É bué divertido.

A14 – Eu gosto do campo de futebol, de brincar à apanhada e às escondidas.

A15 – Eu gosto de jogar futebol, brincar às escondidas e à apanhada.

A16 – Eu gosto de... de andar no escorrega, andar no baloiço, andar nas cordas e brincar com uma amiga minha, que é a Valéria.

A13 – Eu esqueci-me de dizer que gosto muito de andar de baloiço. Esqueci-me.

6 – Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

A13 – Eu gosto menos de fazer... de andar nas cordas. Quase partimos a boca lá! (risos)

A14 – Escorrega.

A15 – Baloncé.

A16 – Campo de futebol.

7 – Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

A14 – Cá dentro?

Entrevistadora – No exterior, lá fora.

A13 – Ah... é para dizermos o quê?

Entrevistadora – Que brincadeiras tens no espaço exterior?

A13 – Apanhada, escondidas e comboio. E cavalitas, também!

A14 – Costumo jogar no campo de futebol, mas a maioria que eu costumo fazer é brincar às escondidas e à apanhada. Os três.

A15 – Futebol.

A16 – Hum... Jogo da macaca, escondidas, ah... e xadrez.

8 – Entrevistadora - A professora dinamiza atividades no espaço exterior?

(grande pausa)

Entrevistadora – Sim ou não?

A14 – Não, eu acho que não.

A13 – Não, nunca fizemos!

A14 – Ou está-me a escapar alguma coisa ou não. Está-me a escapar alguma coisa ou não.

9 – Entrevistadora - Na vossa opinião, o vosso recreio tem tudo o que necessita (equipamentos, espaços verdes, etc.)? Porquê?

A13 – Não, para mim não.

Entrevistadora – Então? O que falta?

A13 – Falta um sitio para nós lermos livros.

Entrevistadora – Para quê?

A13 – Para nós lermos livros. Eu gostava muito... e para fazermos desenhos!

A14 – Queria que houvesse uma mini piscina lá, no espacinho. Se vocês virem na janela há lá ao fundo uma piscina, num espacinho pequenino. E podemos por lá uma piscina.

A16 – Com bolinhas.

A14 – Com bolas!

Entrevistadora – Ah, não era uma piscina de água, era de bolas?

A14 – Claro. Como é que nós íamos trazer calções? Está tão frio!

Entrevistadora – Mas podiam usar só no verão...

A15 – Era o que o S***** estava a dizer, mas com água.

A16 – Um escorrega de água e uma piscina lá quando nós escorregamos, está assim um escorrega com água e depois lá na piscina há água e bolas.

10 – Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

A13 – Posso dizer duas?

Entrevistadora – Podes.

A13 – Eu gostei muito de ir ao zoo e gosto muito de ir à ludoteca.

A14 – Eu gostei muito da quinta do arrife. Também gostei de ir ao zoo e também gosto muito de ir à ludoteca.

A15 – Ludoteca.

A16 – Ludoteca, ah... visita de estudo dos angry birds e já está.

Entrevistadora - E a que menos gostaram?

A13 – Ai, a que menos gostei... não sei, eu gostei de todas.

(pausa)

Entrevistadora – Pode não ter havido nenhuma que não gostaram.

A14 – Eu já não me lembro qual foi, já passou muito tempo e eu já não me lembro, mas eu acho que foi...

A15 – A sério? Eu ainda me lembro da pré.

A14 – Acho que já não me lembro.

A15 - Eu vim nas férias do verão e ainda só fui à ludoteca.

A16 – Ah... eu só gostei de todas e não me lembro se não gostei de alguma.

11 – Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

A13 – Mais, eu gosto muito de sair da escola.

A14 – Muito mais, porque nos outros sítios também podemos aprender coisas novas como como como... como ensinar, como tomar conta dos nossos maninhos...

A15 – Mais.

A16 – Menos.

Anexo XLIX - Transcrição do focus group – EG

Grupo 1

1 – Entrevistadora - Gostam da escola?

A17 – Sim.

A18 – Sim.

A19 – Sim.

A20 – Sim.

Entrevistadora – Porquê?

A17 – Porque nós podemos aprender, fazer coisas...

A18 – Porque nós podemos aprender e há pessoas que na africa não têm escola, não tem professores, não podem ir à escola...

A19 – Eu gosto da escola porque nós podemos aprender e há pessoas que não tem possibilidade de irem para as escolas. Gosto da escola por podermos brincar e podermos fazer novos amigos.

Entrevistadora – Porque é que gostas da escola?

A20 – Da biblioteca...

Entrevistadora – Porque é que gostas de estar cá na escola?

A20 – Gosto porquê? Podemos fazer coisas não sabemos, ah..., podemos fazer novos amigos, e muitas coisas...

2 - Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam na escola?

A17 – Biblioteca.

A18 – Eu gosto da biblioteca.

A19 – Recreio.

A20 – Biblioteca.

3 - Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam na escola?

A20 – Aquele local onde ficam as professoras.

Entrevistadora – A sala dos professores?

A20 – A sala dos professores, sim!

A17 – Polivalente.

A18 – Polivalente.

Entrevistadora – Aquele átrio grande, não é?

A18 – Eu posso dizer porque?

Entrevistadora – Sim.

A18 – Porque quando estamos todos não estamos à vontade para brincar. No recreio temos porque há mais espaço.

A19 – A sala.

Entrevistadora – Porquê?

A19 – Porque... Às vezes aprendemos coisas chatas, acho que é isso.

4 – Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

A20 – Eu, depende de como for a matéria e depende como for o estado lá do recreio.

A17 – Sala.

A18 – Se estiver a chover, aqui na sala. Se estiver sol, no recreio.

A19 – Recreio.

5 - Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

A20 – Brincar.

A17 – Brincar à apanhada.

A18 – Brincar.

A19 – Jogar à bola.

6 - Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

A20 – Jogar jogos e desenhar.

Entrevistadora – Vocês fazem desenhos?

A20 – Jogos de mesa.

A18 – Jogos de mesa?

Entrevistadora – Essa pergunta faço eu. Jogos de mesa?

A19 – Xadrez.

A20 – Não tipo... é aqueles jogos que metes...

Entrevistadora – Vocês levam esses jogos, essas peças lá para fora?

A19 – Não...

A17 – Às vezes a C***** tem lá desenhos para pintar...

A20 – Eu não gosto.

Entrevistadora – Então... o que gostas menos de fazer no recreio?

A18 – Estar a ler livros que a C***** tem e diz assim ah vem ler... e também não gosto de pintar.

A19 – Eu não gosto... por exemplo, não é o meu dia de campo, certo professora? Não gosto de estar sem jogar à fora.

Entrevistadora – Fora do campo vocês não podem jogar à bola, é isso?

A19 – Sim, só podemos se pedirmos autorização.

A17 – Só com autorização.

7 - Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

A20 – Às vezes jogo à bola, à apanhada também... ginástica também é brincar?

Entrevistadora – Mais ou menos.

A20 – Mais ou menos, sim...

A17 – Jogar à bola, à apanhada, fazer cambalhotas...

A18 – Ah... jogar às escondidas, jogar à apanhada, fazer corridas.

A19 – Jogar à bola, jogar à apanhada, escondidas, mandar-me para a areia...

8 – Entrevistadora - O professor dinamiza atividades no espaço exterior?

A19 – Já sim!

A20 – Como assim professora?

A19 – Já fez sim!

Entrevistadora – Atividades...

A19 – Sim, ginástica!

A20 – Sim, pode fazer jogos de rua, que já não me lembro... a ginástica tem vários jogos de rua.

8.1 - Entrevistadora - Qual a vossa opinião em relação a este tipo de atividades (gosta/não; aprendem melhor, ficam motivadas descobrem coisas novas)?

A19 – Sim, gosto.

A17 – Eu gosto.

A19 – Normalmente gosto de tudo.

Entrevistadora – Dos jogos que ele faz?

A19 – Eu gosto, professora.

A18 – Eu... eu, professora eu gosto, mas não gosto lá muito quando é para correr depressa.

A19 – Eu gosto de correr depressa.

A20 – Eu gosto da ginástica, porque nós estamos sempre dentro da aula e fazemos vários jogos e acho que é divertido.

9 - Entrevistadora - Na vossa opinião, o vosso recreio tem tudo o que necessita (equipamentos, espaços verdes, etc.)? Porquê?

A19 – Não.

A20 – Sim, porque...

Entrevistadora – Tem tudo o que precisas para brincar?

A20 – Sim... eu também não estou sempre assim a brincar não é?

A17 – Não tem balanços.

A18 – Balanços?

A19 – Baloios!

A entrevistadora explica a diferença.

A17 – Balanços, baloios... pronto.

Entrevistadora – Tem tudo o que precisas para brincar?

A18 – Não...

Entrevistadora – Então o que falta?

A18 – Não sei... Mas eu também não costumo brincar no escorrega e assim, porque nós normalmente andamos sempre à volta da escola a conversar e a andar.

Entrevistadora – Mas se dizes que não tem tudo o que precisas é porque falta qualquer coisa...

A18 – Não tem baloiços... em vez daquela casinha e daquele escorrega podia ter aqueles gira giras...

A19 – Em vez de estar muito mato lá em baixo, podiam por baloiços. Podiam por mais... coisas que as pessoas pudessem ir lá para baixo brincar e não estar ali mato. Sempre mato, não é assim tão bom, porque pode estar...

Entrevistadora – Um espaço verde, é isso?

A19 – Sim, pode ter algumas flores, mas também algo que as pessoas possam brincar lá.

Entrevistadora – Então quer dizer que vocês não podem ir lá para baixo, é isso?

A19 – Agora não, mas antes podíamos.

Entrevistadora – E agora não podem porque?

A19 – Porque antes nós fazíamos luta de pedras...

A17 – Tem lá cobras.

A19 – Cobras?

A18 – Eu nunca vi lá cobras...

A19 – Fazíamos luta de pedras, bolas de barro...

10 - Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

A20 – El galego.

A17 – El galego.

A18 – O teatro.

A19 – Eu prefiro o teatro, porque no El galego... eu também preferia o El galego mas eu prefiro mais o teatro porque quando nós estávamos no El galego, estava muito calor e todos estávamos sem chapéus...

A17 – Eu também.

Entrevistadora - E a que menos gostaram?

A19 – Só tivemos duas, até agora...

A20 – Duas?

Entrevistadora – O El galego e o teatro?

A19 – Sim, penso que foi esse.

Entrevistadora – Não gostaram de alguma?

A19 – Eu não gostei... eu gostei das duas, mas o El galego estava mesmo muito calor.

A17 – Estava muito calor.

A18 – Estava muito calor, professora!

11 – Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

A17 – Mais.

A18 – Mais.

A19 – Mais.

A20 – Mais.

Grupo 2

1 – Entrevistadora - Gostam da escola?

A21 – Sim.

A22 – Sim.

A23 – Sim.

A24 – Sim.

Entrevistadora – Porquê?

A21 – Não sei como explicar... não sei como explicar. Nós divertimo-nos na escola, gosto de brincar na rua, aprendemos na escola e... aprendemos na escola, aprendemos coisas.

A22 – Porque aprendemos coisas que nunca aprendemos.

A23 – Porque a pouco e pouco vamos construindo o nosso futuro.

A24 – Porque temos cá os nossos amigos, convivemos, os nossos colegas. Ao mesmo tempo convivemos com os nossos professores e aprendemos muita coisa que não sabíamos ou quase tudo.

2 - Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam na escola?

A21 – Ah... o campo.

Entrevistadora – De futebol?

A21 – Sim.

A22 – A sala de aula.

A23 – A sala de aula.

A24 – A sala de aula.

3 - Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam na escola?

A21 – Para mim não há.

A22 – Não há.

A23 – O polivalente.

Entrevistadora – O que é isso? É o átrio?

A23 – É quando nós descemos aquele espaço onde fica quando está a chover.

Entrevistadora – O átrio grande?

A24 – Porque há muita confusão e...

A23 – E é onde nos castigam nos intervalos, que eu já... uma vez portei-me mal, fiz umas coisas que não devia e o professor meteu-me lá umas duas ou três semanas de castigo.

4 – Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

A21 – Ah... prefiro estar na sala. Não está muita gritaria, mais descontraído.

A22 – Na sala de aula.

A23 – Basicamente, em nenhum dos dois, porque eu não gosto muito. Porque no recreio estou a brincar e depois do nada fico entediado, as pessoas chegam ao pé de mim e mandam-me rasteiras, empurram-me... pronto não sei o que é que hei-de fazer no intervalo. Mas se tiver que escolher, entre os dois o polivalente (risos).

A24 – Depende, claro que eu vou preferir estar na sala de aula se eu estiver a dar uma matéria que eu goste. Do que estar lá em baixo, no meio de uma gritaria e de pessoas a andarem de um lado para o outro feitas malucas e a correr de um lado para o outro.

5 - Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

A21 – Eu... ah... eu gosto... na casinha do escorrega, eu e a C***** gostamos de brincar... é uma pessoa mete-se em cima do escorrega a fazer de túnel e outra passa por baixo.

A22 – Também é.

A23 – Gosto de brincar ao titanic. Brinco com o E*****. Nós vamos lá para cima e fingimos que é o barco e começamos a dizer vai afundar e depois temos que... eu já me sentei no telhado e mandei-me lá para baixo. É que eles dizem assim o barco vai cair, o barco vai cair, saltem se puderem e nós saltamos e depois voltamos a repetir para ver quem é que perde. Depois temos... depois quem não saltar a tempo, nós propomos um desafio a essa pessoa. Então, basicamente é isso que eu gosto.

A24 – Conversar.

6 - Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

A21 – Conversar.

A22 – Hum... eu gosto de tudo.

A23 – De andar à luta.

A24 – Andar à luta e andar a pôr...

7 - Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

A21 – Ah... (pausa) eu às vezes brinco com as minhas amigas à apanhada e também às escondidas e as vezes uma brincadeira que se chama... não é a magoar ninguém, é a apanhar e depois essa pessoas fica a apanhar também.

Entrevistadora – Como já fizemos em Educação física?

A21 – Sim, mais ou menos.

A23 – Sim!

A22 – Como fizemos na educação física, à apanhada e às escondidas.

A21 – Mais ou menos a corrente, só que não estamos agarrados.

A23 – Ah... no exterior eu gosto de andar a conversar com o L****, com o A*****, pronto gostamos de andar a dar voltas à escola a falar.

Entrevistadora - É só isso que fazem no recreio?

A23 – Basicamente, isso, jogar à apanhada, jogar às escondidas.

A24 – Conversar. Eu não jogo às escondidas. Às vezes costumo jogar à apanhada.

8 – Entrevistadora - O professor dinamiza atividades no espaço exterior? Se sim, podem dar-me algum exemplo?

A23 – Às vezes...

A21 – Ah... Sim, costuma. Às vezes não faz, mas outras vezes faz. Leva material lá para fora e para nós fazemos jogos.

A22 – Sim, na sexta feira, quase todas as sextas feiras, vamos lá para o campo ou quando está a chover vamos para o polivalente, mas costumamos ir para o campo e depois o professor leva material que está lá em baixo e fazemos vários jogos.

A23 – Sim, relativamente ao professor dinamizar as atividades sim porque nós às vezes temos ginástica, pronto. E as vezes, mas é pronto daqueles dias mais especiais, o professor vai lá brincar connosco lá para fora, nos intervalos.

Entrevistadora – No recreio?

A23 – Sim, mas isso é muito raro. O professor este anos ainda só fez uma ou duas vezes. Então... relativamente ao dinamizar, sim dinamiza.

A24 – Sim, o professor faz isso e acho que tem muita paciência porque o professor diz assim só podem ir ter educação física à sexta feira se portarem bem a semana toda e nós portamos... alguns portam-se mal a semana toda e o professor ainda tem a paciência de fazer a aula de educação física, chatear-se, continuar e acabar a aula.

Entrevistadora – Bem dito!

8.1 - Entrevistadora - Qual a vossa opinião em relação a este tipo de atividades (gosta/não; aprendem melhor, ficam motivadas descobrem coisas novas)?

A21 – Nós gostamos. O professor faz atividades engraçadas e...

Entrevistadora – Aprendes coisas novas?

A21 – Sim! Por acaso, uma vez o professor já fez o salto ao eixo, eu já sabia, mas uns amigos meus aprenderam a fazer.

A22 – Eu gosto, ou gostamos. E aprendo mais coisas, sim.

A23 – As ativi... pronto, depende. Algumas atividades na ginástica eu acho uma seca e eu fico... pronto, fico um bocado desmotivado nas atividades, mas há outras atividades, como por exemplo, o coelho e o caçador, a raposa, que é aquele que nós temos que ir buscar o rabo, pronto. Eu gosto de algumas atividades e outras não gosto, portanto globalmente tem mais atividades que eu gosto do que as que não gosto.

A24 – Acho bem, porque uma pessoa fazendo essas atividades várias vezes treina a sua velocidade, a sua flexibilidade, a agilidade, a força. Acho bem porque nós mesmo estando na escola, estamos mais ou menos a ter um treino, pronto. Acho bem.

9 - Entrevistadora - Na vossa opinião, o vosso recreio tem tudo o que necessita (equipamentos, espaços verdes, etc.)? Porquê?

A23 – Não!

A21 – Sim. Tem... é como se nós criássemos as nossas próprias brincadeiras. Nós temos muitos sítios que gostamos, como o campo, o escorrega, a casinha, ah... e nós pronto, temos tudo para uma pessoa viver... temos tudo.

A22 – Sim, é como se nós próprios tivéssemos que criar a nossa escola, com as coisas ideais que precisássemos.

A23 – Ah... o recreio não tem tudo, tudo. Tem algumas coisas, mas não tem tudo o que é essencial para brincar, porque numa infância é preciso saber ler e escrever e essas coisas estão dentro da sala, mas agora estamos a falar da escola. Na escola podíamos ter um sítio onde tipo um... uma sala de reabilitação onde nós íamos conversávamos com algumas pessoas especialistas, pronto... eles ajudavam-nos. Para mim também me faltava um... lá fora, podia ter por exemplo, aqueles baloiços em que nos sentamos e damos balanço, podia ter, tipo, as barras para fazer as flexões, para fazer elevações, podia ter passeadeiras rolantes...

A24 – Isto é uma escola, não é um ginásio.

A23 - Podia ter um que se mete, que se mete em cima e aquilo começa a girar. Basicamente, onde nós podemos brincar e eu pessoalmente disse alguma dessas coisas... também gostava de ter bicicletas. Eu quero isso porque é mais divertido e depois nós imaginamo-nos como se fossemos mais crescidos e fossemos ao ginásio treinar e depois aí nós podíamos imaginar o nosso futuro. Também podia haver uma casa, tipo de madeira, nós... havia portas e nós entrávamos e fechávamos. Havia lá carrinhos de compras, comidas falsas, havia tipo fogão onde nós carregávamos e acendia uma luz, ah... como basicamente, como... estamos a falar desta escola, eu referi-me a estas coisas porque na minha antiga escola eu tinha estas coisas, quando andava no segundo ano tinha estas coisas e portanto eu... mas depois no terceiro ano começaram a vandalizar essas coisas e depois retiraram-nos aquilo que já nos tínhamos apegado desde pequeninos. Chegaram lá uns homens e tiraram aquilo e depois dias tivemos que ficar no polivalente porque era uma escola muito grande porque os senhores estavam a reparar os buracos do chão a meter cimento e não queriam que nós pisássemos cimento e então... basicamente uma mini mercearia e essas coisas.

A24 – Eu concordo, eu só queria dizer duas coisas... Tu queres criar a partir de uma escola ou a kidzânia ou um ginásio!

A23 – Opa mas isso é normal, nós somos crianças, temos de viver. Eu gosto disto, eu só dei a minha opinião, não estou a dizer que vamos transformar uma escola num sítio de marginais, onde se pode fazer o que bem se apetece, portanto... a minha opinião está posta.

A24 – Continuando o que eu estava a dizer... não tem tudo. Acho que se podia aproveitar aquela parte ali de relva. Tirar e acrescentar mais algumas coisas... pôr baloiços, pôr... hum... não sei o nome daquilo, como é que é?

A23 – Balancé.

A24 – Sim, balancés. Podiam pôr assim coisas giras, agora estar aquilo tudo... ok, nós temos isto, mas é pouca coisa. A areia não se pode ir porque quando chove e toda a escola está cheia de areia. É areia para todo o que é lado.

A23 – E dizem que os cães... porque as auxiliares estão sempre a dizer...

Entrevistadora – Então vocês só podem estar na parte de cima?

A23 – Sim. Ai os cães fazem aí as coisas, as necessidades e vocês estão aí a pisarem e a reboarem-se na areia.

A24 – E é verdade. Eu uma vez...

Entrevistadora – Tenho uma pergunta... Disseste que tirávamos a areia, a relva e colocávamos mais estruturas?

A24 – Não, não, tirávamos só aquela relva ali... porque carradas de crianças vão lá e apanham pulgas, são picados, as carraças... e podiam aproveitar e fazer mais algumas coisas.

Entrevistadora – Vocês não acham que faltam espaços verdes?

A23 – Professora, já há espaços verdes.

Entrevistadora – Então?

A23 – Está a ver só aquela parte... É onde está cheio de plantas, plantas enormes...

Entrevistadora - Mas vocês não podem ir para lá...

A23 – Podemos, só não podemos quando chove.

A24 – Espera, espera... E depois, se calhar, podiam aproveitar e a plantar flores bonitas, girassóis e isso, em vez de estar aquele montão de flores...

A23 – Daninhas!

A24 – Que ninguém gosta... sim, ervas daninhas, com carradas de pulgas, carraças e abelhas. Podiam arranjar, por mais brinquedos e depois plantar... fazer assim, pronto plantar lá flores mais bonitas. Aquelas flores ninguém gosta.

10 - Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

A21 – Ah... a minha, mas... destes anos todos ou deste ano?

Entrevistadora – Deste ano.

A24 – Este ano não fizemos quase nenhuma.

Entrevistadora – Quais é que fizeram?

A21 – Só ao teatro. Mas foi a kidzânia.

A22 – Kidzânia

A23 – Eu gostei do teatro.

A24 – Kidzânia. E mais estas duas que vão haver. Acho que o borboletário foi bem pensado porque nós, para além de nós estarmos fora da escola, para além de ser uma visita de estudo se calhar podia ser uma forma de nós conhecermos os animais. Estamos numa visita de estudo, podemos brincar mas mesmo assim estamos a aprender, estamos a aproveitar. É como se fosse uma aula, mas no borboletário, estamos a aprender.

Entrevistadora - E a que menos gostaram?

A21 – Ah... eu...

Entrevistadora – Vai pensando...

A22 – Eu gostei de todas porque as visitas de estudo são criadas para as crianças gostarem, para os alunos gostarem.

A21 – O que eu gostei menos foi a do teatro porque tivemos que nos sentar em escadas e fazia-nos desconfortável.

A23 – Não posso responder. Só tive uma e gostei dessa.

A24 – O teatro porque acho que deviam ter mais mobilidade para por mais cadeiras e a segunda o oceanário. Já estou farto de ir ao oceanário.

11 – Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

A21 – Mais.

A22 – Mais.

A23 – Muito muito mas muito mais. Gostava que todas as aulas fossem no exterior para por exemplo nas de estudo do meio quando estamos a dar as plantas, os frutos, podíamos ir lá para fora. Na matemática, o professor podia levar uma cartolina gigante, daquelas muito grandes que o professor tem e escrevia lá as coisas. Porque assim nos aprendíamos ao ar livre e a gostar, com gosto no que...

A24 – Eu ia dizer tudo o que o T**** disse mas ia acrescentar mais uma coisa. Sim, queria sair, muitas mas muitas vezes, porque ao mesmo tempo que nós estamos a aprender como se fosse uma aula, estamos a conhecer sítios novos, coisas novas. Estamos a sentir... vamos às piscinas, estamos a sentir a sensação dos que nunca lá foram, poderem gostar...

Entrevistadora – Poderem experienciar coisas novas é isso?

A24 – Sim, terem a experiências novas. Nós nunca tivemos a possibilidade de as viver.

Anexo L - Transcrição do focus group – EH

Grupo 1

1 – Entrevistadora - Gostam da escola?

A25 – Sim.

A26 – Sim.

A27 – Gosto do recreio.

A28 – Sim.

Entrevistadora – Porquê?

A25 – Não sei.

A26 – Eu gosto da escola porque... ai eu gosto da professora, porque ela... ah...porque sabe.. e sabe muitas coisas.

A27 – Há muitas coisas para nós brincarmos, tipo as barras...

A28 – Gosto da escola porque é... o professor Pedro é muito fixe e (pausa) mais nada, acho.

2 - Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam na escola?

A25 – É lá nas barras.

A26 – Nas barras.

A27 – Nas barras.

A28 – Nas barras.

3 - Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam na escola?

A25 – A sala.

A26 – Mais ou menos a sala.

A27 – Não tenho o que gosto menos, mas é a sala.

A28 – A sala de aula.

4 – Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

A25 – No recreio.

A26 – No recreio.

A27 – No recreio.

A28 - No recreio.

5 - Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

A25 – Jogar.

A26 – Dançar e jogar.

A27 – Dar cambalhotas e fazer ganfaguias nas barras.

Entrevistadora – Vais ter que repetir porque não percebi...

A27 – Dar cambalhotas e fazer avarias nas barras.

A28 – Estar nas barras.

6 - Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

A25 – Escrever.

Entrevistadora – No recreio.

A25 – Sentar.

A26 – Nas barras cambalhotas.

A27 – Estar sentada sem fazer nada.

A28 – Estar sentada.

7 - Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

A25 – Apanhada, escondidas...

A26 – Apanhadas, escondidas e... (pausa)

A27 – Apanhadas, escondidas... também posso falar das brincadeiras que temos nos escorregas?

Entrevistadora – Sim.

A27 – Brincar nas barras que é o que eu mais gosto. Hum... gosto... gosto de passar as barras do escorrega pequeno, mais nada.

A28 – Apanhada e futebol.

8 – Entrevistadora - O professor dinamiza atividades no espaço exterior?

(silêncio)

A26 – Acho que sim.

Entrevistadora – Sim, o quê?

A27 – Sim... dá aula de educação física.

Entrevistadora – E para além disso, faz mais coisas?

A27 – Tivemos uma aula ao ar livre com as professoras (estagiárias).

A26 – Fazer as escondidas das canetas e números

A27 – Ah... o jogo das pistas! Isso foi da aula ao ar livre.

8.1 - Entrevistadora – O que vocês acham dessas atividades? (gosta/não; aprendem melhor, ficam motivadas descobrem coisas novas)?

A25 – Eu gosto.

A26 – Eu gosto.

A27 – São divertidas.

A28 – Eu gosto.

9 - Entrevistadora - Na vossa opinião, o vosso recreio tem tudo o que vocês precisam para as vossas brincadeiras (equipamentos, espaços verdes, etc.)?

A25 – Não sei.

A26 – Não...

Entrevistadora – Então?

A26 – Não sei.

A28 – Não...

A25 – Eu gosto... falta é baloiços.

A27 - Como ela disse, faltam baloiços... hum.. acho que mais nada.

A28 – Podia ter uma roda gigante, em que não pagássemos (risos).

10 - Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

A25 – Kidzânia.

A26 – Kidzânia.

A27 – Kidzânia.

A28 – Kidzânia.

Entrevistadora – E a que menos gostaram? Se houve alguma que não gostaram...

A28 – Nós não tivemos mais nenhuma.

11 – Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

A25 – Mais.

A26 – Mais.

A27 – Mais.

A28 – Mais.

Grupo 2

1 – Entrevistadora - Gostam da escola?

A29 – Sim.

A30 – Não.

A31 – Sim.

A32 – Mais ou menos.

Entrevistadora – Porquê?

A29 – Porque tem muitas pessoas queridas, porque tem um recreio com muitas coisas. As salas estão em condições para estudarmos...

A30 – Não gosto de trabalhar.

A31 – Porque tem coisas divertidas... há sempre coisas para nós fazermos, há vários professores, não há falta de nada...

A32 – Porque tem grades à volta. (risos)

2 - Entrevistadora - Qual o espaço que mais gostam na escola?

A29 – Eu gosto da minha sala de aula, porque é lá que eu aprendo, que eu estudo e que eu brinco com os meus professores.

A30 – Campo de futebol

A31 – Eu gosto do recreio porque é lá que eu faço a maior parte dos amigos e que brincamos muito.

A32 – Dos baloiços.

3 - Entrevistadora - Qual o espaço que menos gostam na escola?

A29 – É capaz de ser a cantina, porque a comida da escola não é lá muito boa.

A30 – Sala de aula.

A31 – Sim, eu também é a cantina pela mesma razão.

A32 – Cantina.

4 – Entrevistadora - Preferem estar no recreio ou na sala?

A29 – Depende, porque há certas coisas que fazemos na sala que são muito divertidas e outras no recreio que também são.

A30 – Recreio.

A31 – Gosto de fazer coisas divertidas na sala, mas também gosto de fazer coisas muito divertidas no recreio.

A32 – No recreio.

5 - Entrevistadora - O que gostam mais de fazer no recreio?

A29 – Ah... eu gosto de inventar brincadeiras com as minhas amigas. Fazer qualquer coisa nova é uma coisa que eu gosto muito de fazer.

A30 – Jogar futebol.

A31 – Eu gosto de fazer amigos novos.

A32 - Jogar futebol.

6 - Entrevistadora - O que gostam menos de fazer no recreio?

A29 – De discutir com os nossos amigos quando não estamos de acordo com alguma coisa.

A30 – A mesma coisa.

A31 – Também.

A32 – A mesma coisa.

7 - Entrevistadora - Que brincadeiras têm no espaço exterior?

A29 – Brincamos à apanhada, brincamos com fantasia, jogamos...

Entrevistadora – Fantasia?

A29 – Ah... a fingir que somos alguma coisa.

Entrevistadora – Sim.

A29 – Jogamos desportos.

A30 – Jogo desportos, futebol, apanhada, essas coisas... e às vezes nas barras.

A31 – Brincar lá nas coisas que existem mesmo construídas, também criamos novas brincadeiras, fazemos várias coisas, também jogamos vários jogos, fazemos vários desportos.

A32 – Fazemos vários desportos.

Entrevistadora – Que desportos fazem?

A32 – Futebol e às vezes basket.

8 – Entrevistadora - O professor dinamiza atividades no espaço exterior? Se sim, podem dar-me algum exemplo?

A29 – As vezes, quando é educação física. Outras vezes quando é expressão ah... dramática e musical. E houve uma vez com a professora Joana e a professora Ana Rita (Estagiárias) que tivemos uma aula ao ar livre.

Entrevistadora – Há alguma coisa que queiram acrescentar?

A30 – Sim, quando o professor dá aulas de zumba lá fora!

8.1 - Entrevistadora - Qual a vossa opinião em relação a este tipo de atividades (gosta/não; aprendem melhor, ficam motivadas descobrem coisas novas)?

A29 – Eu gosto muito, porque... é... possibilita-nos estar a fazer coisas giras com o nosso professor ao ar livre que é sempre mais saudável.

A30 – É divertido!

A31 – Sim, é divertido e também aprendemos coisas novas. Mesmo que pareça que não estamos a aprender.

A32 – É engraçado.

9 - Entrevistadora - Na vossa opinião, o vosso recreio tem tudo o que necessita (equipamentos, espaços verdes, etc.)? Porquê?

A29 – Ah... há algumas coisas que até faltavam. Como por exemplo, baloiços, ah... (pausa)

A30 – Era preciso mais campos de futebol, porque só um campo de futebol com balizas e alguns baloiços...

Entrevistadora - Depois tem de dividir não é?

A30 – Sim...

A31 – Ah... às vezes faltam-nos coisas, mas mesmo assim nós conseguimos inventar as coisas que forem precisas para brincar na mesma.

A32 – A mesma coisa. Os baloiços.

10 - Entrevistadora - Qual foi a visita fora da escola que mais gostaram?

A29 – Ah... eu gostei muito... houve duas que gostei muito. Eu gostei muito da visita à kidzânia e a visita ao complexo aquático.

A30 – Igual também.

A31 – Igual.

A32 – Kidzânia.

Entrevistadora - E a que menos gostaram?

A29 – Não me lembro. Gostei de todas.

A30 – Eu também acho que não fizemos muitas... eu não me lembro bem, mas gostei de todas.

A31 – Eu gostei de todas.

A32 – O mesmo.

11 – Entrevistadora - Gostariam de sair mais ou menos vezes para fora da escola?

A29 – Mais, porque aprendíamos... porque lá aprendemos coisas que não sabíamos e porque temos, podemos fazer coisas que na escola nunca podemos fazer.

A30 – Sair mais vezes para a escola ser mais divertida.

A31 – Devíamos sair mais vezes porque para aprendermos mais e para ser mais divertido.

A32 – Sair mais vezes para não trabalhar.

Anexo LI – Categorização dos dados das entrevistas das educadoras (Creche e Pré escolar)

5 – Razões apresentadas pelas entrevistadas para explicar a escolha da profissão

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Gosto pela profissão		3	<p>“Também gostava, mas eu penso que só gostar de crianças não chega”. (Ee3)</p> <p>“sou muito feliz no que faço e no que sou”. (Ee1)</p> <p>“Gostar de crianças, gostar de estar com eles, gostar de brincar com eles”. (Ee4)</p>
Vocação		1	<p>“(…) mas eu penso que tive sempre vocação para crianças e gostava de lhes ensinar e transmitir os conhecimentos que eu tinha”. (Ee3)</p>
Capacidade em lidar com crianças		1	<p>“(…) tinha alguma habilidade para lidar com as crianças”. (Ee3)</p>
Interesse em trabalhar com crianças		1	<p>“(…) a determinada altura comecei a perceber que era interessante trabalhar com crianças pequenas”. (Ee2)</p>

**6 – Participação em ações de formação
4 pessoas – Sim**

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Áreas Curriculares	Português	1	<p>“leitura e escrita”. (Ee1)</p>
	Expressões	3	<p>“de expressão plástica”. (Ee1)</p> <p>“nas expressões artísticas, na dança, na música”. (Ee2)</p> <p>“na área da expressão plástica”. (Ee4)</p>
	Ciências	2	<p>“na área da saúde, na alimentação”. (Ee4)</p> <p>“desde (...), as ciências”. (Ee2)</p>
	Matemática	1	<p>“desde matemática (...)”. (Ee2)</p>
Informática		2	<p>“em situações de informática e digitais”. (Ee1)</p> <p>“(…) as TIC”. (Ee2)</p>
OCEPE		1	<p>“as novas orientações curriculares”. (Ee2)</p>

Higiene e segurança no trabalho		1	“área da higiene e segurança do trabalho”. (Ee4)
Coordenação		1	“áreas ligadas à parte da coordenação”. (Ee3)

7 - Temáticas trabalhadas nos projetos desenvolvidos nos JI

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Conhecimento do Mundo	Ambiente	3	“o ambiente”. (Ee1) “(…) o ambiente, a preservação do ambiente também”. (Ee3) “(…) a natureza, as temáticas da natureza”. (Ee2) “(…) reciclagem, (…) separação do lixo, preservar o ambiente, preservar o nosso planeta”. (Ee2) “as estações do ano”. (Ee3)
	Higiene	1	“(…) questões de saúde e de higiene”. (Ee2)
	Alimentação	2	“geralmente (…) a alimentação” (Ee3) “(…) a alimentação, ter uma alimentação saudável”. (Ee2)
	Vestuário	1	“geralmente são as estações do ano, que nós abordamos, a alimentação, o vestuário” (Ee3)
	Profissões	1	“às vezes, as profissões”. (Ee3)
	Subtotal		8
Multiculturalidade		1	“se há assim temáticas que me acompanham que pode definir que vou mais por ali do que por aqui…(…) , a multiculturalidade.”. (Ee1)
Histórias		1	“(…) já trabalhei as histórias, do Era uma vez”. (Ee4)
Cooperação com a Família		1	“já trabalhei com a família, projeto em conjunto com a família e o intercâmbio família escola”. (Ee4)
Afetos		1	“os afetos”. (Ee4)
Autonomia		1	“(…) já trabalhei a autonomia”. (Ee4)

Temáticas do interesse das crianças		1	“(…) algumas temáticas que as crianças trazem para a sala também”. (Ee3)
-------------------------------------	--	---	--

8 – Temas que merecem a atenção das educadoras

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Conhecimento do Mundo	Ambiente	2	“(…) questões ambientais”. (Ee1) “(…) os relacionados com a natureza”. (Ee2)
	Conhecimento de si próprio	1	“(…) muito o conhecer a sua identidade”. (Ee1)
	Alimentação	1	“(…) especialmente os relacionados com a natureza e pronto, com alimentação”. (Ee2)
	Segurança	1	“(…) questões de segurança, também às vezes” (Ee2)
	Família	1	“(…) é importante a criança, desde pequenina, nós falamos sobre a família”. (Ee3)
Subtotal		6	
Todos os temas		2	“todos os temas merecem a minha atenção”. (Ee3) “eu acho que todos. Todos são importantes.” (Ee4)
Multiculturalidade		1	“multiculturalidade (...), a sua cultura, a nossa, o nosso povo”. (Ee1)
Formação Pessoal e Social		1	“este ano é que o tema central tem sido à volta da formação pessoal e social”. (Ee1)

9 – Caracterização do grupo de crianças

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Atributos e Estado de espírito	Felicidade	1	“alegres, bem-dispostas (...)”. (Ee1) “são felizes”. (Ee1)
	Energéticas	1	“(…) muito ativas”. (Ee1)
	Especiais	1	“são crianças muito especiais”. (Ee1)
	Fascinantes	1	“são umas crianças fascinantes”. (Ee3)

	Simpatia	1	“(...) ah... são simpáticos, ah... não são estranhos”. (Ee4)
Subtotal		5	
Interesse em aprender		2	“(...) são muito interessadas, gostam de aprender coisas novas”. (Ee3) “São crianças que têm sede de aprender”. (Ee3)
Autonomia		1	“são umas crianças que são muito autónomas”. (Ee3)
Realizar diversas atividades		1	“(...) adoram ouvir histórias, adoram cantar, adoram dançar, adoram ir à rua”. (Ee4)
Participação		1	“(...) são um grupo bastante (...) participativo, colabora com os trabalhos realizados”. (Ee4)
Necessidades de acompanhamento		1	“(...) com algumas necessidades de acompanhamento individual” (Ee1)

10 – Opinião das educadoras sobre a importância do espaço exterior para as crianças.
4 pessoas - Sim

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Interessante		2	“é bastante interessante para as crianças.” (Ee3) “acho interessante que o recreio seja um espaço em que eles criam as suas brincadeiras”. (Ee1)
Aprendizagens		2	“o espaço exterior é também um sitio onde elas podem fazer muitas aprendizagens”. (Ee2) “é muito importante para eles isso e mesmo para a aprendizagem”. (Ee4)
Liberdade		2	“é um sitio mais amplo onde não há tantos limites”. (Ee2) “são livres de brincar no espaço exterior”. (Ee2) “porque é uma forma deles se libertarem”. (Ee4) “a gente tem de aproveitar quando está bom tempo para eles saírem, para eles

			exteriorizar, para eles correrem, para eles saltarem”. (Ee4)
Natureza		1	“podemos brincar com água, podemos brincar com terra”. (Ee2)
Visitas de estudo		1	“também há as visitas de estudo”. (Ee2)
Socialização		1	“a socialização deles próprios”. (Ee4)

11 – Opinião das educadoras sobre o papel do espaço exterior em crianças de idade pré-escolar

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Aprendizagem		2	“(…) não podemos nunca menosprezar a aprendizagem ao ar livre”. (Ee1) “(…) tem alguma importância como os materiais da sala de aula”. (Ee1) “(…) o espaço exterior é muito importante nas aprendizagens das crianças”. (Ee2) “acho que faz muita falta à aprendizagem”. (Ee1)
Brincadeira		2	“(…) podem fazer brincadeiras por elas” (Ee3) “(…) elas inventam brincadeiras. Conseguem orientar as suas próprias brincadeiras também”. (Ee3) “(…) é eles (...)brincarem”. (Ee4)
Realização de atividades diferentes		2	“é mais abrangente do que uma sala de aula e das paredes à volta”. (Ee1) “(…) podemos fazer coisas no exterior, fora da sala, diferentes que se fazem dentro da sala”. (Ee2)
Inspiração		1	“acho que o ar livre, nos pode inspirar de uma certa forma”. (Ee1)
Socialização		1	“(…) as crianças podem socializar”. (Ee3)
Contactar com elementos da natureza		1	“(…) podemos experimentar materiais, desde a água, desde a terra, desde as ervas, desde as plantas, fazer jardinagem” (Ee2)

Exploração livre do espaço		1	“(...) é eles explorarem, andarem à vontade, livremente, correr, saltar, pular (...)”. (Ee4)
Criatividade		1	“(...) conseguem ser criativas, conseguem imaginar também, conseguem brincar ao faz de conta”. (Ee3)
Não refere		1	“eu penso que é muito importante o espaço exterior”. (Ee3)

12 – Opinião das educadoras em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Materiais e equipamentos	Existentes	3	<p>“nós temos alguns materiais de exterior, o jardim de infância. Materiais, coisas para brincar com a terra, pás, baldes, triciclos, também temos”. (Ee2)</p> <p>“temos ali um escorrega, dois balouços, que já estão um bocadinho em mau estado e pouco mais.” (Ee2)</p> <p>“(...) este até tem algum material exterior que é adequado também”. (Ee3)</p> <p>“(...) temos agora os chapinheiros”. (Ee3)</p> <p>“também temos os escorregas, temos as tinas com areia”. (Ee3)</p> <p>“temos depois um espaço atrás do colégio (...) que tem o escorrega, tem a casinha, tem essa zona toda”. (Ee4)</p> <p>“(...) depois ainda temos um parque, no espaço de jardim, onde eles também podem explorar a natureza”. (Ee4)</p>
	Necessários	2	<p>“ter mais materiais”. (Ee1)</p> <p>“(...) em termos de... os materiais... equipamentos não são muitos, mas temos alguns materiais”. (Ee2)</p> <p>“não temos assim muitos equipamentos”. (Ee2)</p>

Espaço a melhorar		3	<p>“pode ser sempre melhorado, é uma área que tem sempre a ser melhorar ainda”. (Ee1)</p> <p>“(…) uma área deficitária deste jardim, mas pode sempre melhorar”. (Ee1)</p> <p>“podíamos estar mais bem equipados”. (Ee2)</p> <p>“(…) podia ser melhor, mas também está adequado”. (Ee3)</p>
Satisfatório		1	<p>“o espaço exterior foi restaurado (…) vieram brinquedos novos e neste momento está bom”. (Ee4)</p>

13 – Opinião das educadoras sobre o seu papel no tempo dedicado ao espaço exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Observador	Apoiante	2	<p>“(…) o observador apoiante de situações que ocorrem pela espontaneidade da criança”. (Ee1)</p> <p>“(…) é ajudar, é incentivar a brincar, deixar de ter medo do subir, do descer, do saltar”. (Ee4)</p>
	Exploração livre	1	<p>“a pessoa, pode livremente, pode deixar as crianças brincar livremente e ficar um bocadinho de fora, numa de observar”. (Ee2)</p>
Interveniente		2	<p>“(…) algumas vezes o dirigente da coisa”. (Ee1)</p> <p>“(…) ou então também pode intervir, tal como faz na sala”. (Ee2)</p>
Promotor de aprendizagens		2	<p>“é tentar que as crianças usufruam o maior tempo que lá estão e que adquirem aprendizagens nesse tempo que estejam no espaço exterior”. (Ee3)</p> <p>“é de participar com as crianças na brincadeira que eles estão a fazer”. (Ee4)</p>

14 – Opinião das educadoras sobre os obstáculos à integração de atividades no espaço exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Condições meteorológicas		2	“a chuva, o frio, (...) é sempre... as condições climatéricas”. (Ee3) “o obstáculo... talvez o... só se for o tempo”. (Ee4)
Poder ficar doentes		1	“(...) depois os pais não querem que as crianças vão para a rua porque se constipam”. (Ee3)
Tempo das Atividades de sala		1	“(...) também está o tempo de ocupação, está um bocadinho refém das atividades do 1º ciclo” (Ee1)
Falta de recursos humanos		1	“os obstáculos é a falta de pessoal”. (Ee2)
Falta de segurança		1	“a falta de segurança nos equipamentos”. (Ee2)

15 – Opinião das educadoras sobre a formação necessária para proporcionarem experiências significativas às crianças no espaço exterior

4 pessoas – Sim

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Não responde		1	“podemos proporcionar muitas experiências no espaço exterior”. (Ee3)
Formação enquanto educador/a		1	“porque nós temos uma formação em todos os campos”. (Ee1) “tudo o que nós aprendemos ao nível da expressão físico motora pode ser feito nos espaços interiores, mas também no exterior”. (Ee1)
Autoformação com a pesquisa		1	“o educador com essas pinceladas tem de começar a pesquisas e a ver o que pretende e a andar para a frente”. (Ee2)
Experiência		1	“isso é uma coisa que não é preciso ter formação. A gente ao longo dos anos vai aprendendo e vai vivenciando, não é? E vamos praticando...”. (Ee4)

16 – Frequência com que as educadoras saem para o espaço exterior com as crianças

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Todos os dias		3	“todos os dias... há um tempo”. (Ee1)

			<p>“se possível, todos os dias, um bocadinho”. (Ee4)</p> <p>“um bocadinho de manhã e depois à tarde”. (Ee3)</p> <p>“(…) desde que esteja bom tempo, saímos sempre”. (Ee3)</p>
Uma tarde	1:30	1	“(…) alguns bons dias de primavera, posso estar uma tarde, são das duas às três e meia, mas uma hora e meia no parque”. (Ee1)
Uma por período		1	“saio pouco, do portão para fora programo sempre pelo menos uma visita de estudo por período”. (Ee2)

17 – Tempo que as crianças permanecem no exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Cerca de 2h/dia		2	<p>“de manhã, meia hora, uma hora... Para aí duas horas”. (Ee3)</p> <p>“(…) quarenta minutos no período da manhã (...) e depois uma hora à volta da hora de almoço” (Ee1)</p>
No mínimo 1h/dia		1	“(…) eles todos os dias vão à rua (...) no mínimo uma hora por dia”. (Ee2)
Entre 15 a 45 mins		1	“(…) podemos estar quarenta e cinco minutos, podemos estar quinze minutos, depende”. (Ee4)
Durante a Ed. Física		1	“(…) muitas vezes vamos fazer a educação física para o espaço exterior”. (Ee2)

18 – Opinião sobre as condições climatéricas apropriadas para sair com as crianças ao exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Bom tempo		4	<p>“(…) quando está bom tempo”. (Ee3)</p> <p>“(…) na dúvida não saio se está mau tempo”. (Ee1)</p> <p>“(…) no verão, claro que usamos mais o espaço exterior”. (Ee2)</p>

			“desde que não esteja a chover”. (Ee4)
Independentemente do estado do tempo		1	“(…) mesmo de inverno também saímos à rua”. (Ee2) “(…) as visitas de estudo, há uma por período, portanto também há uma no inverno”. (Ee2)

19 – Opinião das Educadoras sobre as preferências das crianças acerca de atividades no interior ou exterior da sala.

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Atividades no Exterior		3	“estes gostam muito de exterior”. (Ee1) “quando, por vezes, não há as atividades ou não são tão aliciantes, elas preferem estar no exterior”. (Ee3) “ao fim do dia, penso que eles preferem sempre ir para a rua”. (Ee3) “(…) eles no exterior estão mais à vontade (...) fazem o que querem, podem gritar, podem correr”. (Ee4)
Ambos (exterior e interior)		2	“(…) acho que é igual”. (Ee2) “(…) eu penso que eles tanto gostam de estar no exterior como na sala”. (Ee4)
Atividades no Interior		1	“eu penso que quando as atividades são aliciantes elas gostam de estar na sala”. (Ee3)

20 – Atividades/estratégias adotadas pelas Educadoras quando saem para o exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Exploração livre		4	“mais de exploração livre”. (Ee1) “(…) outras vezes é de exploração livre”. (Ee2) “depois deixo-os fazerem eles as brincadeiras livremente”. (Ee3) “podemos brincar livremente”. (Ee4)
Atividades orientadas		3	“umas vezes é atividades orientadas(...)”. (Ee2) “(…) se por vezes acho que o grupo está mais agitado, tendo sempre a orientar um bocadinho uma atividade”. (Ee3)

			“(...) podemos fazer jogos, (...) ginástica, fazer ginástica também no exterior”. (Ee4)
--	--	--	---

21 – Descrição de uma atividade realizada com as crianças no espaço exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Exploração da Natureza		2	<p>“(...) brincarem com a areia, com a água, com os chapinheiros”. (Ee3)</p> <p>“(...) na altura da primavera, (...) onde andávamos a ver o nosso jardim”. (Ee3)</p> <p>“(...) fomos ver os passarinhos, quando olhámos para as árvores, quando começámos a ver as folhinhas a crescer, havia árvores ainda não tinham folhas, ouvimos o barulho dos passarinhos, fomos cheirar as flores”. (Ee3)</p> <p>“(...) uma quando eu estava nos cinco anos fui com eles com uma folha na mão e lápis e fomos para o jardim e sentámo-nos e eles desenharam aquilo que eles estavam a ver”. (Ee4)</p> <p>“(...) é aquelas brincadeiras livres que eles têm, e de explorar a natureza”. (Ee4)</p>
Jogos de equipa		1	<p>“o jogar o basquete, jogos mais de... que são utilizados pelo 1º ciclo, nos intervalos”. (Ee1)</p> <p>“e fazer as balizas e a competição do futebol e da área de futebol de salão”. (Ee1)</p>
Não responde ao solicitado		1	<p>“interessante, quando num dia ou outro, utilizamos o espaço do 1º ciclo”. (Ee1)</p>

Anexo LII – Categorização dos dados das entrevistas das crianças de Pré-escolar

1 - Apreciação do jardim de infância

Todos – Sim.

C12 – Eu não!

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Brincar	Jogo dramático	4	“fazemos... brincar (...)”. (C2) “porque brincamos”. (C4) “brincar! Não podemos é ir para a areia”. (C16) “eu adoro! Podemos fingir casamentos”. (C9)
Aprender		2	“(...) fazer trabalhos... Também fazemos pinturas”. (C2) “eu faço alguns desenhos”. (C4) “também trabalhamos”. (C4)
Espaço exterior		1	“temos um parque aqui!”. (C13)
Espaço das estrelinhas		1	“sim, porque tem aquilo”. (C15)

2 – Espaço preferido do Jardim de Infância

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Sala	Espaço das Estrelinhas	5	“eu gosto de brincar na sala”. (C8) “das estrelinhas!”. (C12) “das estrelinhas!”. (C13) “das estrelinhas!”. (C14) “(...) o espaço das estrelinhas”. (C15)
	Legos	1	“(...) hum... Gosto dos legos”. (C16)
	Casinha	3	“eu gosto de brincar na casinha”. (C3) “gosto de ir à casinha”. (C16) “a casinha”. (C17) “brincar no tapete e a casinha”. (C15)
	Desenhar/pintar	2	“gosto de fazer desenhos”. (C7) “(...) à pintura”. (C16)
Recreio		4	“eu gosto de brincar no escorrega”. (C1) “gostava de ir para o parque da brincadeira”. (C4) “(...) o recreio, eu”. (C9) “brincar no recreio”. (C10)

3 – Espaço menos preferido do Jardim de Infância

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Sala	Pintura	9	“da sala”. (C14) “eu também”. (C12) “eu também”. (C13) “o meu menos é o da pintura”. (C15)
	Biblioteca		“eu também não gosto dos livros”. (C1)

	Espaço das estrelinhas Jogos		“não gosto tanto dos livros”. (C2) “o das estrelas”. (C8) “os jogos”. (C10) “os legos”. (C3)
Recreio		1	“só menos o do jardim, só gosto do espaço da brincadeira”. (C4)

4 – Preferências das crianças pelo exterior e/ou interior

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Exterior		8	“no parque!”. (C11) “no recreio”. (C11) “no recreio”. (C12) “no recreio”. (C13) “no recreio”. (C14) “no recreio”. (C7) “no recreio”. (C5) “eu também”. (C6) “eu também do recreio”. (C4)
Interior		7	“dentro da sala”. (C1) “dentro da sala”. (C2) “dentro da sala”. (C3) “na sala!”. (C8) “na sala”. (C17) “eu gosto mais de estar na sala”. (C15) “na sala e na casinha”. (C16)
Ambos		1	“hum... na sala! Não, não! Na rua!”. (C10)

5 – Opinião das crianças sobre o que gostam mais de fazer no recreio

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Brincar		4	“brincar”. (C12) “brincar!”. (C13) “brincar”. (C17) “a brincar!”. (C5)
	Jogo simbólico (brincar ao “faz de conta”)	2	“aos pais e às mães”. (C6) “podemos brincar aos pais e mães, está lá uma casinha”. (C5)
	Parque	1	“no parque!”. (C13)
	Pás	2	“eu brinco com as pás”. (C1) “brincar com as pás”. (C3)
	Areia	4	“ir para a areia”. (C15) “ir para a areia”. (C16) “brincar na areia”. (C14) “(…) brincamos com a areia molhada”. (C2)
Observar o céu/nuvens		2	“eu gosto de ver o céu”. (C8) “eu gosto de ver as nuvens”. (C9)
Tudo		1	“gostamos de fazer tudo”. (C9)

6 - Opinião das crianças sobre o que gostam menos de fazer no recreio

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Brincar	Corrida	1	“de correr”. (C14)
	Jogo Apanhada	2	“eu não muito de brincar lá fora à apanhada”. (C6) “não tem piada estar a brincar à apanhada”. (C7)
	Escorrega	2	“não mais de brincar no escorrega”. (C2) “o escorrega”. (C3)

7 - Brincadeiras que as crianças têm no espaço exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Jogo Dramático		8	“a brincar aos leões”. (C8) “(…) é a brincar à sissi e às mães e aos pais”. (C14) “brincar aos fantasmas e aos vampiros”. (C11) “também a brincar ao Hulk”. (C12) “brincar ao flecha”. (C12) “nós brincamos aos polícias e ladrões”. (C15) “às cozinheiras”. (C16) “eu brinco aos bombeiros”. (C17)
Jogos de aventura e ação (exploração do espaço)		4	“à batata congelada (…)”. (C9) “às escondidas!”. (C6) “correr”. (C13) “nós brincamos, fazemos um monte gigantesco e subimos lá e não caímos”. (C5)
Estruturas		3	“lá fora temos as pás, os carrinhos, os baldes e também mais o escorrega”. (C2) “também temos uma bicicleta”. (C1) “uma vez fiquei preso nos pneus”. (C7)
Natureza		2	“gostamos de ver os passarinhos”. (C16) “gostamos de fazer ninhos”. (C15)

8 - Gostam das atividades que a educadora realiza no espaço exterior?

C1 – Sim.

C2 – Sim

C3 – Sim

C5 – Sim.

C6 – Sim.

C7 – Sim.

C14 – Sim.

C13 – Sim.

C8 – Sim.

C10 – Sim.

C15 – Eu gosto das vossas (Estagiárias)

O que ela faz?

C1 – Ginástica.

C5 – Brincar!

C14 – Ao lencinho.

C14 – Ao pino.

C14 – Ela faz jogos.

C8 - Brincar às bolas!

C8 – À apanhada!

C9 – Deixa-nos brincar a quase tudo... só menos magoar.

Ela participa nas vossas brincadeiras? Ela também brinca com vocês no exterior?

C9 – Às vezes...

C9 – Ela não brinca connosco há muito tempo.... pois não?

9 – Necessidades do espaço exterior identificadas pelas crianças

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Plantas		3	“(…) falta plantar muitas coisas... Vegetais!”. (C12) “morangos, brócolos, cebolas (...)”. (C12) “falta flores. Não há flores (...)” (C14) “precisa de plantas. Os meninos já estiveram a arrancar.” (C15)
Aventura		2	“precisa talvez de uma coisa... (...) Ação!”. (C9) “de jogos”. (C11)
Cordas		1	“(…) também precisamos de cordas para a gente passarmos”. (C10)
Relva		1	“relva!”. (C8)
Equipamento móvel		1	“falta... Um carrinho. Eu tenho lá uma mota que trabalha.” (C2)

10 – Opinião das crianças acerca da visita fora da escola que mais gostaram

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Quinta dos Anjos		3	“a quinta dos anjos!”. (C5) “eu gostei da quinta”. (C4) “a dos anjos”. (C7)
Quinta do arrife	Animais	3	“eu gostei dos animais”. (C8) “e ver os animais!”. (C16) “ir à quinta do arrife”. (C10)
Tapada de Mafra		3	“a da Tapada de Mafra”. (C14)

	Comboio Animais		“a do comboio!”. (C12) “eu gostei de ir ver os javalis bebés”. (C15)
Árvores	Árvores autóctones	2	“a das árvores autóctones”. (C5) “as árvores”. (C10)
Dia da criança		1	“aquela que havia gelados”. (C14)
ESES		1	“ir à tua escola!”. (C8)

11- Opinião das crianças acerca da visita fora da escola que menos gostaram

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Quinta dos anjos	Ausência de animais	2	“eu não gostei muito de ir à quinta dos anjos”. (C2) “porque não havia animais”. (C5)
Quinta do arrife	Fazer pão	1	“eu gostei de ir ver os javalis bebés. A quinta do arrife, só que não gostei de uma parte que era de fazer pão”. (C15)

12 – Preferências das crianças acerca das saídas para fora da escola

C8 C10 C9 C11 – Mais!

C12 – Mais!

C14 – Sim.

C13 – Sim.

C16 – Eu gostava.

C15 – Eu também.

C5 – Sair mais.

C6 – Sim.

C4 – Sair da escola.

C2 – Sair mais.

C1 – Mais.

C3 - Sim.

Anexo LIII – Categorização dos dados das entrevistas dos professores do 1.º CEB

5 – Razões apresentadas pelos entrevistados para explicar a escolha da profissão

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Gosto pela profissão		2	“porque gosto muito de trabalhar com crianças”. (Ep2) “porque gosto de ensinar, principalmente”. (Ep4)
Vocação		1	“sempre gostei, sempre foi... a minha área foi para via de ensino, sempre”. (Ep1) “é daqueles trabalhos que a gente quer ser desde pequeninos”. (Ep1)
Destino		1	“eu não decidi ser professor do 1º ciclo (risos). O primeiro ciclo é que decidiu que eu fosse professor”. (Ep3)
Conveniência		1	“as razões foram... não foram as que se estão à espera porque foi por uma questão de comodidade ao nível de concurso de professores”. (Ep3)

6 – Participação em ações de formação

4 pessoas - Sim

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Áreas Curriculares		4	“tenho estado a tirar de matemática, relacionadas com as disciplinas base, matemática e português... e ciências!” (Ep1) “ultimamente as áreas são todas direcionadas para o primeiro ciclo, as matemáticas, as ciências experimentais, a língua portuguesa”. (Ep2) “também algumas expressões, expressão musical, expressão dramática”. (Ep2) “os primeiros anos de serviço, mais na base da educação física, dos desportos”. (Ep2) “tenho participado em ações de ciências, de matemática, de português, organização e tratamento de dados”. (Ep3) “(…) primeiro ciclo tive necessidade de me formar noutra tipo de áreas. Matemática, português, principalmente”. (Ep4)
Informática ou TIC		2	“tenho tirado maior parte delas à base das TIC, da informática e das tecnologias, porque acho que são importantes no dia a dia que nós vivemos hoje com as crianças.”. (Ep1)

			“mas mais vocacionadas para o primeiro ciclo, informática, ah.. tem sido mais nesta base”. (Ep2)
Educação Física		1	“de preferência na área de educação física”. (Ep4)

7 - Temáticas trabalhadas nos projetos desenvolvidos nas escolas

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Áreas Curriculares	Diversas	2	“hoje em dia as temáticas que deveriam ser mais relacionadas, engraçado... com a tecnologia já tenho estado a trabalhar mais em relação a português, matemática e ciências”. (Ep1) “com a biblioteca, também temos vários projetos, de escrita de poemas ou de participação em jogos como super tema a TIC, matemática, inglês”. (Ep2)
	Expressões Plásticas	1	“tudo o que é relacionado com expressões plásticas”. (Ep4)
	Estudo do meio	1	“tudo o que é relacionado com ecologia, tudo o que é relacionado com atividades mais relacionadas, direcionadas para a natureza”. (Ep4)
Subtotal		4	
Formação Cívica		1	“(…) direcionados para a formação cívica, ah... para... principalmente na formação cívica. Projetos com a polícia, com os bombeiros”. (Ep2)
Horta pedagógica		1	“(…) temos a unidade de multifuncionalidade, fazemos às vezes alguns projetos com eles, como já tivemos a horta pedagógica”. (Ep2)
Empreendedorismo		1	“uma temática foi o empreendedorismo”. (Ep3)
Diversidade cultural		1	“estou num projeto que é um tema da diferença, da diversidade”. (Ep3)
Informática		1	“fiz muitos projetos de turma relacionado com as TIC, na altura em que apareceram os Magalhães e mais para a frente”. (Ep1)

8 – Caracterização do grupo de alunos

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Trabalhadores e Curiosos		2	“(…) mas também muito curiosas, conversadoras, trabalhadoras. Este grupo é um grupo, tirando ali três ou quatro miúdos, são muito trabalhadores e curiosos”. (Ep2) “muito interessados, muito participativos e com os quais dá para fazer vários tipos de atividades porque eles aderem com muita facilidade”. (Ep4)

Heterogéneo		2	<p>“é um grupo um bocado... muito heterogéneo, com muitas diferenças entre eles”. (Ep3)</p> <p>“é um grupo muito muito diferente entre si, com ritmos de aprendizagem, com ritmos de conhecimentos muito díspares e diversificados e com comportamentos muito díspares e diversificados”. (Ep3)</p> <p>“com alguns grupos de níveis de ensino”. (Ep1)</p>
Desempenho satisfatório		1	<p>“é uma turma que não é ah... uma turma muito boa a nível de aprendizagens mas também não é uma turma muito má. Maior parte deles está no médio, pronto. Tenho alunos bons, tenho alunos fracos, mas o grande grosso da turma está no suficiente e bom, pronto, dependendo da disciplina”. (Ep1)</p>
Calmos		1	<p>“são crianças, de certa forma calmas”. (Ep4)</p>
Impacientes e conflituosos		1	<p>“desgastantes, esgotantes”. (Ep2)</p> <p>“são agitados, impacientes, não sabem esperar, não sabem estar, conflituosas entre eles”. (Ep2)</p>

9 – Opinião dos professores sobre a importância do espaço exterior para as crianças.
4 pessoas - Sim

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Contactar com novas experiências	Visitas de estudo	1	<p>“porque lhes traz experiências novas (...) alguns miúdos se não forem às visitas de estudo têm muito poucas experiências ou não saem”. (Ep2)</p>
	Destreza corporal	1	<p>“(...) eu acho que seja importante deixarmos também as vezes as tecnologias de lado porque eles têm que saber utilizar as suas... o seu corpo e a tudo o que lhe pode podemos proporcionar sem as novas tecnologias”. (Ep2)</p>
Aprendizagem		2	<p>“as atividades que são feitas no exterior da escola, da sala de aula (...) as aprendizagens... eles conseguem aprender muito mais facilmente, porque identificam-se mais com ele, porque é o sitio onde eles mais gostam de estar, é fora da sala de aula”. (Ep1)</p> <p>“porque acho que tudo o que pode ser aprendido ou quase tudo o que pode ser aprendido dentro da sala de aula, pode ser aprendido lá fora”. (Ep4)</p>
Brincar		1	<p>“porque permite (...) um gasto de energias acumuladas, permite que eles</p>

			tenham tempo e espaço para brincarem, para se divertirem e esquecer a hora e meia que estão sistematicamente sentados e concentrados”. (Ep3)
Desenvolvimento motor		1	“(…) importante também para o seu desenvolvimento motor”. (Ep3)
Relações interpessoais		1	“é importante para as relações interpessoais”. (Ep3)

10 – Opinião dos professores sobre o papel do espaço exterior em crianças de 1º ciclo

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Liberdade		2	“o espaço exterior proporciona-lhes esta liberdade, de brincar, de estar... e de se conhecerem em realidades diferentes, fora do contexto de sala de aula também”. (Ep2) “é um espaço que é importante para eles brincarem”. (Ep3)
Relação com os outros		2	“uma visita de estudo, ah... proporciona-lhes... mesmo eles se conhecerem em outros meios e nós... e a relação que estabelecemos com eles também é completamente diferente da da sala de aula”. (Ep2) “(…) para eles se interrelacionarem uns com os outros e é um espaço que é importante para que eles se eduquem mutuamente”. (Ep3)
Alternativa à sala		1	“é muito importante. Até porque muitos deles entram às nove horas na escola e só saem às cinco e meia. Muitas das vezes quando está a chover, nem os intervalos aproveitam para ir ao espaço exterior”. (Ep4)
Concentração		1	“é muito importante, porque eles ainda têm muita dificuldade de estarem concentrados numa sala de aula, principalmente nos alunos de primeiro e segundo ano”. (Ep1)
Espaço lúdico		1	“é um espaço mais lúdico, ah... em que as atividades, por norma, são mais práticas, ah.. e que eles acabam por aprender bastante”. (Ep2)

11 – Opinião dos professores em relação ao espaço exterior disponível em termos de materiais/equipamentos

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Materiais e Equipamentos		3	“a nível de baloiços e tudo, péssimo”. (Ep1) “poderíamos ter aqui se calhar um bocadinho de melhor oferta no parque infantil, com mais brinquedos, com mais equipamentos, mas estamos muito

			<p>melhor que muitas escolas, estamos pior que algumas, mas muito melhor que muitas”. (Ep3)</p> <p>“onde está o escorrega, o espaço mais lúdico, acaba por ser um bom espaço, embora alguns dos escorregas que ali estão são assim um bocadinho perigosos para alguns”. (Ep4)</p>
Satisfatório		2	<p>“muito bom (...) esta é uma escola muito boa. Tem um polidesportivo lá fora, tem muita coisa que muitas das escolas aqui da cidade não têm”. (Ep2)</p> <p>“o espaço exterior é um espaço exterior bom. Tivemos agora aí o campo, o polidesportivo que foi inaugurado o ano passado”. (Ep3)</p> <p>“é amplo, é espaçoso, há espaço para todos, com boas condições para estarem na rua”. (Ep3)</p>
Espaço a melhorar		2	<p>“é fraco, muito fraco. Quando chove, a gente sabe o espaço que temos, muito limitado e depois quando está bom tempo, ah... o sítio que eles tem para fazerem jogos, ah... é terra batida”. (Ep1)</p> <p>“não tem assim grandes condições principalmente no verão, uma vez que o espaço é em terra, há muito pó”. (Ep4)</p>

12 – Opinião dos professores sobre o seu papel no tempo dedicado ao espaço exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Observador		2	<p>“o papel do professor, na minha opinião, passa apenas e só por estar a fazer vigilância. Não tem que intervir. É um tempo e um espaço que é dos miúdos e que deve ser respeitado como tal”. (Ep3)</p> <p>“agora se for em tempo de intervalo, eu acho que eles devem brincar sozinhos. Eles também têm de aprender a brincar sozinhos e têm quem saber e têm que procurar atividades e jogos que possam jogar uns com os outros sem necessidade constante ali do adulto”. (Ep4)</p>
Contatar com novas experiências		1	<p>“é importante, muito importante. (...) pelas novas experiências que lhes vamos proporcionando”. (Ep2)</p> <p>“o relacionamento, as experiências que lhes proporcionamos são completamente diferentes da sala de aula”. (Ep2)</p>
Relações interpessoais		1	<p>“o relacionamento, (...)”. (Ep2)</p>

Insuficiente		1	“é pouco, o papel do professor é muito pouco. O professor tem muito pouco tempo para ir lá fora com os alunos, porque os programas infelizmente tanto português como de matemática são muito extensos”. (Ep1)
Interveniente		1	“se o tempo dedicado for em tempo de aula, ah... é importantíssimo para poder gerir, poder organizar e poder indicar o que eles podem e não podem fazer”. (Ep4)

13 – Opinião dos professores sobre os obstáculos à integração de atividades no espaço exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Insegurança		2	“muitas vezes também é o não estar à vontade com atividades feitas no exterior”. (Ep1) “acho que as pessoas têm um bocado receio em conseguir controlar a turma assim que ela saia pela porta fora”. (Ep4)
Caraterísticas das turmas		1	“depois também depende das turmas”. (Ep1)
Currículo extenso		1	“a extensão dos programas, os conteúdos”. (Ep2)
Predisposição dos professores		1	“maior predisposição dos professores para as executarem”. (Ep3)

14 – Opinião dos professores sobre a formação necessária para proporcionarem experiências significativas às crianças no espaço exterior

Ep1 – Não

Ep2 – Sim

Ep3 – sim

Ep4 – não

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Formação inicial		2	“embora a experiência seja adquirida no terreno, a nossa formação proporciona-nos isso mesmo e estas faixas etárias ainda conseguimos ah... abordar... sermos assim muito ambivalentes”. (Ep2) “porque na formação inicial, (...) todos temos essa formação (...) ao nível da expressão físico motora, formação ao nível da música e é-nos pedido que podendo façamos aulas diferentes e mais diversificadas, que só o espaço da sala de aula”. (Ep3)

Formação em educação física		1	“quando têm formação em educação física, aprenderam a dar aulas na rua, aprenderam a dar aulas na rua, tiveram essa prática pedagógica”. (Ep4)
-----------------------------	--	---	--

15 – Frequência com que os professores saem para o espaço exterior com as crianças

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Uma vez por semana		3	“pelo menos uma vez por semana”. (Ep3) “até porque a aula de educação física é sempre feita na rua. Aí é todas as semanas, se pensarmos na aula de educação física, todas as semanas”. (Ep4) “todas as semanas nós temos uma aula de educação física no ginásio, portanto é uma hora que eles tem”. (Ep2)
Regularmente		1	“regular é a hora de educação física e talvez a ida deles à biblioteca também”. (Ep2)
Uma vez por mês		1	“uma vez por mês vamos à ludoteca”. (Ep2)
Função da necessidade das crianças		1	“por vezes, nem tenho nada planejado mas começo a ver que a turma está a necessitar de sair, que estão inquietos, saio”. (Ep4)
Uma vez de duas em duas semanas		1	“pelo menos uma vez de duas em duas semanas vou”. (Ep4)
Pouco		1	“pouco, pouca mesmo”. (Ep1)
Visitas de estudo		1	“depois também temos as visitas de estudo e uma serie de coisas que nos vão surgindo e que muitas vezes nós saímos”. (Ep2)

16 – Tempo que os alunos permanecem no exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Cerca de 2h/dia		2	“no total do dia, eles têm duas horas e meia pelo menos”. (Ep2) “em tempo de aula, em tempo letivo permanecem uma hora e meia, mas contando com os intervalos... uma hora... duas horas”. (Ep3) “por dia, duas horas, duas horas”. (Ep4)
Pouco tempo		1	“(…) tempo letivo, se eu vou poucas vezes com eles lá fora para fazer atividades, é muito pouco”. (Ep1)

17 – Opinião das condições climáticas apropriadas para sair com os alunos ao exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Bom tempo		3	“(…) quando está bom tempo” (Ep1)

			“apenas e só quando está bom tempo porque o espaço exterior não tem cobertura”. (Ep3) “desde que não esteja a chover (...) ou muito vento...”. (Ep4)
Ambos		1	“em todas”. (Ep2)

18 – Opinião dos professores sobre as preferências dos alunos acerca de atividades no interior ou exterior da sala.

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Atividades no Exterior		4	“ (...) no exterior, sempre. Qualquer criança prefere estar no exterior” (Ep1) “no exterior”. (Ep2) “claramente no exterior (...) porque é um espaço mais agradável, mais apetecível.”. (Ep3) “sem dúvida, no exterior”. (Ep4)

19 – Atividades/estratégias adotadas pelos professores quando saem para o exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Atividades orientadas		3	“para já orientadas, porque o grupo é de segundo ano”. (Ep1) “sim, são atividades orientadas. Já fizemos e temos feito de vez em quando atividades relacionadas com matemática, com o estudo do meio”. (Ep3) “quando sou eu que estou a orientar a aula tento ao máximo que sejam atividade orientadas. Nos intervalos, eles já têm as atividades livres, tento orientar sempre”. (Ep4)
Exploração livre e orientada (ambas)		2	“se formos a uma quinta do arrife, embora tenham atividades, é uma quinta em que eles podem estar mais em liberdade, se eu vou dar uma aula de educação física tem que ser direcionada para aqueles exercícios”. (Ep2) “quando tenho quarto ano, principalmente, já lhes dou, ah... muitas vezes, tipo um guião e eles dividem-se em grupos e eles fazem uma exploração livre”. (Ep1)
Exploração livre		1	“se formos a uma visita de estudo, eles tem alguma liberdade, não têm que andar ali muito em carreirinha, podem brincar, mas quer dizer, mas têm diretrizes como se têm de comportar nos sítios ou nas atividades que vamos fazer”. (Ep2)

20 – Descrição de uma atividade realizada com as crianças no espaço exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excerto
Matemática		1	“fazer medições, fazer jogos (...)”. (Ep4)
Exploração da natureza		1	“na altura em que falamos das plantas, explorar as plantas e as árvores”. (Ep4)
<i>Peddy papper</i>		1	“fizemos um <i>peddy papper</i> aqui pelas redondezas e foi uma atividade que os miúdos gostaram muito e foi uma atividade que me deu algum gosto em participar e organizar”. (Ep3)
Visitas de estudo		1	“as visitas de estudo são sempre atividades boas, mas por exemplo as festas de final de ano”. (Ep2)
Festa de final de ano		1	“(…) mas, por exemplo, as festas de final de ano”. (Ep2)
Atividade físico-motora	Interdisciplinaridade	1	“na parte da físico motora, quando faço, na escola onde eu estava também tinha um parque exterior grande, uma escola grande e tinha à volta da escola e, muitas vezes, fazia algumas estafetas, algumas estações (...) ao mesmo tempo que eles tinham de fazer a parte da físico motora tinham sempre que responder a uma questão ou de matemática, ou de português ou de estudo do meio”. (Ep1)

Anexo LIV – Categorização dos dados das entrevistas dos alunos do 1. CEB

1 – Gosto pela escola

Restantes – sim

A5 – Mais ou menos.

A27 – Gosto do recreio.

A30 – Não. “não gosto de trabalhar”. (A30)

A32 – Mais ou menos.

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Aprendizagens		21	<p>“(…) e porque aprendo muito”. (A9)</p> <p>“(…) porque temos desenhos para fazer e cada dia aprendemos sempre coisas novas”. (A10)</p> <p>“porque nós aprendemos muito (…)”. (A11)</p> <p>“eu gosto da escola porque gosto de aprender (…) e fazer desenhos”. (A12)</p> <p>“eu gosto da escola porque, porque fazemos muitas coisas giras, aprendemos coisas novas”. (A14)</p> <p>“eu gosto da escola, porque nós aprendemos coisas, coisas novas quase todos os dias”. (A15)</p> <p>“porque é um sítio para aprendermos, também para fazermos coisas giras”. (A1)</p> <p>“porque deixamo-nos fazer coisas giras, fazer experiências”. (A2)</p> <p>“porque nós podemos aprender (…)”. (A3)</p> <p>“por causa que aprendemos a fazer as coisas e depois o que não soubermos as professoras explicam e depois nós fazemos”. (A4)</p> <p>“eu gosto de escrever”. (A7)</p> <p>“para aprender”. (A8)</p> <p>“para pintar”. (A5)</p> <p>“(…) as salas estão em condições para estudarmos...” (A29)</p> <p>“porque nós podemos aprender, fazer coisas...”. (A17)</p> <p>“porque nós podemos aprender e há pessoas que na África não têm escola, não tem professores, não podem ir à escola...” (A18)</p> <p>“eu gosto da escola porque nós podemos aprender e há pessoas que não tem possibilidade de irem para as escolas (...)”. (A19)</p>

			<p>“gosto porquê? Podemos fazer coisas não sabemos, ah..., podemos fazer novos amigos, e muitas coisas...” (A20)</p> <p>“(...) aprendemos na escola e... aprendemos na escola, aprendemos coisas”. (A21)</p> <p>“porque aprendemos coisas que nunca aprendemos”. (A22)</p> <p>“(...) e aprendemos muita coisa que não sabíamos ou quase tudo”. (A24)</p>
Brincar		7	<p>“as professoras (...) de vez em quando... deixam-nos fazer jogos e plasticina”. (A11)</p> <p>“eu gosto da escola porque (...) gosto de brincar muito e fazer desenhos”. (A12)</p> <p>“eu gosto da escola porque (...) brincar com os amigos”. (A13)</p> <p>“porque é um sítio para (...) brincarmos”. (A1)</p> <p>“(...) também de termos... de brincarmos com os nossos amigos, em vez de estarmos fechados em casa sem fazer nada”. (A3)</p> <p>“ah... para brincar”. (A6)</p> <p>“(...) gosto da escola por podermos brincar e podermos fazer novos amigos”. (A19)</p>
Recreio	Brincar	7	<p>“eu gosto da escola porque tem o recreio, podemos correr à vontade, brincar com os amigos”. (A13)</p> <p>“eu gosto da escola, porque há um recreio para nós brincarmos, há um sítio para quando está a chover nós vamos lá para brincar”. (A16)</p> <p>“também gosto muito da escola, porque tem um bom espaço para brincarmos e podemos brincar com os amigos (...)”. (A10)</p> <p>“eu gosto da escola, porque (...) podemos brincar no recreio”. (A15)</p> <p>“há muitas coisas para nós brincarmos, tipo as barras...”. (A27)</p> <p>“(...) porque tem um recreio com muitas coisas (...)”. (A29)</p> <p>“(...) gosto de brincar na rua (...)”. (A21)</p>
Comunidade escolar		4	<p>“gosto da escola porque é... o professor Pedro é muito fixe”. (A28)</p> <p>“eu gosto da escola porque... ai eu gosto da professora, porque ela... ah...porque sabe.. e sabe muitas coisas”. (A26)</p>

			<p>“porque tem muitas pessoas queridas (...)”. (A29)</p> <p>“porque temos cá os nossos amigos, convivemos, os nossos colegas. Ao mesmo tempo convivemos com os nossos professores (...)”. (A24)</p>
Divertida		4	<p>“porque é divertida (...) (A9)</p> <p>“(…) e as professoras são divertidas”. (A11)</p> <p>“porque tem coisas divertidas... há sempre coisas para nós fazermos, há vários professores, não há falta de nada...” (A31)</p> <p>“(…) nós divertimo-nos na escola (:...)”. (A21)</p>
AEC		1	“eu gosto da escola porque nas AEC fazemos coisas bonitas”. (A13)
Construção do Futuro		1	“porque a pouco e pouco vamos construindo o nosso futuro”. (A23)
Resposta sem sentido		1	“porque tem grades à volta. (risos)”. (A32)

2 – Espaço preferido da escola

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Exterior da escola	Campo de futebol	9	<p>“eu gosto do campo. Eu gosto do campo (...)”. (A14)</p> <p>“futebol! O campo de futebol”. (A6)</p> <p>“campo de futebol”. (A10)</p> <p>“o campo de futebol”. (A5)</p> <p>“futebol”. (A7)</p> <p>“campo de futebol”. (A30)</p> <p>“o jardim e o campo de futebol”. (A1)</p> <p>“a mim também é o campo (...)”. (A2)</p> <p>“ah... o campo”. (A21)</p>
	Estruturas	6	<p>“é lá nas barras”. (A25)</p> <p>“(…) e também gosto daqueles baloiços”. (A14)</p> <p>“nas barras”. (A26)</p> <p>“nas barras”. (A27)</p> <p>“nas barras”. (A28)</p> <p>“dos baloiços”. (A32)</p>
	Parques	2	<p>“eu gosto do parque dos grandes”. (A8)</p> <p>“(…) os dois parques”. (A2)</p>
	Fazer amigos	1	“eu gosto do recreio porque é lá que eu faço a maior parte dos amigos e que brincamos muito”. (A31)
	Recreio	1	“recreio”. (A19)
Interior da escola	Biblioteca	5	<p>“biblioteca”. (A9)</p> <p>“biblioteca”. (A12)</p> <p>“biblioteca”. (A17)</p> <p>“eu gosto da biblioteca”. (A18)</p> <p>“biblioteca”. (A20)</p>

	Sala de aula	5	<p>“sala de aula”. (A11)</p> <p>“eu gosto da minha sala de aula, porque é lá que eu aprendo, que eu estudo e que eu brinco com os meus professores”. (A29)</p> <p>“a sala de aula”. (A22)</p> <p>“a sala de aula”. (A23)</p> <p>“a sala de aula”. (A24)</p>
Interior e exterior da escola (ambos)		3	<p>“eu gosto do recreio, do campo, da sala de aula e mais nada”. (A15)</p> <p>“eu gosto da sala de aula e do recreio”. (A13)</p> <p>“ah... eu gosto do recreio, sala de aula e aquele sítio para nós brincarmos, quando está a chover”. (A16)</p>

3 – Espaço menos preferido da escola

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Interior	Sala de aula	6	<p>“a sala de aula”. (A6)</p> <p>“a sala”. (A25)</p> <p>“a sala, porque... às vezes aprendemos coisas chatas, acho que é isso”. (A19)</p> <p>“mais ou menos a sala”. (A26)</p> <p>“não tenho o que gosto menos, mas é a sala”. (A27)</p> <p>“a sala de aula”. (A28)</p>
	Polivalente	4	<p>“polivalente”. (A17)</p> <p>“polivalente, porque quando estamos todos não estamos à vontade para brincar. No recreio temos porque há mais espaço”. (A18)</p> <p>“o polivalente (...) é onde nos castigam nos intervalos, que eu já... uma vez portei-me mal (...)”. (A23)</p> <p>“porque há muita confusão e...” (A24) (referente ao polivalente)</p>
	Sala dos professores	1	“a sala dos professores”. (A20)
	Escadas	1	“só não gosto das escadas”. (A1)
Exterior	Parque	7	<p>“cordas”. (A10)</p> <p>“escorrega”. (A14)</p> <p>“escorrega”. (A15)</p> <p>“eu é os parques”. (A4)</p> <p>“ah... parque!”. (A5)</p> <p>“o parque”. (A7)</p> <p>“parque”. (A8)</p>
	Campo de futebol	4	<p>“campo de futebol”. (A9)</p> <p>“campo de futebol”. (A12)</p> <p>“o campo de futebol”. (A13)</p> <p>“campo de futebol”. (A16)</p>

Gosta de tudo		1	“em lado nenhum, gosto de tudo”. (A11)
---------------	--	---	--

4 – Preferências dos alunos pelo exterior e/ou interior

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Exterior	Recreio	13	“recreio”. (A9) “recreio”. (A12) “recreio”. (A14) “recreio”. (A15) “no recreio!”. (A5) “no recreio”. (A6) “no recreio”. (A25) “no recreio”. (A26) “no recreio”. (A27) “no recreio”. (A28) “recreio”. (A30) “no recreio”. (A32) “recreio”. (A19)
Interior	Sala de aula	8	“sala”. (A10) “sala”. (A11) “eu prefiro estar na sala. Na plasticina e isso”. (A13) “dentro da sala”. (A7) “dentro da sala!”. (A8) “sala”. (A17) “ah... prefiro estar na sala. Não está muita gritaria, mais descontraído”. (A21) “na sala de aula”. (A22)
Exterior e interior (ambos)		8	“recreio. Não, não, não, sala de aula”. (A16) “há dias que prefiro estar no recreio, há dias que prefiro estar na sala”. (A1) “eu também”. (A2) “é a mesma coisa comigo”. (A3) “eu também”. (A4) “depende, porque há certas coisas que fazemos na sala que são muito divertidas e outras no recreio que também são”. (A29) “gosto de fazer coisas divertidas na sala, mas também gosto de fazer coisas muito divertidas no recreio”. (A31) “eu, depende de como for a matéria e depende como for o estado lá do recreio”. (A20) “se estiver a chover, aqui na sala. Se estiver sol, no recreio”. (A18) “depende, claro que eu vou preferir estar na sala de aula se eu estiver a dar uma matéria que eu goste. Do que estar lá em baixo, no meio de

			uma gritaria e de pessoas a andarem de um lado para o outro feitas malucas e a correr de um lado para o outro”. (A24)
Nenhum dos dois		1	“basicamente, em nenhum dos dois, porque eu não gosto muito. Porque no recreio estou a brincar e depois do nada fico entediado, as pessoas chegam ao pé de mim e mandam-me rasteiras, empurram-me... pronto não sei o que é que hei-de fazer no intervalo”. (A23)

5 – Opinião dos alunos sobre o que gostam mais de fazer no recreio

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Brincadeiras	Jogos coletivos	5 13	“brincar”. (A20) “brincar”. (A18) “Brincar!”. (A1) “Brincar!”. (A2) “brincar”. (A8) “jogar”. (A25) “jogar à bola e (...)”. (A10) “eu gosto de brincar ao comboio. Eu seguro na camisola da Joana e ela corre. É bué divertido”. (A13) “eu gosto do campo de futebol, “eu gosto de jogar futebol (...)”. (A15) “jogar à bola”. (A5) “jogar à bola”. (A7) “jogar à bola”. (A19) “jogar futebol” (A30) “jogar futebol” (A32) “brincar, jogar à bola...”. (A6) “jogar”. (A26)
	Jogos tradicionais	4	“eu gosto de (...) brincar com uma amiga minha, que é a Valéria”. (A16) “brincar à apanhada”. (A17) “brincar à apanhada e às escondidas”. (A10) “(…) de brincar à apanhada e às escondidas”. (A14) “(…) brincar às escondidas e à apanhada”. (A15)
Estruturas fixas		10	“andar de baloiço”. (A9) “estar nas cordas”. (A11) “estar nas cordas”. (A12) “eu gosto de... de andar no escorrega, andar no baloiço, andar nas cordas”. (A16) “eu esqueci-me de dizer que gosto muito de andar de baloiço”. (A13) “estar nas barras”. (A28) “fazer avarias nas barras”. (A27)

			<p>“eu... ah... eu gosto... na casinha do escorrega, eu e a C***** gostamos de brincar... é uma pessoa mete-se em cima do escorrega a fazer de túnel e outra passa por baixo”. (A21)</p> <p>“também é”. (A22)</p> <p>“gosto de brincar ao titanico. Brinco com o E*****. Nós vamos lá para cima e fingimos que é o barco e começamos a dizer vai afundar e depois temos que... eu já me sentei no telhado e mandei-me lá para baixo”. (A23)</p>
Fazer um circuito pela escola		3	<p>“mas eu também às vezes também me apetece muitas vezes dar voltas à escola”. (A1)</p> <p>“ya, eu também”. (A2)</p> <p>“é a mesma coisa comigo”. (A3)</p>
Atividades físicas		2	<p>“dar cambalhotas”. (A27)</p> <p>“dançar”. (A26)</p>
Fazer amigos		1	<p>“eu gosto de fazer amigos novos”. (A31)</p>
Conversar		1	<p>“conversar”. (A24)</p>
Observar brincadeiras		1	<p>“sento-me a ver”. (A4)</p>
Inventar brincadeiras		1	<p>“ah... eu gosto de inventar brincadeiras com as minhas amigas. Fazer qualquer coisa nova é uma coisa que eu gosto muito de fazer”. (A29)</p>

6 - Opinião das crianças sobre o que gostam menos de fazer no recreio

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Estruturas fixas		5	<p>“eu gosto menos de fazer... de andar nas cordas. Quase partimos a boca lá!”. (A13)</p> <p>“escorrega”. (A14)</p> <p>“balancé”. (A15)</p> <p>“de dar cambalhotas lá nas cordas, é o que eu menos gosto de fazer”. (A10)</p> <p>“nas barras cambalhotas”. (A26)</p>
Jogar à bola		4	<p>“eu não gosto... por exemplo, não é o meu dia de campo, certo professora? Não gosto de estar sem jogar à fora”. (A19)</p> <p>“campo de futebol”. (A16)</p> <p>“do futebol”. (A12)</p> <p>“ele não pode ir à baliza senão pode aleijar-se”. (A4)</p>
Jogos tradicionais / em equipa		4	<p>“apanhada, escondidas...”. (A25)</p> <p>“apanhadas, escondidas (...)”. (A26)</p> <p>“apanhadas, escondidas (...)”. (A27)</p> <p>“apanhada e futebol”. (A28)</p>

Discussões		4	“de discutir com os nossos amigos quando não estamos de acordo com alguma coisa”. (A29) “a mesma coisa”. (A30) “também”. (A31) “a mesma coisa”. (A32)
Jogos de luta		3	“andar à luta”. (A6) “andar à luta e andar a pôr...”. (A24) “de andar à luta”. (A23)
Estar sentado		3	“sentar”. (A25) “estar sentada sem fazer nada”. (A27) “estar sentada”. (A28)
Jogos de mesa		2	“jogar jogos de mesa (:...)”. (A20) “xadrez”. (A19)
Lesões físicas e castigos		2	“é nos aleijarmos”. (A2) “estar de castigo e nos aleijarmos”. (A2) “é a mesma coisa comigo”. (A3)
Brincar com crianças com idade superior		2	“brincar com os do terceiro e quarto ano”. (A5) “brincar com os do quarto ano”. (A8)
Jogo de postes		1	“não gosto muito de brincar no jogo dos postes”. (A10)
Atividades artísticas	Pintar	1	“(…) e também não gosto de pintar”. (A18)
	Desenhar	1	“(…) e desenhar”. (A20)
Leitura de livros		1	“estar a ler livros que a C***** tem (...)”. (A18)
Conversar		1	“conversar”. (A21)
Gosto de tudo		1	“eu gosto de tudo”. (A11)

7 - Brincadeiras que as crianças têm no espaço exterior

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Jogos coletivos/equipa	Jogos tradicionais	19	“apanhada”. (A30) “(…) à apanhada...”. (A2) “apanhada, escondidas e comboio. E cavalitas, também!”. (A13) “(…) mas a maioria que eu costume fazer é brincar às escondidas e à apanhada. Os três”. (A14) “hum... Jogo da macaca, escondidas, ah... e xadrez”. (A16) “no sitio de dar cambalhotas, (...)onde se pode jogar à macaca” (A9) “às escondidas”. (A1) “à apanhada congelada”. (A3) “jogar à apanhada”. (A5) “jogar à apanhada congelada”. (A5) “à macaca”. (A6) “escondidas”. (A5) “macaquinho do chinês”. (A6) “ao jogo do burro”. (A5)

			<p>“brincamos à apanhada”. (A29)</p> <p>“(…) à apanhada também...”. (A20)</p> <p>“(…) à apanhada (...)”. (A17)</p> <p>“ah... jogar às escondidas, jogar à apanhada, fazer corridas”. (A18)</p> <p>“jogar à apanhada, escondidas (...)”. (A19)</p> <p>“ah... (pausa) eu às vezes brinco com as minhas amigas à apanhada e também às escondidas e às vezes uma brincadeira que se chama... não é a magoar ninguém, é a apanhar e depois essa pessoas fica a apanhar também”. (A21)</p> <p>“como fizemos na educação física, à apanhada e às escondidas”. (A22)</p> <p>(Referente ao jogo)</p> <p>“jogar à apanhada, jogar às escondidas”. (A23)</p> <p>“eu não jogo às escondidas. Às vezes costumo jogar à apanhada”. (A24)</p>
	Jogar à bola	11	<p>“futebol”. (A30)</p> <p>“futebol”. (A32)</p> <p>“futebol”. (A15)</p> <p>“jogar à bola”. (A4)</p> <p>“jogar à bola”. (A7)</p> <p>“costumo jogar no campo de futebol (...)”. (A14)</p> <p>“no campo de futebol, ah...”. (A9)</p> <p>“...ao campo de futebol”. (A12)</p> <p>“às vezes jogo à bola”. (A20)</p> <p>“jogar à bola (...)”. (A17)</p> <p>“jogar à bola (...)”. (A19)</p>
	Basquetebol	1	“(…) e às vezes basquet”. (A32)
Estruturas fixas		6	<p>“no escorrega e baloiços”. (A9)</p> <p>“. É aquilo que no xadrez também dá para brincar e no escorrega... e nas cordas também dá para brincar à escalada porque podemos escalar nas cordas”. (A10)</p> <p>“ah... Há umas escadas cinzentas que estão lá fora, também dá lá para brincar (...) dá para ver o jogo de futebol, para brincar, tipo como se aquilo fosse uma casa”. (A11)</p> <p>“(…) também às cordas e também há cordas no baloiço, no escorrega e há o baloiço e às escadas e ao xadrez”. (A12)</p> <p>“(…) e às vezes nas barras”. (A30)</p> <p>“brincar lá nas coisas que existem mesmo construídas”. (A31)</p>
Desportos		3	<p>“jogamos desportos”. (A29)</p> <p>“jogo desportos”. (A30)</p>

	Ginástica	2	“também jogamos vários jogos, fazemos vários desportos”. (A31) “ginástica também é brincar?”. (A20) “(…) fazer cambalhotas...”. (A17)
Jogos dramáticos		4	“às mães e aos pais, ...”. (A2) “também temos um espaço em que se pode brincar ao tubarão”. (A10) “brincamos com fantasia” (A29) “também criamos novas brincadeiras, fazemos várias coisas”. (A31)
Materiais/equipamento móvel		3	“brincar com os carros”. (A4) “jogar ao berlinde”. (A7) “(…) mandar-me para a areia...”. (A19)
Conversar		2	“ah... no exterior eu gosto de andar a conversar com o L****, com o A****, pronto”. (A23) “gostamos de andar a dar voltas à escola a falar”. (A23) “conversar (...)”. (A24)

8 – Realização de atividades pelo professor no espaço exterior.

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Resposta afirmativa		13	“sim...”. (A5). “acho que sim”. (A26) “sim... dá aula de educação física”. (A27) “às vezes, quando é educação física. Outras vezes quando é expressão ah... dramática e musical”. (A29) “sim, quando o professor dá aulas de zumba lá fora!”. (A30) “sim, ginástica!”. (A19) “sim, pode fazer jogos de rua, que já não me lembro... a ginástica tem vários jogos de rua”. (A20) “ah... Sim, costuma. Às vezes não faz, mas outras vezes faz. Leva material lá para fora e para nós fazermos jogos”. (A21) “sim, na sexta feira, quase todas as sextas feiras, vamos lá para o campo ou quando está a chover vamos para o polivalente, mas costumamos ir para o campo e depois o professor leva material que está lá em baixo e fazemos vários jogos”. (A22) “sim, relativamente ao professor dinamizar as atividades sim porque nós às vezes temos ginástica, pronto. E as vezes, mas é pronto daqueles dias mais especiais, o professor vai

			lá brincar connosco lá para fora, nos intervalos”. (A23) “sim, o professor faz isso e acho que tem muita paciência porque o professor diz assim só podem ir ter educação física à sexta feira se portarem bem a semana toda e nós portamos... alguns portam-se mal a semana toda e o professor ainda tem a paciência de fazer a aula de educação física, chatear-se, continuar e acabar a aula.” (A24) “também fazemos educação física ali no ginásio e as vezes lá fora”. (A12) “quando está sol, quando está muito calor, fazemos lá”. (A9)
Às vezes		7	“às vezes!”. (A9) “às vezes!”. (A11) “às vezes!”. (A12) “às vezes...”. (A2) “às vezes”. (A3) “às vezes”. (A4) “às vezes...”. (A23)
Resposta negativa		3	“nada, ela nunca faz nada com a gente”. (A6) “não, eu acho que não”. (A14) “não, nunca fizemos!”. (A13)
Incerto		2	“hum...”. (A1) “hum...”. (A10)

8.1. Opinião dos alunos em relação às atividades realizadas pelo professor titular.

O professor não realiza atividades - A13, A14, A15 e A16

Não responderam à questão - A5, A6, A7, A8, A1, A2, A3 e A4

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Apreciação positiva	Jogos	11	“eu gosto”. (A25) “eu gosto”. (A26) “eu gosto”. (A28) “sim, gosto”. (A19) “eu gosto”. (A17) “normalmente gosto de tudo”. (A19) “eu... eu, professora eu gosto, mas não gosto lá muito quando é para correr depressa”. (A18) “as ativi... pronto, depende. Algumas atividades na ginástica eu acho uma seca e eu fico... pronto, fico um bocado desmotivado nas atividades, mas há outras atividades, como por exemplo, o coelho e o caçador, a raposa, que é aquele que nós temos que ir buscar o rabo, pronto. Eu gosto de algumas atividades e outras não

	Ar livre Ginástica		gosto, portanto globalmente tem mais atividades que eu gosto do que as que não gosto”. (A23) “eu gosto dos jogos porque é giro e dá muito para brincar”. (A12) “eu gosto da ginástica, porque nós estamos sempre dentro da aula e fazemos vários jogos e acho que é divertido”. (A20) “eu gosto muito, porque... é... possibilita-nos estar a fazer coisas giras com o nosso professor ao ar livre que é sempre mais saudável”. (A29) “eu gosto de correr depressa”. (A19)
Aprendizagem		7	“ah... aprendemos novos jogos e... aprendemos novos jogos e (...)”. (A9) “aprendemos também novos jogos, novas coisas e por isso é que eu gosto muito de desporto”. (A10) “nós aprendemos, (...)”. (A11) “sim, é divertido e também aprendemos coisas novas. Mesmo que pareça que não estamos a aprender”. (A31) “sim! Por acaso, uma vez o professor já fez o salto ao eixo, eu já sabia, mas uns amigos meus aprenderam a fazer”. (A21) “eu gosto, ou gostamos. E aprendo mais coisas, sim”. (A22) “acho bem, porque uma pessoa fazendo essas atividades várias vezes treina a sua velocidade, a sua flexibilidade, a agilidade, a força. Acho bem porque nós mesmo estando na escola, estamos mais ou menos a ter um treino, pronto. Acho bem”. (A24)
Diversão		5	“são divertidas...”. (A27) “(...) e divertimo-nos mais”. (A9) “(...) e ainda nos podemos divertir um bocado a aprender”. (A11) “é divertido!”. (A30) “é engraçado”. (A32) “nós gostamos. O professor faz atividades engraçadas e...”. (A21)

9 – Necessidades do espaço exterior identificadas pelos alunos

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Estrutura fixa	Casa	3	“uma casa de brincar!”. (A3) “uma casa de bonecas, para as meninas”. (A2)

			“também podia haver uma casa, tipo de madeira, nós... havia portas e nós entrávamos e fechávamos”. (A23)
	Parque para carrinhos	1	“eu sei outra coisa que podíamos lá ter. (...) eu gostava que tivesse lá um parque para carrinhos pequenos, para brincarmos com os carros”. (A11)
	Baloços	10	“eu gosto... falta é baloços”. (A25) “ah... há algumas coisas que até faltavam. Como por exemplo, baloços, ah... (pausa)”. (A29) “a mesma coisa. Os baloços”. (A32) “(...) e alguns baloços...”. (A30) “baloços!”. (A19) “balanços, baloços... pronto”. (A17) “não tem baloços...”. (A18) “em vez de estar muito mato lá em baixo, podiam por baloços. Podiam por mais... coisas que as pessoas pudessem ir lá para baixo brincar e não estar ali mato. Sempre mato, não é assim tão bom, porque pode estar...”. (A19) “para mim também me faltava um... lá fora, podia ter por exemplo, aqueles baloços em que nos sentamos e damos balanço (:..)”. (A23) “pôr baloços (...)”. (A24)
	Roda grande	3	“podia ter uma roda gigante, em que não pagássemos (risos)”. (A28) “(...) em vez daquela casinha e daquele escorrega podia ter aqueles gira giras...”. (A18) “podia ter um que se mete, que se mete em cima e aquilo começa a girar”. (A23)
	Balanços	1	“não tem balanços”. (A17)
	Barras	1	podia ter, tipo, as barras para fazer as flexões, para fazer elevações, podia ter passadeiras rolantes...”. (A23)

	Balancé	2	“balancé”. (A23) “(...) pôr... hum... não sei o nome daquilo, como é que é? (...) sim, balancés”. (A24)
	Mercearia	1	“(...) basicamente “uma mini mercearia e essas coisas”. (A23)
Atividades desportivas	Campo de golf	1	“por exemplo, aquilo do golf”. (A3)
	Campo de basquetebol	1	“também podia ter um campo de basquete”. (A1)
	Campo de futebol	1	“era preciso mais campos de futebol, porque só um campo de futebol com balizas (...)”. (A30)
Zona com água	Piscina	2	“eu também sei mais uma coisa. É uma loucura mas eu também gostava. Era meter uma piscina”. (A10) “queria que houvesse uma mini piscina lá, no espacinho. Se vocês virem na janela há lá ao fundo uma piscina, num espacinho pequenino. E podemos por lá uma piscina”. (A14)
	Escorrega de água	1	“um escorrega de água e uma piscina lá quando nós escorregamos, está assim um escorrega com água e depois lá na piscina há água e bolas”. (A16)
Inespecífico		2	“ah... às vezes faltam-nos coisas, mas mesmo assim nós conseguimos inventar as coisas que forem precisas para brincar na mesma”. (A31) “acho que se podia aproveitar aquela parte ali de relva. Tirar e acrescentar mais algumas coisas...”. (A24)
Equipamento móvel	Suporte de pintura	1	“eu gostava que também tivesse ali, tivesse ali, tem uma coisa lá no fundo ao pé do banco. Há dois bancos ao pé das árvores e eu gostava que tivesse lá mais alguma coisa para se pôr. Alguma coisa para pintar lá ao pé. Também gostava”. (A10)

	Peças para jogar damas	1	“eu preciso de alguma coisa. Se eu quiser jogar damas, eu não tenho as peças para jogar lá fora. Há lá um espaço, não há é as peças”. (A12)
Nenhuma necessidade no exterior (têm tudo)		1	“temos tudo o que precisamos no recreio”. (A10)
Flores		1	“pode ter algumas flores, mas também algo que as pessoas possam brincar lá”. (A19)
Canto de Leitura		1	“falta um sítio para nós lermos livros”. (A13)

10 – Opinião das crianças acerca da visita fora da escola que mais gostaram

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Kidzânia		9	<p>“kidzânia”. (A25)</p> <p>“kidzânia”. (A26)</p> <p>“kidzânia”. (A27)</p> <p>“kidzânia”. (A28)</p> <p>“(…) eu gostei muito da visita à kidzânia (…)”. (A29)</p> <p>“kidzânia”. (A32)</p> <p>“só ao teatro. Mas foi a kidzânia”. (A21)</p> <p>“kidzânia”. (A22)</p> <p>“kidzânia. E mais estas duas que vão haver. Acho que o borboletário foi bem pensado porque nós, para além de nós estarmos fora da escola, para além de ser uma visita de estudo se calhar podia ser uma forma de nós conhecermos os animais. Estamos numa visita de estudo, podemos brincar mas mesmo assim estamos a aprender, estamos a aproveitar. É como se fosse uma aula, mas no borboletário, estamos a aprender”. (A24)</p>
Ludoteca		7	<p>“também gostei de ir à ludoteca”. (A10)</p> <p>“as minhas visitas de estudo preferidas é quando vamos à ludoteca”. (A11)</p> <p>“gostei da ludoteca”. (A12)</p> <p>“gosto muito de ir à ludoteca”. (A13)</p> <p>“também gosto muito de ir à ludoteca”. (A14)</p>

			<p>“ludoteca”. (A15)</p> <p>“ludoteca”. (A16)</p>
Quinta do arrife		7	<p>“quando nós fomos à quinta do arrife”. (A2)</p> <p>“eu gostei de andar de burro e fizemos queijo”. (A5)</p> <p>“eu tenho duas. Ir à quinta do arrife, porque andamos de burro, fizemos muitas outras... fizemos manteiga, iogurte”. (A9)</p> <p>“eu gostei também da quinta do arrife”. (A10)</p> <p>“eu gostei da quinta do arrife”. (A11)</p> <p>“gostei da quinta do arrife”. (A12)</p> <p>“eu gostei muito da quinta do arrife”. (A14)</p>
Cinema		4	<p>“eu gostei mais do cinema”. (A4)</p> <p>“eu gostei mais do cinema”. (A6)</p> <p>“sim, da estrela de natal!”. (A5)</p> <p>“da estrela de natal”. (A7)</p>
Teatro em inglês		3	<p>“eu gostei do teatro”. (A23)</p> <p>“o teatro”. (A18)</p> <p>“eu prefiro o teatro, porque no El galego... eu também preferia o El galego mas eu prefiro mais o teatro porque quando nós estávamos no El galego, estava muito calor e todos estávamos sem chapéus...”. (A19)</p>
Teatro Fada Oriana		3	<p>“(…) e também gostei quando fomos ao teatro da fada Oriana e aos angry birds. Fomos com a Rita e com a Filipa (estagiárias)”. (A9)</p> <p>“também gostei dos angry birds e da fada Oriana”. (A10)</p> <p>“visita de estudo dos angry birds”. (A16)</p>
El galego		2	<p>“el galego”. (A20)</p> <p>“el galego”. (A17)</p>
Zoo		2	<p>“eu gostei muito de ir ao zoo”. (A13)</p> <p>“também gostei de ir ao zoo”. (A14)</p>
Pavilhão do conhecimento		1	<p>“também e gostei de ir ao pavilhão do conhecimento”. (A11)</p>

Complexo aquático		1	"(...) e a visita ao complexo aquático". (A29)
-------------------	--	---	--

11- Opinião das crianças acerca da visita fora da escola que menos gostaram

Categoria	Subcategoria	N	Excertos
Farmácia		5	"ah... ir à farmácia". (A3) "ir à farmácia". (A2) "ir à farmácia". (A4) "farmácia". (A5) "ir à farmácia". (A6)
El galego		3	"eu não gostei... eu gostei das duas, mas o El galego estava mesmo muito calor". (A19) "estava muito calor". (A17) "estava muito calor, professora!". (A18)
Teatro em Inglês		2	"o que eu gostei menos foi a do teatro porque tivemos que nos sentar em escadas e fazia-nos desconfortável". (A21) "o teatro porque acho que deviam ter mais mobilidade para por mais cadeiras". (A24)
Oceanário		1	"(...) e a segunda o oceanário. Já estou farto de ir ao oceanário". (A24)
Ludoteca		1	"hum... Não gosto muito de ir à ludoteca porque lá temos muitos brinquedos, mas muitos meninos estão a brincar e nós não podemos estar sempre a brincar com tudo. Se fossemos só lá um de cada vez era mais divertido, podíamos estar todos na mesma coisa". (A9)

12 – Preferências das crianças acerca das saídas para fora da escola

A2 – Mais!

A1 – Mais.

A3 – Mais.

A4 – Não respondeu.

A5, A6, A7 e A8 – Mais!!

A9 – Mais.

A10 – Mais.

A11 – Mais.

A12 – Menos. Não quero ir para a escola...

A13 – Mais, eu gosto muito de sair da escola.

A14 – Muito mais, porque nos outros sítios também podemos aprender coisas novas como como como... como ensinar, como tomar conta dos nossos maninhos...

A15 – Mais.

A16 – Menos.

A25 – Mais.

A26 – Mais.

A27 – Mais.

A28 – Mais.

A29 – Mais, porque aprendíamos... porque lá aprendemos coisas que não sabíamos e porque temos, podemos fazer coisas que na escola nunca podemos fazer.

A30 – Sair mais vezes para a escola ser mais divertida.

A31 – Devíamos sair mais vezes porque para aprendermos mais e para ser mais divertido.

A32 – Sair mais vezes para não trabalhar.

A17 – Mais.

A18 – Mais.

A19 – Mais.

A20 – Mais.

A21 – Mais.

A22 – Mais.

A23 – Muito muito mas muito mais. Gostava que todas as aulas fossem no exterior para por exemplo nas de estudo do meio quando estamos a dar as plantas, os frutos, podíamos ir lá para fora. Na matemática, o professor podia levar uma cartolina gigante, daquelas muito grandes que o professor tem e escrevia lá as coisas. Porque assim nos aprendíamos ao ar livre e a gostar, com gosto no que...

A24 – Eu ia dizer tudo o que o T**** disse mas ia acrescentar mais uma coisa. Sim, queria sair, muitas mas muitas vezes, porque ao mesmo tempo que nós estamos a aprender como se fosse uma aula, estamos a conhecer sítios novos, coisas novas. Estamos a sentir... vamos às piscinas, estamos a sentir a sensação dos que nunca lá foram, poderem gostar...

A24 – Sim, terem a experiências novas. Nós nunca tivemos a possibilidade de as viver.

Anexo LV - Registos fotográficos da planta do recreio da escola A



Figura 52 – Caixa de areia composta pelas estruturas.

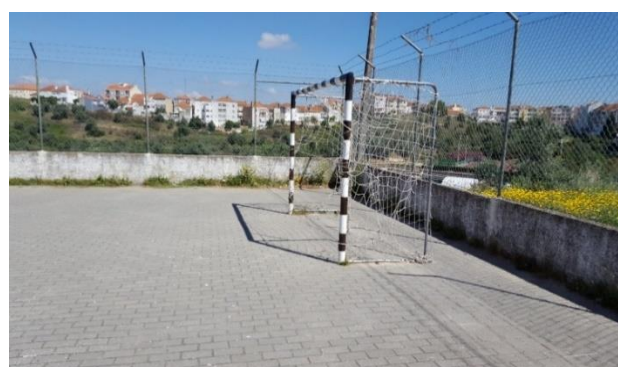
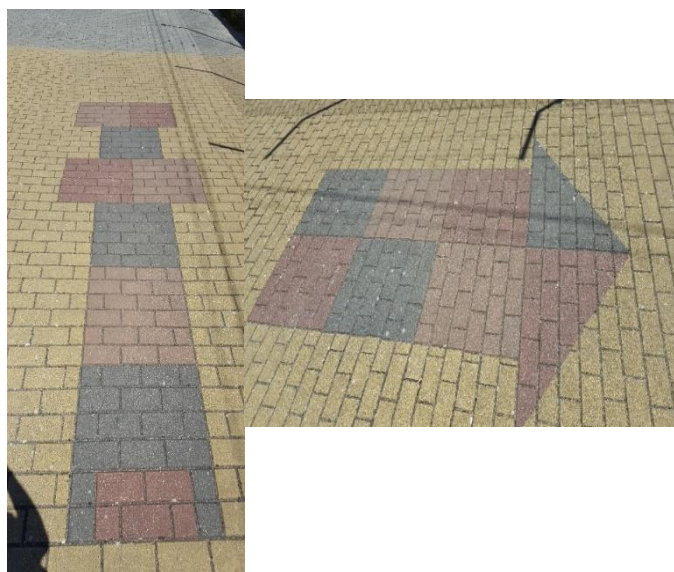


Figura 53 – Campo de jogo.



Figuras 54 e 55 – Jogos de chão.



Figura 56 – Cesto de basquetebol.

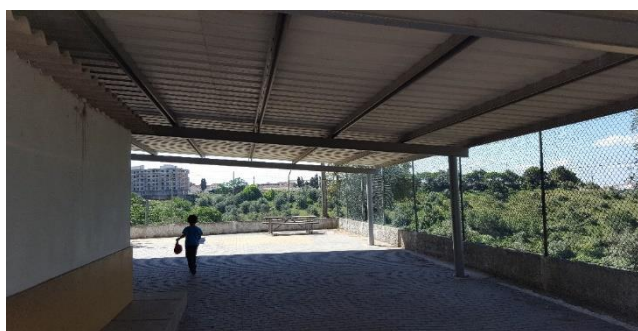


Figura 57 – Telheiro.

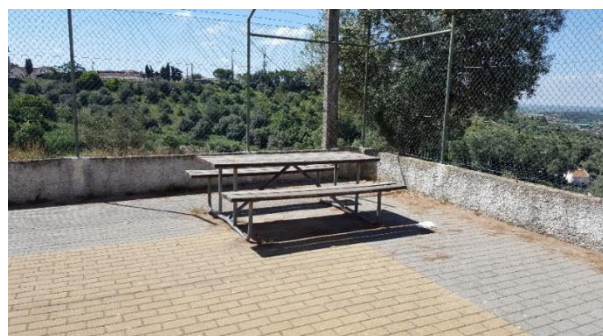


Figura 58 – Mesa com bancos.



Figura 59 – Banco.



Figura 60 – Mesas com bancos e canteiro com árvores.



Figura 61 – Mesa de jogo.

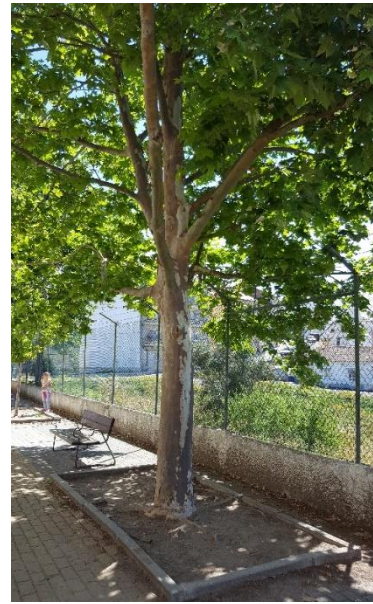


Figura 62 – Árvore.

Anexo LVI - Registos fotográficos da planta do recreio da escola B



Figura 63 – Estruturas (baloiço e escorrega).



Figura 64 – Jogo de chão (Macaca).



Figura 65 – Caixa de areia e mesas com bancos.



Figura 67 – Canteiro (árvores, arbustos e plantação).



Figura 66 – Casa de arrumações.



Figura 68 – Canteiro de arbustos.

Anexo LVII - Registos fotográficos da planta do recreio do Jardim de Infância C



Figura 69 – Entrada para o parque com estruturas.



Figuras 70 e 71 – Perspetivas visuais das estruturas.



Figuras 72 e 73 – Espaço verde.

Anexo LVIII - Registos fotográficos da planta do recreio do Jardim de Infância D



Figuras 74 e 75 – Parque com estruturas.



Figura 76 – Piscina de forma triangular.



Figura 77 – Piscina de forma quadrangular.



Figura 78 – Escadaria.



Figura 79 – Pavimento Relva Sintética.



Figura 80 – Pavimento Relva Sintética.



Figura 81 – Escada (Uma das saídas/entradas para a piscina de forma triangular).



Figura 82 – Canteiro e saída/entrada para a piscina de forma triangular.

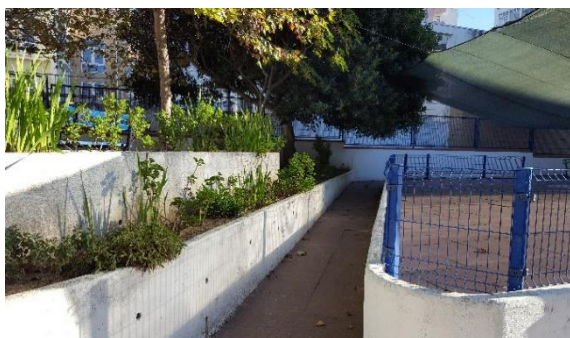


Figura 83 – Rampa (acesso à piscina de forma quadrangular).



Figura 84 – Uma das entradas para a piscina de forma triangular.



Figuras 85 e 86 – Espaço de arrumações (Espaço aberto).



Figura 87 – Casa de arrumações.



Figuras 88 e 89 – Alpendre.



Figura 90 – Bancos e árvores.



Figura 92 – Canteiro.

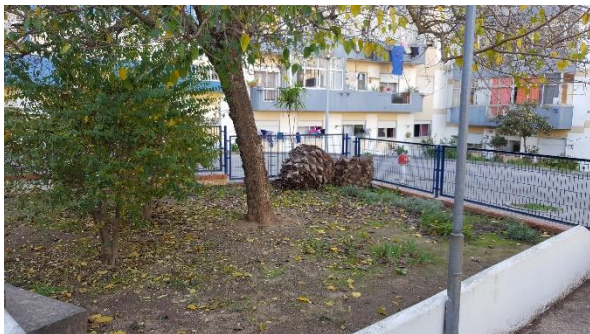


Figura 93 – Canteiro.



Figura 91 – Canteiro em frente à instituição.

Anexo LIX - Registos fotográficos da planta do recreio da escola E



Figura 94 – Edifício da escola antiga.



Figura 95 – Antiga instituição (Pré-escolar).



Figura 96 – Pavimento erva e areia.



Figura 97 – Rampa.



Figura 98 – Escada de acesso à área numerada 5.



Figura 99 – Campo de futebol.



Figura 100 – Cesto de basquetebol.



Figura 101 – Estruturas (escorrega e balanço).



Figura 102 – Estruturas (barras para escalar).



Figuras 103 e 104 – Mesas com bancos.



Figura 105 – Alpendre da entrada do edifício da escola.



Figura 106 – Alpendre das traseiras da escola.



Figura 107 – Telheiro.



Figura 108 – Criança a apanhar fruta.



Figuras 106 e 110 – Crianças a escalar as árvores.



Anexo LX - Registos fotográficos da planta do recreio da escola F



Figura 111 – Campo de futebol/ futsal com bancada.



Figura 112 – Telheiro com jogos de chão.



Figura 113 – Bancos.



Figura 114 – Estruturas (Escorrega).

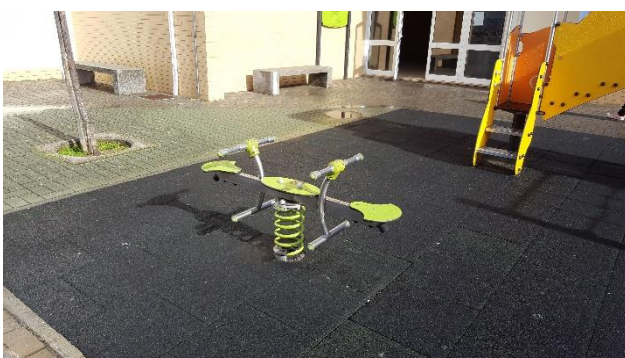


Figura 115 – Estruturas (Balanço).



Figura 116 – Estruturas (Baloços).



Figura 117 – Estruturas (Cordas).

Anexo LXI - Registos fotográficos da planta do recreio da escola G



Figura 118 – Edifício Escolar.



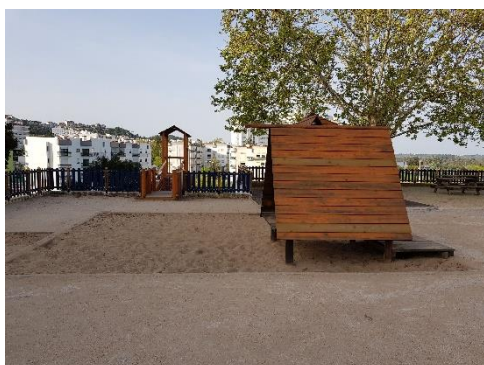
Figura 119 – Mesas com bancos.



Figura 120 – Bancada.



Figura 121 – Campo de futebol e basquetebol.



Figuras 122 e 123 – Estruturas no piso superior.



Figuras 124 – Estruturas no piso superior.



Figura 125 – Escadas para acesso às estruturas do piso inferior.



Figura 126 – Estruturas no piso inferior.



Figura 127 – Escada.



Figura 128 – Rampa.



Figura 129 – Alpendre posterior.

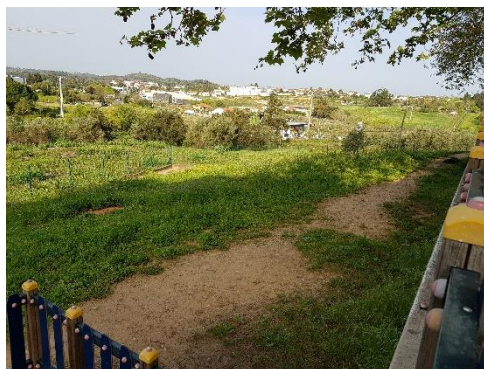


Figura 130 – Pavimento erva e areia.

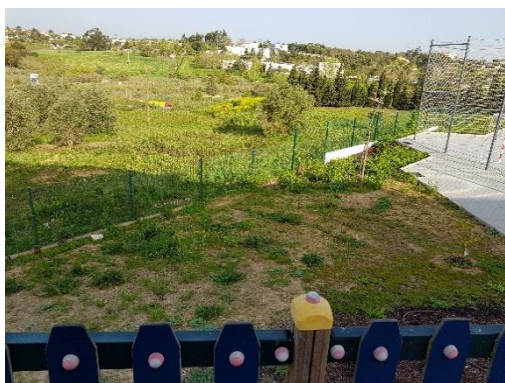


Figura 131 – Pavimento erva e areia.



Figura 132 – Canteiro de flores.

Anexo LXII - Registos fotográficos da planta do recreio H



Figura 133 – Mesas com bancos e estruturas.



Figura 134 – Caixa de areia com estruturas.



Figura 135 – Campo de futebol.



Figura 136 – Entrada da instituição.



Figuras 137 e 138 – Alpendre da parte de frente.



Figura 139 – Alpendre da parte de trás.



Figura 140 – Portão com caminho.



Figura 141 – Entrada para a instituição.